

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campos São Paulo

ADRIANA UEMORI

COMITÊ DAS CRIANÇAS:
vozes sobre a participação

São Paulo

2021

ADRIANA UEMORI

**COMITÊ DAS CRIANÇAS:
vozes sobre a participação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Arte e Educação.

Linha de pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.
Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

São Paulo

2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pela autora.

U22c	Uemori, Adriana, 1981- Comitê das crianças : vozes sobre a participação / Adriana Uemori. - São Paulo, 2021. 365 f. : il. color. + anexos Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Autonomia em crianças. 2. Percepção social em crianças. 3. Políticas públicas. I. Palma Filho, João Cardoso. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 320.6

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ADRIANA UEMORI

COMITÊ DAS CRIANÇAS:

vozes sobre a participação

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Arte e Educação.

Linha de pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.
Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

Dissertação aprovada em 29/09/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho
Instituto de Artes – UNESP – Orientador

Prof. Dr. Pio de Sousa Santana
FAMOSP – Faculdade Mozarteum de São Paulo

Prof. Dr. Roger Marchesini de Quadros Souza
Faculdade de Educação – USP

Dedico este trabalho a todos que colaboraram para que hoje eu fosse uma pessoa com menos certezas, mas muitas, muitas, muitas perguntas... Dúvidas que instigam minha vontade de aprender, de viver e de ser, a cada dia, alguém melhor... um ser em construção... uma pessoa em busca de realizações e de novas experiências.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é algo a cultivar não só nas palavras, mas como busca, uma forma de reconhecer as conquistas somente possíveis por contar com tantas pessoas marcantes que encontramos pelos caminhos.

À UNESP, importante instituição, que representa o ensino superior público, na qual pude frequentar as aulas como ouvinte, aluna especial e mestrande, tendo me encantado com o Instituto de Artes, em pleno centro paulistano, com suas obras e a atmosfera altamente criativa.

Ao Professor Palma, meu querido orientador, exemplo de docente em que a coerência é presente em seu discurso, ações e lutas. Quanta admiração tenho pela sabedoria que compartilha de maneira tão atual e contextualizada.

Aos participantes do GPPC-Artes, que durante as reuniões expuseram pontos de vista, apresentando novos repertórios às minhas reflexões sobre educação e política. Como é marcante a necessidade da fundamentação para compor com mais aprofundamento nossos discursos.

À Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí-SP, em especial à gestora Vastí e à diretora do Departamento de Educação Infantil Thaís, por me abrirem portas ao campo de pesquisa e sempre incentivarem minhas buscas.

Aos educadores com quem tive o privilégio de seguir essa caminhada que é a Educação. As boas práticas que realizam nas escolas me inspiram a olhar nosso fazer com grande responsabilidade social.

Aos participantes do *GT Criança na Cidade*, composto por representantes de vários setores, pelas entrevistas cedidas de maneira tão generosa como também por me acolherem no grupo de trabalho.

Aos mediadores do *Comitê das Crianças*, Marcelo e Regiane, por compartilharem a experiência de conduzir de maneira tão sensível o processo com os pequenos representantes. Aprendo com vocês a cada reunião e a cada desafio vivido. Não é fácil, mas tem-se mostrado muito importante e realmente possível.

Aos familiares e, principalmente, às crianças representantes do *Comitê*, por me receberem de maneira virtual em suas casas para as entrevistas e por cederem fotos, desenhos e outros registros, entendendo o valor da pesquisa.

À minha família, principalmente ao meu Amore por sempre me acarinhar com gestos de bem-querer, e ao meu pai por desenvolver em mim o valor dos estudos.

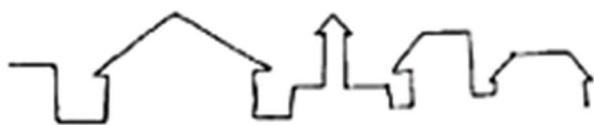
Aos meus amigos que me apoiaram, alguns com conhecimentos e ajuda técnica, outros com carinho e incentivo, entendendo os períodos de ausência e dedicação a este trabalho.

Às crianças que passaram pelos meus caminhos e mantiveram vivos em mim a vontade de aprender e conhecer, a imaginação, a esperança e o compromisso com o outro. Vocês são a grande razão de tudo isso.

AGORA QUE TERMINAMOS AS
LIÇÕES, VOCÊS DEVEM
TRABALHAR SOZINHOS, SER
AUTORES E NÃO ESPECTADORES...
VAMOS FAZER UMA
PESQUISA



PARA AMANHÃ, CADA UM
FARÁ UMA PESQUISA
SOBRE A ...
MESOPOTÂMIA



A Mesopotâmia é uma
região bla bla bla bla
delimitada bla bla bla por
dois rios bla bla o Tigre
e o Eufrates bla bla
habitada pelos assírios
bla bla bla bla bla ...



Uemori, Adriana. **COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, São Paulo, 2021.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa sobre a escuta infantil, na qual buscamos entender a participação das crianças, tecendo uma análise sobre como os adultos a entendem e se envolvem nesse processo. Questionamos se as proposições infantis podem encontrar espaço de validação em ações de políticas públicas. Para isso, recorreremos às temáticas presentes nos textos e nos desenhos de Francesco Tonucci (Frato), idealizador do projeto *Cidade das Crianças*, problematizando a urbanização, o medo e a superproteção gerados pela especialização das cidades, a limitação da convivência e o afastamento dos diferentes. Em contraposição, descrevemos iniciativas que veem nas crianças referência para mudanças e relacionamos o conceito de participação com o próprio entendimento de democracia e de cidadania, trazendo os tipos e níveis participativos que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Como campo de pesquisa, apresentamos o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP como um laboratório sobre a participação. Devido às limitações geradas pela pandemia da Covid-19, foi necessário realizar adaptações dos instrumentos de coleta e da metodologia em si. Durante a pesquisa, compreendemos a importância de dar visibilidade a concepções que veem nas crianças a potência de atuação e referências que podem favorecer a todos pelo avanço da autonomia e da escuta, considerando as características das infâncias, como a expressão pelas múltiplas linguagens. As reflexões tiveram como principal referencial Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) e Freire (1996).

Palavras-chave: Participação. Análise de discurso. Escuta infantil.

Uemori, Adriana. **COMITÉ DE LOS NIÑOS: voces sobre participación**. Tesis de maestría presentada al Programa de Posgrado en Artes del Instituto de las Artes de la Universidad Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita”, São Paulo, 2021.

RESUMEN

Se trata de una investigación sobre la escucha de los niños, en la que buscamos comprender la participación de los niños, tejiendo un análisis de cómo los adultos comprenden y se involucran en este proceso. Nos preguntamos si las propuestas de los niños pueden encontrar un espacio de validación en las acciones de política pública. Para ello, recurrimos a temas presentes en los textos y dibujos de Francesco Tonucci (Frato), creador del *proyecto Ciudad de los Niños*, problematizando la urbanización, el miedo y la sobreprotección generados por la especialización de las ciudades, la limitación de la convivencia y el alejamiento de diferentes. En cambio, describimos iniciativas que ven a los niños como un referente para el cambio y relacionan el concepto de participación con la propia comprensión de la democracia y la ciudadanía, trayendo los tipos y niveles de participación que van desde la manipulación hasta la participación efectiva. Como campo de investigación, presentamos el *Comité de Niños* de Jundiaí-SP como un laboratorio de participación. Debido a las limitaciones generadas por la pandemia Covid-19, fue necesario adecuar los instrumentos de recolección y la metodología en sí. Durante la investigación entendimos la importancia de dar visibilidad a concepciones que ven en los niños el poder de acción y referentes que pueden favorecer a todos a través del avance de la autonomía y la escucha, considerando las características de la infancia, como la expresión a través de múltiples lenguajes. Las reflexiones tuvieron como principal referencia a Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) y Freire (1996).

Palabras clave: Participación. Análisis del discurso. Escucha de los niños.

LISTA DE FOTOS

1 – Pesquisadora Criança	18
2 e 3 – Exposição do Projeto em Congresso	21
4 – Cas Holman e uma de suas criações	23
5 – Gangorra na Fronteira	23
6 a 9 – Bebês em visita ao Museu Solar do Barão – Jundiaí-SP	37
10 – Acesso à cultura	38
11 – Mojolo	38
12 – Jardim do Museu	39
13 – Sorteio dos representantes 2020	83
14 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i> – 2020 pelo Zoom	99
15 – Animais de estimação	100
16 – Apresentando a irmã	100
17 – Mostrando um desenho	101
18 – Gestos que se repetem	101
19 – Uso das tecnologias	101
20 e 21 – Crianças do <i>Comitê</i> brincando nas árvores	110
22 – Criança do <i>Comitê</i> em campanha do trânsito seguro	120
23 – Criança do <i>Comitê</i> em divulgação do Plano de Bairro	122
24 – Identidade visual - Projeto Pé de Infância	123
25 – Desafios	134
26 – Reunião para entrega de carta ao prefeito	137
27 – Brinquedo aquático.....	138
28 – Cápsula do tempo	138
29 – Desafios no parque	139
30 – Superação de desafios.....	140
31 e 32 – Desafios para crianças e adultos	141
33 – Formação de educadores	152
34 – Reunião para entrevista	153
35 – Oficina	162
36 – Reunião com crianças suplentes do <i>Comitê</i>	169
37 e 38 – Plantio e lançamento do projeto Pé de Árvore	173
39 – Construindo mapa de representantes por região.....	174
40 – Live Semana do Brincar	176
41 – Pintura	177
42 – Plantio	177
43 – Conferência – Teatro Municipal de Reggio Emília	178
44 – Representante de rua	Anexo C
45 – Cavalete Ruas de Brincar	Anexo C
46 e 47 – Aviação no Paço Municipal	Anexo E

48 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
49 – Sarau do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
50 a 52 – Medindo alturas	160
53 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
54 – Contextualização antes da oficina	Apêndice I
55 – Oficina Remota	Apêndice I
56 – Entrevista	Apêndice I
57 – Prestação de contas	Apêndice I
58 a 66 – Visita ao Mundo das Crianças	Apêndice I
67 – Reunião para Plano de Bairros	Apêndice I
68 – Entrevista	Apêndice I
69 – Reunião	Apêndice I
70 – Demarcação de trânsito	Apêndice J
71 a 76 – Visita de diretora de documentário	Apêndice J
77 – Foto aérea do local do Mundo das Crianças	Apêndice J

LISTA DE FIGURAS

1 – Terracita	35
2 – Graus de participação de Bordenave	61
3 – Escada da participação de Arnstein	62
4 – A criança que é sempre vista de cima	70
5 – Desenho feito por CCC-15	112
6 – Desenho feito por CCC-07	112
7 – Cartaz com desenhos feito por CCC-16	113
8 – Colagem feita por CCC-05	113
9 – Desenho feito por CCC-11	114
10 – Poesia 2020 composta por CCC-02	114
11 – Desenho de CCC-17: monstrolha Lalara	115
12 – Desenho de CCC-10: jardim sensorial	145
13 – Desenho de brinquedo inclusivo	147
14 – Desenho de brinquedo com engrenagens	147
15 – Desenho de CCC-09: girador	147
16 a 19 – Desenhos de Monstros	151
20 – Placa Ruas de Brincar	Anexo C
21 – Folder de divulgação das inscrições	Anexo D
22 – Desenho Love	Apêndice I
23 – Desenho Mundo triste.....	Apêndice I
24 e 25 – Desenhos Flores	Apêndice I
26 e 27 – Desenhos Mangás	Apêndice I
28 – Desenho Jundiaí	Apêndice I
29 – Desenho Arara	Apêndice I
30 – Desenho Oriental	Apêndice I
31 – Desenho Reciclagem	Apêndice I
32 – Desenho Universo	Apêndice I
33 a 49 – Desenhos Brinquedos inclusivos	Apêndice I
50 e 51 – Desenhos Personagens	Apêndice I
52 a 67 – Desenhos de Monstros	Apêndice I
68 – Folder da oficina	Apêndice I
69 – Capa do Plano de Bairro	Apêndice J
70 – Portaria do Mundo das Crianças	Apêndice J
71 – Projeto - curvas de nível	Apêndice J
72 – Capa da apresentação Entre a Casa e a Escola	Apêndice J
73 – Capa do Plano Nacional pela Primeira Infância	Apêndice J

LISTA DE MAPAS

1 – Divisão Regional de Jundiaí-SP – Plano Diretor	82
2 – Parque Mundo das Crianças	139
3 – Propostas organizadas pelas crianças com post-it	142
4 – Propostas feitas pelas crianças no aplicativo Mentimeter	142
5 – Recorte com pedido de criança do <i>Comitê</i>	143

LISTA DE QUADROS

1 – Crianças participantes do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	85
2 – Responsáveis pelas crianças participantes do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	86
3 – Mediadores do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	87
4 – Técnicos do <i>GT “Criança na Cidade - 2020”</i>	88
5 – Relação dos participantes com a cidade	90
6 – Síntese das aproximações e afastamentos entre Análise de Conteúdo e de Discurso	94

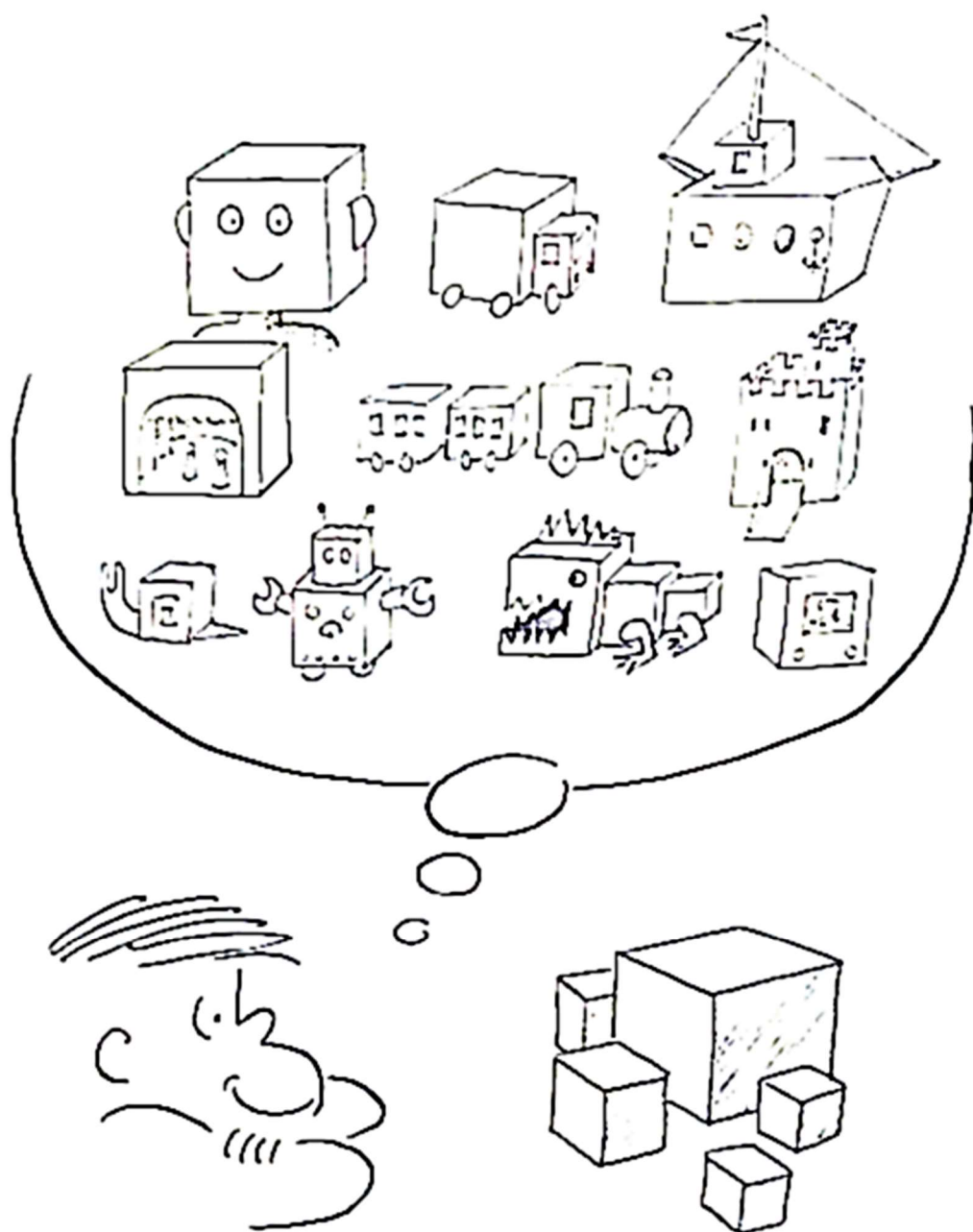
ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
CCC	Criança do Comitê das Crianças
IA	Instituto de Arte
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EUA	Estados Unidos da América
GT	Grupo de Trabalho
GPPC-Artes	Grupo de Pesquisa de Políticas Curriculares de Artes
MCC	Mediador do Comitê das Crianças
PPG	Programa de Pós-Graduação
RCC	Responsável por Criança do Comitê
SP	São Paulo
TALE	Termo de Assentimento de Livre Escolha
TCC	Técnico na <i>Cidade das Crianças</i>
TCLE	Termo de Consentimento de Livre Escolha
UGE	Unidade de Gestão de Educação
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A CIDADE E AS CRIANÇAS	30
2.1 PROJETO <i>CIDADE DAS CRIANÇAS</i>	41
2.2 PROJETO <i>CIDADE DAS CRIANÇAS</i> EM JUNDIAÍ-SP	47
3 A PARTICIPAÇÃO E AS CRIANÇAS	50
3.1 TIPOS E NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO	61
3.2 A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	65
3.3 PROJETOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	75
4 O <i>COMITÊ</i> E AS CRIANÇAS – pesquisa de campo	77
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	80
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO	82
4.3 PERCURSO DA PESQUISA	83
4.3.1 Caracterização dos sujeitos	85
4.3.2 Instrumentos de coleta de dados	89
5 AS CRIANÇAS VÊM NA FRENTE?	92
5.1 ANÁLISE DE DADOS	98
5.1.1 As crianças e a cidade?	103
5.1.2 As crianças e a participação?	127
5.1.3 As crianças e o <i>Comitê</i> ?	142
5.2 A ESCUTA E A AUTONOMIA	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO



Nos caminhos de desenvolvimento desta pesquisa, vemos *as crianças* como centro de interesse e investigação. Talvez por isso mesmo a insistência de colocá-las em todos os títulos. Nosso olhar em foco desloca-se para esses sujeitos que estão presentes tanto fisicamente como em algum lugar da nossa própria experiência. O pensamento infantil demonstra o desenvolvimento humano e as possibilidades de ampliação das nossas capacidades e interpretações do mundo.

Cada criança faz referências, manifesta-se, tem vivências, experiências e reflexões a partir de necessidades, interesses e realidade cotidiana. É, contudo, uma fase que tem parâmetros diversos (econômico, político, social, cultural, ideológico, tecnológico etc.) que influenciam e interferem nos modos como adultos e crianças entendem e vivem esse momento da vida. Por isso mesmo, têm-se usado o termo *infâncias* para melhor caracterizar essa diversidade.

As *infâncias* têm dimensões social e natural que vão além de proteção, cuidado e educação. As crianças não devem ser consideradas apenas pelo que está por vir; no entanto, ainda é comum, nas práticas e discursos sociais, uma imagem mitificada sobre elas.

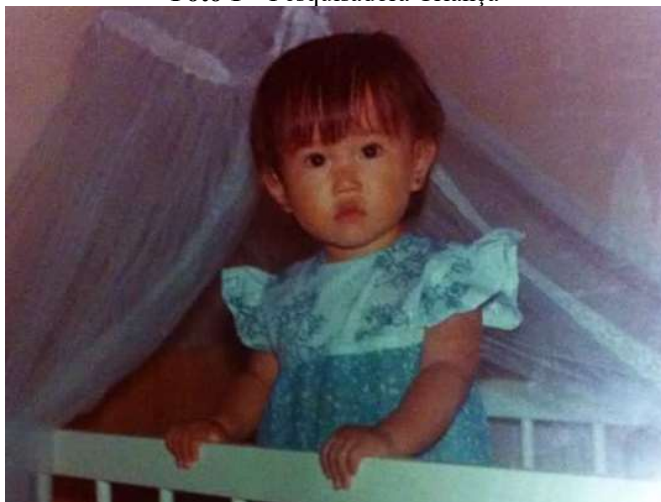
Para conhecer as crianças, é essencial refletir sobre as formas de interdependência, as funções e a estrutura na qual estão inseridas, a maneira de relações em grupos, nas brincadeiras e com os diversos elementos sociais. Conhecer as crianças significa perceber como vivenciam suas *infâncias*, compartilham experiências e sentidos.

A maneira como as crianças percebem e interpretam o mundo funciona numa lógica, muitas vezes, diferente do entendimento adulto. As crianças imaginam e reorganizam constantemente seus pensamentos. A imaginação é algo em que os limites e a lógica podem não existir, pois surge do impulso e da necessidade constante de ampliarem seu universo e germinarem conhecimento para ir além do já visto e já experimentado. Dito isso, a imaginação infantil pode ter seu auge no momento de criação de ideias incomuns, engenhosas e originais.

Pode-se até pensar que a criatividade é um dom exclusivo de algumas poucas pessoas. No entanto, essa é uma habilidade que pode e deve ser educada. Sem a capacidade imaginativa, não poderíamos lidar com o desconhecido, muito menos imaginar soluções para problemas inesperados. Viveríamos só reproduzindo o passado em um ciclo sem fim, sem qualquer inovação. Ao combinarmos nossas experiências com o que tiramos da realidade e acrescentarmos elementos da imaginação, podemos criar possibilidades para o que vamos encontrando pela vida.

Assim, a vida é cheia de caminhos. E as crianças sempre fizeram parte dos meus, seja porque eu era uma delas ou porque elas se tornaram o centro do que eu fazia. Começo dessa maneira para dizer de onde eu vim. Sei que nossa origem não é a única determinante, mas com certeza, tem grande influência na constituição de nossa vida, dificultando ou encurtando caminhos. Fui uma criança criada na periferia de Várzea Paulista-SP. Minha memória é repleta de domingos em família, brincando na rua com minha irmã, primos e primas, mas também com marcas dolorosas que precisaram ser superadas. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, as crianças percebem o que acontece ao redor delas e isso vai fazendo parte da forma como veem e ocupam o mundo.

Foto 1 – Pesquisadora Criança



Fonte: Arquivo Pessoal

Nasci no interior do Estado de São Paulo, em uma família de descendência oriental e cultura rural, apesar de uma geração antes da minha ter saído do campo e vindo fazer a vida na cidade. Minha mãe, entre sete irmãos, deixou o Paraná e veio para São Paulo. Meu pai, com seus cinco irmãos, foi criado em um sítio aqui próximo de Caieiras-SP. Conheceram-se como operários em uma fábrica de tecelagem e

os fios de suas histórias juntaram-se, dando origem à minha. Minha mãe escolheu deixar o emprego e dedicar-se à família, algo que talvez não aconteceria se estivesse vivendo o momento atual. Meu pai teve sua fase como decasségui¹: foram idas e vindas do Japão, trabalhando longe de casa e da família.

Ir para a escola era um desejo muito grande. Eu não via a hora! Conviver com crianças da minha idade, a começar pelo caminho que fazíamos de casa até o prezinho². Era comum, levar flores para a professora com os cabos revestidos por papel alumínio de cozinha. Ainda sinto o cheiro e o sabor das merendas, a textura do gramado e os sons da bandinha que era usada em eventos.

Minha família sempre valorizou e incentivou os estudos dos filhos.

¹ Pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outro país

² Escola de educação infantil da época

Cursei o ensino fundamental em uma escola pública próxima de casa e o ensino médio técnico em processamento de dados com bolsa de estudos na cidade vizinha. Conjuntamente, comecei a trabalhar em uma escola de cursos livres, ensinando informática básica. Foi lá que descobri o gosto por lecionar. Fiz a graduação em pedagogia na Faculdade Padre Anchieta e nos últimos dois anos da graduação, fui selecionada para monitoria de produção de textos, garantindo desconto nas mensalidades do curso.

Em 2002, estava envolvida em movimentos ambientais em Jundiaí-SP e, por este motivo, tive a oportunidade de participar do *Fórum Social Mundial* em Porto Alegre-RS, com um grupo juvenil chamado Multiplicadores Socioambientais. Foi uma experiência muito rica. Fui então convidada a trabalhar no Programa Econoar da TV Educativa da cidade, auxiliando na escrita do roteiro do programa, acompanhando a edição de vídeos e participando de um projeto que ensinava crianças da rede municipal a operar essa tecnologia de comunicação.

Em 2005, fui trabalhar em um sítio de eventos localizado em Itapecerica da Serra-SP com projetos de cultura rural, indígena e mobilizações da comunidade. Foi uma época importante para minha formação tanto profissional quanto de vida. No ano seguinte, retornei a Jundiaí-SP, onde fui, na rede municipal, professora de crianças de três a cinco anos até 2013.

Em 2013, assumi a direção no ensino fundamental e, desde 2014, estou na educação infantil, na qual procuro concentrar minhas pesquisas. Em 2018, recebi o primeiro lugar, categoria diretor inspirador, na premiação Educação Inovadora, com o projeto *Encontros de Família* e fui convidada para o *1º Workshop do Centro de Pesquisa, Memórias e Estudos da Infância* a ser implantado em Jundiaí-SP. Atualmente exerço a função de supervisora escolar.

Os caminhos na minha vida, procurei enxergá-los como oportunidades. Tive muitos medos e inseguranças que foram superados pela vontade de fazer a diferença. Muitas vezes, pego-me olhando para a criança que fui, para os momentos que passei e reflito o quanto cada palavra de incentivo, cada mão que segurou a minha, cada mestre que passou deixando um ensinamento, cada queda e ferida... como tudo isso foi importante. Projeto então nas crianças, que de alguma maneira eu possa tocar direta ou indiretamente, a retribuição das oportunidades que tive. Sei que cada uma tem e trilhará sua história, mas se de alguma forma eu puder fazer a minha parte que seja com incentivo e apoio.

Pelos caminhos da vida, vamos encontrando encruzilhadas. Isso me faz lembrar da passagem de Lewis Carroll³:

³ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Alice perguntou:

- Gato Cheshire... pode me dizer qual o caminho que eu devo tomar?
- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o Gato.
- Eu não sei para onde ir! – disse Alice.
- Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.

Conheci esta passagem não tendo lido o livro, mas em um texto que interpretava com meus alunos, ainda na minha adolescência, no meu primeiro emprego. Foi instigador, não só para que eu conhecesse a obra, já que eu iria utilizar dela para ensinar, como também na procura de clareza para quais objetivos eu trilharia. Afinal, se eu não soubesse para onde ir, qualquer caminho serviria. Naquele momento, eu entendi que aprender significativamente era onde eu queria chegar e que a educação seria o caminho para isso, fosse ela formal ou não.

Ao longo da minha carreira profissional, sempre valorizei os estudos e a busca por aprimoramento. Dessa maneira, fiz cursos de pós graduação (*Lato sensu*) na área da educação, interessando-me principalmente por questões ligadas à infância. As crianças sempre estiveram nos meus caminhos ou eu quem trilhava aqueles que me levavam a elas. Mantive a grande vontade de ampliar os estudos e a aproximação acadêmica num curso de mestrado.

Ainda em 2017, no segundo semestre, incentivada por uma diretora de escola, fiz a inscrição e consegui ingressar no Instituto de Artes da UNESP como aluna especial. Foi nessa ocasião que conheci o professor João Palma.

Em 2018, continuei como aluna especial na instituição e, no segundo semestre, fiz uma disciplina com uma ex-professora da Faculdade Anchieta, agora docente na FEUSP, Kimi Tomizaki, dessa vez apenas como aluna ouvinte. A disciplina problematizava a questão intergeracional.

Ingressei no Programa de Pós Graduação do IA-UNESP, em 2019, com um projeto ligado à infância, que foi sofrendo alterações até o título atual: *COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação*. Muitas foram as razões para reconduzir a pesquisa: as disciplinas cursadas na UNESP, UNICAMP e USP, o registro na Plataforma Brasil⁴, as experiências vivenciadas durante a elaboração do projeto e das realizações profissionais.

Ainda no final de 2019, participei do *II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação*, na USP, no qual socializei o projeto que estava, então, mais delineado. Os comentários dos participantes validaram a importância da temática e a necessidade de pesquisas com crianças.

⁴ Os detalhes serão apresentados no Capítulo III.

Fotos 2 e 3 – Exposição do Projeto em Congresso



Fonte: Arquivo Pessoal

Para Weffort⁵, o registro precisa ser feito de forma que a reflexão seja estimulada e haja a produção de mudanças. Com esse intuito, analisamos nossos conhecimentos, limites e possibilidades. O registro, segundo Ostetto⁶, “trata-se de fazer e trazer para a consciência a ‘coisa feita’”. A escrita traz/faz revelações e amplia a consciência do educador”. Pontes⁷ afirma que “registrar de forma reflexiva o que se vivencia significa ‘pensar reflexivo’, ou seja, lançar um olhar sobre uma situação ou um objeto, a fim de elaborar uma análise”.

Rememorar o caminho percorrido, permitiu-me analisar pontos alcançados e outros que ainda necessitavam de atenção. A pesquisa acadêmica deve proporcionar contribuições para a sociedade, em especial, à comunidade da qual fazemos parte. Participar do Grupo de Pesquisa de Políticas Curriculares (GPPC-Artes) liderado pelo professor Palma proporcionou discussões importantes para esta pesquisa, relacionadas à educação e às políticas públicas.

As oportunidades viabilizadas pelos conhecimentos interdisciplinares com os quais entrei em contato e apliquei em minha atuação profissional foram essenciais para o processo, assim como conviver e participar de discussões com diversas pessoas, tanto da área de educação quanto da arte, da arquitetura, da comunicação, entre outras. Isso só confirma que as diferenças podem completar nossas visões, dando um entendimento mais aproximado do nosso objeto de estudo. Em relação aos afetos e às emoções que acompanharam a produção de conhecimento, a formação, a participação e a atuação em diversas instâncias, a experiência vai além das páginas deste trabalho e corresponde à vida vivida.

⁵ WEFFORT, Madalena Freire (coord). **Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

⁶ OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In: Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. cap. 5, p. 20.

⁷ PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. Os Registros reflexivos como prática de autoria pedagógica. *In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”*. São Cristóvão. 2011, p. 2.

Na história da humanidade, ter voz foi, por muitas vezes, demarcação de poder, seja dos senhores frente aos escravos, de homens sobre mulheres, de pátrios sobre estrangeiros, de adultos sobre as crianças. A luta pelo reconhecimento e efetivação de direitos nunca foi tão atual e, as desigualdades sociais e econômicas tão evidentes.

O ano de 2020 iniciou-se diante de um dos maiores desafios para a humanidade, pelo menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A pandemia da COVID-19 tem levado os países a discussões não somente sobre saúde, mas também sobre questões políticas, econômicas e sociais. Mais uma vez, nos deparamos com fios invisíveis que ligam toda a humanidade.

Em meio à pandemia, numa sociedade cada vez mais tecnológica e global, reencontramos velhos desafios: muita informação e pouca transformação em conhecimento; opiniões sem argumentos pesando mais do que fatos; muitas pessoas tendo voz pelas mídias sociais não como expressão de princípios éticos e debate de ideias, mas como forma de ataque às diferenças; questões sociais e econômicas determinando e ampliando as desigualdades.

Distinguir tantos conteúdos, identificar fontes e decidir ações que serão tomadas, desde as macro quanto as cotidianas, é no mínimo essencial. Frente à falta de colaboração de muitos brasileiros nas medidas de prevenção, como o distanciamento e o uso adequado de máscara, nos leva a reconhecer que somos um país que, além de uma crise de saúde, também enfrenta problemas políticos e sociais, fortalecidos por uma liderança federal que dificulta ainda mais a preservação do coletivo. O que dizer, então, de exposições frequentes de ameaças à democracia e aos direitos conquistados? Dos princípios éticos que envolvem a coletividade e são postos em cheque diante do neoliberalismo? No mínimo um mar de confusão intencional e equívocos frente aos fatos históricos.

Diante desse cenário, a educação mostra-se mais uma vez campo de luta, pois nela encontramos o reflexo social das desigualdades do nosso país, como também enxergamos a potencialidade que o processo educativo e de pesquisa podem oferecer e que tanto estão sendo requisitados no combate do SARS-CoV-2. Essa dualidade nunca foi tão atual, assim como a necessidade da intersetorialidade e da perspectiva das diferentes áreas no enfrentamento a essa crise.

Recentemente, tive oportunidade de assistir a *ABSTRACT: the art of design*, uma série documental original da Netflix que mostra artistas do ramo do design. Um dos episódios trouxe o olhar para a infância. Em *Design para Brincar* (NETFLIX, 2019), Cas Holman, fundadora de uma empresa de brinquedos demonstra a potencialidade das crianças:

Quando desenho brinquedos quero que as crianças usem a imaginação em vez de seguirem instruções. Se eu der peças para crianças e mandar construírem um carro, haverá uma resposta certa e uma errada. Elas já sabem como é um carro. É uma ideia completa. Por outro lado, se eu der peças e disser: construa um jeito de ir à escola, aí sobra espaço para várias ideias. Meu trabalho como designer é oferecer ferramentas para elas imaginarem, explorarem ideias e inventarem coisas novas. Não crio as brincadeiras, crio as circunstâncias para a brincadeira.

Foto 4 – Cas Holman e uma de suas criações



Fonte: <https://br.pinterest.com/>

Cas Holman, durante o episódio, vai percorrendo sua trajetória e compartilhando sua voz sobre o mundo. “Quando criança eu comecei a perceber que os nossos ambientes construídos são lugares que reforçam as hierarquias e o poder, que não são amigáveis a todos, especialmente às crianças”. Precisamos reconhecer as crianças, como grupo social, pertencentes a todas as sociedades e que devem gerar interesse a ser discutido e problematizado.

Em 2009, o arquiteto Ronald Rael e a designer Virginia San Fratello projetaram uma gangorra para interação entre os dois lados do muro da fronteira entre EUA e México⁸. As estruturas foram instaladas entre Sunland Park, no estado americano de Novo Mexico, e Ciudad Juárez, no México.

Foto 5 – Gangorra na Fronteira



Fonte: <https://www.metropoles.com>

⁸ <https://www.metropoles.com/mundo/arquiteto-instala-gangorras-na-fronteira-eua-mexico-para-unir-pessoas>

Nos dois exemplos citados é possível perceber que o propósito vai muito além da estética e da funcionalidade. Ele imprimi uma escolha: trazer benefícios às pessoas com uma proposta inovadora, além de demonstrar visões políticas sobre o mundo e as relações pessoais, com maiores possibilidades de participação, inclusive das crianças.

O movimento da Sociologia da Infância tem contribuído significativamente para a percepção das crianças como atores sociais que estabelecem interações significativas com pessoas e instituições, ao mesmo tempo em que desenvolvem estratégias de existência no mundo. No entanto, ainda é preciso cautela ao analisar a efetiva participação infantil na sociedade.

As crianças sempre participaram, em casa, na escola, no trabalho, nas guerras, mas tal participação não era visível, apenas aceite como uma obrigação das crianças. Este facto deve-se, em grande parte, às concepções de criança e infância vigentes [...] o que se traduziu posteriormente em práticas de governação, em políticas públicas, na identidade e representações das crianças como grupo social, aspectos integrantes de concepções de infância [...] conduzidas predominantemente na ausência da participação das crianças, com reforço do poder adulto e subordinação das crianças. Para além deste quadro, surge também um outro limite, o da manipulação das crianças e da infância para atingir determinados objectivos. Só recentemente surgiu o paradigma da participação cidadã e da participação das crianças, que defende que a criança tem e pode expressar diferentes concepções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos.⁹

Com esses paradigmas, passamos a entender que as crianças “... são actores sociais políticos competentes, sem deixar de ser crianças. São, aliás, tanto mais competentes, quanto mais respeitados forem na sua condição geracional.”¹⁰ Debater a dimensão mais ampla da infância e outras questões decorrentes, como as relações geracionais, questões político-institucionais, o desenvolvimento humano, a participação na cultura, pode proporcionar novas perspectivas sobre a vida social em geral, inclusive em relação às políticas públicas. Desse modo:

... as crianças e jovens possuem competências que lhes permitem dar contributos inovadores para o melhoramento dos espaços sociais em que vivem, mas que a forma como a ordem social dos adultos interpreta esta possibilidade é redutora das competências dos mais novos neste âmbito. As tomadas de decisão relativas à organização dos espaços públicos estão cercadas de barreiras relacionadas com a linguagem tecnocrática e com estilos de negociação do planeamento dos espaços que não consideram plausível ou desejável a integração das vozes das crianças.^{11 12}

⁹ TOMÁS, Catarina. “Participação não tem Idade” Participação das Crianças e Cidadania da Infância. In: **Revista Contexto & Educação**, 2013. p. 45-68. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2007.78.45-68> Acesso em 26 out. p. 47.

¹⁰ SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. Políticas Públicas e Participação Infantil. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga/Portugal). In: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206. Paulo: Autores Associados, 2007, p.204.

¹¹ TOMÁS, Catarina. *Op. cit.* p. 47.

¹² Competência, neste contexto, pode ser entendida como “Aptidão que um indivíduo tem de opinar sobre um assunto”. Consultado em: <https://michaelis.uol.com.br/>, Acesso em: 15/02/2021.

Há várias iniciativas nacionais e internacionais em torno da participação infantil. Francesco Tonucci, idealizador do projeto *Cidade das Crianças*, em suas diversas publicações, inclusive na arte de cartunista, apresenta as problemáticas em torno da infância e das cidades.

A cidade não pertence mais às pessoas nem às crianças: pertence aos carros, às sirenes estridentes, ao ar poluído, à violência e ao medo. Sair sozinho, encontrar-se com um amigo, inventar juntos uma brincadeira, mudar regras, brigar se for necessário, e voltar para casa, isso tudo é uma experiência fundamental para o crescimento social e cognitivo da criança de quatro ou cinco anos. Mas hoje isso é difícil mesmo para um menino de dez ou uma menina ainda mais velha. Fora de casa não existe mais o mundo fascinante do pátio, da calçada, das plantas e dos animais do parque. Existe o perigo, a proibição.¹³

Como produto de mercado, ordenada pelas diferenças sociais e históricas, a cidade foi renunciando sua condição de encontro e interação, “... escolheu como novos critérios de separação de desenvolvimento e especialização. A separação e especialização de espaços e competências: diversos lugares para diversas pessoas, diversos lugares para diversas funções.”¹⁴

Essa separação e especialização também, conforme David Harvey¹⁵, traz expressa a ética neoliberal de intenso individualismo possessivo e a correlata renúncia política a formas de ação coletiva como padrão para a socialização humana. O neoliberalismo promove uma crescente desigualdade social, limitando a autonomia das pessoas que têm dificuldades para, no processo de urbanização, alcançar ferramentas na luta pela garantia de seus direitos.

As cidades são organizadas pelo olhar dominante adulto numa visão liberal e familista da infância, que a toma como privada, quando na realidade, as crianças deveriam ser de interesse público.

¹³ TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 48.

No original: La ciudad ya no es de personas ni de niños: pertenece a los coches, las sirenas estridentes, el aire contaminado, la violencia y el miedo. Salir solo, encontrarse con un amigo, inventar un juego juntos, cambiar reglas, pelear si es necesario y volver a casa, todo esto es una experiencia fundamental para el crecimiento social y cognitivo del niño de cuatro o cinco años. Pero hoy esto es difícil incluso para un niño de diez años o incluso para una niña mayor. Fuera de casa, el fascinante mundo del patio, la acera, las plantas y los animales del parque ya no existe. Existe un peligro, una prohibición.

¹⁴ *Ibidem*. p. 6.

No original: ... ha elegido como nuevos criterios de desarrollo la separación y la especialización. La separación y especialización de los espacios y de las competencias: lugares diversos para personas diversas, lugares diversos para funciones diversas.

¹⁵ HARVEY, David. **O direito à cidade**. jul. 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 2 jun 2019.

A infância foi construída historicamente, nos últimos séculos, através da sucessiva exclusão das crianças de esferas sociais de influência: o trabalho, o convívio social com adultos fora do círculo familiar, a participação na vida comunitária e política. [...] O confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos produziu, como consequência, o entendimento generalizado de que as crianças estão ‘naturalmente’ privadas do exercício de direitos políticos.¹⁶

No entanto, a UNICEF apresenta em seus estudos que:

O direito a ser ouvido estende-se a todas as áreas das vidas das crianças. Apesar de ter sido realizado muito trabalho impressionante recentemente para criar oportunidades para as crianças participarem na dimensão pública, é importante não esquecer que também tem de ser feito um investimento em oportunidades para as crianças serem ouvidas nas suas vidas quotidianas – na família, na escola, nos seus cuidados de saúde, em instituições, na diversão e recreação e no local de trabalho.¹⁷

Ao considerarmos a participação enquanto processo coletivo e de interação, compreendemos que as competências de participar estão ligadas à vida social, pois ora as crianças são constrangidas, ora estimuladas, seja pela interação com outro (família, amigos, comunidade...), seja pelas estruturas socioeconômicas e culturais.

À partida, podemos afirmar que a participação das crianças no espaço restrito das relações com os outros que lhe são significativos, sejam eles adultos ou crianças, é afectada por factores que decorrem das relações de poder e hierarquia que existem entre adultos e crianças. Assim, considerar a participação das crianças no espaço público exige que tenhamos em conta a influência das estruturas e instituições que as envolvem – sejam elas educativas, económicas, jurídicas ou sociais –, que frequentemente se apresentam, como estruturas desconhecidas e fechadas, que funcionam como obstáculos para a construção de espaços de participação infantil.¹⁸

Levando em consideração esses apontamentos, consideramos que estudos sobre a escuta atenta às múltiplas linguagens das crianças, sobre a participação e processos mais democráticos, podem proporcionar condições sociais mais igualitárias. As crianças, nesse contexto, enquanto seres sociais, potentes e de direitos:

[...] têm “voz” porque têm “coisas” – ideias, opiniões, críticas, experiências, ... – a dizer aos adultos, verbalmente ou não, literalmente ou não, mas estes só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento se estiverem na disposição de suspender os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas e assim compreenderem o sentido das suas interações.¹⁹

¹⁶ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 187.

¹⁷ UNICEF. **Participação de Crianças**. 2014, p. 19.

¹⁸ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 190.

¹⁹ FERREIRA, Manuela. “- Ela é a nossa prisioneira!” - questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *In: Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 157.

Para abriremos canais para ouvir as crianças, precisamos ter a consciência da importância que as diversas experiências da nossa infância tiveram na nossa vida e que a garantia de espaços de voz para as crianças e para quem acompanha suas infâncias pode gerar experiências significativas de participação. Para Santos, a “consciência [...] é o que define o homem, o que lhe confere dignidade e liberdade.”²⁰ Dessa forma, é na prática social que é possível tomar consciência de si, do outro e da sociedade em que se vive, inclusive nas relações políticas.

As crianças são actores políticos, ainda que as competências políticas das crianças se exerçam prioritariamente nas interações de pares, e no espaço comum que partilham fora do olhar adulto [...] Podemos, no entanto, considerar que a acção política das crianças se exerce, sob um modo pleno ou de forma subtil e oculta, em todos os seus mundos de vida.²¹

Relacionando as reflexões apresentadas por Tonucci²², sobretudo a necessidade de maior autonomia das crianças, às práticas educativas e a outros autores que trazem ideias relevantes à temática da infância e da cidade, percebemos que ouvir as crianças mostra-se fundamental, mas ainda encontramos dificuldades para concretizar a escuta e sua validação. Assim sendo:

[...] estudar a participação da infância na sociedade significa compreender as dinâmicas sociais que colocam as crianças como atores sociais, além de recuperar práticas e discursos que as permeiam. Para tanto, é preciso recompor os espaços de socialização a partir de uma perspectiva que permita examinar e compreender os modos pelos quais as crianças participam da sociedade e como isso ocorre em relação às demais categorias geracionais.²³

Precedendo cada parte deste trabalho, selecionamos como epígrafe, não uma frase, mas um desenho de Frato (assinatura de Tonucci nas charges). Essa escolha aconteceu por entender que ao tratarmos sobre a infância, sobre as vozes das crianças, não estamos centrados apenas numa única linguagem, mas de maneira complexa, reconhecemos as particularidades das culturas da infância. Convidamos você a uma leitura livre das charges e, caso queira saber sobre a escolha dos desenhos pela pesquisadora, visite o texto *Epígrafes*²⁴.

²⁰ SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. **Desigualdade social e dualidade escolar: Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 79.

²¹ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 202.

²² TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* p. 6.

²³ NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. (In)visibilidade das crianças e (n)as cidades: Há crianças? Onde estão? *In: Revista Educacional Foco*, Juiz de Fora, vol.23, n.3, set. / dez. 2018, p. 747.

²⁴ Vide Apêndice H.

A infância não é a idade da não-fala: todas as crianças desde bebês têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real.²⁵

No Capítulo I, para tratar sobre a cidade e as crianças, problematizamos a urbanização, o medo e a superproteção que são gerados pela especialização das cidades, limitando nossa convivência e afastando os diferentes. Apresentamos imagens que remetem à infância e à sua relação com os espaços urbanos. As crianças são agentes que podem aproximar-nos. Temos nelas nossa imagem de passado, além disso, compõem uma categoria que abarca as diversidades (raça, religião, gênero, classe social). Seguimos com a cidade como uma possibilidade de encontrar nela elementos para mudanças, ao levar em consideração a escuta atenta às crianças e, uma vez, tendo nelas parâmetros, garantir acesso aos direitos à cidade para todas as pessoas. Buscamos também, entre tantas iniciativas existentes, alguns detalhes sobre o projeto *Cidade das Crianças*, idealizado por Tonucci. Essa escolha deu-se pela localidade de desenvolvimento da pesquisa de campo ser parte da rede latino-americana *Cidade das Crianças*. Assim sendo, vimos o projeto na cidade de Jundiaí-SP e algumas de suas ações.

No Capítulo II, discutimos o conceito de participação, relacionando-o com o próprio entendimento de democracia e de cidadania. Também traçamos a diferenciação dos processos participativos entendidos pelos institucionalistas e pelos participativistas. Outro conceito abordado foi o desenvolvimento do discurso como condição essencial para a participação das pessoas. Seguimos apresentando diferentes representações dos tipos e níveis de participação, que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Desse geral, passamos para a problematização da participação das crianças em nossa sociedade e a necessidade da escuta infantil, além de apresentarmos alguns projetos e conceitos internacionais que remetem à temática.

No Capítulo III, descrevemos o *Comitê das Crianças* como um laboratório sobre a participação, que foi utilizado para verificar mediações e outros pontos a favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes. Nesse capítulo, organizamos a caracterização da pesquisa, apresentando a hipótese, objetivo primário, objetivo secundário, metodologia proposta, caracterização do campo, além do percurso no qual há a caracterização dos participantes e os instrumentos de coleta de dados.

²⁵ SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. In: **Cadernos do Noroeste**, Porto: vol. 13. 2000, p. 156.

Como o *Comitê* faz parte do programa *Cidade das Crianças*, optamos também por observar as reuniões do *Grupo de Trabalho (GT) Criança na Cidade*²⁶, ampliando as vozes participantes. Para coleta de dados, fizemos uso de observações feitas pela pesquisadora durante as reuniões do *Comitê*, além de fotos e outros registros das crianças, como desenhos e poesias, como também o uso de questionário e entrevistas. Além das crianças representantes, demos escuta a seus familiares, aos mediadores do *Comitê das Crianças* e aos envolvidos no programa *Cidade das Crianças* de Jundiaí-SP que compõem o *GT Criança na Cidade*.

No Capítulo IV, compusemos um *corpus* para a análise, selecionando dados coletados. Recorremos às temáticas desenvolvidas nas primeiras partes deste trabalho como fios condutores: a cidade, a participação e o *Comitê*. Em comum, problematizamos a relação de cada uma delas com as crianças. As reflexões tiveram como referencial principal: Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) e Freire (1996), assim como também recorremos a outros autores apresentados nos primeiros capítulos. Ao analisarmos o processo e os níveis de participação das crianças no *Comitê* e como os adultos colaboraram ou não, pudemos verificar as proposições feitas *a* e *com* as crianças, vendo se nelas há espaço de validação nas ações de políticas públicas. Buscamos também discernir se a escuta e a autonomia podem ser entendidas como base para a efetividade da participação.

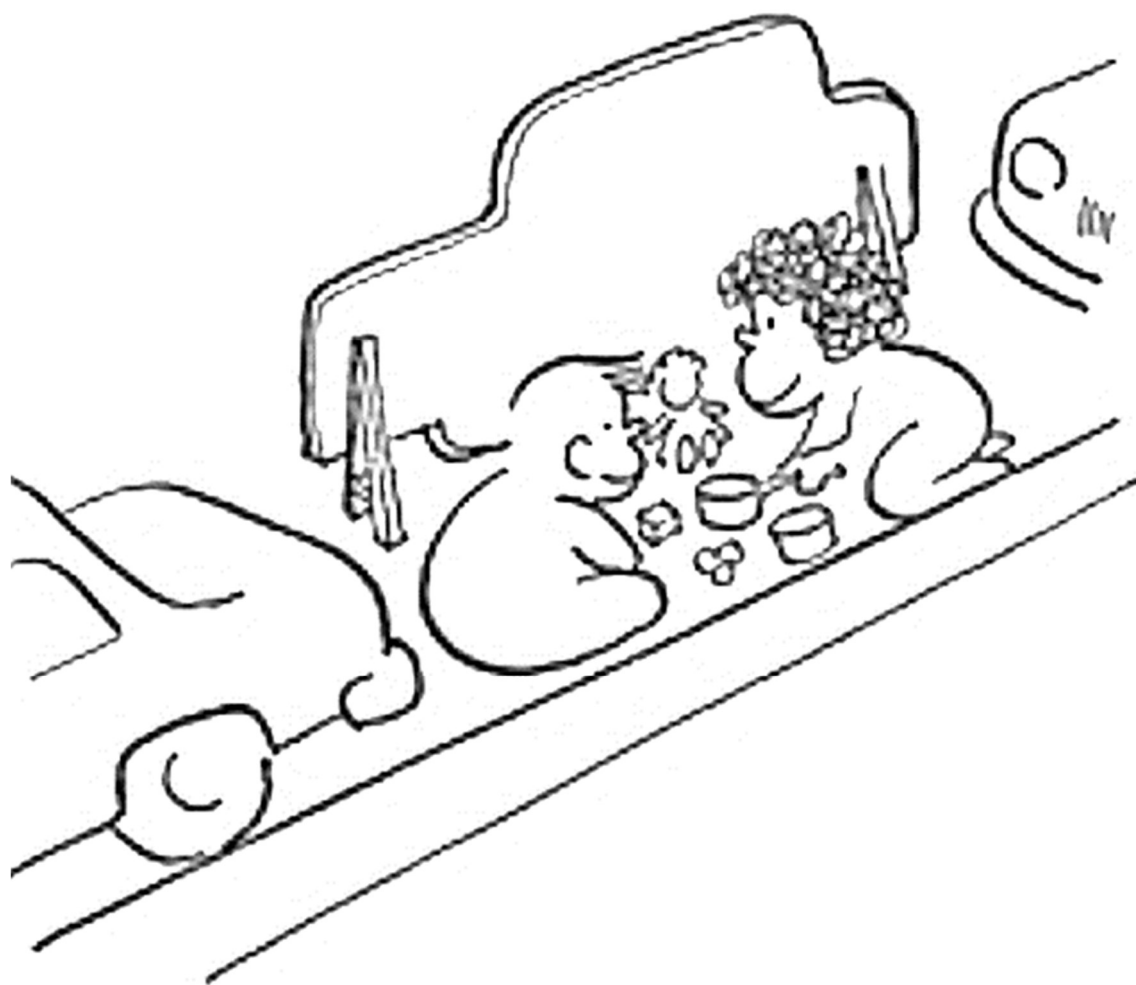
Entendendo que, na impossibilidade de nos mantermos neutros nesse processo e reconhecendo que há uma intencionalidade nos recortes feitos pela pesquisadora-analista, deixamos ao leitor, caso haja interesse, a possibilidade de acessar nos anexos e apêndices a íntegra dos conteúdos coletados. Também fizemos referência a eles ao longo do texto como um convite a ter mais detalhes que por ventura não tenham sido tratados de maneira mais completa.

Como Considerações Finais, procuramos manter o fio que alicerça nossas práticas, não somente enquanto profissionais, mas que torna possível também prosseguir no caminho da pesquisa e dos movimentos educativos, sejam eles formais ou não. Voltamos aos principais questionamentos que nos motivaram a iniciar este percurso, não como forma de fechá-los, pois o entendemos como algo que pode ser revisto e sobre o qual sempre será possível um novo olhar.

Convidamos você, caro leitor, a receber nossas percepções como um ponto de vista e manter vivas as possíveis relações que podem ser tramadas com o seu. Desejamos que mais do que certezas, seja possível encontrar espaço para o diálogo e a interlocução, tendo as crianças como centro desse processo.

²⁶ Vide registros da pesquisadora sobre as reuniões no Apêndice J.

2 A CIDADE E AS CRIANÇAS



No mundo, a grande maioria das crianças vive em cidades que enfrentam problemas como poluição, violência, congestionamento, entre tantos outros.²⁷ E mesmo assim o número da população urbana não pára de crescer. Não há apenas esses fatores de influência, a complexidade das realidades sociais contemporâneas está impressa nas vidas das crianças.²⁸ É possível verificar desde fatores de restrição da cidadania da infância quanto outros que podem possibilitar avanços em seu desenvolvimento, o que discutiremos frente à problematização da cidade.

Desde o início, as cidades emergiram da concentração social e demográfica do produto excedente. Portanto, a urbanização sempre foi um fenômeno de classe, já que o excedente é extraído de algum lugar e de alguém, enquanto o controle sobre sua distribuição repousa em umas poucas mãos.²⁹

Buscamos na cidade, **provisão**. Alimentos, moradia, saúde, cultura, educação, lazer relações. Maneiras de viver. E viver é mais do que sobreviver, que põe-se sobre o viver. Para muitos, não há escolha. Sobrevive-se. E, em meio a desigualdades, fica a falta. Falta muito, inclusive a cidade.

A urbanização fez-se do acúmulo e da abundância resultantes das desigualdades. As cidades sob a lógica capitalista foram crescendo fragmentadas, ou seja, várias partes para compor o todo, cada parte com uma especificidade. Áreas com foco de atuação especializada. Centros comerciais, financeiros, bairros industriais, residenciais, bairros com grande número de casas. Como uma feira composta por suas diversas bancas, cada uma com um tipo de mercadoria, a cidade vai realçando as diferenças marcadas pelo capital: só leva quem pode pagar. A classe trabalhadora por meio de sua mão de obra tenta acessar à provisão das cidades. A luta pela sobrevivência permeia a história da urbanização.

A operação de substituição da mão de obra escrava significou [...] a redefinição do lugar do negro na sociedade – de escravo a marginal. Nesse movimento de redefinição, o lugar do trabalhador passou a ser ocupado pelo imigrante destituído; assim como o do proprietário de escravos, transformado em proprietário de terras e máquinas.³⁰

²⁷ UNICEF. *Op. cit.*.

²⁸ SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. In: **Educação Revista Quadrimestral**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018..

²⁹ HARVEY, David. *Op. cit.* p. 74.

³⁰ ROLNIK, Raquel. **Territórios Em Conflito**: São Paulo – espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 200.

A cidade vai sendo redefinida por fatores financeiros ou de renda, concretizando as desigualdades no contexto do arranjo urbano historicamente produzido. Quanto maiores as disparidades socioeconômicas entre as classes sociais, maiores são as diferenças nas moradias, nos serviços públicos. “A qualidade da vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade, num mundo onde o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana.”³¹

O determinismo em considerar o futuro como pura repetição do presente, pensamento típico dos dominadores, revela a perda de esperança pelo povo da capacidade de sonhar. Esse pensamento nega a História como forma de transformação, pois assim também o faz com o caráter criativo, criador, libertador da educação e da autonomia que os sujeitos podem conquistar por meio dela.³² Devemos superar, no entanto,

[...] a concepção que encara o povo como pueril e imaturo, e, portanto, incapaz de participar nas decisões, já que entronca-se diretamente na ideologia dominante. Ela fundamenta uma prática baseada na manipulação e na tutela, quando não na repressão aberta, que encara as camadas populares como objeto da ação política e que só pode perpetuar a violência que caracteriza o cotidiano dos trabalhadores.³³

Sob essa perspectiva, a cidade tornou-se uma cidade de muros, uma **prisão**. A paisagem foi transformada assim como o espaço público e, conseqüentemente, as interações entre as pessoas. Ao transformar a paisagem urbana, as estratégias de segurança dos cidadãos também foram afetando os padrões de circulação, trajetos diários, hábitos e gestos relacionados ao uso de ruas, do transporte público, de parques e de todos os espaços públicos.

A cidade tornou-se hostil aos seus próprios cidadãos: é perigosa, agressiva, privada de solidariedade, de espírito acolhedor. [...] Antes quase tudo era investido na cidade, na questão pública. A casa era modesta, servia ao estritamente necessário. O verdadeiro "lar" era a cidade, que deveria ser bonita, acolhedora, adequada para passear, encontrar, fazer compras, brincar. Hoje a tendência mudou e tudo é investido no privado, na casa, que se torna cada vez mais refúgio e fortaleza.³⁴

³¹ HARVEY, David. *Op. cit.* p. 81.

³² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <https://nepegeo.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso 20 dez. 2020.

³³ KOWARICK, Lúcio. A lógica da desordem, *In*: **A espoliação urbana**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1993, p. 202.

³⁴ TONUCCI, Francesco. **La Ciudad de los niños**: un modo nuevo de pensar la ciudad. Editorial Posadas. Buenos Aires: 2010, p. 9-10

No original: La ciudad se ha tornado hostil para sus propios ciudadanos: es peligrosa, agresiva, está privada de solidaridad, de espíritu acogedor. [...] Antes, se invertía casi todo en la ciudad, en lo público. La casa era modesta, servía para lo estrictamente indispensable. La verdadera "vivienda" era la ciudad, que debía ser bella, acogedora, apta para el paseo, el encuentro, la compra, el juego. Hoy se ha modificado la tendencia y se invierte todo en lo privado, en la casa, que se vuelva cada vez más refugio y fortaleza.

A construção de muros foi sendo justificada pela necessidade de proteção. Por causa do medo constante, as pessoas se sentem assustadas e controladas. O cotidiano da cidade é cada vez mais pautado pela imposição do medo e de uma distância social. Com essa transformação do espaço, e a consequente mudança das relações e interações sociais, os meios de sociabilidade influenciam a convivência dos mais variados grupos.

Entre esses grupos estão as crianças. Nas últimas décadas, é cada vez mais rara a presença delas brincando nas ruas. A separação e a especialização também atingiu a infância, influenciando seus lugares e as próprias culturas infantis. Às crianças são oferecidos serviços pensados pelos adultos, muitas vezes, desconsiderando suas preferências e necessidades.

Os parques infantis são um exemplo interessante de que os serviços são concebidos por adultos para adultos, e não para crianças, mesmo que estas sejam os seus destinatários declarados. Esses espaços infantis são todos iguais, em todo o mundo - ou pelo menos no mundo ocidental -, rigorosamente nivelados, muitas vezes cercados e sempre equipados com escorregadores, redes e carrosséis.³⁵

Lugares específicos para restringir o espaço das crianças, exercendo sobre elas o controle e a vigilância. Elas já não fazem parte do convívio social diretamente, mas tem lugares reservados para isso, criando-se mais um produto a ser consumido. As famílias passam a escolher os lugares a frequentar pela oferta de espaços “kids”: nos shoppings, nos restaurantes, nos buffets... Há uma separação das áreas dos adultos e das crianças, e consequentemente, do que ambos poderiam fazer juntos. No entanto, especificar o lugar da criança não é pensamento atual.

De acordo com Ariès³⁶, no século XIX, a escola passou a ser considerada como espaço próprio para conter e preparar a infância. Até os dias atuais, as relações da criança com o espaço escolar permaneceram sujeitas a uma temporalidade específica, isto é, à criança é resguardado o tempo de confinamento na escola em horários específicos.

³⁵ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 8.

No original: Los parques de juego para los niños son un interesante ejemplo de que los servicios son pensados por los adultos para los adultos, y no para los niños, aunque éstos sean sus destinatarios declarados. Dichos espacios para niños son todos iguales, en todo el mundo -- o por lo menos en el mundo occidental --, rigurosamente nivelados, a menudo circundados y siempre dotados de toboganes, hamacas y calesitas.

³⁶ ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2006.

Antigamente, durante o período em que não estava na escola, podia-se utilizar de espaços externos para brincar, como a rua, na qual a vivência da autonomia era fator importante, na medida em que as relações entre pares e em distância relativa do adulto aconteciam.

Na segunda metade do século XX, o processo de contenção das crianças em suas residências foi sendo acelerado nas grandes cidades, assim como alcançado pelas cidades de médio e pequeno porte. Diversos fatores podem ser apontados como responsáveis por influenciar as famílias no que seria essencialmente uma mudança cultural no processo de educação de seus filhos.³⁷



Fonte: FRATO (1996)

A rua vai além do senso comum que considera vias e variações do que se entende por cidades. Alude a modos socialmente previstos de conceber a vida social. Fraya Frehse³⁸ apresenta a rua como espaço de desigualdade social, de criatividade, de oscilação entre a casa e a rua, de resistência.

Longe das ruas, as crianças vão tendo menos possibilidade de contato com as diferenças, pois a especificidade dos lugares também gera a especificidade das pessoas que os frequentam e criam-se divisões dentro da própria cidade, distanciando ainda mais as pessoas devido às desigualdades sociais e econômicas. Há uma cultura de proteção extrema. Tonucci, nos alerta: “As crianças não devem ser protegidas, mas devem ser ‘armadas’, quer dizer dotadas de instrumentos, de habilidades, de autonomia.”³⁹

O gerenciamento da autonomia da criança pela família sofre grande influência da sociedade. Interfere aí, fortemente, o fator cultural. Podemos citar a concepção de criança das famílias, as próprias infâncias vividas por seus membros adultos, a concepção de infância da sociedade. A influência da mídia também interfere nas decisões tomadas pela família a respeito do trânsito de suas crianças pela rua, por meio de programas, publicações, novelas, notícias em jornais ou mesmo propagandas.⁴⁰

³⁷ ARAÚJO, Vania Carvalho de. **Pensar a cidade, as crianças e sua educação**. Educação (UFMS), v. 43, n. 2, abr./jun. 2018.

³⁸ FREHSE, Fraya. **Ô da Rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo, 2012, Edusp.

³⁹ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 17.

No original: Los niños no deben ser protegidos, sino que deben ser ‘armados’, es decir dotados de instrumentos, de habilidades, de autonomía.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 112.

As crianças, no entanto, apesar das influências recebidas, são fruto da sociedade em que estão inseridas, mas também procuram maneiras subversivas para manter e transformar as culturas infantis. Afinal, as crianças:

[...] são seres humanos com poder de simbolização e reflexão, de tomadas de iniciativa para ação e ação social, não apenas ativamente implicadas na construção das suas próprias vidas, mas também nas daqueles com quem se relacionam e que as rodeiam, e na da sociedade em que tomam parte, quando experimentam e aprendem a lidar com as possibilidades e constrangimentos das estruturas sociais no cotidiano.⁴¹

A cidade condiciona seus moradores, inclusive as crianças. Oferece a segurança presente no cerceamento, interferindo diretamente nas escolhas feitas pelos indivíduos que a compõem. Esse aprisionamento torna-se não somente físico e territorial, mas origina uma forma de constituição socialmente intencional.

Sua raiz reside em determinar que a maioria seja transformada num ente pacificado e passivo, tido pela ideologia dominante como incapaz de decidir e, por conseguinte, condenado a receber amorfamente as trajetórias de um destino histórico sobre as quais lhe são vedadas as possibilidades de participação. Sua finalidade é perpetuar as enormes desigualdades que caracterizam as relações de apropriação dos bens econômicos e socioculturais gerados por um modelo de crescimento capitalista marcadamente selvagem.⁴²

A superproteção e o cuidado exagerado podem impedir o relacionamento entre as pessoas. Apesar do mundo estar cada vez mais conectado por meio dos avanços das tecnologias de informação, contraditoriamente, também é marcado pelo isolamento.

Há, entretanto, movimentos sociais urbanos procurando superar o isolamento e remodelar a cidade segundo uma imagem diferente da que apresentam os empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento.⁴³

Para ganhar o espaço externo da rua, a criança necessita contar com um ambiente propiciador: social ou familiar que o permitam. O fator cultural é fundamental para superar a cidade como prisão. Ainda é significativa a resistência dos pais em sair à rua em passeios com suas crianças ou mesmo em deixá-las brincar na rua, seja pelas condições físicas de espaços urbanos inadequados, seja pelo medo recorrente ou apenas pela maneira de se viver na cidade.

⁴¹ FERREIRA, Manuela. *Op. cit.* p. 156-157.

⁴² KOWARICK, Lúcio. *Op. cit.* p. 182.

⁴³ HARVEY, David. *Op. cit.* p. 82.

No entanto, a experiência da criança com e no espaço externo possui um caráter formador fundamental para a sua constituição como sujeito e cidadã. A socialização e a ocupação dos espaços urbanos pela criança são maneiras de enriquecimento de sua infância. As cidades mudam e, mudam os espaços e contextos infantis.

[...] as crianças criam para si um pequeno mundo cultural próprio produzido num criativo exercício dialógico pelo qual elas não apenas esquadriham, no amplo mundo sociocultural dos adultos, aspectos a serem reproduzidos, mas oferecem-nos inovadoras formas ativas, genuínas e interpretativas com as quais percebem e recriam as relações sociais e a cultura.⁴⁴

As crianças, ao ocupar a cidade, podem vivenciar experiências significativas que colaborem com seu desenvolvimento integral em diversos aspectos: físico, emocional, social, cognitivo, auxiliando-as na conquista de autonomia.

Fotos 6 a 9 – Bebês em visita ao Museu Solar do Barão – Jundiaí-SP



Fonte: EMEB Maria de Lourdes

⁴⁴ SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. *Op. cit.* 12.

Para isso, a utilização dos espaços públicos pelas famílias pressupõe uma cidade com **visão**, planejando locais adequados que levem em conta os aspectos das culturas e das infâncias, incluindo políticas públicas e intervenção midiática ao atendimento das necessidades das crianças. “... quando a cidade está mais adaptada às crianças, será também mais apropriada para todos.”⁴⁵

Há a relação entre a condição econômica das famílias e os locais de acesso das crianças, assim como a produtos ou serviços ou quanto à cultura que incluiria ou não aquele recurso em seu repertório de opções de lazer.⁴⁶ Contudo, podemos constituir políticas que visem assegurar à população acesso aos patrimônios, como museus, bibliotecas, parques, fazendo desses espaços, lugares também para a infância.

Foto 10 – Acesso à cultura



Fonte: EMEB Maria de Lourdes

“Se trata da mudança de ótica da administração à altura da criança, para não perder a ninguém. Se trata de aceitar a diversidade que a criança traz consigo como garantia de todas as diversidades.”⁴⁷.

As relações inter e intrageracionais tornam-se objeto de estudo de eleição, perspectivado a partir das suas diferenças e interdependências sociais para aí se descobrirem os conteúdos, e os fluxos e circulação de sentidos disso de *se ser* e de *se tornar criança* nos *que, como, quando, onde* e *com quem* elas pensam, fazem e sentem com outras crianças e os adultos. Trata-se de apreender a heterogeneidade interna e a pluralidade de infâncias constitutiva d(n)este espaço e categoria social, e de compreender os processos que contróem e dão sentido às densas relações sociais das crianças na infância.⁴⁸

Foto 11 – Mojolo



Fonte: EMEB Maria de Lourdes

⁴⁵ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 12

No original: cuando la ciudad esté más adaptada a los niños, será también más apropiada para todos.

⁴⁶ ARAÚJO, Vania Carvalho de. *Op. cit.* 2018.

⁴⁷ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 12

No original: Se trata en cambio de bajar la óptica de la administración a la altura del niño, para no perder a nadie. Se trata de aceptar la diversidad que el niño trae consigo como garantía de todas las diversidades.

⁴⁸ FERREIRA, Manuela. *Op. cit.* p. 156. Grifos da autora.

Foto 12 – Jardim do Museu



Fonte: EMEB Maria de Lourdes

As crianças atraem o olhar dos adultos, pois de alguma forma elas despertam um resgate à memória de uma infância já vivida. O encontro de algo que aproxime as gerações remete à busca da própria identidade e o desejo de perpetuar-se.

A criança é nosso passado, um passado que muitas vezes é esquecido rapidamente, mas que nos ajudará a viver melhor com nossos filhos e cometer menos erros se pudermos mantê-lo vivo e presente. A criança é nosso presente, porque a maior parte de nossos esforços e sacrifícios são dedicados a ela. A criança é nosso futuro, a sociedade de amanhã, aquela que pode continuar ou trair nossas decisões e expectativas.⁴⁹

Apesar das “... diferenças físicas de tamanho, de tempo, experiências e conhecimentos de/a vida, a que se fazem corresponder atributos, expectativas, competências, papéis, funções e responsabilidades sociais diferentes...”⁵⁰, adultos e crianças partilham uma ontologia como seres intrinsecamente bio-socioculturais em processo.

⁴⁹ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 18.

No original: El niño es nuestro pasado, un pasado a menudo rápidamente olvidado, pero que nos ayudará a vivir mejor con nuestros hijos y a cometer menos errores si logramos mantenerlo vivo y presente. El niño es nuestro presente, porque a él está dedicada la mayor parte de nuestros esfuerzos y de nuestros sacrificios. El niño es nuestro futuro, la sociedad de mañana, el que podrá continuar o traicionar nuestras decisiones y nuestras expectativas.

⁵⁰ FERREIRA, Manuela. *Op. cit.* p. 158.

Falamos sobre a importância da participação e de processos mais democráticos que possam garantir condições mais igualitárias e a diminuição das diferenças sociais. Como já apresentamos anteriormente, mas na intenção de reforçar, as crianças:

[...] têm “voz” porque têm “coisas” – ideias, opiniões, críticas, experiências, ... – a dizer aos adultos, verbalmente ou não, literalmente ou não, mas estes só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento se estiverem na disposição de suspender os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas e assim compreenderem o sentido das suas interações no contexto dos seus universos específicos.⁵¹

Para abrir canais para ouvir as crianças, nós devemos resgatar nossas memórias de infância. Esse é o primeiro passo para “ouvir” as vozes infantis. Ao adquirirmos consciência da importância que as experiências da nossa infância tiveram na nossa vida, começamos a entender a importância de garantir espaços de voz para as crianças e quem acompanha suas infâncias.

[...] se conseguirmos falar de crianças com os prefeitos, os guardas municipais, os contadores-chefes, os diretores de engenharia das comunas, com o médico do hospital, com os restaurateurs, com os professores e com os pais, bom, agora estamos ganhando algo com o projeto e, aliás, esse é um resultado mínimo, mas também uma forma de começar a construir o futuro.⁵²

Para tratar sobre a cidade e as crianças, brincamos com palavras dentro da palavra. Trouxemos a cidade como **provisão**, local onde as pessoas buscam condições de vida e muitas mal têm como sobreviver, mantidas periféricas na sociedade. Discutimos também a cidade como **prisão**, na qual o medo e a superproteção levam a um isolamento físico, mas também a uma certa maneira de enxergarmos o mundo, pois na especialização das cidades limitamos nossa convivência, afastando os diferentes. Apresentamos imagens que remetem à infância e à sua relação com os espaços urbanos. As crianças são agentes que podem aproximar-nos. Temos nelas nossa imagem de passado, além disso, compõem uma categoria que abarca as diversidades (raça, religião, gênero, classe social). Seguimos com a cidade como **visão**, uma possibilidade de encontrar nela elementos para mudanças, ao levar em consideração a escuta atenta às crianças e, uma vez, tendo nelas parâmetros, garantir acesso aos direitos à cidade para todas as pessoas.

⁵¹ *Ibidem*, p. 157.

⁵² TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 58.

No original: ... si conseguimos hablar de niños con los intendentes, los guardias municipales, los jefes de contaduría, los directores de ingeniería de las comunas, con el médico del hospital, con los restauradores, con los maestros y con los padres, bueno, ya estamos ganando algo con el proyecto y, por cierto, éste es um resultado mínimo, pero también una manera de empezar a construir el futuro

2.1 PROJETO *CIDADE DAS CRIANÇAS*⁵³

O projeto *Cidade das Crianças* nasceu em Fano - Itália, em maio de 1991, a partir da ideia de Francesco Tonucci e com uma intenção política específica: promover a mudança dos parâmetros de governança da cidade, colocando as crianças no lugar de referência ocupado pelos adultos que têm nos veículos sua principal forma de locomoção. Para isso, elas devem ter um papel ativo, participando do governo e, apropriando-se novamente do espaço urbano. O projeto tem como interlocutores imediatos o prefeito e os representantes das secretarias municipais, pois, devido à sua transversalidade, todos os setores precisam ser envolvidos.

Várias áreas científicas (psicologia, sociologia, urbanismo, entre outras) demonstram-nos a ideia de uma cidade cada vez mais longe de responder às necessidades dos cidadãos. Nas últimas décadas, a lógica da especialização de funções e de diferenciação que marcou a transformação urbana acabou separando a cidade em locais fragmentados, fazendo com que perdesse sua natureza original como local de intercâmbio social e de encontro.

Na dimensão governamental predominante que corresponde às necessidades do cidadão adulto, o veículo se tornou o principal protagonista, demandando espaços públicos, poluindo o ar, causando a morte de um número grande de pessoas. A cidade é tida como perigosa e as crianças perdem a possibilidade de transitar sozinhas pelo ambiente urbano para viverem experiências importantes ao seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social, além da exploração, de aventuras ou brincadeiras.

Em 20 de novembro de 1989, a Assembleia das Nações Unidas aprovou a Convenção Internacional dos Direitos da Criança que reconhece o seu direito de brincar e o direito em um nível de vida que permita seu desenvolvimento físico, mental e espiritual.

Para a Sociologia da Infância, as crianças são sujeitos ativos que podem influenciar e serem influenciados pelo ambiente em que vivem, são capazes de interpretar suas necessidades e expressá-las. Por seus olhos, é possível reconsiderar caminhos para visualizar uma cidade por outras perspectivas e planejar contextos urbanos mais adequados à infância e a todos os cidadãos. Ouvir crianças significa, de fato, dar voz às necessidades de quem foi pouco considerado no desenvolvimento urbano; significa explorar um ponto de vista inovador para pensar uma nova cidade com lógicas e equilíbrios diferentes.

São quase 200 cidades em diferentes países da Europa e América Latina que fazem parte da rede internacional *Cidade das Crianças*.

⁵³ <https://www.lacittadeibambini.org/>

A **Rede Italiana** nasceu formalmente em 1996, ano em que foi criado o laboratório internacional *Cidade das Crianças*, que cuida de seu apoio e coordenação. Atualmente, cerca de 60 cidades de diferentes tamanhos e características territoriais fazem parte da rede italiana. As cidades italianas que aderiram ao projeto ao longo dos anos realizaram as atividades com a ideia básica de mudar a cidade com as crianças, mas muitas delas interromperam essas ações devido à mudança de administração. Em algumas regiões, foram ativadas colaborações e trocas de experiências, mantendo o relacionamento com o Laboratório de Roma. Na Lombardia, houve reuniões e materiais para a promoção do Projeto, que produziu novas associações. Entre as cidades italianas, como San Giorgio a Cremano, na província de Nápoles, e Malnate, na província de Varese, destacam-se experiências mais duradouras, marcadas pelo compromisso da administração municipal e pelo laboratório de projetos.

A Região de Marche financiou o projeto *Cidades sustentáveis e amigas das crianças e adolescentes*, em 2017, para promover a participação e a cidadania ativa, em implementação da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Infância.

A Região da Lácio, em 2013, aderiu ao projeto internacional *A cidade de meninas e meninos* e estabeleceu o projeto regional específico chamado *Lazio, a região de meninas e meninos*, aproveitando a colaboração científica do Instituto de Ciências e Tecnologias Cognitivas para sua realização. A Região propôs aos municípios de seu território uma filosofia de governança da cidade, tomando a criança como paradigma das ações necessárias para mudá-la e por meio da qual realizar projetos de autonomia de mobilidade e participação estabelecidos por prefeitos e administradores para tornar a cidade mais habitável, sustentável e melhor para todos os cidadãos. Atualmente, 20 municípios romanos e 2 municípios fazem parte da rede regional. O projeto *Vamos à escola sozinhos* é parte do *Programa experimental nacional de mobilidade sustentável: casa e escola*. Além disso, foram realizadas duas conferências internacionais e uma regional; a primeira conferência internacional sobre mobilidade autônoma *Autonomia é saúde* em 2015 e a segunda sobre a participação infantil *A JUNTA DE CRIANÇAS - Por que meninas e meninos precisam participar do governo das cidades?* em 2017. A conferência regional *Por que precisamos de crianças para salvar cidades* proporcionou a apresentação de experiências realizadas pelos municípios da rede *Além da experiência da rede regional "Lácio, a região de meninas e meninos"* - ativa desde 2014 e coordenada pelo Laboratório Regional da região do Lácio - atualmente não existem outras redes regionais consolidadas na Itália.

A **Rede Espanhola** conta atualmente com 48 corpos entre cidades, museus, associações e universidades, que também fazem parte da rede internacional *Cidade das Crianças*; nos museus de ciência de Granada, Barcelona e Valência, foram criados os conselhos infantis do museu, uma experiência de participação que reúne novos membros. Desde 2016, as cidades espanholas se reúnem todos os anos em uma das cidades da rede (que se encarrega de toda a organização) para trocar experiências e reflexões sobre o Projeto. Redes locais foram estabelecidas na rede espanhola, como a de alguns municípios do país basco, denominada *Cidades bascas com a infância*, e municípios da província de Pontevedra.

A **Rede Latino-Americana** nasceu em Santa Fé, Argentina, em maio de 2009. Naquele ano, a província de Santa Fé, abriu um laboratório latino-americano do projeto *Cidade das Crianças* que, utilizando as habilidades desenvolvidas na experiência de Rosário, promoveu o o projeto nas cidades da província de Santa Fé, bem como em outras cidades argentinas e em algumas cidades dos Estados Unidos e da América Latina. Atualmente, a rede compreende 40 cidades e 15 entidades de 8 países da América Latina: Argentina, Brasil, Uruguai, Peru, Colômbia, Chile, México, República Dominicana e em breve também Costa Rica, e está em uma situação de crescimento para conceber novas estratégias de funcionamento das redes locais. Entre o final de 2018 e o início de 2019, as cidades de Boyá (República Dominicana), Jundiaí-SP (Brasil), Colón e Salta (Argentina) ingressaram na rede. Também se juntaram a Província de Neuquén, na Patagônia Argentina, e a de Lima, no Peru.

Para fortalecer a coordenação e conectá-la a outras redes de projetos (Lácio, Itália, Espanha e América Latina), o Laboratório Internacional promove reuniões e seminários voltados para os representantes das cidades participantes, além de produzir materiais de estudo sobre o projeto e apoiar as cidades, incentivando o intercâmbio entre elas. As cidades da rede se reúnem durante Conferências Internacionais e durante reuniões locais e/ou nacionais.

O Laboratório Internacional também abriga o Centro Internacional de Documentação.

Em 2019, é possível listar as seguintes ações da Rede Internacional:

- O início do projeto e a rede no município de Lima;
- O início do projeto na escola *Aire Libre* de La Plata, Argentina;
- A IV reunião da rede espanhola e o programa de treinamento em Fuerteventura, Ilhas Canárias;
- O primeiro encontro da rede argentina em La Plata;
- A jornada de infância na cidade de La Plata, Argentina;
- O prêmio da Unicef Espanha para Francesco Tonucci;

- O lançamento do projeto no México;
- O início do projeto na Costa Rica;
- A primeira reunião do conselheiros em Lima;
- O programa de treinamento para funcionários municipais e membros de entidades da rede Lima;
- O primeiro conselho de meninas e meninos de uma reserva natural *Los Pantanos de Villa* em Lima;
- O dia da piada do general Roca, Argentina;
- O 21º aniversário do dia do jogo de Rosário, Argentina;
- A criação do primeiro *Comitê das Crianças* na cidade de Jundiaí-São Paulo, Brasil;
- A divulgação da Convenção como uma campanha pelos vereadores de Arroyito-Córdoba, Argentina e Lima, Peru;
- O primeiro curso de três anos para *promotores de participação infantil*, estabelecido pela Província de Neuquén-Argentina em colaboração com especialistas da rede argentina, o Laboratório Internacional e com o apoio da Universidade de Comahue;
- A adesão por 50 cidades da província de Neuquén na Argentina.

Princípios do Projeto *Cidade das Crianças*

O brincar

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989 declara que as crianças têm direito à educação (art. 28) e ao descanso e lazer, para se dedicarem a atividades lúdicas e recreativas de sua idade (art. 31); dois direitos de igual peso e de igual importância. No entanto, os pequenos sabem que não é bem essa a realidade. O direito de estudar e o direito de brincar não têm o mesmo peso para os adultos. Apesar do tempo livre ser tão fundamental para o desenvolvimento de meninas e meninos, muitas vezes não é considerado.

Segundo estudos sobre desenvolvimento cognitivo, é justamente nos primeiros dias, nos primeiros meses e nos primeiros anos que o desenvolvimento é mais rápido e tão importante. Antes de uma criança iniciar sua experiência escolar, as bases sobre as quais todo o conhecimento se sucederá terá sido lançada. Por meio da brincadeira e das interações, o desenvolvimento cognitivo e social acontecem na infância.

Brincar para crianças é muito significativo e influencia a vida das pessoas, pois promove a experiência de enfrentar, por conta própria, a complexidade do mundo. Significa compreender e ressignificar o mundo, construindo amizades, utilizando objetos, definindo regras, ocupando espaços, administrando tempos, tomando riscos. Com grande liberdade, porque o que não pode ser feito pode ser inventado. E o impulso dessa experiência é o prazer que move o ser humano.

Certas condições devem existir para que crianças vivenciem a experiência do brincar por completo. Devem ser suficientemente autônomas, escolher o local certo para a brincadeira, ter tempo livre e compartilhar dessas condições com outros meninos e meninas, podendo sair de casa sem ser acompanhado, procurando amigos ou dedicando um tempo de brincar livre.

Brincar significa viver a experiência, o prazer de conseguir o que não foi capaz de realizar ontem ou a frustração de não poder fazê-lo. O risco como um componente essencial da brincadeira não seria possível com o acompanhamento e a supervisão constrante de um adulto. Para que essa experiência necessariamente autônoma e livre seja vivida, há de ser incorporada nas regras espaciais, temporais e sociais combinadas com a família. Esse compartilhamento é importante já que, ao voltarem, os pequenos terão muito o que contar.

Assim como a família, a experiência de brincar deve ser importante para a escola em relação aos seus alunos. É preciso que a riqueza de suas observações e descobertas vivenciada por crianças nas brincadeiras sejam valorizadas.

Para muitos, o ato de brincar ainda é relacionado a *playgrounds* em espaços fechados. Essa escolha por espaços privados está associada a uma visão negativa sobre a cidade, de que ela é violenta, insegura e degradada. Muitas crianças só conhecem a cidade por meio da janela do carro ou do transporte escolar, ou atrás de grades. Isso pouco contribui para seu desenvolvimento, pois deixam de conviver com pessoas diferentes e de aprender sobre o local em que vivem.

Uma cidade que escolhe as crianças como parâmetro em suas políticas públicas deve assumir o direito de brincar como um de seus compromissos mais importantes. Os pedestres devem ter o privilégio sobre os carros e, calçadas e ruas devem tornar os trajetos fáceis e seguros para todos, começando pelas crianças, de maneira que possam sair de casa e ocupar o espaço urbano. Abrir mão de brincadeiras fechadas e estereotipadas para oferecer aos cidadãos espaços públicos bonitos e interessantes, em que todos, na diversidade de suas necessidades, possam conviver e usufruir. Em troca, com a presença das crianças, a cidade pode ser melhor e mais segura, contando com a participação de todos.

A autonomia e a mobilidade

São alguns dos principais objetivos do projeto *Cidade das Crianças*, que os pequenos cidadãos vivenciem a cidade com a maior liberdade possível: sair de casa sem serem acompanhados, encontrar amigos e brincar em locais públicos. As experiências fundamentais de explorar, descobrir, surpreender, aventurar e superar obstáculos e riscos de tempos em tempos permitem a construção de sua identidade, a escolha de comportamentos adequados à cada situação e o desenvolvimento das ferramentas necessárias de conhecimento. Um lugar que não é vivido livremente não é percebido por meninos e meninas como realmente são, e acaba sendo desperdiçado como uma possibilidade de crescimento.

A principal razão que impede as crianças de saírem de casa é o perigo da rua. As estatísticas (OMS 2018) apontam os acidentes de trânsito como a principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos. Metade dos que morrem nas estradas ao redor do mundo são *usuários vulneráveis*: pedestres, ciclistas e motociclistas.

A mobilidade de crianças, semelhante até algumas décadas atrás a de seus pais, hoje quase desapareceu, enquanto a de adultos aumentou enormemente. Mas são tipos muito diferentes de mobilidade. As crianças não podem sair para a rua porque seus pais se deslocam demais no carro e, portanto, a cidade torna-se perigosa. Negar a autonomia de meninos e meninas, no entanto, não é apenas um dano ao seu desenvolvimento, é também um dano social: a presença de crianças nas ruas as torna mais populares, aumenta o controle comum, intensifica trocas, relacionamentos e o tecido social e, portanto, aumenta a segurança.

Há muitas razões para promover a autonomia de mobilidade de crianças. Geralmente elas são mais saudáveis porque se movem. Desenvolvem maior concentração e têm melhores conhecimentos ambientais, habilidades de orientação e sistematização (mapas mentais). Constroem um maior grau de sociabilidade e reduzem o risco de solidão e isolamento. Adquirem maior capacidade de resolução de problemas, ou seja, de enfrentar situações de dificuldades ou incerteza. Aumentam o senso de responsabilidade e segurança porque desfrutam da confiança das pessoas ao seu redor. Têm maiores habilidades de auto-organização, criatividade, capacidade de planejar e realizar projetos. Além disso, é possível contar com a diminuição no tráfego geral de veículos, acidentes rodoviários, principalmente nas escolas, e poluição atmosférica. Com o aumento de pedestres, a percepção de segurança e a solidariedade social aumentam. Os adultos que acompanham, buscam e esperam as crianças em suas atividades podem usar esse tempo com maior qualidade para todos.

2.2 PROJETO CIDADE DAS CRIANÇAS EM JUNDIAÍ-SP⁵⁴

Em maio de 2017, a equipe de urbanismo municipal começou os estudos para realizar o Projeto *Entre a casa e a escola*, visando a qualificação do caminho das crianças através de pesquisa realizada com alunos. Em dezembro, foram ouvidas as crianças de uma escola municipal, por diferentes linguagens (oralidade e desenhos).

Apesar de ter sido uma iniciativa em Jundiaí-SP, sem conhecimento ainda das ações propostas pelo laboratório internacional *Cidade das Crianças*, houve uma identificação apontada pelo Instituto Alana, parceiro do município. Foram então indicado que se conhecesse a rede *Cidades das Crianças* paralelamente à continuidade da pesquisa já encaminhada.

Dessa pesquisa, surgiram vários apontamentos pelas crianças, como sujeira nas ruas e a insegurança no trajeto. Próxima à unidade escolar pesquisada, há a praça Valdemar Lopes, descrita como um ponto de venda de drogas por alguns participantes. Como primeira ação do projeto *Entre a casa e a escola*, a praça foi revitalizada e apresentada como exemplo de ação desenvolvida pela Unidade de Gestão Pública de Urbanismo e Meio Ambiente, em conjunto com as demais unidades administrativas, como parte do projeto *Cidade das Crianças*. Foram feitos levantamentos, oficinas de capacitação de técnicos e vários projetos desenhados para promover a ocupação das áreas livres.

Em agosto de 2018, foi formado o *GT Criança na Cidade*, instrumento de política pública, reunindo representante das diferentes unidades de gestão municipal para implementar, monitorar e avaliar ações e fazer o espaço urbano contribuir para o pleno desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das crianças. O *GT* reúne-se quinzenalmente, com representantes das áreas de: Planejamento Urbano e Meio Ambiente, Educação, Esporte e Lazer, Cultura, Saúde, Abastecimento, Assistência Social, Serviços Públicos, Mobilidade e Transporte, e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA.

Em outubro, foi decretada a adesão de Jundiaí-SP à rede latino-americana *Cidade das Crianças*⁵⁵, sendo o primeiro município do Estado de São Paulo e o segundo no país, logo após Boa Vista (Roraima). A apresentação do conceito *Cidade das Crianças* foi feita em 2018 e a busca de integração entre as unidades de gestão teve ampliada sua intenção ao ser alinhada por plataformas. No mesmo mês, um grupo técnico integrante do *GT Criança na Cidade* esteve em Rosário - Argentina para conhecer o projeto *Cidade das Crianças*.

⁵⁴ As informações são resultado da somatória da consulta à Apresentação *Cidade das Crianças* (vide Anexo E) mais a complementação feita pela pesquisadora.

⁵⁵ Vide Anexo B - Decreto *Cidade das Crianças*.

Em dezembro, em dez pontos inusitados da cidade foram desenhadas amarelinhas⁵⁶ no chão para atentar a população sobre a necessidade do protagonismo da criança nas políticas públicas.

Em janeiro de 2019, a Pinacoteca Municipal Diógenes Duarte Paes recebeu a *Exposição Olhares*, do pedagogo e artista italiano Francesco Tonucci (Frato)⁵⁷. A mostra foi composta por cerca de 30 charges de Frato, nome assinado por Tonucci em seus desenhos, retratando o mundo enxergado e imaginado pelos olhares da criança. Foi montado também nas instalações da Pinacoteca um espaço de brincadeiras e outro externo, nos jardins.

Em março, foi instituído pelo decreto 28.075/2019 o Projeto *Ruas de Brincar*⁵⁸, permitindo que vias sejam fechadas de forma temporária para as crianças brincarem. A primeira *Rua de Brincar*, localizada no Jardim Fepasa, tem como responsável Vilma Rodrigues da Silva, 51 anos. A legislação prevê que qualquer pessoa pode requerer, a partir da aprovação de 75% dos vizinhos, fechar trecho de via para o uso coletivo destinado ao lazer e brincadeiras. O decreto estabelece as diretrizes e regulamenta a forma de solicitação da rua para a ocupação de lazer, aos domingos e feriados.

Em abril, foi composto o primeiro *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP, por 28 crianças de 23 bairros da cidade, divididos em sete vetores do município (Central, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste e Sul). A seleção foi feita por sorteio, no dia 13 de abril, no Complexo Fepasa, em transmissão ao vivo pelas redes sociais, a fim de prezar pela transparência do processo. Cada vetor foi representado por duas meninas e dois meninos, entre 9 e 11 anos.

Em maio, aconteceram dois eventos para dar visibilidade à criança na cidade. O primeiro foi a *Corrida das Crianças*⁵⁹, que teve as inscrições das vagas preenchidas em menos de 24 horas, demonstrando o quanto práticas como essa repercutem na vida e socialização das famílias. Ainda nesse mês, houve também o *Aviãozaço*⁶⁰, sendo realizado no Paço Municipal, no Complexo Educacional Argos, no Departamento de Água e Esgoto (DAE) e na Unidade de Gestão de Assistência e Desenvolvimento Social (UGADS). Os servidores foram convidados a fazer aviãozinho e nele registrar o que desejam para as crianças. Foram 1091 aviãozinhos com 11050 palavras, entre elas: educação, segurança, saúde, amor, lazer, cultura, felicidade, brincar, alegria, rua, esporte, praça⁶¹.

Em novembro, na Lei municipal 9.321, de 11 de novembro de 2019, houve a revisão do Plano Diretor do Município de Jundiaí-SP, no qual foi incluído o Capítulo X

⁵⁶ <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/03/26/cidade-das-criancas-amarelinhas-inusitadas-incentivam-a-volta-a-infancia/>

⁵⁷ <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/01/11/exposicao-da-inicio-as-atividades-culturais-de-ferias-na-pinacoteca/>

⁵⁸ <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/08/03/populacao-pode-solicitar-ruas-de-brincar-em-seu-bairro/>

⁵⁹ <https://tribunadejundiai.com.br/mais/esportes/corrida-das-criancas-reune-publico-de-2-mil-pessoas-no-bolao/>

⁶⁰ <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/05/30/cidade-das-criancas-paco-recebe-aviaozaço-e-ganha-amarelinhas/>

⁶¹ Vide Anexo E - tabulação das palavras Aviãozaço.

Da política da criança na cidade⁶². A inclusão desse ponto foi importante para dar visibilidade e garantir a temática como política pública primordial nas decisões municipais.

Em dezembro, as crianças do primeiro *Comitê* entregaram ao prefeito a carta com suas solicitações⁶³. No momento, juntamente com outras crianças presentes assinaram a lista para compor a cápsula do tempo a ser colocada em um parque feito sob os moldes dos novos conceitos sobre as experiências necessárias ao desenvolvimento infantil.

Em janeiro de 2020, a cápsula do tempo foi colocada sob a pedra fundamental do parque *Mundo das Crianças*, com intenção de ser aberta após 10 anos, como maneira de lembrar o que foi feito durante a década em relação à cidade para a infância.

Em abril de 2020, foi composto o segundo *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP, agora seguindo a organização estabelecida pelo Plano Diretor, ou seja, composta por seis regiões⁶⁴. Foi realizado no dia 18, com transmissão ao vivo, o sorteio das vagas, sendo 24, seis delas de integrantes reconduzidos da composição de 2019 e 18 novos sorteados. No total, houve 103 inscrições válidas, sendo 72 de alunos da rede municipal de ensino e 31 da rede privada.

Até aqui, trouxemos alguns aspectos referentes à cidade e a necessidade cada vez mais emergente de criar melhores condições para quem nela habita. Numa história recente, passamos por movimentos de redemocratização e transformações importantes na sociedade brasileira. No entanto, temos acompanhado retrocessos em relação aos direitos sociais conquistados e vivenciado a conflitos políticos que não beneficiam a população e se disseminam, não somente no nosso país, mas em todo o mundo. Estudos vêm buscando acompanhar essas transformações e desenvolver a reflexão sobre seus impactos, procurando por alternativas.

Apresentamos o projeto internacional *Cidade das Crianças* e seu início na cidade de Jundiaí-SP. Quando pensamos a cidade e as crianças queremos que o parâmetro da infância possa trazer uma perspectiva mais inclusiva e levantar possibilidades de um espaço urbano em construção para atender as diversas necessidades. Para isso, o individual dá lugar à coletividade e a participação passa a ser não somente um direito, mas um dever social. Como todos os saberes acumulados pela humanidade, participar também é relativo a interesses de uma determinada época, com privilégios ou não a determinadas pessoas. Convém, a seguir, refletirmos mais sobre a participação e as crianças de maneira a entender que essa não é uma condição nata, mas construída histórica e socialmente.

⁶² Vide Anexo A - CAPÍTULO X do PLANO DIRETOR - Lei nº 9.321/2019.

⁶³ Vide Anexo F - CARTA DAS CRIANÇAS DO COMITÊ 2019.

⁶⁴ Vide Anexo D - INSCRIÇÃO COMITÊ DAS CRIANÇAS com todo o regulamento.

3 A PARTICIPAÇÃO E AS CRIANÇAS

FAÇA ASSIM!



primeiro ano primário

VOCÊ DEVE FAZER ASSIM SEMPRE!



quinto ano primário



FAZ-SE ASSIM!



terceiro ano primário

ESCOLHA VOCÊ MESMO!



primeiro ano do segundo grau

O QUE ISTO
QUER BIZER?



A participação é tema de grande relevância ao ser entendida como um dos princípios democráticos. A democracia em nosso país apresenta-se recente e frágil, já que ainda deixa às margens dos processos sociais a grande maioria da população, inclusive as crianças. A democracia teve na história brasileira constantes interrupções, como a marcada pelo período da ditadura militar, arrastando desigualdades sociais e problemas políticos como a corrupção. Assim como os processos participativos, a democracia no Brasil ainda está em construção e requer constantes lutas. Nesse intuito, reunimos questões relativas sobre a temática da participação, discorrendo sobre seus tipos e escalas, para então problematizar as crianças nos processos de escuta.

Do latim participatĭo, a participação é a ação e o efeito de participar e participação é “fazer parte, tomar parte ou ter parte.”⁶⁵ Participar faz parte do cotidiano coletivo da humanidade. Em várias ocasiões ao longo da vida, somos conduzidos por um desejo de participação em atividades diversas ou em grupos. A ação de tomar parte, de participar, demonstra que as pessoas juntam-se na procura de chegar a objetivos que lhes seriam difíceis ou até mesmo inatingíveis se o tentassem individualmente de maneira isolada.

A participação tem duas bases complementares: uma base afetiva – participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros – e uma base instrumental – participamos porque fazer coisas com os outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos. Estas duas bases – afetiva e instrumental – deveriam equilibrar-se. Porém, às vezes, elas entram em conflito e uma delas passa a sobrepor-se à outra.⁶⁶

A participação, dessa maneira, é uma vivência coletiva e não individual, como uma necessidade na tentativa diária de superar os desafios que possam surgir no viver e conviver com os outros.

O ser humano possui certas necessidades óbvias, como o alimento, o sono e a saúde. Mas também possui necessidades não-óbvias, como o pensamento reflexivo, a autoavaliação, a auto-expressão e a participação, que compreende as anteriores. Privar os homens de satisfazerem estas necessidades equivale a mutilar o desenvolvimento harmônico de sua personalidade integral.⁶⁷

Na busca do desenvolvimento integral, torna-se cada vez mais necessário o debate sobre o conceito de participação e sua efetividade na vida das pessoas. Participar pode ser entendido como interferência ou intervenção numa tomada de decisões.

⁶⁵ BORDENAVE, Juan. **O que é participação?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 22.

⁶⁶ *Ibidem.* p. 16.

⁶⁷ *Ibidem.* p. 76-77.

Em diversos contextos, foram utilizadas nomenclaturas, como participação cidadã, inclusão social, participação democrática, participação popular, participação comunitária. Independentemente do termo ou estabelecimento da prática, as iniciativas inclusivas da sociedade na gestão das políticas públicas tentam atender a um anseio da própria população em fazer parte dos processos de tomadas de decisão, com a apresentação das suas demandas.⁶⁸

Na dimensão social, a participação é entendida como um processo real visto pela perspectiva das classes. A participação a partir da classe trabalhadora é um processo de lutas para assumir e buscar fazer parte na sociedade.⁶⁹ Muitas vezes, participar gera conflitos entre as classes, pois ninguém quer abrir mão do espaço que ocupa. A participação é luta por direitos, é luta por aquilo que é seu e, muitas vezes, está sendo negado. Para Demo⁷⁰, “... participação que dá certo, traz problemas. Pois este é seu sentido. Não se ocupa espaço de poder, sem tirá-lo de alguém”.

Participar significa sentir-se incluído e exercer o direito à cidadania. É um processo constante, sempre se fazendo, “... é autopromoção e existe enquanto conquista processual. Não existe participação suficiente, nem acabada [...]. A participação não pode ser entendida como dádiva, concessão ou como algo preexistente.”⁷¹

Das várias formas de participação, a política pode ser definida a partir da intensidade e do número de grupos e indivíduos envolvidos na tomada de decisões. Pode acontecer em uma simples conversa entre amigos e familiares até em situações mais complexas como em eleições, governos, movimentos sociais, partidos. Um método bastante usual de participação é aquele em que se escolhem os representantes por um determinado espaço de tempo. É a democracia representativa. Para além dessa participação eleitoral, a participação cidadã pode se dar por meio de outros mecanismos, como, por exemplo, a ação em manifestações públicas ou organizações não-governamentais.

Por perpassar múltiplas áreas, como sociologia, ciências políticas, direito, psicologia, educação, administração, entre outras, a participação engloba diversas definições de conceitos que representam interesses, enfoques e objetivos distintos.

⁶⁸ SIMÕES, Janaína Machado; SIMÕES, Gabriela Lima. **Reflexões sobre o conceito de participação social no contexto brasileiro**. 2015.

⁶⁹ PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁷⁰ DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996, p. 2.

⁷¹ *Ibidem*, p. 18.

A definição de participação é uma complexa tarefa, pois traz em si um conceito que só é possível se concretizar-se a partir da prática social, estando sujeita a ressignificações por meio de transformações ideológicas e culturais da sociedade. Abrange a atuação organizada e responsável dos setores diversos da sociedade na interpretação de problemas coletivos, na busca por soluções possíveis e na promoção do bem comum.

De um modo geral, as ciências sociais também trazem importantes reflexões sobre a participação na tentativa de compreender suas formas de concretização, as lógicas e os valores envolvidos. É possível verificar novas experiências de participação (associações, conselhos, orçamentos participativos, ONGs etc.) que vão além da tradicional forma de participação política. Procuram mecanismos de intermediação entre a sociedade civil e o Estado, para reorganizar as estruturas de elaboração, deliberação e execução de políticas públicas, objetivando, nas decisões, a participação popular.

A participação é concretizada quando permitido aos sujeitos fazer parte das decisões que lhes dizem respeito, ou seja, no que toca os interesses culturais, políticos, sociais ou econômicos. É uma estratégia de redistribuição de poder para que os cidadãos desfavorecidos dos processos políticos e econômicos possam estar incluídos ativamente como participantes do planejamento do seu próprio futuro.⁷²

Quando os indivíduos não atuam significativamente podem ser considerados passivos ou simples usuários de serviços oferecidos. O posicionamento que cada um tem frente à ação do Estado reflete a forma como será sua participação nas ações a serem implementadas, visando ou não o bem comum. Uma obra muito recorrente nessa temática é o Contrato Social, na qual Rousseau declara que “só a vontade geral pode dirigir as forças do Estado em conformidade com o objeto de sua instituição, que é o bem comum”.⁷³ Segundo o autor, a vontade geral se remete ao interesse comum ou ao interesse público, busca o bem coletivo e o interesse do grupo, enquanto a vontade de todos se refere ao interesse privado e se resume nas vontades particulares e nos interesses individuais da comunidade.

Pateman⁷⁴ apresenta a diferença entre a compreensão do envolvimento das pessoas nos processos participativos pelos institucionalistas e os participativistas.

⁷² SIMÕES, Janaína Machado; SIMÕES, Gabriela Lima. *Op. cit.*

⁷³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 33.

⁷⁴ PATEMAN, Carole. *Op. cit.*

Os primeiros rebatem com força as teorias clássicas da democracia, como a apresentada por Rousseau, porque vêem perigo em abrir espaço para a participação popular na política. Tudo o que se quer é um número suficiente para manter funcionando de modo satisfatório a máquina eleitoral. Os únicos meios de participação abertos ao cidadão são os votos e a discussão. A democracia deixa de ser vista como o governo do povo para ser entendida como a escolha de lideranças que devem conduzir os assuntos públicos complexos das sociedades modernas. Os pressupostos dos institucionalistas consideram que o povo deva seguir as diretrizes e não dar espaço para questioná-las.

Opostos a esta visão dos institucionalistas, os participativistas vêem que, quanto maior a participação da sociedade civil diretamente no governo, melhor a condição para construir um Estado democrático e politicamente desenvolvido. A origem da corrente democrática participativa remete a quando as ideias estavam envolvidas no clima de transformações vividas nos campos universitários, nas escolas, nas fábricas, nos lares, nas ruas das grandes cidades, isso por volta dos anos 60 do século passado.⁷⁵ Os participativistas buscavam um modelo democrático em que a participação era valor fundamental de maneira a construir oposição ao jeito centralizador predominante das elites. Em resumo, sem participação não haveria possibilidade de uma sociedade mais humana e com menos desigualdades.

Deveríamos entender a democracia além do simples voto individual e de escolhas não refletidas, alargando o entendimento sobre política. Todos os espaços em que há interação de indivíduos precisam ser democratizados, levando-os em seus mais diferentes âmbitos da vida cotidiana para um entendimento político. As pessoas precisam ser mais ativas, responsáveis e comprometidas para assim construir uma consciência maior em relação aos interesses coletivos.

O conceito de participação, na sociologia, é utilizado para indicar “o grau de integração do indivíduo em um grupo, sociedade ou instituição, expresso na intensidade, categoria e natureza dos contatos que mantêm com os demais, pressupondo um alto nível de conscientização social e política.”⁷⁶

Para que haja um governo democrático, Pateman entende ser imprescindível existir uma sociedade participativa na qual a democratização dos sistemas políticos e a socialização sejam possíveis. “A área mais importante de participação é o seu próprio lugar de trabalho [...], pois é exatamente ali que a maioria dos indivíduos despende grande parte de suas vidas e

⁷⁵ PATEMAN, Carole. *Op. cit.*

⁷⁶ SAYAGO, Doris A. V. **A invenção burocrática da participação**: Discursos e Práticas no Ceará. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2000, p. 41.

pode propiciar uma educação na administração dos assuntos coletivos, praticamente sem paralelo em outros lugares.”⁷⁷

Uma participação efetivamente ativa requer a necessidade de haver modificação das relações de poder, de modo a assegurar, individualmente ou de forma coletiva, a condição de pleno exercício de cidadania. Esse entendimento pretende trazer a compreensão ampla de democracia, como sendo o poder de identificar problemas e formular decisões em contraposição à compreensão restrita de consentimento. Entendendo essa distinção, percebemos que, em contextos desiguais de recursos políticos, a participação pode ser conduzida para a aceitação de decisões centralizadas, não permitindo a inclusão dos setores menos oportunizados na sociedade.

Verifica-se em Habermas, que:

[...] na linha da teoria do discurso, o princípio da soberania do povo significa que todo o poder político é deduzido do poder comunicativo dos cidadãos. O exercício do poder político orienta-se e se legitima pelas leis que os cidadãos criam para si mesmos numa formação da opinião e da vontade estruturada discursivamente. Quando se considera essa prática como um processo destinado a resolver problemas, descobre-se que ela deve a sua força legitimadora a um processo democrático destinado a garantir um tratamento racional de questões políticas.⁷⁸

A importância da democracia cidadã deve superar a conceitos baseados exclusivamente na ação governamental, na garantia de direitos civis e na sanção eleitoral periódica. O vínculo entre participação e inclusão é mais apropriado para assegurar a inclusão social, pois busca elucidar a compreensão, a deliberação, a troca de pontos de vista, o processo de formação de questões e, definição de prioridades e preferências, pondo em evidência pelo discurso diversas opiniões no tratamento de questões de caráter público.

A intervenção dos vários grupos e categorias populacionais na construção do espaço público é atravessada por factores de mobilização, por sistemas de crenças e representações sociais e por dispositivos institucionais e políticos que diferenciam os direitos formais e as possibilidades reais de contribuição na decisão política.⁷⁹

A participação assegura de maneira inclusiva e democrática um aprofundamento constante das questões políticas e sociais, que não significa a negação de desequilíbrios ou mesmo conflitos nos processos de decisão.

⁷⁷ PATEMAN, Carole. *Op. cit.* p. 61.

⁷⁸ HABERMAS, Jurgen. **Direito e Democracia:** entre Facticidade e Validade. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, v. I, 213.

⁷⁹ SARMENTO *et al*, 2007. *Op. cit.* p. 183.

Os principais conceitos (a discussão, a deliberação e o direito) são desenvolvidos com fundamentos teóricos para obter consensos e determinar resultados a respeito da inclusão e mesmo observações pertinentes, passando por análises que demonstrem os benefícios em relação à democracia centralizadora e de poder vertical.

Discutir esses pontos é questão fundamental. O conceito de participação precisa ser compatível com as sociedades e as instituições representativas, e considerar de maneira crítica e dinâmica o estreito vínculo entre democracia e inclusão. É base construtiva, na função de definir, implementar e assegurar os direitos sociais.

No entender de Habermas, os discursos que formam as opiniões e que permitem a realização das decisões possuem em seu interior “o poder democrático exercitado conforme o direito.”⁸⁰ Assumem relevância para a “construção e a manutenção de ordens sociais”⁸¹, uma vez que se manterão pelo reconhecimento de validade normativa. O conflito é colocado em debate, em um espaço em que a interpretação seja aberta e todos tenham vez para interagir, participar, de maneira a tornar legítimo e aceito racionalmente.

A integração social, que se realiza através de normas, valores e entendimento, só passa a ser inteiramente tarefa dos que agem comunicativamente na medida em que normas e valores forem diluídos comunicativamente e expostos ao jogo livre de argumentos mobilizadores, e na medida em que levamos em conta a diferença categorial entre aceitabilidade e simples aceitação.⁸²

O princípio democrático surge como centro de um conjunto de direitos. A lógica de origem compõe um “processo circular, no qual o código do direito e o mecanismo para a produção de direito legítimo, portanto o princípio da democracia se constitui de modo co-originário.”⁸³ Os direitos que têm por base a autonomia moral dos indivíduos só podem assumir uma vertente positiva, frente à autonomia política, já que o “princípio do direito parece realizar uma mediação entre o princípio da moral e o da democracia.”⁸⁴ Será por meio de uma práxis autodeterminante que os indivíduos poderão exercitar suas liberdades comunicativas.

A participação é facilitada com a organização e a criação de fluxos de comunicação. Por consistir numa tarefa coletiva, a participação se torna mais eficiente com a distribuição de funções e coordenação dos esforços individuais, o que demanda organização. Além disto, ao consistir na colocação em comum de talentos, experiências, conhecimentos, interesses e recursos, a participação requer meios de expressão e troca. Exige também que as pessoas aprendam a se comunicar, quer dizer, a usar bem diversos meios de comunicação e métodos de discussão e debate que sejam produtivos e democráticos.⁸⁵

⁸⁰ HABERMAS, Jürgen. *Op. cit.* p. 21.

⁸¹ *Ibidem*, 35.

⁸² *Ibidem*, 58.

⁸³ *Ibidem*, 158.

⁸⁴ *Ibidem*, 127.

⁸⁵ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 78-79.

Sendo assim, viabilizar a participação política e social, consolidando o papel de cada um e de todos de maneira indiscriminada, deve trazer a aceitação lógica e racional pelo exercício comunicativo e permitir o desenvolvimento de um Estado democrático legítimo em que o agir discursivo é essencial para a organização. A possibilidade de construir uma nova cultura política inclusiva e um maior engajamento dos cidadãos na organização e tomada de decisões pressupõe a participação das pessoas na produção de um discurso orientado para o entendimento e a garantia dos direitos sendo fundamental.

A participação leva à apropriação do desenvolvimento pelo povo. Toda vez que o povo participa do planejamento e execução de uma atividade ou processo, ele se sente proprietário do mesmo e co-responsável de seu sucesso ou fracasso. Um projeto participativo não se acaba quando se retiram as fontes externas de assistência, pois as pessoas o consideram “seu”.⁸⁶

O pleno exercício de cidadania, por assim dizer, a democracia participativa, só acontece se o cidadão perceber que a “participação supõe compromisso, envolvimento, presença em ações por vezes arriscadas e até temerárias.”⁸⁷ É preciso que o comodismo fique de lado além da ideia de receber as coisas prontas dos outros em vez de agir, inteirando-se dos assuntos para desenvolver o capital social e o empoderamento da comunidade. Assim, as decisões que são de seu interesse sofrem influência já que com a participação, “os cidadãos tornam-se protagonistas da sua própria história, deixam de ser objetos das iniciativas de outros e tornam-se sujeitos do seu futuro”.⁸⁸

E isso começa com a participação dos cidadãos no seu meio local, como atores sociais com interesse e engajamento pela sua realidade, na interação para o atendimento e desenvolvimento de demandas sociais locais. Escolhas e opiniões geralmente são tomadas com base no que vivem, assim essa vivência pode desenvolver nas pessoas o poder de influenciar as decisões que são feitas no espaço público.

Hermany refere que “o local adquire importância significativa na ampliação dos espaços de controle social, de concretização do princípio constitucional da cidadania”.⁸⁹

⁸⁶ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 77-78.

⁸⁷ DEMO, Pedro. *Op. cit.* p. 19-20.

⁸⁸ SCHMIDT, João Pedro. Exclusão, inclusão e capital social: o capital social nas ações de inclusão. In: REIS, Jorge Renato dos; LEAL, Rogério Gesta.(Org). **Direitos Sociais & Políticas Públicas: desafios contemporâneos**. 6t. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 1774.

⁸⁹ HERMANY, Ricardo. **(Re) Discutindo o espaço local: uma abordagem a partir do direito social de Gurvitch**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; IPR, 2007, p. 261.

No contexto do espaço local, ruas, bairros e cidades possuem papel fundamental para o exercício efetivo de cidadania pela participação e consolidação da democracia participativa.

A participação é algo que se aprende e aperfeiçoa. Ninguém nasce sabendo participar, mas, como se trata de uma necessidade natural, a habilidade de participar cresce rapidamente quando existem oportunidade de praticá-la. Com a prática e a autocrítica, a participação vai se aperfeiçoando, passando de uma etapa inicial mais diretiva a uma etapa superior de maior flexibilidade e autocontrole até culminar na autogestão.⁹⁰

A gestão coletiva alcança autenticidade na medida em que se tenham escolhas racionais e estratégias que decorram da autonomia daqueles que contribuem para o estabelecimento da vontade coletiva, sendo garantido o pleno exercício do discurso.⁹¹ Desse modo, uma coletividade de parceria é formada para o estabelecimento dos direitos previstos. Demo destaca que “o processo de conquista de direitos, como último canal de participação serve, basicamente, para que se coloquem em prática os direitos previstos na teoria, ou seja, na lei, nas declarações entre outros instrumentos.”⁹²

Após a Constituição Federal⁹³ de 1988, são percebidos alguns avanços na democracia brasileira, assim como na participação da sociedade frente à gestão e instituição de políticas públicas. Há um estímulo para o envolvimento popular na tomada de decisões, como aparece no artigo 29, no princípio de cooperação com associações e movimentos sociais no planejamento municipal ou nos artigos 194, 198, 204, 206 e 227 que tratam da participação na saúde, previdência, assistência social, educação. Evidentemente, isso não significa que a cultura política e social tenham alcançado padrões determinantes na condução de políticas públicas participativas que vão além dos votos.

A participação nos diversos conselhos pode ser considerada um exercício ativo de construção e envolvimento na vida pública. O cidadão também pode participar de audiências, nas quais os elegidos devem ouvir a opinião da população sobre determinado tema. Também é possível acompanhar licitações e gastos públicos nos Portais da Transparência (das prefeituras, das câmaras de vereadores e senado), assim como, com o avanço das redes sociais e demais aplicativos, utilizar os meios tecnológicos para tornar a participação mais democrática. Apesar de grande parte das instâncias do poder público terem canais de interação social, há diversas dificuldades para que os cidadãos de fato participem, seja a falta de conhecimento que é colocado de maneira muito técnica até a pouca efetividade das opiniões na tomada das decisões.

⁹⁰ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 78.

⁹¹ HABERMAS, Jorgen. *Op. cit.*

⁹² DEMO, Pedro. *Op. cit.* p. 61.

⁹³ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

Ainda assim, são diversos os relatos de experiências em conselhos, ONGs (Organizações Não Governamentais), orçamento participativo, associações comunitárias, entre outras formas não convencionais de participação política, o que demonstra que os caminhos participativos existem, ainda que seja necessário muito investimento para que as pessoas queiram e consigam participar de fato.

Sob a perspectiva institucional, participar requer mudança de atitudes individuais, tanto problematizando questões de cidadania e de direitos dos indivíduos quanto de mecanismos participativos que assegurem a educação integrada ao modelo social vigente. Portanto, participar de um poder instituído não é ter poder se não houver modificação substancial do caráter desse poder. Esse ponto de vista coloca a participação como ferramenta para minimizar a questão coercitiva que, em essência, a administração capitalista possui.

Em contraposição, há a visão relativa a mudanças nas relações sociais, baseadas na transferência do poder de decisão às forças de trabalho. É uma concepção que está fundamentada na igualdade social e, para ela, a educação tem como objetivo o desenvolvimento das capacidades humanas que possam tornar a participação efetiva na construção das novas relações sociais.

Dessa forma, participação é um conceito em desenvolvimento e em disputa, estando em jogo sentidos e significados que ora são reduzidos ora ampliados, servindo para justificar ou questionar a ordem social vigente. Com esse desenvolvimento conceitual, o problema da participação é tematizado a partir de perspectivas diversas, do aspecto sócio-político ao esvaziamento de sua dimensão política em prol de uma supervalorização da dimensão operacional, técnica ou gerencial.

Sayago nos alertar que a participação pode ser entendida sim como o elo entre o indivíduo e a sociedade, contudo, sem nos esquecer, por exemplo, que organismos internacionais de financiamento passaram a incentivar a participação comunitária como o meio de alcance do desenvolvimento “numa visão transformadora da sociedade que disfarça relações de poder.”⁹⁴ A participação pode favorecer o espaço público como local para exercício de democracia e da condição cidadã, no entanto, esse mesmo espaço pode também ser usado pelas classes dirigentes na formação de opinião disfarçada num processo democrático de decisão coletiva, visando interesses utilitaristas individuais, como a garantia de permanência e estabilidade dessas autoridades no poder através do populismo, ainda forte na nossa sociedade e em poderes capazes de regular a vida social e política. Segue importante entendermos as nuances do participar em seus diferentes tipos e níveis.

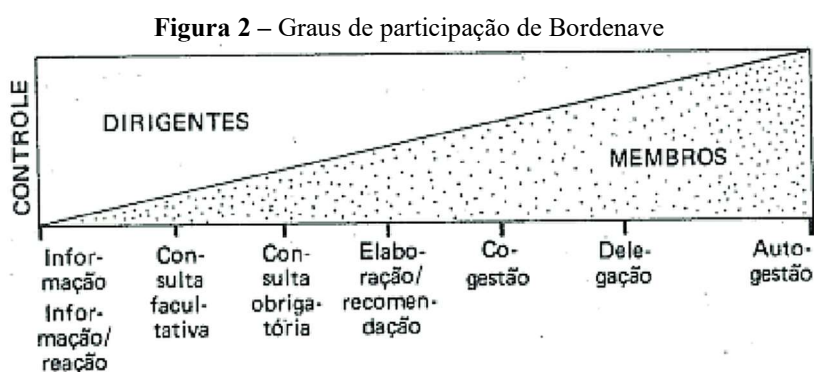
⁹⁴ SAYAGO, Doris A. V. *Op. cit.* p. 47.

3.1 TIPOS E NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO

A temática da participação já foi estudada sob diversas perspectivas e analisada utilizando métodos e com propósitos distintos. Há autores que a classificam pelo grau de envolvimento dos cidadãos, que pode ir da manipulação à participação efetiva. Outros estudiosos focam nos conflitos entre radical ou liberal, ou ainda na participação instrumental ou desenvolvimentista, sem contar outros critérios de análise.

Para Bordenave⁹⁵, a participação pode ser ativa ou passiva, distinguindo o cidadão inerte do cidadão engajado. Em relação aos tipos de formação, a participação de fato é aquela que acontece na família ou em outro grupo da vida comum, como por exemplo, os grupos religiosos. A participação espontânea ocorre em grupos sem organização estável, com propósitos claros ou definidos. A participação imposta é quando a pessoa é obrigada a fazer parte de um grupo e realizar atividades consideradas indispensáveis. Na participação voluntária, o grupo é criado pelos próprios participantes. A participação provocada é estimulada por agentes externos. E a participação concedida é parte do poder ou influenciada, sendo considerada legítima pelos seus participantes.

No esquema apresentado pelo autor, podemos ver que há uma relação bastante significativa na maneira como o controle é compartilhado entre os dirigentes e os membros do grupo, determinando o nível de participação de cada um.

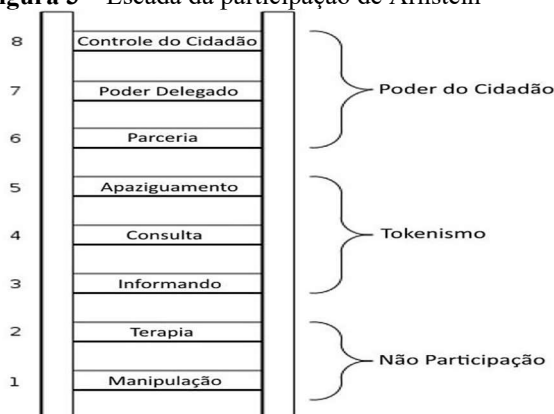


Fonte: BORDENAVE, 1994, p. 31

O grau de poder ao participar de um processo também foi escolhido por Arnstein⁹⁶ para fazer sua classificação. A Escada de Participação é organizada pela autora, graduando os níveis de envolvimento do cidadão.

⁹⁵ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.*

⁹⁶ ARNSTEIN, Sherry R. Uma escada da participação cidadã In: **Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE**: Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002

Figura 3 – Escada da participação de Arnstein

Fonte: ARNSTEIN, 1969, p. 217

Retratados pelo modelo de Arnstein, de baixo pra cima, os primeiros dois pontos não são reconhecidos como participação, apesar de haver aqueles que os consideram processos participativos pelo simples fato de envolver as pessoas, mesmo elas não tendo poder decisório. Nos degraus 3 e 4, aparecem os níveis de concessão limitada de poder, nos quais os participantes têm o direito de ouvir e serem ouvidos, porém sem a garantia de que suas opiniões serão aceitas por quem tem o poder. Nos últimos três degraus superiores, a pessoa passa a ter poder de decisão, podendo entrar na negociação com quem tem o poder ou mesmo ser parte da maioria nos fóruns para tomada de decisão.

Esse modelo demonstra que, em seu caráter efetivo, a participação não pode ser mensurada pela simples presença física dos indivíduos no processo. Para Arnstein, há ocasiões em que há a inclusão de algum modo das pessoas, mas sem terem direito de colocar seus pontos ou intervir nos processos de tomada de decisão. Segundo a linha de pensamento demonstrada nesse modelo, participar de forma efetiva é ter poder para exercer papel ativo.

Pateman⁹⁷ também coloca que há situações em que as pessoas estão presentes no processo, porém sem poder decisório, somente para serem consultados sobre alguma temática específica, podendo ser entendida como pseudo-participação. Quando a informação chega ao conhecimento de muitos, porém poucas pessoas podem decidir algo, ocorre a participação parcial. Já a participação total só acontece quando cada grupo de indivíduos tem oportunidade de contribuir com a decisão final.

Com um olhar sobre a temática da participação e os paradigmas analíticos que a envolvem, Gohn⁹⁸ traz outra maneira de compreender o conceito.

⁹⁷ PATEMAN, Carole. *Op. cit.*

⁹⁸ GOHN, Maria da Glória. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; PERUZZO, Cicília K. (orgs). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo/ Salvador: Uneb/ Intercom, 2003.

A participação liberal é aquela que demonstra o desejo de reestruturar a democracia representativa com a ampliação de canais de informação aos cidadãos e que estes possam expressar as preferências antes que as decisões sejam tomadas, sendo um instrumento que busca a satisfação das necessidades dessa sociedade de iguais. A participação autoritária diz respeito ao controle social e da política por ações vindas de cima para baixo, sendo usados meios de programas estrategicamente pensados para diminuir os embates. A participação revolucionária traz organizações coletivas com autonomia e divisão de poder político, demonstrando-se contra as relações de dominação. A participação democrática tem como fundamento a soberania popular e a participação de movimentos sociais e de organizações da sociedade civil, havendo o poder do sistema representativo pela eleição. Na participação democrática radical, a democracia representativa não é considerada democrática, por isso, é proposta a substituição por outro modelo participativo e democrático que vise o fortalecimento da sociedade civil e da construção de uma nova realidade social. As formas de participação descritas por Gohn trazem uma classificação relacionada à inclusão da sociedade nos processos de construção das políticas públicas. Há os que apresentam as pessoas como simples beneficiárias e receptoras, em outros, como convidadas a participar com opiniões ou convocadas para eleição dos seus representantes. Há, ainda, os que colocam os cidadãos como atores nos processos, devendo lutar por espaços de mais diretos nos centros de tomada de decisão.

Diferente das análises da participação, pelo nível de envolvimento das pessoas nos processos, propostas de Arnstein, Pateman e Gohn, Sayago⁹⁹ utiliza um caráter mais ideológico para entender a questão. Na participação individual o indivíduo decide de livre escolha individualmente, já na participação coletiva, as decisões são decididas em conjunto. Na participação passiva, a pessoa não interfere no processo, enquanto na participação ativa, assume-se a luta para alcançar os objetivos coletivos e solidários. Na participação voluntária, há o agrupamento de pessoas pra juntas resolverem problemas que surgem. A participação instrumental é entendida quando o propósito é para conquistar poder ou posição, sendo a população incluída, mas suas opiniões e decisões não. Diante do apresentado pelo ponto de vista de Sayago, o posicionamento do indivíduo sobre sua maneira de participar pode dizer sobre o controle e poder de decisão, que afeta sua própria condição e motiva a busca mais direta de participação.

⁹⁹ SAYAGO, Doris A. V. *Op. cit.*

Embora muitas iniciativas de participação nasçam do desejo individual ou coletivo, há situações em que a participação é usada como ferramenta para validar e legitimar interesses de grupos não correspondentes aos coletivos. Dessa forma, embora com diferentes classificações para compreender a participação, os diferentes autores apresentam a importância da inclusão da sociedade na construção das políticas públicas.

Como os demais processo sociohumanos, a participação [...] pode ser aprendida e aperfeiçoada pela prática e a reflexão. A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade, a refletir, a superar contradições reais ou aparente, a identificar premissas subjacentes, a antecipar consequências, a entender novos significados das palavras, a distinguir efeitos de causas, observações de inferências e fatos de julgamentos. A qualidade da participação aumenta também quando as pessoas aprendem a manejar conflitos, clarificar sentimentos e comportamentos, tolerar divergências, respeitar opiniões, adiar gratificações. A qualidade é incrementada quando as pessoas aprendem a organizar e coordenar encontros, assembleias e mutirões, a formar comissões de trabalho, pesquisar problemas, elaborar relatórios, usar meios e técnicas de comunicação.¹⁰⁰

Para isso, o poder concentrado precisa ser regenerado, passo a passo, a partir do poder comunicativo. Há possibilidade de desenvolvimento de um Estado democrático fundado em princípios pelos quais “o direito legítimo é produzido a partir do poder comunicativo e este último é novamente transformado em poder administrativo pelo caminho do direito legitimamente normatizado.”¹⁰¹

Concebendo a participação como partilha do poder, isto é, como participação na tomada de decisões, Paro¹⁰² considera que o autoritarismo na sociedade brasileira e seus condicionantes institucionais, materiais e ideológicos constituem a base de dificuldade da participação efetiva da comunidade, dando importância à luta pela participação coletiva e pela superação dos condicionantes do autoritarismo nas relações.

Demandamos a organização do poder público conforme os preceitos estabelecidos, sendo o direito legítimo quando instituído na administração pública. A abertura de canais de acesso que promovam essa inclusão torna imprescindível a articulação social e reivindicações junto ao governo, por meio de mobilizações sociais na conquista de espaços na gestão pública para poder participar ativamente das instâncias de tomada de decisão.

Vamos a seguir estreitar a temática, trazendo para a discussão a presença das crianças na vida pública, social e política da nossa sociedade. Assim como para outros segmentos excluídos, a participação também é um campo de luta na defesa dos interesses da infância.

¹⁰⁰ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 72-73

¹⁰¹ HABERMAS, Jurgen. *Op. cit.* p. 212.

¹⁰² PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 5. ed. São Paulo: Ed. Xamã, 2000.

3.2 A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Na década de 1990, especialmente na Europa, originaram-se muitas propostas de envolvimento de crianças nas políticas públicas, motivadas pela Agenda 21 e pela Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC).¹⁰³ Apesar do conteúdo normativo e limitado da Convenção, legitimando a participação das crianças em função da sua idade e maturidade só nos assuntos diretamente envolvidos, o documento enfatiza a importância da escuta de suas opiniões, trazendo uma nova perspectiva sobre a infância.

Com a adoção da CDC, houve um significativo investimento mundial em iniciativas criadas para oportunizar às crianças o envolvimento em preocupações comunitárias, locais, regionais, nacionais e internacionais. Havia o apoio a redes e organizações lideradas por crianças, o envolvimento na política por meio de parlamentos infantis e o estabelecimento de normas para a participação significativa e ética, assim como “compromissos explícitos para permitir o envolvimento de crianças no desenvolvimento, na implementação e monitorização de políticas e ações que afetam o cumprimento dos seus direitos.”¹⁰⁴

O entusiasmo pela ideia de participação infantil começou a aumentar e se sustentou também por uma produção teórica crescente que passou a considerar as crianças como sujeitos agentes¹⁰⁵, problematizando o conceito de infância que restringe as crianças ao “espaço privado da casa, à irracionalidade e à dependência”, em contraposição ao adulto que pertence ao “espaço público da rua, à racionalidade e à independência”.

As crianças não podem ser vistas apenas como um grupo que deve ser protegido e defendido. Oferecer proteção adequada às crianças não é requisito suficiente para garantir ou melhorar sua qualidade de vida. Criar uma sociedade que considere as crianças como cidadãs é tão importante quanto adotar medidas preventivas que evitem que as crianças se encontrem em situações nocivas ou de risco. Proteção e participação são elementos complementares do mesmo processo.¹⁰⁶

¹⁰³ <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

¹⁰⁴ UNICEF. *Op. cit.* p. 3.

¹⁰⁵ SARMENTO, Manuel Jacinto. *Op. cit.*

¹⁰⁶ BALLESTEROS, Maria Paula. ¿Una ciudad con ojos de niño? Experiencia Rosario. Proyecto Ciudad de los niños. In **V Jornadas de Jóvenes Investigadores**. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2009, p. 3-4.

No original: La Infancia no puede ser vista únicamente como un colectivo al que hay que proteger y defender. Proporcionar una protección adecuada a los niños no es requisito suficiente para garantizar, ni mejorar su calidad de vida. Crear una sociedad que considere a los niños como ciudadanos es tan importante como adoptar medidas preventivas que eviten que los niños se encuentren ante situaciones perjudiciales o de riesgo. La protección y la participación son elementos complementarios de un mismo proceso.

A proteção e a participação das crianças na sociedade, no entanto, não se encontram em equilíbrio. A vida pública foi sendo ocupada pelos adultos e as crianças foram limitadas desse convívio, sendo inseridas em ambientes privados, família e escola, que foram se tornando o lugar das crianças, com a missão de as disciplinar e as preparar para a vida adulta. Esse confinamento em lugares determinados faz parte de um sistema de proteção controlado por adultos. Tidos como apropriados ao desenvolvimento ou socialização infantis, são acompanhados por atitudes paternalistas, como “uma estranha combinação de amor, sentimentalismo, superioridade e marginalização.”¹⁰⁷

Para Jacques Delors, à educação cabe a “preparação para uma participação ativa na vida de cidadão”¹⁰⁸ e, à escola, ser “um modelo de prática democrática que leve as crianças a compreender, a partir de problemas concretos, quais são os seus direitos e deveres, e como o exercício da sua liberdade é limitado pelo exercício dos direitos e da liberdade dos outros.”¹⁰⁹ Postulado por essa perspectiva liberal, o ensino para a cidadania visa equilibrar o “exercício dos direitos individuais, fundado nas liberdades públicas”¹¹⁰ e as práticas dos deveres sociais e coletivos. Ainda, segundo Delors, “a educação dos cidadãos deve realizar-se durante toda a vida para se tornar uma linha de força da sociedade civil e da democracia. Confunde-se, até, com a democracia, quando todos participam na construção de uma sociedade responsável e solidária, respeitadora dos direitos fundamentais de cada um.”¹¹¹

Perante essa visão, podemos olhar para as crianças como seres condicionados pela sociedade e que a ela devem seus direitos e deveres. No entanto, sabemos que tendo na relação do adulto suas principais oportunidades, as crianças são muitas vezes subjugadas e têm suas potencialidades reprimidas. “O confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos produziu, como consequência, o entendimento generalizado de que as crianças estão ‘naturalmente’ privadas do exercício de direitos políticos.”¹¹²

A dominação paternalista expressa na construção social de imagens normatizadas da infância afirma que as crianças são desprovidas de racionalidade ou vontade própria e, com imaturidade social. Essas afirmações vem legitimando historicamente a recusa da cidadania infantil.

¹⁰⁷ NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. *Op. cit.* p. 740.

¹⁰⁸ DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 61.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 61.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 61

¹¹¹ *Ibidem*, p. 63.

¹¹² SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 184.

Descrevem os tipos de cidadania: “... cidadania civil (direitos de liberdade individual, de expressão, de pensamento, de crença, de propriedade individual e de acesso à justiça), cidadania política (direito de eleger e ser eleito e de participar em organizações e partidos políticos) e cidadania social (acesso individual a bens sociais básicos).”¹¹³ Discorridas essas diferenças, é possível afirmar que as crianças pouco têm sua cidadania social e civil garantidas, como espaço para participação política.

Sarmiento¹¹⁴ caracteriza os fatores de restrição da cidadania da infância em seis dimensões: a domesticação em que as crianças são supercontroladas pelos adultos; a institucionalização que relega as crianças às instituições; a insularização que diz respeito a condição da vida confinada das crianças; a dualização que apresenta as diferenças de oportunidades entre as crianças; a fragmentação das experiências possíveis na cidade; e a restrição da autonomia de mobilidade.

Os diversos impecílios apontados dificultam a participação efetiva. Sobre a concretização dos direitos sociais das crianças, são perceptíveis as restrições que evidenciam as desigualdades ao acesso e usufruto das cidades e de condições de vida urbana, do próprio direito à cidade.¹¹⁵

Para a participação efetiva, há a implicação de pelo menos três grandes condições: o reconhecimento do direito a participar; a disposição das capacidades necessárias para exercer esse direito; e a existência de espaços e meios adequados para tornar a participação possível. No caso das crianças, além dessas três dimensões, há ainda mais uma complexidade, uma vez que estão dependentes dos adultos e de representações que eles possuem acerca do direito de participação das crianças e das condições para que isso aconteça.

Nascimento questiona como pensar em possibilidades de participação das crianças na cidade, visto que:

[...] os detentores do poder e responsáveis políticos das cidades não demonstram receptividade a ouvir as preocupações e demandas das crianças, normalmente vistas apenas como um subproduto dos pais, dos adultos produtivos – e eleitores. Elas permanecem “invisíveis”, não consideradas como seres sociais de pleno direito.¹¹⁶

Contudo, apesar das diversas dificuldades, não há apenas fatores de restrição de direitos nas cidades. Ainda é possível, pelas características relacionais e espaciais urbanas, encontrar contextos de potenciação dos direitos das crianças.

¹¹³ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 186-187, grifos nossos.

¹¹⁴ SARMENTO, Manuel Jacinto. *Op. cit.*

¹¹⁵ LEFEBVRE, Henri. Sobre a forma urbana, *In: O direito à cidade*. Editora Centauro. São Paulo: 2011.

¹¹⁶ NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. *Op. cit.* p. 745.

Pode-se pensar nas cidades como local para gestão expressada numa nova institucionalidade, com base na ação coletiva em busca de uma democracia mais efetiva. Ressalta-se a urgência de atualizar princípios éticos-políticos da sociedade brasileira, fortalecer o acesso à informação e a uma interação mais transparente, a fim de eliminar abusos de poder existentes.

Devemos lembrar que a participação é um direito e, portanto, um ato democrático que deve ser exercido nos contextos mais diversos. Precisamos ponderar e considerar sempre a complexidade das relações de poder que influenciam as práticas sociais, inclusive intergeracionalmente. Sobre isso, Moss reforça:

Participação democrática é um meio através do qual crianças e adultos podem participar com outros na tomada de decisão [...] e ainda, um meio para se opor ao poder e ao controle, bem como a formas de opressão e de injustiça que, necessariamente, derivam de um exercício limitado de poder.¹¹⁷

As crianças precisam ser entendidas como importantes na construção da sociedade, pois desempenham no momento presente de suas vidas um papel nas instituições das quais fazem parte e suas ações impulsionam mudanças. São agentes ativos capazes de, por meio singular de suas ações e apropriações do mundo, alterar a estrutura social, fazendo diferença nas relações e produzindo cultura.¹¹⁸

Tendo por base essa concepção, as referências que colocavam os adultos numa posição hierárquica consolidada, como únicos possuidores de conhecimento, e as crianças em uma posição passiva e silenciada, ficaram negociáveis, gerando mais oportunidades de cidadania infantil.

A cidadania corresponde, por definição, a um estatuto político, confinado ao espaço nacional, embora o cidadão veja reconhecida a sua pertença à comunidade não apenas pelo vínculo que com ela estabelece e que lhe permite o usufruto de direitos cívicos e políticos, mas também em consequência da sua própria condição individual, que lhe atribui direitos individuais de natureza social (protecção, alimentação, educação, saúde, etc.). O estatuto de membro da comunidade impõe, ao mesmo tempo, obrigações e deveres do cidadão para com a comunidade.¹¹⁹

Cada cidadão precisa se responsabilizar pelos problemas globais e entender que a importância de se envolver com aqueles que estão ao seu redor.

¹¹⁷ MOSS, Peter. La democrazia in educazione. In: **Revista Bambini**. Azzano, San Paolo, Itália: Edizione Júnior, mar. 2008, p. 11.

¹¹⁸ SARMENTO, Manuel Jacinto. *Op. cit.*

¹¹⁹ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 186.

Formular uma visão comum de futuro a partir de experiências, conhecimentos, desejos e ideias da população local, pode ativar a participação e efetivar a noção de corresponsabilidade, pré-condição básica para obter o desenvolvimento local sustentável.

No Brasil, muitas vezes, programas de planejamento e desenvolvimento urbano não consideram a maneira de vida e a opinião dos moradores locais, particularmente das crianças, em suas formulações e implementação. Investimentos feitos sem envolver a comunidade, normalmente, geram espaços inapropriados ou que não são conservados pelos usuários. Esse ponto se intensifica ainda mais quando falamos de periferias e favelas. Desse modo, para o poder público, é requisitado procurar meios para o diálogo na cidade com os moradores, promovendo uma escuta que efetivamente esteja interessada em incorporar as sugestões no planejamento dos lugares que frequentam e onde vivem, inclusive das vozes infantis.

Entendemos que, assim como os adultos, as crianças produzem e são reproduzidas pelo ambiente e pela materialidade que compõem a estrutura das cidades. Elas se reconhecem e estabelecem seu lugar a partir de um espaço que sofre rupturas e mudanças. Assim as imagens produzidas pelas crianças sobre si e sobre o que vivem também podem sofrer transformações. Isso deve ser levado em conta quando pensamos na viabilidade da participação infantil, de maneira que suas necessidades e opiniões sejam contempladas tanto no planejamento das políticas públicas quanto em projetos de infraestrutura nos ambientes urbanos e equipamentos direcionados a elas.

Para Tonucci¹²⁰, é necessário tomar a criança como parâmetro social e colocá-la nos processos de mudança para a construção de um novo modelo urbano. Apesar de não serem consultadas, as crianças têm opiniões fundamentadas sobre como querem a sua cidade. Sarmiento, apresenta a tematização da infância na cidade como reveladora social, ou seja, “... a possibilidade de aceder a um conhecimento único sobre a sociedade, a partir do estudo das crianças e da análise das suas percepções, representações e perspectivas sobre a vida em comum.”¹²¹

A participação pode ser definida como “um processo contínuo de expressão de crianças e envolvimento ativo na tomada de decisões a todos os níveis em matérias que lhes dizem respeito. Requer partilha de informações e diálogo entre crianças e adultos com base no respeito mútuo, e requer que as suas opiniões sejam plenamente consideradas.”¹²²

¹²⁰ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.*

¹²¹ SARMENTO, Manuel Jacinto. *Op. cit.* p. 233.

¹²² UNICEF. *Op. cit.* p. 5.

A participação infantil é um tema crescente em diversas áreas. O campo de estudo sobre a criança vem buscando consolidar a sua importância e o reconhecimento da sua identidade, de seu lugar na vida social e política, além da potencialidade de expressar suas opiniões.

Nascimento, no entanto, ainda diz “cada vez que olho ao redor, constato que a cidade não considera as crianças” e continua:

Perguntava às pessoas do grupo com quem ia trabalhar o que lembravam que era apropriado para crianças na rua onde moravam, por exemplo, ou no caminho entre a casa e o trabalho, entre a casa e a faculdade. Alguns diziam que havia um parque, ou uma escola, ou que viam o playground de um edifício. Era, então, que fazia a provocação: alguém frequenta uma padaria? Como é seu balcão? É possível uma criança comprar pão, sem subir num banquinho ou pular? Quem costuma tomar ônibus? Qual é a altura dos degraus? Acham que é adequada à entrada de crianças? As faixas de segurança para atravessar as ruas: a altura do botão que permite que os pedestres acionem o semáforo é adequada à altura das crianças? Pensem ainda nos telefones públicos - que parecem obsoletos atualmente, mas que prestaram um grande serviço de comunicação -: qual criança poderia utilizá-los antes de serem difundidos os ‘orelhões’ para cadeirantes?¹²³

Figura 4 – A criança que é sempre vista de cima



Fonte: FRATO (1973)

A presença de equipamentos urbanos, de espaços para sociabilidade, cultura e lazer, de disponibilidade para crianças não ocorre de maneira igualitária. Faltam espaços urbanos públicos, tais como brinquedotecas, parques, bibliotecas, pracinhas, teatros, museus, creches nas mais diversas áreas da cidade. Nas periferias, há ainda outros fatores que não favorecem a vida dos seus habitantes e tornam a vida das crianças ainda mais vulnerável: a deficiência nos serviços de coleta de lixo, a precariedade de saneamento básico, a falta de água limpa encanada, ou seja, de itens essenciais para a qualidade de vida. Esses aspectos são importantes, já que os bairros são os primeiros ambientes explorados pelas crianças e a base para que elas descubram a cidade.

¹²³ NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. *Op. cit.* p. 738.

Os passeios pelos ambientes públicos do bairro, a interação com famílias e a comunidade são essenciais para o desenvolvimento infantil. As crianças conquistam visibilidade na cidade na medida em que os passeios são realizados, em que há o deslocamento até a creche ou a escola, em que ocupam com sua presença espaços públicos, como praças e outros locais para socialização.

As crianças estão num mundo construído e organizado em relações materiais, emocionais, sociais e cognitivas que estruturam o cotidiano de suas vidas e as relações com tudo o que está a sua volta. É nessa contextualidade que vão se constituindo como crianças e criando sua identidade como membros de um grupo social. Não devemos dizer que apenas incorporam a cultura, de maneira passiva, imposta pelos adultos, mas que como sujeitos interagem com o mundo, criam formas próprias de interpretá-lo e de agir sobre a realidade. O contexto não apenas atua delimitando suas ações, mas também pode apresentar novas possibilidades.

Nos espaços públicos vemos se desenvolver manifestações, violência, conflitos, celebrações. Para as crianças que estão nessa urbanidade, a definição de condições de uso e acesso, no caso de lazer e sociabilidade, acontecem a partir das políticas quanto pelas especificidades culturais e socioeconômicas. Pode-se entender que a casa e a escola são como pontos de partida e destino, a rua vai guardando marcas desse trajeto da mesma maneira em que pode expressar agressividade e abandono. Além disso, calçadas, esquinas, espaços vazios e cantos podem ser ao mesmo tempo interessantes e convenientes. Espaços públicos e não especializados podem proporcionar uma diversidade de experiências e permitir que crianças tomem suas próprias decisões, não sendo influenciadas pela determinação de como devem ou não utilizar cada lugar.¹²⁴

As crianças, como cidadãs, ao estarem envolvidas nos assuntos que mais lhes afetam podem desenvolver suas capacidades discursivas e as diversas maneiras de expressar suas opiniões, assim como partilhar seu modo de compreender o mundo que as cerca. Para efetivar o direito à participação, é preciso oportunizar espaços para que elas compartilhem seus olhares sobre os espaços onde vivem. Os pequenos têm muito a dizer, mas fazem isso com suas múltiplas linguagens e em tempos diferentes dos adultos.

¹²⁴ NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. *Op. cit.*

Tipos de participação infantil e a importância da escuta

No intuito de ampliar o entendimento sobre a participação infantil, seguimos apresentado as formas como as crianças são envolvidas nos processos de participar e a escuta como maneira para efetivar o envolvimento infantil nos diversos segmentos da sociedade.

A participação pode assumir diferentes formas e envolver as crianças de maneiras e níveis diversos. A UNICEF¹²⁵ aponta que três abordagens gerais sobre a integração da participação de crianças durante os processos. Cada uma delas oportuniza um grau diferente para as crianças influenciarem as decisões que as afetam, sendo que cada uma dependerá das circunstâncias em que estão inseridas.

Na participação consultiva, os adultos reúnem, pelas expressões das crianças, conhecimentos para compreender suas vidas e experiências. É iniciada por adultos, sendo liderada e gerida por eles, o que não possibilita às crianças controlarem os resultados. Apesar de não haver a transferência dos processos de tomada de decisão para as próprias crianças, a participação consultiva reconhece as competências e perspectivas das crianças.

A consulta é um meio apropriado de permitir às crianças expressarem as suas opiniões a quando da realização de pesquisas, em processos de planeamento, no desenvolvimento de legislação, políticas ou serviços, em decisões que afetam as crianças individualmente no seio da família, em cuidados de saúde ou educação, ou quando as crianças são testemunhas em processos judiciais ou administrativos.¹²⁶

A participação colaborativa oferece um grau maior de parceria crianças e adultos. Há a possibilidade de um envolvimento ativo nas decisões, em qualquer fase (iniciativa, projeção ou execução). É iniciada por adultos, mas envolve a parceria com crianças, empoderando-as para influenciar ou desafiar tanto os processos quanto os resultados. Nesse tipo de participação, níveis crescentes de ação auto-direcionada por crianças devem acontecer.

A participação colaborativa pode incluir o envolvimento de crianças na concepção e realização de pesquisa, desenvolvimento de políticas, educação e aconselhamento entre pares, participação em conferências ou representação em direções ou comitês. As decisões individuais na família, em educação e em cuidados de saúde também podem ser colaborativas em vez de consultivas, envolvendo crianças de uma forma mais plena em processos de tomada de decisão.¹²⁷

¹²⁵ UNICEF. *Op. cit.* 2014.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 48.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 49.

Na participação liderada por crianças, elas têm espaço e oportunidade de iniciar atividades e de se defenderem. As questões de preocupação são identificadas pelas próprias crianças e os adultos trabalham como facilitadores em vez de exercer liderança. As crianças têm o controle do processo.

As crianças podem iniciar ações como indivíduos [...]. Também podem iniciar uma ação como cidadãos ativos através do estabelecimento e da gestão das suas próprias organizações para fins de análise política, defesa e consciencialização; através da representação e educação entre pares; e através do uso e acesso aos meios de comunicação. O papel dos adultos na participação liderada por crianças é agir como facilitadores para permitir às crianças alcançar os seus próprios objetivos, facultando informações, aconselhamento e apoio.¹²⁸

Podemos relacionar a escuta infantil com dar voz, observar, perceber, favorecer autonomia, tendo todos eles o mesmo intuito: reconhecer a criança como sujeito capaz, pleno e dotado de subjetividades que a tornam um legítimo ator social, um sujeito de direitos. Assim, o desafio maior é como considerar, nos mais diferentes ambientes da sociedade (na escola, em casa, na família, na comunicação midiática), todos os fatores relacionados às infâncias. A formação das novas gerações deve estar ligada diretamente à sensibilidade de percepção da escuta infantil como imprescindível para a construção de uma relação mais plena e saudável com as crianças. Ainda, no entanto, é comum que os adultos envolvidos (pais, professores e cuidadores) vejam o conceito de escuta como permissividade, desconsiderando a importância antes mesmo de tentar levá-la à prática.

Escutar os pequenos tem a ver com uma mudança de atitude e da postura de quem se põe a escutar. É necessária a compreensão que cada criança tem interesses, um repertório próprio, potências e necessidades únicos, para compreender que nós adultos podemos também nos surpreender e aprender com elas. Para isso, é preciso aceitação e abertura às descobertas, sem pretender, a todo momento, fazer correções ou imposições, tão própria a quem está acostumado a deter o poder.

A importância da escuta infantil leva a conhecer as crianças em sua essência única, compreendendo seus canais expressivos mais significativos e únicos para cada uma: expressão corporal, gestual, o movimento, expressões plásticas, expressão musical, oralidade ou escrita. E para todas as crianças: a brincadeira, o desafio e a oportunidade de livre imaginação.

Escutar é diferente de ser permissivo. Quando o adulto escuta a criança, esta também aprende a escutar. Se há o respeito do adulto pela criança, esta também aprende a respeitar. Escutar não significa concordar com tudo o que o outro diz, mas acolher seus sentimentos e seu ponto de vista, podendo conhecer melhor o outro. E esse é um aprendizado mútuo.

¹²⁸ UNICEF. *Op. cit.* p. 50.

Escutar não é responder a todas as demandas ou expectativas da criança, mas fazer do diálogo um maneira para que o adulto também se coloque, seja escutado e discuta os limites, de acordo com cada situação, pois o adulto continua responsável pela criança em cada momento da sua vida. Contudo, saber escutá-la pode enriquecer e transformar a maneira pela qual a compreende e seu próprio ponto de vista em relação à infância e ao entendimento de mundo.

Vale também dizer que escutar a criança não é estar a todo o momento fazendo perguntas, mas garantir abertura para o entendimento do que ela está expressando, não somente pela fala, mas de outras formas espontâneas, como quando brincam, fazem escolhas ou rejeitam alguma colocação feita pelos pares ou por adultos.

Quando fazemos perguntas às crianças, na maioria das vezes, elas respondem conforme o que o adulto quer ouvir, demonstrando o quanto são espertas e buscam aprovação. Procurando estratégias mais eficazes, pensamos em questões mais abertas, nas quais as crianças possam responder mais genuinamente e de maneira livre. O adulto também precisa estar aberto para observar as livres expressões infantis, as brincadeiras, a diversidade, já que as narrativas se constroem na experiência espontânea da criança. Cada contexto (família, escola ou comunidade) tem diferenças e características singulares a respeito de cada criança, fatores essenciais para repensar o que é necessário oferecer a cada agrumento ou individualmente.

Se as crianças têm de ter voz, precisam de acesso a informação, tanto atempada como apropriada à sua fase intelectual de desenvolvimento. As próprias crianças têm de ser consultadas quanto aos meios mais eficazes e apropriados de disseminação de conhecimento dos seus direitos perante elas próprias, outras crianças, os seus pais e outros.¹²⁹

Tanto por saber que as crianças estão em permanente crescimento e desenvolvimento, passando por mudanças cotidianas de comportamento e sensíveis a tudo que se passa em seus meios, quanto por toda a complexidade que diz respeito ao ser humano, só é possível o avanço, se nos apoiormos em abordagens baseadas no diálogo multissetorial e transdisciplinar.

“Na busca de uma ruptura com a lógica adultocêntrica, estudiosos defendem a perspectiva de estudos que pensem nas crianças, nos seus contextos, nos modos como negociam e interagem em grupos, ou seja, o que se passa entre elas, procurando os significados que constroem”¹³⁰ Assim, inserir metodologias e espaço de escuta infantil nas diversas instâncias de governo, principalmente no poder municipal, é um início. No entanto, para que a escuta seja de fato revertida em participação, é fundamental que o diálogo entre as crianças e o poder público seja contínuo e fluído.

¹²⁹ UNICEF. *Op. cit.* p. 13.

¹³⁰ RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Participação de crianças pequenas na organização de práticas cotidianas da educação infantil: do direito às possibilidades. In: SANTOS, Marlene Oliveira dos & RIBEIRO, Maria Izabel Souza (org.). **Educação Infantil: os desafios estão postos e o que fazemos.** Salvador, BA: Sooffset Gráf. e Edit. Ltda., 2014, p. 232.

3.3 PROJETOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

A participação das crianças não é só um direito em si, segundo a UNICEF, mas também “um pré-requisito para o exercício de todos os outros direitos no seio das suas famílias, nas escolas e no contexto comunitário mais amplo.”¹³¹ São muitas as iniciativas de projetos com essa finalidade.

Com os novos paradigmas sobre a infância, há muitas recomendações internacionais para a participação das crianças e a escuta no planejamento de políticas públicas. A UNICEF faz o incentivo por diversos programas para que as opiniões infantis sejam refletidas em leis, políticas e orçamentos.

Outra iniciativa foi a promoção de cidades amigas das crianças, de 1996, definidas como “qualquer sistema local de governança [...] comprometido com a realização dos direitos da criança, nos termos da Convenção” [...], proposta considerada “um grande passo rumo à participação mais plena e significativa da criança nas decisões comunitárias que a cercam.”¹³²

Da Holanda, a iniciativa Urban95 da Fundação Bernard van Leer pretende promover mudanças nos espaços públicos e nas oportunidades para os primeiros anos da vida das crianças.

A partir da questão “Se você pudesse vivenciar uma cidade a uma altura de 95 cm – a altura média de uma criança saudável de 3 anos – o que você faria de diferente?”, a Urban95 desenvolve projetos em diferentes cidades. Motivada por estudos que apontam uma grande importância nos primeiros cinco anos de vida das crianças, busca maneiras de “promover mudanças duradouras nos cenários e oportunidades” da vida das crianças.¹³³

As cidades são educativas por si mesmas, mas vão se tornando educadoras a partir do momento que assumem a intenção consciente de que suas propostas emerjam atitudes, convivências, gerando novos valores e conhecimentos. Essa ideia das Cidades Educadoras também estabelece relações entre crianças, adultos e as cidades. Segundo, Nascimento:

[...] são vistas como um amplo projeto educativo, que ultrapassa a escola e a educação formal, e incorpora intervenções não formais e informais, com vistas a que todos os cidadãos eduquem e sejam educados nas relações comunitárias. Ou seja, cidadania e educação são experiências pertinentes a crianças e adultos nas cidades.¹³⁴

O projeto Cidade das Crianças, já apresentado anteriormente, é uma rede de origem italiana que envolve diversas cidades a fim de repensar o espaço urbano, estabelecendo um novo parâmetro.

O projeto, iniciado em 1991, está baseado nas crianças, compreendidas como elemento fundamental das cidades, onde poderão participar da construção e da modificação dos espaços urbanos. Em síntese, o projeto propõe que as crianças se apropriem do meio urbano, recuperando formas de brincar e de se movimentar com autonomia, ocupando seu espaço na cidade.¹³⁵

¹³¹ UNICEF. *Op. cit.* p. 6.

¹³² NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. . *Op. cit.* p. 746.

¹³³ *Ibidem*, p. 746-747.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 746.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 746.

Todas essas iniciativas defendem a inclusão da participação das crianças na vida pública local, principalmente pela municipalidade, criando sistemas e estruturas que atendam as prioridades e ideias desse grupo social. Os mecanismos para incorporar a participação infantil na realidade social devem manter em consideração as demandas e especificidades das crianças em seus contextos histórico-culturais. Nas palavras de Tonucci: "Para os gestores que têm pouco dinheiro, sempre aconselho investir nas crianças, porque hoje não existem outras formas de investimento mais lucrativas!"¹³⁶

Existem repercussões positivas ao envolver crianças na governança das cidades. A participação abre espaço para atuação ativa dos sujeitos, com expressão direta dos desejos e necessidades. A participação na vida da cidade é um momento educacional fundamental para as crianças.¹³⁷

Sarmiento¹³⁸ apresenta fatores que podem favorecer e atingir políticas que sejam orientadas pelo bem-estar das crianças, visando a cidadania infantil na cidade. Personalização: diz respeito a atribuir ao espaço um valor simbólico destinado às crianças. Affordance: visa a reportar a oportunidade que o meio ambiente ou os objetos oferecem para a construção da personalidade e das ações dos sujeitos. Experiência: está na capacidade humana de se relacionar com o real, aprendendo e expondo por meio das múltiplas linguagens, incorporando o conhecimento historicamente construído com a incorporação de novos saberes. Intergeracionalidade: quando intencionalizada, há adoção de políticas públicas urbanas que garantam a abertura da cidade à participação de todos e as dificuldades entre gerações podem ser superadas. Urbanidade: no sentido de uma participação comunitária, preocupada com o presente e com futuro, na qual as relações são recíprocas e firmadas no convívio e na sustentabilidade.

Os fatores apresentados por Sarmiento estimulam nosso interesse na verificação de formas possíveis para a escuta de crianças e maneiras de tornar efetiva sua participação nos meios em que está presente. Ainda existem inúmeras dificuldades para que isso ocorra, algumas já foram apresentadas, outras ainda serão melhor trabalhadas. Diante desses pontos e, das potencialidades sobre a participação infantil e a presença das crianças na cidade, vamos seguir com a apresentação da pesquisa realizada com o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP, começando pela descrição do percurso metodológico trilhado.

¹³⁶ TONUCCI, Francesco. **Ciudades a escala humana: la ciudad de los niños**, p. 160.

No original: "¡A los administradores que tienen poco dinero, siempre les aconsejo invertirlo en los niños, porque, en la actualidad, no hay otras formas de inversión más rentables!"

¹³⁷ HART, Roger A. La participación de los niños: de la participación simbólica a la participación auténtica. In: **Ensayos Innocenti**, n. IV, 1993.

¹³⁸ SARMENTO, Manuel Jacinto. *Op. cit.*

4 O *COMITÊ* E AS CRIANÇAS

TODOS TÊM DEZ ANOS!



FRATO, 1993

Apresentamos um estudo sobre *cidade e crianças*, assim como sobre *participação*, em especial, a infantil. Para falar sobre a cidade, refletimos a busca das pessoas por melhores condições de vida, sendo que muitas ainda vivem em condições periféricas na sociedade. Vimos que a relação com os espaços urbanos, muitas vezes, é baseada no medo e na superproteção, o que leva a um isolamento físico como também a uma maneira de enxergar o mundo. Na especialização urbana, limitamos nossa convivência, afastando os diferentes. Para contrapor essa segmentação, apresentamos algumas iniciativas e projetos que trazem como objetivo uma maneira diferente de organizar cidades, tendo como norte as crianças.

Um desses projetos é a iniciativa internacional *Cidade das Crianças*, da qual, Jundiaí é uma das cidades participantes, tendo sido incorporada na rede latino-americana em 2018. Uma das ações do projeto é a composição do *Comitê das Crianças*.

Tendo feito uma trajetória na educação pública municipal e trabalhos anteriores desenvolvidos sobre a participação de famílias nas escolas, vimos no *Comitê das Crianças* uma oportunidade de investigação sobre a participação e a escuta das vozes infantis. Ao trazer essas temáticas, visamos entender como se dá o processo dentro da organização de políticas públicas da cidade. Esse estudo pode fornecer indícios para melhores relações com as crianças por diversas instituições, inclusive as escolares.

Ao iniciar a pesquisa científica, fizemos consultas e estudos bibliográficos, tendo principalmente no acervo digital, uma base para leitura dos temas investigados. As novas tecnologias oportunizam e democratizam o acesso às informações, contudo, o crivo na seleção requer um olhar cuidadoso sobre a fonte e os dados apresentados.

Lendo sobre pesquisas com crianças, a preocupação com questões éticas mostraram-se muito recorrentes. Ao lidar com essa faixa geracional que culturalmente precisa seguir as instruções e não tem espaço para colocar suas opiniões e desejos, devemos manter alerta o olhar que entende as crianças como cidadãs de direito, que sabem o que querem e têm muito a expressar, podendo inclusive decidir participar ou não de diversas situações, dentre elas a pesquisa. Aprofundamos essa questão, tanto por leituras quanto na prática de compor um projeto para aprovação da pesquisa pelo comitê de ética da Plataforma Brasil.

Dessa forma, partimos do entendimento que a aplicação de processos metodológicos de investigação é necessária ao desenvolvimento de estudos, demonstrando ser diferente da pesquisa de rotina, pois requisita uma investigação mais apurada e alinhada com as normas técnicas vigentes. Frente a essa complexidade e para tornar visível o processo desta pesquisa, apresentamos o planejamento e as estratégias.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Como mencionado, o processo de aprovação do projeto pela Plataforma Brasil¹³⁹ foi importante para refletir sobre as questões éticas envolvidas na composição metodológica da pesquisa. Foram várias idas e vindas, via sistema, consultas por e-mail e retornos telefônicos, para alinhar o projeto com as normas técnicas¹⁴⁰. Esse processo de construção, possibilitou maior clareza sobre a importância da coerência em todas as fases do trabalho. Dessa forma, utilizamos os elementos aprovados para caracterizar a pesquisa.

Hipótese

Para alcançar políticas públicas que tenham a infância como prioridade em todos os âmbitos (familiar, escolar, da saúde, assistência, lazer, entre outros) é preciso promover a participação infantil. Ao entender que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado, buscamos formas de mediação e outros pontos importantes que auxiliem os adultos na interação com as crianças. Temos como hipótese que, por meio da organização intencional, mas flexível, seja possível garantir o exercício da participação e da escuta atenta às vozes infantis por suas múltiplas linguagens, apontando maneiras de validar a potência das crianças.

Objetivo Primário

Utilizar o *Comitê das Crianças* – projeto *Cidade das Crianças* – da cidade de Jundiaí-SP, como um laboratório da participação infantil, verificando mediações e outros pontos que possam favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes.

Objetivo Secundário

Relacionar as ações e a representação do *Comitê das Crianças* com os princípios do projeto *Cidade das Crianças*, de Jundiaí, gerando um mapa conceitual coletivo feito com e pelas crianças de maneira a registrar o processo de participação e auxiliar nas proposições infantis em relação a políticas públicas do município.

¹³⁹ Acesso: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>

¹⁴⁰ Nº CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) desta pesquisa: 24951719.7.0000.5663

Metodologia Proposta

Desenvolvemos uma pesquisa participante na qual o envolvimento da pesquisadora com os responsáveis e os participantes do projeto pôde acontecer em momentos de planejamento, execução e avaliação do trabalho realizado.

Como composição do campo, o *Comitê das Crianças* foi nosso laboratório para a pesquisa sobre a participação infantil. Composto, através de sorteio, por 24 crianças (entre 9 e 11 anos), representantes das diversas regiões da cidade, inscritas voluntariamente. Mais à frente, detalhamos as informações como parte da caracterização dos sujeitos.

Como critérios de exclusão, permitimos que qualquer participante a qualquer momento solicitasse o não envolvimento com a pesquisa ou, em casos de não comparecimento seguidos às reuniões do *Comitê*, a exclusão foi automática com consulta às crianças.

Em casos de desistências, como critérios de inclusão, seriam convidadas as crianças que constavam na lista de suplentes e seus familiares. No entanto, devido à pandemia, não foi feito esse processo de chamamento em 2020. Contudo, foram aceitos novos responsáveis técnicos envolvidos com o projeto *Cidade das Crianças* durante o período, já que estes estavam ativos em suas funções.

Apesar desta pesquisa não prever riscos, os participantes foram orientados a não participar do estudo se houvesse qualquer dúvida ou desconforto não resolvidos. Garantimos não colocá-los em situação de constrangimento e que a qualquer momento pudessem desistir do convite ou não participar mais da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

Como benefício, os participantes puderam aprofundar suas experiências e reflexões sobre a participação infantil, assim como colaborar com a produção de conhecimento em relação à infância e com proposições para políticas públicas.

Para a realização deste trabalho, a pesquisadora escolheu desenvolvê-lo na cidade em que exerce função na Unidade de Gestão de Educação, por encontrar possibilidade de entrada no Campo e acesso a informações e pessoas envolvidas.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

Esta pesquisa foi realizada no *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP.

Conforme dados do IBGE¹⁴¹, sobre o município, sua área territorial corresponde a 431,207 km², tem população estimada em 423.006 pessoas, densidade demográfica de 858,42 hab/km², a escolarização de 6 a 14 anos atinge 98,2 % e o IDHM (Índice de desenvolvimento humano municipal) é de 0,822.

No Observatório Municipal¹⁴², encontramos outros dados apresentados por indicadores, presentes no Plano Plurianual (PPA) e no Plano de Governo, podendo ser acessados, como taxa de mortalidade infantil (7,23), a quantidade de matrículas (36.119 crianças entre 0 a 10 anos), entre outros.

Pelo GeoJundiaí¹⁴³, é possível acessar o mapa com os equipamentos públicos da cidade agrupados por bairro, assim como outras informações.

O mapa da Divisão Regional foi utilizado, tendo como base o Plano Diretor, para a composição do *Comitê das Crianças-2020*. Nele a cidade é dividida em 7 regiões, como uma delas é praticamente ocupada pela Serra do Japi, não foi considerada na organização para a seleção de representantes do *Comitê das Crianças*.¹⁴⁴

Mapa 1 – Divisão Regional de Jundiaí-SP – Plano Diretor



Fonte: <https://planodiretor.jundiai.sp.gov.br/>, 2000.

¹⁴¹ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/jundiai.html>

¹⁴² <https://observatorio.jundiai.sp.gov.br/>

¹⁴³ <https://geo.jundiai.sp.gov.br/geojundiai/>

¹⁴⁴ A escolha dos participantes e a caracterização dos sujeitos da pesquisa serão apresentadas a seguir em *O PERCURSO DA PESQUISA*.

4.3 O PERCURSO DA PESQUISA

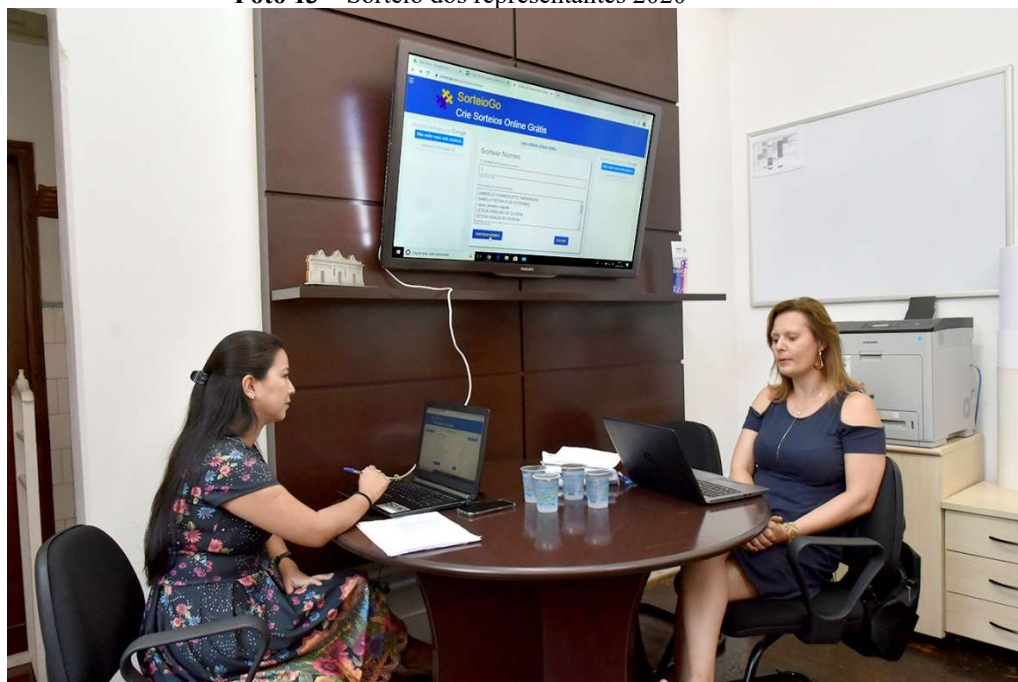
Ainda em 2019, foi possível acompanhar alguns momentos do *Comitê das Crianças*, com o intuito de revisar o projeto de pesquisa e verificar primeiras necessidades, como documentações e referências.

Após pesquisa bibliográfica inicial com levantamento de informações sobre o projeto *Cidade das Crianças*, dos conceitos sobre criança e infância, de estudos sobre participação (em especial, a infantil) e relações com a cidade, houve a apresentação da intenção de pesquisa para uma das gestoras responsáveis pelo projeto *Cidade das Crianças* em Jundiá, a fim de conseguir a autorização para realização do estudo.

Para registro na Plataforma Brasil, foi necessário atender a várias exigências documentais, como autorizações iniciais (de responsável pela instituição pesquisada e de responsável pela instituição pesquisadora), projeto com ajustes prevendo questões éticas já apresentadas, formulários de TCLE, TALE, roteiros de entrevistas e questionários.

Após aprovação do comitê de ética pela Plataforma Brasil, como marco da entrada em campo para coleta de dados, realizamos o acompanhamento do processo de inscrição e sorteio, no início de 2020, para compor a segunda turma do *Comitê das Crianças* em Jundiá.

Foto 13 – Sorteio dos representantes 2020



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiá

Em 18 de março de 2020, foi realizado o sorteio¹⁴⁵, no Complexo Fepasa, sede da Unidade de Gestão de Cultura da cidade, utilizando um aplicativo automático, sendo transmitido ao vivo pelas redes sociais da prefeitura. Também foi disponibilizado o acompanhamento presencial, mas não houve nenhum comparecimento.

Devido ao início da pandemia da Covid-19 e da suspensão das atividades presenciais, após consulta aos responsáveis e às crianças, foi decidido que as reuniões do *Comitê das Crianças* começariam de maneira virtual, utilizando o aplicativo Zoom.

Nesse momento, decidimos também manter o andamento da pesquisa, acompanhando o formato proposto, de maneira a seguir o cronograma. Como se tratou de um período inédito, surgiram algumas dúvidas, uma vez que os encontros presenciais estavam impossibilitados: Como obter a autorização dos participantes? Como fazer as entrevistas? E como ficariam os demais registros (fotos, vídeos, desenhos...)? Foi um período de muitas incertezas, inclusive do tempo que se manteriam as restrições. Algumas decisões foram tomadas de pronto, outras, no entanto, somente foram possíveis durante o processo e a busca por alternativas e instrumentos tecnológicos.

Para a formação do grupo participante da pesquisa, seguimos o formato virtual. Inicialmente, a pesquisadora gravou vídeos de apresentação e esclarecimento sobre as informações necessárias e enviou, via Whatsapp, aos técnicos representantes do *GT Criança na Cidade*, aos mediadores do *Comitê das Crianças*, aos responsáveis pelas crianças e às crianças, para participarem da pesquisa. Foi feita também a apresentação para os adultos do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e para as crianças do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido)¹⁴⁶. Na dificuldade de entregar os termos físicos, optamos por utilizar o Google Formulário como aplicativo para disponibilizar os documentos e colher as autorizações necessárias. Como compromisso com o anonimato dos participantes, cada um deles foi identificado com um código, sendo CCC (Criança do *Comitê das Crianças*), RCC (Responsável por Criança do *Comitê*), MCC (Mediador do *Comitê das Crianças*) e TCC (Técnico do *Criança na Cidade*)

O Google Formulário também foi utilizado para enviar um questionário e reunir informações (idade, região da cidade, profissão, escolaridade, lugares conhece ou frequenta na cidade) sobre os participantes da pesquisa que serão detalhadas na caracterização dos sujeitos.

¹⁴⁵ <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/03/18/sorteio-compoe-o-comite-das-criancas-2020-com-novos-integrantes/>

¹⁴⁶ Os modelos do TALE e TCLE constam nos Apêndices.

4.3.1 Caracterização dos sujeitos

No total, houve 103 inscrições válidas para o sorteio de representantes para o *Comitê das Crianças*, sendo 72 de alunos da rede municipal de ensino e 31 da rede privada. As 24 vagas foram preenchidas, tendo sido seis de integrantes reconduzidos¹⁴⁷ da composição de 2019 e 18 novos sorteados por região. Houve desistência de dois representantes sem reposição, devido à pandemia, por isso, esta pesquisa contou com 22 crianças participantes. As crianças foram convidadas a preencher um questionário via Google Formulário. Todas aceitaram o convite.

Quadro 1 – Crianças participantes do “*Comitê das Crianças* - 2020”

Código	Região de Jundiaí	Idade	Situação em 2020	Sexo	Raça	Escola
CCC-01	6	11 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-02	4	10 anos	<i>Veterana</i>	M	Branca	Particular
CCC-03	4	10 anos	Ingressante	F	Parda	Pública
CCC-04	3	10 anos	<i>Veterana</i>	F	Preta	Pública
CCC-05	5	10 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-06	1	9 anos	Ingressante	M	Branca	Pública
CCC-07	1	10 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-08	4	10 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-09	2	11 anos	Ingressante	M	Branca	Pública
CCC-10	2	10 anos	Ingressante	M	Branca	Pública
CCC-11	6	11 anos	Ingressante	F	Parda	Pública
CCC-12	1	11 anos	Ingressante	M	Preto	Pública
CCC-13	3	10 anos	<i>Veterana</i>	F	Branca	Pública
CCC-14	3	10 anos	Ingressante	M	Parda	Particular
CCC-15	5	10 anos	Ingressante	M	Branca	Particular
CCC-16	6	10 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-17	6	10 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-18	2	11 anos	<i>Veterana</i>	F	Branca	Pública
CCC-19	1	10 anos	Ingressante	F	Parda	Pública
CCC-20	2	11 anos	Ingressante	F	Branca	Pública
CCC-21	3	11 anos	Ingressante	M	Branca	Pública
CCC-22	4	11 anos	Ingressante	M	Branca	Pública

Fonte: Questionários desta pesquisa, 2020.

¹⁴⁷ Em 2020, foi permitido aos representantes do *Comitê 2019* que ainda estavam na faixa etária estipulada (9 a 11 anos) optar pela continuidade.

No momento de preenchimento do questionário, das 22 crianças: 8 tinham 11 anos, 13 tinham 10 anos e 1 tinha 9 anos; 18 eram ingressantes no *Comitê* e 4 eram veteranas (mais 2 desistentes); 13 são meninas e 9 são meninos¹⁴⁸; 2 crianças se declararam negras, 4 pardas e 16 brancas; 3 crianças vieram de escolas particulares e 19 de escolas públicas.

Também foram convidados os representantes (pais e mães) das crianças para participarem da pesquisa. Em todas as famílias, pelo menos um responsável se disponibilizou a colaborar com informações pelo questionário.

Quadro 2 – Responsáveis pelas crianças participantes do “*Comitê das Crianças - 2020*”

Código	Região de Jundiá	Idade	Profissão	Sexo	Raça	Renda Familiar qtd. de salários mínimos
RCC-01	6	39 anos	Funcionária Pública	F	Branca	5
RCC-02	4	39 anos	Professora	F	Branca	9
RCC-03	4	33 anos	Professora	F	Pardo	5
RCC-04	3	35 anos	Dona de casa	F	Branca	4
RCC-05	5	36 anos	Auxiliar Administrativo	F	Branca	6
RCC-06	1	44 anos	Técnica de Enfermagem	F	Branca	4
RCC-07	1	31 anos	Dona de Casa	F	Branca	6
RCC-08	4	26 anos	Funcionária Pública	F	Branca	8
RCC-09	2	48 anos	Corretora de Seguros	F	Branca	2,5
RCC-10	2	36 anos	Dona de Casa	F	Pardo	2
RCC-11	6	30 anos	Funcionária Pública	F	Branca	9
RCC-12	1	29 anos	Analista Financeira	F	Preto	3
RCC-13	3	41 anos	Professora de Crianças Especiais	F	Branca	2,5
RCC-14	3	44 anos	Fonoaudióloga	F	Branca	10
RCC-15	5	40 anos	Assistente Administrativo	F	Branca	4
RCC-16	6	41 anos	Dona de Casa	F	Branca	2
RCC-17	6	40 anos	Operadora de Produção	F	Branca	3
RCC-18	2	60 anos	Dona de Casa	F	Branca	2
RCC-19	1	33 anos	Advogada	F	Pardo	3
RCC-20	2	48 anos	Professor	M	Branca	9
RCC-21	3	41 anos	Operadora de Caixa	F	Branca	3
RCC-22	4	42 anos	Costureira	F	Branca	2

Fonte: Questionários desta pesquisa, 2020

¹⁴⁸ Há a previsão de garantia de equidade de gênero no sorteio, no entanto, em 2020, da região 6 houve apenas inscrições de meninas.

No momento de preenchimento do questionário, dos 22 responsáveis pelas crianças: 7 tinham entre 26 e 35 anos, 12 tinham entre 36 e 45 anos, 2 tinham entre 46 anos e 55 anos, e 1 entre 56 e 60 anos; referente ao parentesco, 1 é pai, 1 é avó e 20 são mães; apenas um responsável masculino teve iniciativa em participar da pesquisa; 1 responsável se declarou negra, 3 se declaram pardas e 18 se declararam brancas. Entre as profissões, foi apresentada uma diversidade de ocupações e de empresas (tanto instituições públicas quanto privadas). A renda familiar indica que mais da metade (13 participantes) pertence à classe média baixa; segundo 4 participantes, a família é de classe baixa; e 5 de classe média.¹⁴⁹

Também foram convidados os mediadores das reuniões do *Comitê das Crianças*, sendo que entre eles optamos por incluir um profissional que conduziu apenas uma das reuniões, realizando uma oficina. Apesar de ter sido apenas um momento isolado, a mediação feita com as crianças indicou algumas características a serem discutidas durante a pesquisa. Desta forma, MCC-03 foi convidado a colaborar de uma maneira peculiar. Mais à frente, detalharemos mais essas questões.

Quadro 3 – Mediadores do “*Comitê das Crianças* - 2020”

Código	Idade	Profissão	Sexo	Raça
MCC-01*	45 anos	Ator e Diretor teatral / Gestor de Cultura	M	Branca
MCC-02*	49 anos	Assistente Administrativo – Gestão de Cultura	F	Branca
MCC-03**	42 anos	Ator	M	Branca

*Fazem parte também do GT “*Criança na Cidade*” / **Mediou um Encontro

Fonte: Questionários desta pesquisa, 2020.

Pelo preenchimento do questionário, vê-se que são todos brancos, com idade entre 42 e 49 anos, ligados direta ou indiretamente com o campo das artes e cultura. Dois deles (MCC-01 e MCC-02) além da mediação do *Comitê das Crianças* também fazem parte do GT *Criança na Cidade*.

¹⁴⁹ Conforme a classificação por salários mínimos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE):

MISERÁVEL (até 1 salário mínimo)

BAIXA (de 1 a 2 salários mínimos)

MÉDIA BAIXA (de 2 a 6 salários mínimos)

MÉDIA (de 6 a 19 salários mínimos)

MÉDIA ALTA (de 19 a 29 salários mínimos, ALTA (29 ou mais salários mínimos)

Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_social, consultado em 09/10/2021.

O *GT* reúne representantes das diversas áreas de gestão da Prefeitura Municipal de Jundiaí-SP (Educação, Saúde, Esporte e Lazer, Assistência Social, Planejamento e Mobilidade Urbana, Turismo, entre outras). O trabalho do *GT* e do *Comitê* tem ligação direta. Desta maneira, também foram convidados os técnicos do *GT Criança na Cidade* para participar desta pesquisa. Todos os 22 aceitaram contribuir com informações via questionário.

Quadro 4 – Técnicos do *GT “Criança na Cidade - 2020”*

Código	Idade	Profissão	Sexo	Raça
TCC-01	53 anos	Psicopedagoga Clínica	F	Branca
TCC-02	36 anos	Arquiteta e Urbanista	F	Branca
TCC-03	37 anos	Assessor	M	Branca
TCC-04	40 anos	Médica	F	Branca
TCC-05	39 anos	Arquiteta e Urbanista	F	Branca
TCC-06	42 anos	Turismóloga	F	Branca
TCC-07	27 anos	Assistente Administrativo	M	Branca
TCC-08	63 anos	Engenheiro Agrônomo e Gestor	M	Branca
TCC-09	37 anos	Diretora de Escola	F	Branca
TCC-10	60 anos	Professor e Gestor	M	Branca
TCC-11	52 anos	Assistente Administrativo	F	Branca
TCC-12	42 anos	Professor	M	Branca
TCC-13	37 anos	Cirurgiã-dentista	F	Branca
TCC-14	40 anos	Gestora Adjunta	F	Branca
TCC-15	53 anos	Nutricionista	F	Branca
TCC-16	52 anos	Administrador e Gestor Adjunto	M	Branca
TCC-17	50 anos	Arquiteta e Urbanista	F	Branca
TCC-18	35 anos	Engenheiro Florestal	M	Branca
TCC-19	36 anos	Diretora de Escola e Gestora	F	Branca
TCC-20	50 anos	Educadora Social	F	Branca
MCC-01*	45 anos	Ator e Diretor teatral / Gestor de Cultura	M	Branca
MCC-02*	49 anos	Assistente Administrativo	F	Branca

**São mediadores do “Comitê das Crianças”*

Fonte: Questionários desta pesquisa, 2020.

No momento de preenchimento do questionário, dos 22 técnicos representantes: 2 tinham entre 26 e 35 anos, 11 tinham entre 36 e 45 anos, 7 tinham entre 46 anos e 55 anos, 2 tinham entre 56 e 65 anos; a maioria é do sexo feminino (14) e todos se declararam brancos. Entre as profissões, foi apresentada uma diversidade de ocupações. Também foi percebido que a situação funcional dos participantes se divide em contratados e profissionais de carreira no serviço público.

4.3.2 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados, utilizamos os seguintes instrumentos: questionário, entrevistas (semi-estruturada individuais), desenhos e/ou outros registros infantis, observação participante, fotografias e vídeos. Frente à possibilidade de interpretação e análise equivocadas em relação aos dados coletados, houve o compromisso da pesquisadora em validar as transcrições das entrevistas com os envolvidos, apresentando-as nos anexos da pesquisa¹⁵⁰. Mesmo tendo autorização prévia, a cada coleta, foi requerida pela pesquisadora, mesmo que de maneira verbal, a disponibilidade do material (foto, falas, gravações, produções e registros) aos envolvidos.

Apesar das dificuldades em não se estar presencialmente, foi possível o acompanhamento das reuniões do *Comitê das Crianças*, coletando dados (fotos, gravações e vídeos) de/com crianças e adultos, além de outros registros produzidos pelos participantes, com a devida solicitação aos envolvidos pela pesquisadora, sendo desconsiderados materiais não aprovados. Também foram apresentadas algumas considerações sobre reuniões do *GT Criança na Cidade* acompanhadas durante a pesquisa.

A pesquisadora teve alguns momentos com os mediadores para planejamento de alguns encontros do *Comitê das Crianças*. Inicialmente, pretendíamos propor a construção de instrumento com as crianças, de maneira a registrar o processo de participação e se tornar um memorial dos encontros. Devido ao formato não presencial, as informações coletadas durante as reuniões foram organizadas pela somente pela pesquisadora. O que foi possível foi fazer um mapa de ideias, desejos e necessidades com a participação das crianças que será apresentado.

Ainda considerando a recomendação de evitar atividades presenciais, organizamos as conversas com os participantes, utilizando o aplicativo Zoom. As entrevistas semi-estruturadas com os adultos envolvidos e com as crianças tiveram as transcrições apresentadas aos participantes para autorização de uso pela pesquisadora via e-mail e/ou Whatsapp. A avaliação foi sendo feita no decorrer do processo, tanto com os responsáveis pelo *Comitê*, quanto com as crianças e as famílias, de maneira a reconduzir as ações ou validá-las.

Além das informações já apresentadas anteriormente na *Caracterização dos Sujeitos*, o questionário reuniu informações dos participantes em relação à cidade.

¹⁵⁰ Vide Apêndice K - Transcrições de Entrevistas nos Apêndices.

Quadro 5 – Relação dos participantes com a cidade

	Dos 3 Mediadores	Dos 22 Técnicos	Das 22 Crianças	Dos 22 Responsáveis
Residente em Jundiaí	2 Sim 1 em São Paulo	21 Sim 1 em São Paulo	Todas (22)	Todos (22)
Trabalha em Jundiaí	2 Sim 1 em São Paulo	Todos (22)	Todas estudam na cidade	21 Sim 1 em Itupeva
Atendimento Médico	2 Privado 1 Público	18 Privado 5 Público 1 Público e Privado	11 Privado 9 Público 2 Público e Privado	9 Privado 9 Público 4 Público e Privado
Atendimento Odontológico	3 Privado	23 Privado 1 Público	9 Privado 8 Público 5 Público e Privado	13 Privado 8 Público 1 Público e Privado
Compras	Shopping Supermercado	Shopping Centro Comercial Supermercado Internet Farmácia	Shopping Centro Comercial Supermercado Internet Papelaria	Shopping Centro Comercial Supermercado Internet
Lazer	Parques Cinema Teatro SESC Bares e Restaurantes	Parques Cinema / Shopping Bares e Restaurantes Clube Sítio Serra do Japi Turismo Rural	Parques Praças Shoppings Centros Esportivos	Parques Praças Shoppings Museu

Fonte: Questionários desta pesquisa, 2020

É percebido que o uso da cidade pelos participantes também é diversificado. No que diz respeito a atendimento médico e odontológico, a maioria conta com o atendimento particular. Um dado interessante é a diferença entre crianças (11) e responsáveis (9). Talvez isso se deva ao fato de se priorizar o atendimento aos menores. Sobre a questão de consumo (compras), apenas uma das crianças citou o nome de um estabelecimento (supermercado), enquanto nove pessoas do grupo de adultos (responsáveis, técnicos e mediadores) se preocupou em colocar o nome dos estabelecimentos; además, os participantes listaram de maneira genérica. Também foi interessante ter sido colocado compras pela internet. Como lazer, foi frequente a citação pelos participantes de áreas públicas, como parques e praças. Ainda foram apontados outros lugares, como igreja, biblioteca, casa de amigos e parentes.

Descrevemos até aqui parte do caminho metodológico realizado durante esta pesquisa. A fim de obter elementos para análise, uma questão foi central nas observações e uso dos diferentes instrumentos: como os participantes manifestam e estabelecem discursos a questões ligadas à infância e à participação de crianças?

Tendo este foco, foi possível considerar elementos importantes e presentes no período em que a pesquisa foi realizada, planejar fontes de informações, verificar outros fatores a serem incluídos na reflexão, organizar o tempo disponível para coleta e análise dos dados.

No entanto, em tempos de pandemia e de isolamento físico, muitos foram os desafios enfrentados, como a dificuldade de ter maiores impressões gestuais e corporais durante as entrevistas e mesmo durante as observações feitas nas reuniões, tanto do *Comitê das Crianças* quanto do *GT Criança na Cidade*. Assim sendo, este trabalho deve ser lido sob esta perspectiva, de um cenário em que a comunicação se deu de maneira intermediada por aplicativos e relações remotas.

A coleta de dados, conforme já mencionado, foi sendo feita simultaneamente à construção e busca de alternativas pela pesquisadora, seja de estratégias para acessar os participantes, seja pelas formas como as entrevistas e as observações foram sendo realizadas. De uma maneira processual, a cada organização tanto metodológica como de construção textual, foram sendo necessários novos estudos frente a desafios e dúvidas que pairavam sobre o trabalho da pesquisa.

Ao desenvolver modelos iniciais de questionário e roteiros, procuramos manter os dados coletados devidamente identificados e organizados. As informações obtidas pelas entrevistas com as crianças, seus responsáveis, os mediadores do *Comitê* e os técnicos do *GT Criança na Cidade* exigiram o estabelecimento de uma lógica que foi sendo construída conforme o trabalho ganhava corpo. À medida que essa organização foi sendo estabelecida, foi necessário voltar várias vezes à questão central apresentada acima, seja para manter o foco ou mesmo coletar mais informações.

Após ter apresentado breve caracterização dos sujeitos, descrito os instrumentos de coleta de dados e o encaminhamento da pesquisa, vale lembrar:

Foucault multiplica o sujeito. A pergunta quem fala? desdobra-se em muitas outras: qual o status do enunciador? Qual a sua competência? Em que campo de saber se insere? Qual seu lugar institucional? Como seu papel se constitui juridicamente? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu? Como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Também cabe indagar sobre o lugar de onde fala, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes. É assim que se destrói a idéia de discurso como expressão de algo, tradução de alguma coisa que estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que preexiste à própria palavra.¹⁵¹

Assim, considerando a complexidade existente no ato de pesquisar, no próximo capítulo, faremos análise das informações organizadas pela pesquisadora, relacionando-as às principais questões desenvolvidas neste trabalho.

¹⁵¹ FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001, p. 208.

5 AS CRIANÇAS VÊM NA FRENTE?



Entre tantos aprendizados durante este percurso, vimos como importante tornar visíveis nossas escolhas para os leitores. Neste momento do texto, abrimos um breve parêntese para explicitar uma delas. Em todos os capítulos anteriores, os assuntos gerais foram apresentados primeiro: A CIDADE e as crianças; A PARTICIPAÇÃO e as crianças; O COMITÊ e as crianças... A escrita foi intencional para que, neste momento do trabalho, trouxéssemos à discussão: AS CRIANÇAS VÊM NA FRENTE?

Com a intenção de encontrarmos elementos sobre a questão apresentada e outras correlacionadas, após a coleta das informações, sentimos a necessidade de estudo para escolher o caminho em relação à análise de dados. Traçamos singela sondagem bibliográfica sobre aspectos teórico-metodológicos da análise do discurso e da análise de conteúdo. Com base nas sínteses apresentadas por Rocha & Deusdará (2002), fizemos nossa escolha e tentaremos desenvolver uma análise que leve em conta a relação social de poder no plano discursivo, na qual a pesquisadora se assume participante de uma ordem determinada para a construção de articulação entre linguagem e sociedade, buscando marcas sobre a materialidade do discurso, a ação no mundo e a construção de olhares diversos sobre o real.

Quadro 6 – Síntese das aproximações e afastamentos entre Análise de Conteúdo e Análise de Discurso

	ANÁLISE DE CONTEÚDO	ANÁLISE DO DISCURSO
Objetivos de pesquisa	captar um saber que está por trás da superfície textual	analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói
Eu pesquisador	espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida; leitor privilegiado por dispor de "técnicas" seguras de trabalho	agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade
Concepção de texto	véu que esconde o significado, a intenção do autor	materialidade do discurso
Concepção de linguagem	reprodução e disseminação de uma realidade <i>a priori</i>	ação no mundo
Concepção de ciência	instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade	espaço de construção de olhares diversos sobre o real

Ao estudar a Análise do Discurso, vemos que no início do século XIX, três correntes se consolidam nas Ciências Humanas: fenomenologia, marxismo e estruturalismo. Esta última é fundada por Saussure, quando a linguística origina outras disciplinas como a Análise do Discurso francesa (AD). Nos anos 1960, Michel Foucault se junta a Michel Pêcheux ao descartar o sujeito apenas como uma individualidade, como empírico, e considerá-lo sujeito do discurso produzido historicamente.¹⁵² Aqui no Brasil, a AD se consolida com Edí Orlandi e os pesquisadores que com ela trabalham.

[...] conforme Orlandi (1999), o analista, no momento em que constitui o corpus, realiza um gesto de interpretação, considerando que a questão de pesquisa determina o que faz parte do arquivo e o que não faz. Os recortes representam uma visada no corpus para responder à questão de pesquisa e atender aos objetivos propostos, delimitando-a. Essa delimitação ocorre por uma escolha do analista em função da teoria e do seu posicionamento frente ao objeto, sendo que a teoria, de acordo com Orlandi, intervém a todo momento “[...] para reger a relação do analista com seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.” (2010, p. 64). A autora enfatiza a necessidade de realizar movimentos em torno do dispositivo teórico, dos recortes com vistas ao dispositivo analítico, que se constitui em um esforço pela objetividade, dada pelo constante retorno do analista à teoria.¹⁵³

Desta forma, o discurso ultrapassa a mera referência a coisas, indo além do uso de frases e palavras, expressão de algo, mas apresenta intrínsecas regularidades, através das quais é relacionada uma rede conceitual que lhe é própria. Segundo Foucault, as regras de formação dos conceitos, não residem na consciência nem na mentalidade dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo.¹⁵⁴

Como pesquisadores, acionamos nossa habilidade de arqueólogos, buscando, resgatando, selecionando, isolando, relacionando, agrupando e organizando recortes de textos. Para a seleção, costumamos optar por um campo discursivo e/ou um tema, a partir de uma questão que busca respostas. E diante das direções que se expõem à nossa frente, nosso olhar vai definindo um caminho...¹⁵⁵

E neste caminhar, reconhecemos conjuntos de regras, dadas historicamente, que afirmam verdades de um tempo, sendo o que é dito, conjugado diante às relações de poder e saber. No entanto, é possível também considerar que:

¹⁵² GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

¹⁵³ TARUFI, Leandro. **Análise de Discurso**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/527462557/TAFURI-L-Analise-de-Discurso>. Acesso em 20 dez. 2020. p. 13.

¹⁵⁴ GREGOLIN, Maria do Rosário. *Op. cit.*

¹⁵⁵ MITTMANN, Solange. **Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de análise**. p. 1. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>. Acesso em 20 dez. 2020.

O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história[...]. Ora, dizer que o discurso é sobretudo histórico implica necessariamente falar na relação entre o discursivo e o não-discursivo, na impossibilidade de separar o lado de dentro do lado de fora dos enunciados, significa falar na economia dos discursos em sua produtividade visível, enfim, na relação entre pensamento e vida, poder e saber, continuidade e descontinuidade da história [...]. Essa temporalidade, como se vê, precisa ser entendida para além da idéia de que os discursos sempre são ditos num determinado tempo e num determinado lugar; para mergulhar nela, é preciso vê-la através dos documentos escolhidos, das práticas a que os textos se referem, da formação social em questão, da trajetória dos conceitos envolvidos e ainda do próprio posicionamento do pesquisador.¹⁵⁶

Para o pesquisador, “... não interessa o rastreamento de dados históricos em um texto, mas a compreensão dos sentidos que são produzidos.” Ou seja, a formação histórica constitui-se pelo simbólico, sendo que o simbólico quanto o histórico alternam/mudam e, assim sendo, o enunciável também se transforma. O sentido não se dá, desta forma, isoladamente mas no jogo de forças existentes.¹⁵⁷ Esses sentidos são vestígios que devem ser apreendidos por quem os analisa, relacionando-os a outros dizeres, numa verdadeira teia.

Os discursos, portanto, se articulam em uma teia de outros discursos que, de algum modo, indicam certa direção para determinado sentido, no movimento de interpretação. A linguagem funciona não pela história, mas pela historicidade. Isso significa que o discurso entra em uma ordem e quem responde pelo que é dito o faz interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. A importância da análise de discurso reside justamente na tentativa de compreensão dos sentidos produzidos em textos que circulam socialmente, bem como a produção social de sentidos que estão sempre em jogo.¹⁵⁸

Com esse breve referencial teórico, descrevemos o dispositivo que faremos uso para interpretação dos dados coletados durante a pesquisa. A partir dessa ótica, enquanto prática social, a AD torna fundamental pensar a língua ideologicamente como histórica, como efeito de sentido entre locutores também históricos.

O intuito nesta pesquisa não é o aprofundamento da AD, mas a compreensão de alguns de seus principais conceitos e o uso na interpretação de informações coletadas. Assim sendo, conjuntamente com o que já expusemos, apresentamos um recorte da produção de Barba & Souza Filho¹⁵⁹ que permitirá partir das conceituações, compartilhar os sentidos organizados pela pesquisadora-analista. Outros conceitos, se fazendo necessários, serão tratados durante a apresentação das análises.

¹⁵⁶ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Op. cit.* p. 215-216.

¹⁵⁷ TARUFI, Leandro. *Op. cit.*

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 19.

¹⁵⁹ BARBA, Clarides Henrich & SOUZA FILHO, Marinho Celestino. **Análise do discurso: O que é? Como se faz? E para quê serve?** p. 1

- a) Assujeitamento Ideológico: consiste em fazer com que cada indivíduo, inconscientemente, seja levado a ocupar seu lugar na sociedade, identificando, assim, com grupos ou classes sociais.
- b) Autor: função social do sujeito que pode e deve ser definido, atravessado pela exterioridade e pelas exigências de coerência, não-contradição etc.
- c) Condições de Produção: instância verbal da produção do discurso, determinadas pelo contexto sócio-histórico-ideológico, os interlocutores, o lugar de onde falam à imagem que fazem de si e do outro e do referente.
- d) Diálogo: em sentido estrito, comunicação verbal entre duas pessoas, sentido amplo, como quer Bakhtin (1997), é toda comunicação verbal qualquer, forma de interação. Compreende, assim, estritamente, um enunciado, um enunciador e um enunciatário.
- e) Enunciação: emissão de um conjunto de enunciados que é produto da interação verbal de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá no aqui e agora sem jamais se repetir, marca-se, exclusivamente, embora não somente, pela singularidade.
- f) Enunciador: é o produtor do enunciado, isto é, o ponto de vista do locutor dependendo da posição social que ocupa.
- g) Formação Discursiva: é o que pode e deve ser dito a partir de um lugar sócio historicamente determinado e atravessado por uma formação ideológica. Num mesmo texto podem aparecer formações discursivas diferentes, cuja consequência imediata são as variações de sentido.
- h) Formação Social: é o lugar onde se estabelecem as relações entre as classes sociais historicamente definidas, mantendo entre si relações de aliança, antagonismo ou dominação.
- i) Interdiscursividade: relação de um discurso com outros discursos.
- j) Interlocução: processo de interação entre os indivíduos os quais podem usar tanto a linguagem verbal, quanto a não-verbal.
- k) Intertexto: relação de um texto com outros textos.
- l) Língua: sob uma perspectiva discursiva, seria a realização concreta da fala, resultante de uma relação não-excludente, ou seja, porque não há língua sem fala, e nem fala sem língua, uma depende da outra para existir, a saber; a língua está para a fala, assim como a fala está para a língua.
- m) Linguagem: sob uma perspectiva do discurso, seria fruto da interação entre sujeitos socialmente, historicamente e ideologicamente constituídos.
- n) Locutor: função enunciativa que o sujeito falante exerce.
- o) Polifonia: conceito criado de acordo com Orlandi (2001), inicialmente, por Bakhtin que o aplicou à literatura, [...] refere-se ao fato de que todo discurso está construído pelo discurso do outro, toda fala atravessada pela fala do outro.
- p) Pré-construído: todo discurso pressupõe outro discurso que lhe é anterior.
- q) Regras de formação: regras constitutivas de uma formação discursiva, conceitos e diversas estratégias capazes de explicitar, descrever uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias.
- r) Sentido: está intrinsecamente ligado com a formação discursiva da qual participa, produzido no processo de interlocução e atravessado pelas condições de produção (contexto sócio-histórico-ideológico) do discurso.
- s) Sujeito: sobre uma perspectiva discursiva, deixa de assumir uma noção idealista, imanente, o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente e interpelado pela ideologia, ou seja, não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Por isso, o sujeito não é a fonte, a origem dos sentidos, porque à sua fala atravessam outras falas, outras vozes, enfim; outros dizeres e por que não dizer até outros não-dizeres.
- t) Forma sujeito: conceito criado por Pêcheux para indicar que o sujeito é afetado pela ideologia.
- u) Superfície discursiva: constituída por um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.
- v) Texto: unidade complexa constituída de regularidades e irregularidades cuja análise implica suas condições de produção (contexto sócio-histórico-ideológico, situação, interlocução), conforme Orlandi de natureza intervalar, já que como objeto teórico não apresenta uma unidade completa em si mesma, pois o sentido do texto se constrói no espaço discursivo dos interlocutores. [...]
- w) Tipos de esquecimento: segundo Michel Pêcheux (1975), em sua obra intitulada por “Semântica e Discurso”, traduzida por Orlandi e outros, podemos distinguir duas formas de esquecimento:
- x) Esquecimento 1 – também chamado de esquecimento ideológico, é da instância do inconsciente, resultante do modo pelo qual a ideologia nos afeta.
- y) Esquecimento 2 – é da ordem da enunciação, já que ao falarmos dizemos de uma maneira e não de outra, estabelecemos, assim, verdadeiras relações parafrásticas as quais indicam que os dizeres sempre podem ser outros.

5.1 ANÁLISE DE DADOS

Diante dos dados coletados, voltamos à questão: AS CRIANÇAS VÊM NA FRENTE? Para esta análise, foi revista a maneira como os participantes manifestaram e estabeleceram discursos a questões ligadas à infância e à participação de crianças. Foi um grande desafio selecionar o que caberia neste momento frente ao reunido durante a pesquisa. Assim sendo, o material completo (transcrição de entrevistas, registros das reuniões, reportagens, desenhos das crianças...) encontra-se nos anexos e apêndices. O que se segue é um pequeno recorte sob a perspectiva da pesquisadora-analista, sem a pretensão de colocar verdades absolutas, apenas dar continuidade ao processo de reflexão deste trabalho. Assim sendo,

[...] o corpus não está dado, mas é construído pelos gestos do analista de pôr unidades em contato, selecionar seqüências, agrupá-las em blocos, voltar à teoria para, a partir dela, construir recortes, relacioná-los e, a partir deles, repensar a teoria, num movimento em espiral de retomadas de aspectos metodológicos e teóricos, lançando novos olhares, surpreendendo-se.¹⁶⁰

Para a construção desse corpus, optamos por seguir as temáticas desenvolvidas nos primeiros capítulos deste trabalho, revisitando as questões já apresentadas e ampliando-as com novos elementos. Falar sobre cidade, participação e sobre o próprio *Comitê* foi um trabalho de tecelagem, de encontrar os fios, de tentar desatá-los dos emaranhados, e por vezes dar nós necessários, de ir ligando uma ponta a outra para que a tentativa de análise fosse possível.

Outro ponto importante para recordar é que a pesquisadora realizou observação participante e relacionamentos multilaterais, tanto com o *Comitê das Crianças* quanto com o *GT Criança na Cidade*, com o propósito de desenvolver um entendimento científico sobre os grupos.

[...] a observação participante ou a observação com participação tem sido o ponto forte nas pesquisas com crianças. Encontramos argumentações nas análises dos pesquisadores do tipo: – “em pesquisas com crianças é impossível observar sem participar, a observação é sempre com participação”. Também fica explícito que o pesquisador não tem como fugir da participação, já que as crianças estão o tempo todo pedindo e puxando os adultos para suas brincadeiras, interações, relações, produções, experimentos e diálogos. Os pesquisadores tornam-se um Outro, que observa e é também observado. Dessa forma, pesquisados e pesquisadores vão pouco a pouco estabelecendo e criando laços, o que favorece as relações e o desenvolvimento de uma participação sensível às produções das crianças. A observação participante possibilita o acesso dos adultos ao que as crianças pensam, fazem, sabem, falam e de como vivem, esmiuçando suas peculiaridades e as particularidades desse grupo geracional. Esta forma aberta e desprovida de amarras poderá aprofundar as heterogeneidades das infâncias.¹⁶¹

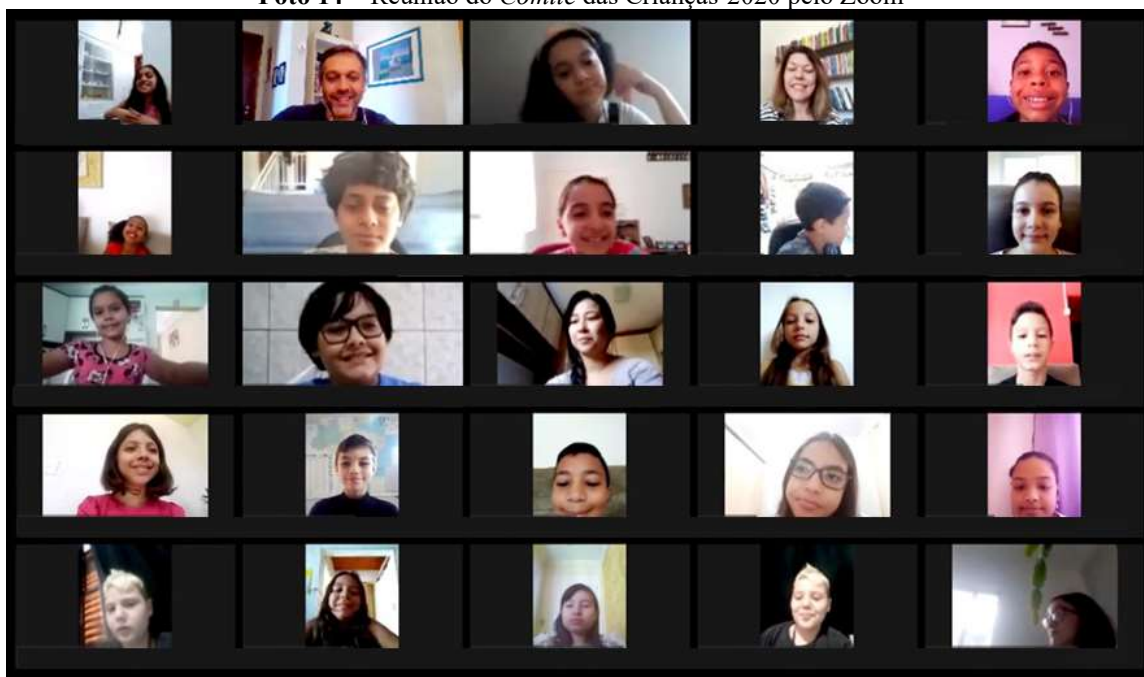
¹⁶⁰ MITTMANN, Solange. *Op. city*

¹⁶¹ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. Metodologias de Pesquisas com Crianças In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 08-28, jul.-dez. 2010, p. 23-24

Entre tantos fios, as fotos tiradas pela pesquisadora, pelas próprias crianças e por outros participantes compuseram o material e permitiram algumas observações sob o olhar da pesquisa, pela busca de interpretar a realidade estudada.

[...] a fotografia nas pesquisas com crianças, mais do que um clic, é um importante recurso metodológico. O uso da fotografia ajuda a tomar posse das coisas transitórias que têm direito a um lugar nos arquivos da memória. Sendo assim, há uma possibilidade de se olhar para a imagem congelada, retratada pela foto, inúmeras vezes, um exercício pleno de ver e rever a cena, os personagens e o contexto. Tal possibilidade aguça a memória, a imaginação, a criação e a reconstituição da própria história vivida, pelas imagens e nas imagens. A fotografia mostra sempre o passado lido aos olhos do presente, embora já não seja o mesmo passado, mas sua leitura ressignificada. Diante disto, a leitura das imagens se apresenta como um instrumento de aproximação da realidade sócio-histórica e cultural do grupo fotografado. Portanto, mais do que ilustrar as seções do texto ou dar-lhe um “colorido”, a fotografia reconstrói o próprio olhar do pesquisador, apresentando-se como outras possibilidades de escritas – outros textos – da realidade estudada.¹⁶²

Foto 14 – Reunião do *Comitê das Crianças-2020* pelo Zoom



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiaí

As reuniões do *Comitê das Crianças*, em 2020, aconteceram, em sua maioria de maneira remota, utilizando o aplicativo Zoom. Todo final de reunião ou quando MCC-01 percebia que o tempo já havia sido exaurido e que as crianças se encontravam mais dispersas, era feita a foto do dia, printando a tela.

¹⁶² BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 22

Não foram raras as vezes em que as crianças correram para buscar seu animal de estimação ou alguém da família que queriam apresentar. As relações que constroem estão muito ligadas aos vínculos e à vontade de fazer parte de um grupo, deixando que os outros conheçam o que para elas tem valor.

Foto 15 – Animais de estimação



Fonte: Acervo da pesquisa

Foto 16 – Apresentando a irmã



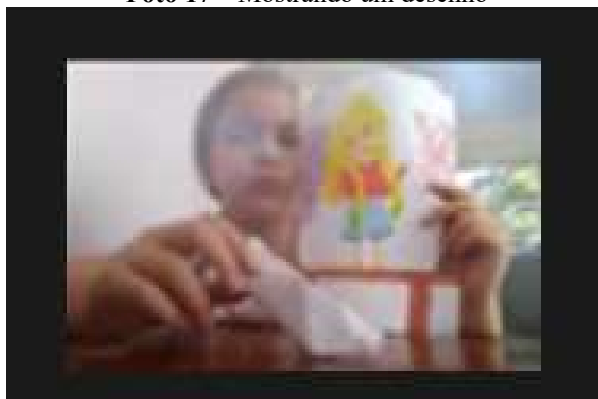
Fonte: Acervo da pesquisa

Outros fios que fazem parte desta pesquisa e que possibilitaram conhecer um pouco mais sobre os pensamentos infantis foram os desenhos produzidos pelas crianças em diversas ocasiões, alguns durante as reuniões e a grande maioria de maneira assíncrona individual, apresentada posteriormente ao grupo.

O desenho infantil é considerado uma produção cultural das crianças e um instrumento revelador das representações infantis. A justificativa que mais aparece nos trabalhos em relação ao uso dos desenhos das crianças é que a iconografia representa uma possibilidade de reconstruir o espaço [...] como lugar da infância. Podemos firmar que, para além de simplesmente desenhar, é necessário elaborar uma interpretação dos desenhos a partir dos olhares e falas de seus autores – as crianças. O desenho é compreendido como atividade de criação e expressão humana. Nesse sentido, com a especificidade do desenho, aparece a consideração de quatro aspectos que o descrevem: o autor (a criança que o desenha), o próprio desenho em si, a fala do autor que o produz e o contexto em que ele é produzido. Esses aspectos, em se tratando de pesquisas com crianças, são essenciais para as análises.¹⁶³

As crianças demonstram saberes que querem compartilhar. A foto a seguir ilustra uma ação também por vezes repetida por muitos dos representantes infantis durante as reuniões: buscar desenhos e outras produções para mostrar aos colegas e aos mediadores o que têm feito em casa durante a pandemia, falando sobre seus gostos, escolhas por materiais, dificuldades enfrentadas. Era visível a satisfação em cada um deles ao receber um elogio ou um comentário sobre sua obra.

¹⁶³ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 24-25

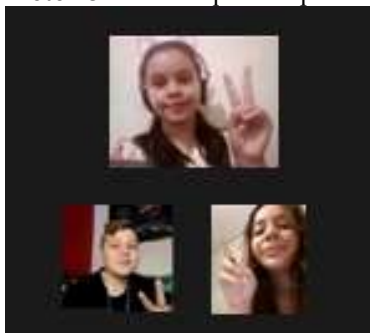
Foto 17 – Mostrando um desenho

Fonte: Acervo da pesquisa

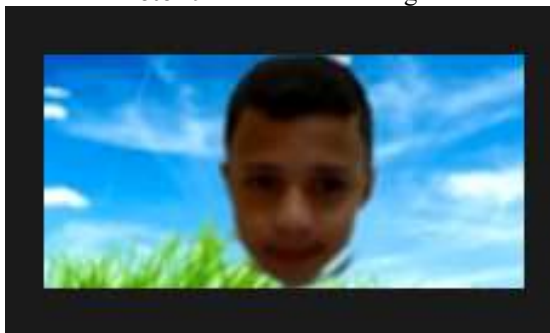
A teoria do discurso está intimamente ligada à questão da constituição do sujeito social. Se o social é significado, os indivíduos envolvidos no processo de significação também o são e isto resulta em uma consideração fundamental: os sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, mas são efeitos discursivos. [...] Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.¹⁶⁴

As crianças reproduzem e criam cultura, são sujeitos sociais. Foi possível observar durante as reuniões do *Comitê* gestos que eram feitos e começaram a se tornar cada vez mais presentes, demonstrando identidade de grupo e pertencimento. Também assuntos ligados à cultura pop fizeram parte das conversas e aproximaram os participantes que tinham gostos parecidos: músicas, artistas, grupos, uso de certos aplicativos e tecnologias.

Conheço o CCC-06, ele também é da minha igreja. Também fiz amizade com a CCC-18, nós duas gostamos de um grupo de K-pop. Antes de começar as reuniões, a gente fica se falando e se conhecendo. (CCC-07)¹⁶⁵

Foto 18 – Gestos que se repetem

Fonte: Acervo da pesquisa

Foto 19 – Uso das tecnologias

Fonte: Acervo da pesquisa

¹⁶⁴ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Op. cit.* p. 206-207.

¹⁶⁵ Ao longo do texto, utilizaremos marcadores visuais: em azul – falas transcritas de entrevistas; em verde – anotações feitas em reuniões; em roxo – recortes de reportagens.

Com esses exemplos iniciamos a análise de parte do material coletado. As observações, que nunca são neutras, foram sendo tecidas pelo olhar da pesquisadora que participou das reuniões com o intuito de colher informações sobre as infâncias.

Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.¹⁶⁶

Assim sendo, o processo de pesquisa com crianças exige uma mediação na qual os sujeitos (criança e pesquisadora) estão imersos e compartilham novos conhecimentos, já que há coisas que ambos conhecem, outras que desconhecem, sendo necessária a busca que se faz durante a pesquisa. Escutar as crianças, nesse sentido, pode ser transformador, cabendo a cada um de nós – pesquisadoras e pesquisadores das infâncias – termos a coragem de aceitar o desafio de conhecer o que pensam e querem expressar, levando-se em consideração os contextos nos quais estão inseridas.

A construção da análise está diretamente ligada aos conceitos que foram sendo trazidos durante este trabalho assim como com as experiências vivenciadas pela pesquisadora em seu percurso pessoal, acadêmico e profissional. Tudo são fios invisíveis e, ao tomar consciência deles, é possível desatá-los, liga-los, tecê-los..., encontrar sentidos que vão além de nós mesmos.

Segundo Foucault:

“As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.” Na construção do corpus, localizamos os nós, percorremos seus fios até outros nós, no caminho encontramos buracos dispersos na rede de memória, atamos fios aparentemente soltos, mas que estão ali, presentes, esperando o gesto que os ate. Ou seja, muitas vezes, os nós que não estão feitos instigam-nos a fazê-los. No conflito entre interdições e injunções à interpretação, do qual não podemos escapar, é que atamos os nós.¹⁶⁷

Como caminho para tratar esse emaranhado de informações coletadas, optamos por retomar os temas já trilhados e partindo deles ir percorrendo os fios na busca pela construção de relações e sentidos.

¹⁶⁶ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 9.

¹⁶⁷ MITTMANN, Solange. *Op. cit.*

5.1.1 As crianças e a cidade?

No primeiro capítulo deste trabalho, fizemos uma relação entre crianças e cidade, fazendo um jogo de palavras. Como **provisão**, a cidade tornou-se local onde as pessoas buscam condições de vida e na qual muitas mal encontram formas de sobreviver, mantidas periféricas na sociedade. A espoliação urbana foi ponto essencial para a discussão.

Nas últimas décadas, e de forma espetacular nos últimos cinquenta anos, a cidade, nascida como lugar de encontro e troca, descobriu o valor comercial do espaço e derrubou todos os conceitos de equilíbrio, bem-estar e convivência pela ordem. seguir apenas programas que visam o lucro, o interesse econômico. Até algumas dezenas de anos atrás, pobres e ricos viviam próximos uns dos outros, compartilhando o mesmo espaço; Suas casas eram obviamente diferentes, algumas pobres e outras ricas, mas estavam na mesma vizinhança. Posteriormente, um valor diferente foi atribuído ao terreno, de acordo com a sua proximidade com o centro da cidade, o que alterou tudo. Os pobres não podiam mais consertar suas casas insalubres sem serviços, e "preferiram" vendê-las para poder se mudar para a periferia, em casas todas iguais entre si e iguais às mostradas na televisão.¹⁶⁸

A diferença social setorizou a cidade e, antes mesmo disso, rotulou os indivíduos. Essa forma de organização se fez historicamente, no entendimento que as pessoas passam a ocupar um lugar na sociedade de acordo com suas diferenças, que não se completam, mas as espoliam de seus direitos. Essas diferenças são tão latentes em nossa sociedade e, por isso mesmo, são percebidas e questionadas pelas crianças frente às experiências que vão vivenciando nas cidades.

Durante as entrevistas algumas situações foram sendo colocadas, como a lembrança da mãe sobre CCC-09 diante de falta de garantia de saúde a todas as pessoas ou de CCC-01 sobre saneamento básico.

Hoje fomos no convênio e ele estava questionando: “Mas por que todo mundo não tem acesso à saúde gratuita?” Expliquei sobre a UBS, sobre o hospital..., que nós temos na cidade, mas tem lugares que realmente é mais difícil. E ele: “Mas todo lugar tinha que ter”. E ele está certo, não deveríamos deixar de pensar que todos devem ter os mesmos direitos. (RCC-09)

¹⁶⁸ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 5.

No original: En las últimas décadas, y de modo espectacular en los últimos cincuenta años, la ciudad, nacida como un lugar de encuentro y de intercambio, ha descubierto el valor comercial del espacio y ha trastocado todos los conceptos de equilibrio, de bienestar y de convivencia para seguir sólo programas que tienen por objetivo la ganancia, el interés económico. Hasta hace pocas decenas de años, los pobres y los ricos vivían unos cerca de los otros, compartiendo el mismo espacio; sus casas, obviamente, eran distintas, unas pobres y otras de ricos, pero estaban en los mismos barrios. Después se ha dado un valor distinto al terreno, según su cercanía al centro de la ciudad, y ese hecho alteró todo. Los pobres ya no pudieron arreglar sus casitas malsanas y sin servicios, y han "preferido" venderlas para poder trasladarse a la periferia, en casas todas iguales entre sí e iguales a las que muestra la televisión.

Outra coisa é que o saneamento básico devia ser para todo mundo. Seria bom se fosse. Não conheço ninguém que não tenha, mas estudei isso esse ano. A falta de saneamento é muito triste, causa doenças e devia ser um direito básico. (CCC-01)

As crianças percebem os problemas da cidade e conseguem falar o que as incomodam, mesmo que não vivenciem diretamente a situação. Apresentam um saber que para Paulo Freire é princípio para transformações.

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.¹⁶⁹

As transformações derivam de mudanças de cultura que não estão apenas ligadas às estruturas físicas da cidade, mas na maneira como a população a entende e se apropria dela. A fala de TCC-08 ilustra essa questão:

Jundiaí é uma cidade antiga, em muitos pontos, como calçadas e arborização, mal planejada. É preciso rever e isso custa. Cada remodelação precisa de investimento. O novo conceito não é possível de ser feito na cidade inteira de uma vez, mas estamos indo por partes, para inclusive educar o povo para respeitar o bem público. Quando a gente reformula uma praça, por exemplo, passa um tempo a população entra com um pedido para cercar, pois não querem moradores de rua ocupando o espaço. A mudança de cultura leva tempo.

Apesar de entender a necessidade de remodelação física da cidade, é preciso que as concepções sobre ela também sejam revistas. Ainda vivemos uma cultura de espoliação, que afasta os diferentes, que cerca o que se entende como propriedade a ser preservada de alguns. As crianças mais do que todos sentem as consequências das oportunidades que deixam de vivenciar em nome da segurança tão estimada pelos adultos. “Aliás, a separação produz desconforto, desconforto e cria lágrimas nas pessoas com sua própria história, com seus próprios afetos, impede a comunicação, o encontro, a solidariedade.”¹⁷⁰ Essa é uma tendência constante nas cidades de hoje, consistente com a lógica da separação e da especulação...¹⁷¹

¹⁶⁹ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p.41

¹⁷⁰ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 7.

No original: Por cierto que la separación produce molestias, malestar y crea en las personas desgarramientos con la propia historia, con los propios afectos, obstruye la comunicación, el encuentro, la solidaridad.

¹⁷¹ *Ibidem.*

No original: Esta es una tendencia constante en la ciudad actual, coherente con la lógica de la separación y de la especulación...

Nesse sentido, discutimos também a cidade que pode assumir um caráter de **prisão**, na qual o medo e a superproteção levam a um isolamento físico, mas também a uma certa maneira de enxergarmos o mundo, pois na especialização das cidades limitamos nossa convivência. TCC-10 traz em sua fala o uso de telas pelas crianças e o acesso ao brincar.

E onde fica a criança neste contexto? Começam a surgir os jogos inclusive para esses espaços mais restritos, mais fechados. Você tem quantos jogos aqui nas telas? Tem os que simulam os esportes... Eles te mostram uma realidade, mas te afastam da vida verdadeira. Não que eu ache ruim, mas eu perco o cheiro. Quando eu falo em relação, a turma diz que o celular aproximou. Aproxima quem está longe e distancia quem está perto. Eu vejo que vem num momento de carência da sociedade na percepção da criança. Tivemos por inúmeros motivos uma questão de precocidade, seja por conta da informação, da alimentação, da estimulação... e o brincar vai ficando cada vez mais achatado. E não chato. Achatado, porque cada vez menos as pessoas têm acesso ao brincar.

Ao dizer que “não que eu ache ruim”, TCC-10 já faz uma ressalva, demonstrando uma percepção muito debatida atualmente que é a necessidade de equilibrar o uso das tecnologias com atividades em que as crianças possam sentir o mundo por inteiro, possam ser crianças e brincar de muitas maneiras. As crianças devem ser percebidas como tal e a cidade ser construída de maneira a oportunizá-las viverem suas infâncias.

Quando penso numa cidade boa para a criança penso numa cidade que a tire da invisibilidade. É uma cidade que, independente de onde ela resida, seja entendida como criança. Que ela tenha espaço para brincar, que ela não seja vítima de lugares sem nenhum convite às brincadeiras, que a cidade as permita brincar e mais ainda, que convide os adultos e a quem cuida a brincarem com essas crianças. (TCC-16)

O desejo de que o brincar faça parte da vida de crianças e também de adultos parece não ser tão próximo da vida diária da maioria das famílias. Tem sido cada vez mais comum que ao ter mais condições econômicas, as pessoas busquem uma rotina cheia de atividades extras, inclusive para as crianças que, estando tão ocupadas, já não brincam mais ou tanto nas ruas e em outros espaços da cidade.

Os perigos que se escondem à porta de casa aconselham que a criança não saia sozinha, e as melhores condições econômicas permitem dar às crianças a inscrição em tantas escolas noturnas: piscina, guitarra, inglês, dança, ginásio. Ao mesmo tempo, mães tornaram-se taxistas, passando a tarde acompanhando seus filhos e esperando por eles.¹⁷²

Faço muitas atividades: jazz, escoteiro, coral da prefeitura..., gosto de estar ocupada, de pensar nos outros, de ajudar. (CCC-01, grifos nossos)

¹⁷² TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 28.

No original: Los peligros en acecho fuera de la puerta de casa aconsejan que el niño no salga solo, y las mejores condiciones económicas permiten regalar a los hijos la inscripción en tantas escuelas vespertinas: la piscina, guitarra, inglés, danza, gimnasio. Al mismo tiempo, las madres se han transformado en taxistas, y pasan la tarde acompañando a los hijos y esperándolos.

A CCC-01 é muito ativa, gosta de ter muitas programações, gosta de tomar decisões, de ajudar. Quando vi, logo pensei nela, ela é bem comunicativa. (RCC-01)

Essa busca por preencher a rotina faz parte das atividades de muitas famílias e crianças. Acaba sendo sinal de uma sociedade na qual a todo momento é preciso estar produzindo para sentir que o tempo é usado de maneira útil, que é preciso vencer o tédio com distrações, não como forma de aprendizado e experiência significativa, mas como simples ocupação do tempo.

Esse ano ficou faltando um pouco, por conta de tudo o que aconteceu. Tudo que é rotina, acaba ficando mais entediante. Sugiro que quando puder voltar a ser presencial, que cada reunião seja num ponto diferente da cidade. Eles tiveram, no ano passado, encontros na Pinacoteca, no Polytheama, na Prefeitura, no Parque da Uva... Com certeza, nos próximos, haverá encontros no parque para que eles possam participar. Cada reunião em um lugar diferente para as crianças não cansarem. (RCC-02)

Depois da pandemia, foram momentos únicos: para distrair, se relacionar, fazer outras atividades, conhecer outras crianças mesmo que de longe. A gente mora em um apartamento, a CCC-19 fica só aqui, tipo um refúgio. Só agora que liberaram as áreas comuns. Fazer parte do *Comitê* ajudou muito. (RCC-19)

É claro que ter programações diferenciadas, poder conhecer intencionalmente pontos da cidade e realizar atividades em grupo, mesmo que de maneira remota, pode ser muito positivo. No entanto não devemos esquecer o valor da ocupação da cidade de maneira cotidiana. “Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios...”¹⁷³

O que aprendemos na vida nos marcam como experiências e vão marcando nossas decisões. Enquanto sociedade, fomos mudando ao longo dos tempos e também isso aconteceu em relação às concepções de infância e criança. Cada vez mais as crianças foram sendo cerceadas e super protegidas. Foram sendo retiradas delas momentos em que pudessem calcular riscos e automonitorar seus movimentos e relações. Os espaços destinados às crianças foram sendo pensados e feitos por adultos sob a ótica da segurança absoluta e a estratificação de lugares certos para pessoas determinadas. Esse confinamento em lugares determinados faz parte de um sistema de proteção controlado por adultos. Tidos como apropriados ao desenvolvimento ou socialização infantis, são acompanhados por atitudes paternalistas, como “uma estranha combinação de amor, sentimentalismo, superioridade e marginalização.”¹⁷⁴

¹⁷³ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 24.

¹⁷⁴ NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. *Op. cit.* p. 740.

No entanto, conforme as concepções sobre as infâncias vão sendo debatidas, novas formas de ver o que é necessário às crianças começam a vir à tona. Encontramos condições de produção e a formação discursiva ganha novos sentidos.

Durante as entrevistas com os adultos, tanto com técnicos como com os responsáveis pelas crianças, foi comum o resgate por eles de suas próprias infâncias e o desejo que suas crianças pudessem criar essas memórias de maneira segura.

Desejo que as crianças tenham mais liberdade, não ficassem tão presas dentro de casa, que tivessem lugares seguros. Na minha época, não era assim tão seguro... passava carro, a gente saía, mas era mais tranquilo. Hoje, se deixarmos a criança na rua ela pode morrer atropelada, ela não tem muita noção de estar na rua. Espaços para a criança brincar em segurança, não centralizado, mas nos bairros. Lugares com segurança para as crianças, mas também agradáveis para os pais. (TCC-04)

Na minha época, a gente conseguia ter mais relação com os ambientes externos. Podia estar mais na rua. Hoje as crianças são extremamente conectadas. Ao mesmo tempo que isso acontece, elas estão também mais longe do mundo próximo. Nem sempre estão prestando atenção no que está no lado. Às vezes, estão conectadas com o outro lado do mundo, mas não estão acompanhando o que está acontecendo na sua região, no seu bairro, na cidade. A gente que não estava tão conectado na época, estava mais ligado à cidade, ao bairro, circulava mais. (RCC-20)

Os pais sempre agem com as melhores intenções. Agora que eu nasci mãe, vejo muito isso. A questão da segurança, de não deixar as crianças nos espaços públicos... causam preocupações. Meu filho é a melhor coisa que me aconteceu na vida. Mudou tudo, é muito especial. Antes eu tinha uma questão ética profissional, gosto muito de ser arquiteta e de desenhar o espaço público, trabalho com o que eu acredito. Agora é como se eu tivesse uma pressa em garantir um mundo melhor para meu pequeno, é um comprometimento ainda maior. Os bem pequenos trazem uma pureza, uma confiança, uma questão de esperança. (TCC-02)

O receio com a falta de segurança e a dificuldade de acreditar que as crianças possam vivenciar os espaços públicos são preocupações muito atuais. Não que as gerações anteriores não lavrassem listas de recomendações aos pequenos, criando inclusive histórias e contos urbanos, mexendo com o imaginário infantil. No entanto, havia uma abertura para que as crianças brincassem sem o acompanhamento constante de adultos. Isso nos leva a um dilema: as pessoas foram se confinando por causa do aumento da violência ou a vida foi ficando mais violenta devido à desocupação das ruas?

Para Tonucci,

As ruas não ficarão seguras quando forem patrulhadas pela polícia ou pelo exército, mas quando forem conquistadas por crianças, idosos, cidadãos. A rua frequentada voltará a ser limpa e terá suas calçadas à disposição dos pedestres, voltará a ser bonita, te convidará a passear, a fazer uma pausa.¹⁷⁵

¹⁷⁵ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 47.

Alguns participantes dessa pesquisa também pensam de maneira parecida, ao falar sobre a importância da criança, da apropriação dos espaços públicos e do desejo de que a cidade seja mais do que um espaço, mas uma oportunidade de coletividade e de constituição da pessoa enquanto ser diante da vida.

Para uma cidade menos violenta, é preciso começar primeiro pela criança. Ela é a base. Precisamos oferecer o melhor para que elas tenham boas oportunidades. (RCC-17)

Eu espero que a cidade seja mais tomada pelas pessoas. Que elas possam sair mais, como antigamente. Quero ver as famílias nos parques e nas ruas. Sei que tem a questão da segurança, mas penso que quando se ocupam os espaços públicos, também se inibe algumas ações. Também podemos, assim, ensinar as crianças a participar e a tomar conta. (TCC-11)

Desejo uma cidade em que ele possa viver, não somente habitar. Quero que ele não apenas vá na casa da vó ou ao clube, mas que ele viva a cidade: ir à pracinha, ver o passarinho, ver diferentes árvores, andar na calçada sem pisar na risca... Ele vivendo na cidade é algo cíclico, ele pode ter um olhar sobre o lugar onde ele vive. Quero que ele possa andar de ônibus e dizer se é bom ou não, que ele veja as desigualdades e se incomode com elas. Quero para ele uma cidade que realmente permita. Não é nem que a cidade somente esteja tão ruim, mas as crianças estão fora. É como se estivéssemos criando espaços para adultos e carregássemos as crianças de um lado para o outro, achando que elas não precisam viver tudo isso. Às vezes, ouço comentários das pessoas. É como se eu devesse mantê-lo numa bolha, como se ele não precisasse ter contato com o mundo. (TCC-02)

Ainda pensando na temática da cidade, trouxemos para a discussão a necessidade de analisá-la como lugar de **visão**, uma possibilidade de nela encontrar elementos para mudanças, ao levar em consideração a escuta atenta às crianças e, uma vez, tendo nelas parâmetros, garantir acesso aos direitos à cidade para todas as pessoas.

Tanto crianças quanto adultos, durante a pesquisa, esboçaram suas percepções sobre qualidade de vida, seu valor e a necessidade de torná-la bem público. Em várias falas, é percebida uma superfície discursiva que coloca o entendimento sobre o custo não ser possível a todos e o desejo de que essa oferta devesse ser oportunizada a todos os cidadãos.

Eu gosto muito de Jundiaí. Já acho uma cidade muito boa para se viver. Mas tudo pode melhorar. Espero que seja uma cidade com boa estrutura de educação, de lazer para as crianças terem oportunidade com a família. Às vezes o lazer privado, um shopping, um cinema... acaba sendo muito caro. Sei que nem toda família tem condição para isso. A cidade proporcionando esses momentos culturais gratuitos acaba ampliando a educação e o contato. (RCC-02)

No original: Las calles no se volverán seguras cuando sean patrulladas por la policía o el ejército, sino cuando sean conquistadas por los niños, los ancianos, los ciudadanos. La calle frecuentada volverá a ser limpia y a tener sus veredas a disposición de los peatones, volverá a ser bella, invitará al paseo, a la pausa.

Vamos pensar nas pessoas que moram na rua, uma menina resolve que quer dançar ballet, mas nas condições que ela vive não teria como. Um lugar que oferecesse isso a todos, não só para aqueles que têm dinheiro, de um jeito gratuito. Que todos pudessem ter oportunidade de fazer o que gostam. Adolescente ou criança, menino ou menina. Que todos possam ter chance. (CCC-14)

Rousseau declara que “só a vontade geral pode dirigir as forças do Estado em conformidade com o objeto de sua instituição, que é o bem comum”.¹⁷⁶ Segundo o autor, a vontade geral se remete ao interesse comum ou ao interesse público, busca o bem coletivo e o interesse do grupo, enquanto a vontade de todos se refere ao interesse privado e se resume nas vontades particulares e nos interesses individuais da comunidade.

Dessa forma, é preciso possibilitar o fortalecimento da vontade geral, oportunizando momentos em que o diálogo e a busca pelo bem comum sejam presentes e tomados como prioridade em relação a interesses particulares. Fato este bem diferente do que vivenciamos em nossa sociedade, com tantos exemplos de uma política feita de vontades particulares.

Se por um lado sofremos enquanto sociedade as consequência de nossas escolhas consumistas, de outro temos a chance de olhar para todos os problemas atuais como alavanca para perceber as prioridades da vida e maneiras de recuperá-las. Tonucci diz que:

[...] por um lado, a cidade perdeu suas características, tornou-se perigosa e injusta; por outro lado, apareceram os verdes, os ambientalistas, os animalistas, que pregam justamente o verde, a floresta. A floresta tornou-se bela, luminosa, objeto de sonho e desejo; a cidade tornou-se horrível, cinzenta, agressiva, perigosa, monstruosa.”¹⁷⁷

Ou seja, os problemas que surgem por um lado possibilitam que pessoas se unam por uma causa comum, que comecem a valorizar o que antes estava invisível, pois as prioridades ganham novos pontos de percepção e as pessoas podem ter novas chances de mudar suas relações, inclusive com os espaços urbanos das cidades.

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e devido a seu potencial para iniciar qualquer espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isto contribui para uma sensação de bem-estar nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espalhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.¹⁷⁸

¹⁷⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Op. cit.* p. 33.

¹⁷⁷ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 4

No original: Por un lado, la ciudad ha perdido sus características, se ha vuelto peligrosa y desleal; por otro lado, han aparecido los verdes, los ambientalistas, los animalistas, que predicán justamente el verde, el bosque. El bosque se ha vuelto hermoso, luminoso, objeto de sueño y de deseo; la ciudad se ha vuelto horrible, gris, agresiva, peligrosa, monstruosa.

¹⁷⁸ MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. p. 86 In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre; Artmed, 1999. p. 59-104.

Assim sendo, durante as reuniões do *Comitê das Crianças*, vários temas de interesse dos pequenos representantes foram trazidos como pauta. Entre eles, os ligados ao meio ambiente foram muito recorrentes desde os primeiros encontros.

Na hora imaginei que seria eu e mais algumas crianças discutindo e falando o que pensamos sobre a cidade. E é exatamente isso. Bem legal! Uma coisa, só de falar do *Comitê* que eu sempre lembro, é que parecia que toda reunião a gente discutia sobre natureza, que tudo gira sobre esse tema. Quase isso mesmo que acontece. Sem a natureza a gente não tem quase nada. Pensando assim: os peixes comem as algas, se as algas não existissem os peixes também não e a gente não poderia comer os peixes. A gente precisa discutir bastante sobre isso. O mundo não gira em volta da gente. É o que falam muito em filmes como *Wall.e* que mostra a Terra virando um grande lixão. (CCC-14)

Nessa fala, CCC-14 faz uma interdiscursividade com uma animação infantil *Wall.e*, deixando sua compreensão sobre a conexão entre os seres e de certa maneira uma crítica ao antropocentrismo. Questões ambientais estão presentes em diversos meios comunicativos e como conteúdo escolar.

As crianças se preocupam com a presença de plantas e o cuidado com os animais, detectando problemas e dando ideias para minimizá-los. O plantio de árvores é muito presente nas suas falas. As crianças vêem as árvores como algo divertido que pode ser escalado.

O que mais tem ficado na minha mente é quando falamos sobre as árvores, as plantas e os animais, a cidade verde. Esses são os assuntos que mais me interessam. Sugiro que as pessoas plantem no dia do seu aniversário várias árvores e plantas, e que haja um disque ajuda para animais abandonados. (CCC-08)

Também falamos sobre ter mais árvores e árvores são divertidas, quando crescem podemos subir nelas. Eu fui em um aniversário de uma amiga e tinha uma árvore enorme, a gente ia escalando e subindo. Muito legal. As pessoas deviam ter cuidado com as árvores. Uma vez, achei um pote de xampu deste tamanho preso numa árvore. As pessoas jogam muito lixo. (CCC-18)

Fotos 20 e 21 – Crianças do *Comitê* brincando nas árvores



Fonte: Acervo da pesquisa

CCC-12 faz uma observação empírica da falta de árvores em seu meio, constatando a mudança de ar e de temperatura numa situação vivenciada em sua casa e relativada para a cidade. CCC-17 também trouxe muitas contribuições ligadas à preservação da natureza, entre elas a preocupação com o lixo e o uso de sacolas reutilizáveis.

Conversamos sobre vários assuntos importantes, como o plantio de árvores. É importante para ter um ar melhor para respirar. Aqui em frente de casa tem um terreno e quando construíram o muro cortaram as árvores. Eu percebi que o ar ficou diferente, ficou mais quente também. Imagina uma cidade sem árvores. (CCC-12)

Cuidar da natureza, não jogar lixo na rua, seria bom usar mais sacolas reutilizáveis no mercado. São algumas ideias. Aqui na frente de casa, têm dois tucanos. Um dia peguei um passarinho atrás do micro-ondas, eu soltei ele e ele voltou alguns dias para nos visitar. (CCC-17)

Assim como as crianças, percebemos a preocupação de alguns adultos participantes da pesquisa não só com a temática ligada à natureza, mas como também com a cidade enquanto nosso meio ambiente mais próximo.

A cidade daqui a 30-40 anos não terá mais alternativa se não ser mais próxima da natureza. Já estamos pensando em arborização urbana e implantação de parques, para melhorar esse meio, que ainda é muito hostil. Temos muitos conflitos: trânsito, mobilidade, arborização, calçadas, segurança pública, sinalização... Passa por uma mudança de tudo isso e pela própria questão do urbanismo da cidade poder ser pensado de maneiras a proporcionar melhores condições para todos. (TCC-18)

Também ligado, diríamos até diretamente, ao tema ambiental, o entendimento sobre o coronavírus, a pandemia e os cuidados necessários também foi muito presente nas reuniões do *Comitê das Crianças*, em 2020. Estes temas de repercussão internacional fizeram parte do cotidiano de todos não somente nas casas, mas nos ambientes educativos e sociais.

Os adultos expuseram, durante as entrevistas, o quanto o momento estava impactando a vida das crianças. Elas são atentas ao que acontece à sua volta e basta um pouco de compreensão para ver quantos conhecimentos têm sobre o mundo e as demonstrações de seus principais desejos e necessidades.

O que marcou foi a visão dele sobre o momento que estamos vivendo devido ao coronavírus, me impactou bastante. Ele desenhou um globo gigante e demonstrou que entende o que está acontecendo, ele viu que é uma luta do mundo contra esse vírus para que a gente possa voltar a ter paz, poder se ver, para que as reuniões possam ser presenciais, que dê para conhecer os lugares, como a prefeitura, que é o que ele quer. (RCC-15)

Figura 5 – Desenho feito por CCC-15

Fonte: Acervo da pesquisa

Ainda tem muita coisa para melhorar na cidade. É preciso diminuir a poluição e que as pessoas se cuidem mais, usem máscara. Lembra que eu fiz um vídeo me apresentando, contando o que estou fazendo na quarentena? Também usei o TikTok para explicar como usar a proteção e que dá para nos divertir com ela também. (CCC-07)

Figura 6 – Desenho feito por CCC-07

Fonte: Acervo da pesquisa

Como um assunto de extrema importância e muito atual, fez parte de praticamente todas as reuniões do ano, seja em momentos para saber como as crianças estavam passando pela pandemia, como também compartilhando o que sabiam sobre a Covid-19. Foram vídeos, desenhos, pesquisas... As crianças utilizaram várias linguagens para expressar o que sabiam e o que desejavam.

Também tenho feito desenhos para o *Comitê*. Fiz alguns sobre a prevenção do coronavírus, dizendo que é importante lavar as mãos. (CCC-16)

Figura 7 – Cartaz com desenhos feito por CCC-16



Fonte: Acervo da pesquisa

Em muitos momentos, as crianças buscavam nos mediadores do *Comitê* validação para informações que tinham ouvido. Sempre eram incentivadas a pesquisarem em fontes confiáveis e entenderem pelos meios científicos o momento que estamos passando.

No início também falaram bastante sobre o coronavírus, lembro que ela se empenhou em pesquisar sobre o assunto também, ver várias reportagens. (RCC-08)

Figura 8 – Colagem feita por CCC-05



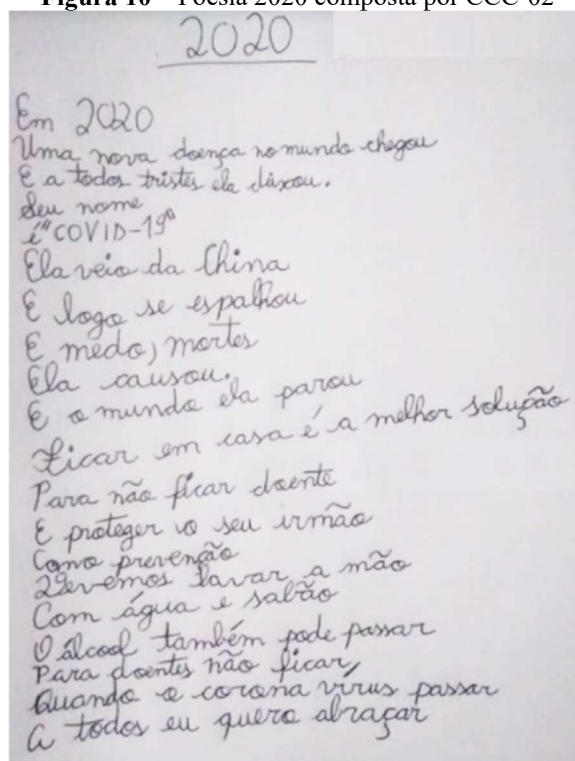
Fonte: Acervo da pesquisa

Figura 9 – Desenho feito por CCC-11

Fonte: Acervo da pesquisa

As crianças se expressam de difentes maneiras e por meio de múltiplas linguagens. Demonstram sua compreensão do mundo que as cerca e as preocupações que também fazem parte. No desenho de CCC-11, usa simbolicamente de elementos como abismo e caveiras para ilustrar a morte e o “anjo” vestido como profissional da saúde, usando máscara, usando de todas as forças para impedir que o mundo vá abaixo. O uso de frases escritas demonstra sua vontade de ser compreendida e deixar sua mensagem mais clara.

A poesia 2020 de CCC-02 expressa de uma maneira objetiva e na linguagem da criança os principais pontos que tem se deparado: uma nova doença, sua origem e consequências, propostas de cuidados e o desejo de que tudo passe para que os abraços sejam possíveis.

Figura 10 – Poesia 2020 composta por CCC-02

Fonte: Acervo da pesquisa

Ao pensar na cidade, as crianças remetem-se a situações e interações que vivem nela. Tudo faz mais sentido quando estabelecem uma relação com suas próprias experiências e para expressarem suas ideias, trazem também histórias vividas e personagens imaginados ou de seu convívio, principalmente da família e da escola.

Em uma das reuniões, CCC-17 desenhou uma monstrinha – Lalara – dizendo ter 8 anos, gostar de desenhar e ter medo de vacina. Uma forma de trazer esse sentimento em um momento que todos têm falado sobre a importância da vacinação no combate da Covid-19.

Figura 11 – Desenho de CCC-17: monstrinha Lalara



Fonte: Acervo da pesquisa

As crianças também expressam suas dores e feridas, como no caso de CCC-19. Segundo sua mãe, a questão do abuso foi um momento muito difícil em suas vidas, mas que ela enquanto apoio da criança, quer garantir espaço para que sintam-se seguras em falar e pedir ajuda sempre que precisar.

Quando penso numa cidade boa, penso em coleta de lixo, que não tenha poluição, que as crianças se divirtam melhor, que não tenham pessoas para machucar, abusadores, ladrões... (CCC-19)

Tenho um relato pessoal de quando ela tinha 4 anos, mas agora ela está bem. Foi isso que mudou a forma como eu a escuto. A palavra da CCC-19 tem muito valor para mim. Precisa ser respeitada, preservada. Todo mundo deveria se despertar para isso, para a inocência da criança e para a necessidade dela para um bom desenvolvimento. (RCC-19)

Em um dos momentos do *Comitê das Crianças*, CCC-19 desenhou uma monstrinha que tinha medo, mas também muitos amigos. Mais uma forma de expressar suas ideias e sentimentos, valorizando a interação com os outros e a oportunidade de conversar.

Também teve o dia que a gente fez um monstinho. Foi legal porque a gente conversou mais, interagiu mais. Foi legal aquele dia. Fiz uma monstinha que era medrosa, tinha bastantes amigos. (CCC-19)

Assim, entre tantas experiências,

[...] as crianças criam para si um pequeno mundo cultural próprio produzido num criativo exercício dialógico pelo qual elas não apenas esquadriham, no amplo mundo sociocultural dos adultos, aspectos a serem reproduzidos, mas oferecem-nos inovadoras formas ativas, genuínas e interpretativas com as quais percebem e recriam as relações sociais e a cultura.¹⁷⁹

Ao oportunizarmos às crianças vivências ricas na cidade e a ocupação de espaços públicos, podemos nutrir nelas o sentimento de pertencimento e de responsabilidade frente ao coletivo. Cabe a nós adultos, familiares, educadores e comunidade em geral, encontrarmos maneiras para efetivar uma cidade para as crianças e a população em geral.

RCC-02 trouxe essa questão:

Outro lugar é a biblioteca municipal. Quando pequeno, levava sempre o CCC-02. Nos sábados havia contação de história. Ele ficava brincando com brinquedos pedagógicos, vendo os livros. Eu sempre comentei, é um espaço grátis, era para ter fila para querer entrar. A cidade que eu gostaria de ter para a geração futura é uma com boa educação, lugares com entretenimento e de interação (praças e parques). Frequentamos o Parque do Eloy Chaves, o Parque da Cidade, fazemos caminhada e andamos de bicicleta. (RCC-02)

É necessário encontrar maneiras para que as ações resultem em mudanças. Um dos caminhos para isso pode ser a criança como referência nas políticas públicas e no olhar para a cidade como apresentado por TCC-17:

Agora que virou pauta, parece óbvio, ver cada vez mais pessoas falando sobre a importância das crianças. Mas em 2017, quando fiz uma apresentação pós viagem técnica com o Alana para o exterior - Alemanha, muitas pessoas ainda tinham aquela visão que funcionava porque era fora do país. Hoje vemos as pessoas falando, o prefeito falando, parece natural, mas no início não estava consolidado que deveria ser uma prioridade. (TCC-17)

No entanto, é preciso também considerar que “... a qualidade da vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade, num mundo onde o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana.”¹⁸⁰

¹⁷⁹ SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. *Op. cit.* p. 12.

¹⁸⁰ HARVEY, David. *Op. cit.* p. 81.

Esse entendimento faz parte da maneira como as cidades são organizadas e é compreensível que os profissionais tenham em sua formação social esses aspectos determinando seus olhares e sua atuação.

Quando tomei conhecimento do projeto *Cidade das Crianças* em Jundiaí, já comecei a pensar como isso seria transferido para minha área de atuação. Hoje sabemos que a ideia da criança é importante pelo próprio perfil de público que a gente atende, que é a família. No processo de reformulação da Festa da Uva, uma das coisas que sempre priorizei foram os espaços para as crianças. A minha primeira grande luta foi tirar o parque mecânico, por dois motivos: são caros e acabam não sendo acessível para todas as famílias, e pela questão da segurança. Ter o parque gratuito, mesmo que com infláveis gigantes, e espaço para as crianças menores foi uma conquista. Pensar a criança também nas atrações foi também algo bastante estimulado. A criança é quem segura a família nos eventos, se ela está entretida, a família consegue permanecer e usufruir mais da festa. (TCC-06)

Então se meu cliente na ponta é a criança, ela é a primeira que tem que ser ouvida. Nesse aspecto, quando tenho que propor algo para um público específico, preciso entender a necessidade desse público. A meu ver, o mais importante é ouvir a quem eu estou atendendo. Não adianta nada propor política para infância sem ouvir as crianças. (TCC-07)

Ninguém nasce consumista. O consumismo tornou-se uma ideologia, uma forma de pensamento forjada, um hábito que é uma das características culturais mais impactantes da nossa sociedade. Não importa a faixa etária, o gênero, a crença, a nacionalidade ou o poder aquisitivo. Todos que são atingidos pelas mídias de massa têm o estímulo para consumir.¹⁸¹ A ideia de produto e consumo está diretamente relacionado aos discursos e valores empregados.

Tudo ainda está começando, mas já sinto o interesse em conhecer as propostas. O que tenho visto com os empresários é a preocupação para que não seja necessário grande investimento financeiro e que traga um retorno. Tivemos uma reunião em que representantes do *GT Criança na Cidade* foram divulgar os conceitos. Na reunião seguinte, tive um feedback positivo, inclusive das agências de viagem. Vejo Jundiaí podendo divulgar um conjunto de atrativos diferenciados e nisso ter mais um diferencial turístico. (TCC-06)

Os dilemas atuais ligados a forma como vivemos e organizamos a sociedade, os problemas ambientais, a violência gerada pelas desigualdades sociais, tudo isso nos desafia a realizar mudanças em nossa forma de ver, pensar e agir. Enxergar nas crianças um caminho possível para que as pessoas tenham mais perspectivas e possam lutar por uma cidade melhor para todos.

¹⁸¹ <https://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>

Uma cidade que coloca a criança como referência pode ser melhor. Por exemplo, têm jovens que caem nas drogas, por não terem oportunidades. Se você recebe, no decorrer da vida, você tem condições de dar. Se há uma boa educação, se a cidade tem uma boa estrutura, projetos que incentivam, as crianças vivem melhor. A nossa cidade ainda pode melhorar, nem todos os bairros têm áreas pensadas nas crianças. (RCC-17)

As cidades apresentam em si formações tanto estruturais quanto de organização como reflexo de concepções historicamente construídas. Em muitas delas como já discutidos, vemos sinais de desigualdade e espoliação. As crianças recebem diretamente esses impactos. Se por um lado o consumismo vê nas crianças uma maneira de entrar nas escolhas das famílias¹⁸², por outro os produtos são pensados e feitos por adultos, desconsiderando as crianças e suas necessidades.

Os parques infantis são um exemplo interessante de que os serviços são concebidos por adultos para adultos, e não para crianças, mesmo que estas sejam os seus destinatários declarados. Esses espaços infantis são todos iguais, em todo o mundo - ou pelo menos no mundo ocidental -, rigorosamente nivelados, muitas vezes cercados e sempre equipados com escorregadores, redes e carrosséis.¹⁸³

Se pedirmos a um grupo de crianças que nos diga como gostariam de equipar um espaço lúdico para elas, certamente responderão repropondo os mesmos estereótipos várias vezes denunciados nestas páginas, com slides, redes e carrosséis. Se eles realmente se sentirem livres, eles podem ousar tomar medidas maiores do que o normal. Existem várias maneiras de permitir que as crianças se expressem com mais liberdade. Uma é a análise dos jogos que preferem, dos locais que mais lhes sugerem e, a partir deles, descobrir as suas características e tentar recriá-las no espaço a projetar. Outra forma é examinar propostas feitas por outras crianças em outras cidades e em outros países. Em todo caso, trata-se de fazer com que as crianças percebam que "é possível ousar mais", que não há limites para a fantasia, ainda que mais tarde os relatos tenham que ser feitos com a realidade, com os materiais, com as leis da física, com custos.¹⁸⁴

¹⁸² <https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Doc-09-Interscience.pdf>

¹⁸³ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 8.

No original: Los parques de juego para los niños son un interesante ejemplo de que los servicios son pensados por los adultos para los adultos, y no para los niños, aunque éstos sean sus destinatarios declarados. Dichos espacios para niños son todos iguales, en todo el mundo -- o por lo menos en el mundo occidental --, rigurosamente nivelados, a menudo circundados y siempre dotados de toboganes, hamacas y calesitas.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 66-67.

No original: Si les pedimos a un grupo de niños que nos digan cómo quisieran equipar un espacio de juego para ellos, seguramente responderán volviendo a proponer los mismos estereotipos varias veces denunciados en estas páginas, con toboganes, hamacas y calesitas. Si realmente se sienten libres, podrían atreverse a medidas más grandes que las habituales. Hay varios caminos para permitir a los niños que se expresen con mayor libertad. Uno es el análisis de los juegos que prefieren, de los lugares que para ellos son más sugestivos y, a partir de éstos, descubrir sus características y tratar de recrearlas en el espacio a proyectar. Otro camino consiste en el examen de propuestas hechas por otros niños en otras ciudades y en otros países. De todos modos, se trata de llevar a los niños a la conciencia de que "es posible atreverse a más", que no hay límites para la fantasía, aun que después se deberán hacer las cuentas con la realidad, con los materiales, con las leyes de la física, con los costos.

O programa *Cidade das Crianças* consiste em ter a criança como parâmetro, levando a administração pública ao nível das infâncias. Trata-se de aceitar a diversidade que a criança traz consigo como garantia de toda diversidade. Vemos nessa iniciativa alguns princípios, como o brincar e a autonomia de mobilidade, como grandes propulsores para o desenvolvimento de crianças em relação a si, ao outro e aos espaços que ocupa, entre eles a cidade.

E brincar significa recortar para si a cada vez um pedaço daquele mundo, um pedaço que vai incluir um amigo, objetos, regras, um espaço para ocupar, um tempo para administrar, riscos para correr. É precisamente graças a esta grande complexidade que nos primeiros anos ocorre a aprendizagem absolutamente mais importante de toda a vida do homem. E nenhum adulto será capaz de prever ou medir a quantidade de aprendizagem de uma criança que brinca, mas essa quantidade será sempre maior do que nós, adultos, podemos imaginar.¹⁸⁵

CCC-08 coloca em seus desejos para a cidade propostas que levem em conta lugares para as crianças brincarem e estarem mais próximas da natureza.

Tem alguns adultos que ouvem as crianças, outros que acham que o que eles dizem é melhor. Mas não é só o que os adultos dizem que é importante. Por exemplo, meu irmão de 5 anos pode querer brincar em algum brinquedo e esse brinquedo pode estar quebrado ou nem existir. É preciso ter lugares para as crianças brincarem. Quem sabe mais parques em cada bairro, parques verdes com várias árvores, natureza, animais, passarinhos. As crianças poderiam brincar de esconde-esconde, pega-pega. Está vendo? A gente entende o que precisa. (CCC-08)

Para Tonucci, uma das mudanças que enfrentamos tem a ver com a mobilidade das pessoas nas cidades que gera consequências na forma como as infâncias se desenvolvem no contexto urbano, estando diretamente ligado aos perigos que o aumento do trânsito ocasiona e a limitação de ocupação dos espaços públicos pelas crianças. Essa limitação física faz com que também sejam diminuídas as experiências infantis sobre a vida que a cercam, vista agora através dos vidros de prédios e veículos.

O infortúnio é que a possibilidade de sair que as crianças têm, sua autonomia, é inversamente proporcional à nossa: quanto mais nós, adultos, nos movemos no carro, mais expandimos nossa amplitude de movimento, e quanto mais criamos perigo, obstruímos espaços, poluímos o ar, aumentando as dificuldades de autonomia de nossos filhos. E quando as crianças se movem, cada vez com mais frequência elas se movem conosco, dentro de nossos carros, no banco de trás.¹⁸⁶

¹⁸⁵ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 13.

No original: Y jugar significa recortar para sí mismo cada vez un trocito de ese mundo, un trocito que comprenderá a un amigo, a objetos, a reglas, un espacio a ocupar, un tiempo para administrar, riesgos a correr. Es justamente gracias a esta gran complejidad que en los primeros años se realizan los aprendizajes absolutamente más importantes de toda la vida del hombre. Y ningún adulto podrá prever o medir la cantidad de aprendizaje de un niño que juega, pero esa cantidad será siempre superior a lo que nosotros, adultos, podemos imaginar.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 27.

No original: La desgracia es que la posibilidad de salir que tienen los niños, su autonomía, resulta inversamente proporcional a la nuestra: cuanto más nos movemos los adultos en el auto, más ampliamos nuestro radio

Os automóveis foram se tornando a referência para a organização das cidades, a seu favor se realizam as intervenções mais radicais e onerosas, como por exemplo os planos para novos estacionamentos nos grandes centros. É a eles que os guardas municipais dedicam parte do seu tempo e energia. Inverter essa lógica e ter uma cidade onde as crianças estão na rua pode tornar a cidade mais segura, não só para elas, mas também para os idosos, os deficientes e para todos os cidadãos.

As crianças percebem as inseguranças que o trânsito ocasiona, como a fala de uma das participantes do *Comitê*:

No *Comitê*, nós discutimos o problema de carros que passam em alta velocidade na frente das escolas.

Foto 22 – Criança do *Comitê* em campanha do trânsito seguro



Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2021/04/10/o-transito-pelo-olhar-das-criancas-carros-em-alta-velocidade-e-falta-de-respeito/>

As mudanças de olhar para a cidade, para tê-la, não somente como PROVISÃO, mas ao romper a ideia de PRISÃO, encontrar nela a VISÃO para percorrer novos caminhos de maneira mais integrada e efetiva. Para isso, notamos que a iniciativa do programa *Cidade das Crianças* em Jundiaí-SP teve como ponto inicial a intersetorialidade. Foi formado um grupo de trabalho com representantes das diferentes unidades de gestão da prefeitura municipal. As reuniões acontecem semanalmente para tratar pautas ligadas às crianças e à cidade.

de movimiento, y más creamos peligro, obstruimos espacios, contaminamos el aire, aumentando las dificultades de autonomía de nuestros hijos. Y cuando los niños se mueven, cada vez más frecuentemente se mueven con nosotros, dentro de nuestros autos, en el asiento de atrás.

No meu trabalho, a intersetorialidade é essencial. Como arquitetos, quando vamos fazer um projeto, precisamos conhecer os atores, as demandas, as dificuldades..., pois dentro de uma lista de necessidades levantadas, fazemos algo para atender. No poder público, é muito difícil na construção de uma praça, consultarmos o Esporte, a Cultura, a Educação, a Saúde ou outras pessoas dentro do Planejamento para depois conciliar tudo isso num projeto. Muitas vezes é difícil saber até quem buscar na prefeitura. (TCC-02)

Esse trabalho intersetorial é diferente, inclusive é preciso rever a questão dos investimentos. É preciso muito mais do que fazer apenas uma limpeza numa praça, por exemplo. Agora vemos muita coisa no entorno. É impactante, não tínhamos essa visão antes. (TCC-08)

Para que o trabalho intersetorial possa ser melhor desenvolvido há de se investir mais numa melhor comunicação. Quando se reúnem profissionais tão diversos torna-se o cenário muito rico em possibilidades, mas também muito desafiador.

A participação é facilitada com a organização e a criação de fluxos de comunicação. Por consistir numa tarefa coletiva, a participação se torna mais eficiente com a distribuição de funções e coordenação dos esforços individuais, o que demanda organização. Além disto, ao consistir na colocação em comum de talentos, experiências, conhecimentos, interesses e recursos, a participação requer meios de expressão e troca. Exige também que as pessoas aprendam a se comunicar, quer dizer, a usar bem diversos meios de comunicação e métodos de discussão e debate que sejam produtivos e democráticos.¹⁸⁷

A organização do *GT Criança na Cidade* já sinaliza avanços apesar de muito ainda precisar ser revisto. No entanto, entendemos que esse é um processo de aprendizado coletivo.

Como os demais processo sociohumanos, a participação [...] pode ser aprendida e aperfeiçoada pela prática e a reflexão. A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade, a refletir, a superar contradições reais ou aparente, a identificar premissas subjacentes, a antecipar consequências, a entender novos significados das palavras, a distinguir efeitos de causas, observações de inferências e fatos de julgamentos. A qualidade da participação aumenta também quando as pessoas aprendem a manejar conflitos, clarificar sentimentos e comportamentos, tolerar divergências, respeitar opiniões, adiar gratificações. A qualidade é incrementada quando as pessoas aprendem a organizar e coordenar encontros, assembleias e mutirões, a formar comissões de trabalho, pesquisar problemas, elaborar relatórios, usar meios e técnicas de comunicação.¹⁸⁸

Uma estratégia que deu bons resultados foi criar GTzinhos para determinadas frentes, como a escrita do Plano Municipal de Primeira Infância. Com assessoria da Rede Nacional da Primeira Infância, o grupo está refletindo sobre suas ações e maneiras para legitimar direitos pela normatização.

¹⁸⁷ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 78-79.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 72-73

Há possibilidade de desenvolvimento de um Estado democrático fundado em princípios pelos quais “o direito legítimo é produzido a partir do poder comunicativo e este último é novamente transformado em poder administrativo pelo caminho do direito legitimamente normatizado.”¹⁸⁹

O *GT Criança na Cidade* tem se empenhado em participar da composição de documentos normatizadores municipais, como o Plano de Mobilidade e o Plano Plurianual (PPA), incentivando inclusive o envolvimento dos cidadãos. O *Comitê das Crianças* também participou da divulgação da escuta pública participativa do Plano de Bairro.

Com apenas 11 anos, ele sabe a importância da participação no Plano de Bairro. “É bom para todos”, comentou o jovem munícipe que destaca sobre a necessidade de calçadas mais acessíveis para que pessoas com deficiência possam se locomover pelas ruas do bairro. “Meu irmão é cadeirante e temos muita dificuldade de andar com ele pelas calçadas. Também sugeri mais parques e espaços para podermos brincar”, conta.

Foto 23 – Criança do *Comitê* em divulgação do Plano de Bairro



Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2021/03/28/sugestoes-para-o-plano-de-bairro-podem-ser-enviadas-ate-31-de-marco/>

Entende-se que possa ser esse um caminho para tornar as ações não passageiras, mas políticas públicas de Estado de maneira mais participativa, tendo a criança como referência. Uma importante conquista considerada pelo *GT* foi a inclusão de um capítulo voltado para a política da criança na cidade no Plano Diretor do município de Jundiaí¹⁹⁰. Nele há a uma seção voltada para a garantia dos direitos da criança no espaço urbano.

¹⁸⁹ HABERMAS, Jürgen. *Op. cit.* p. 212.

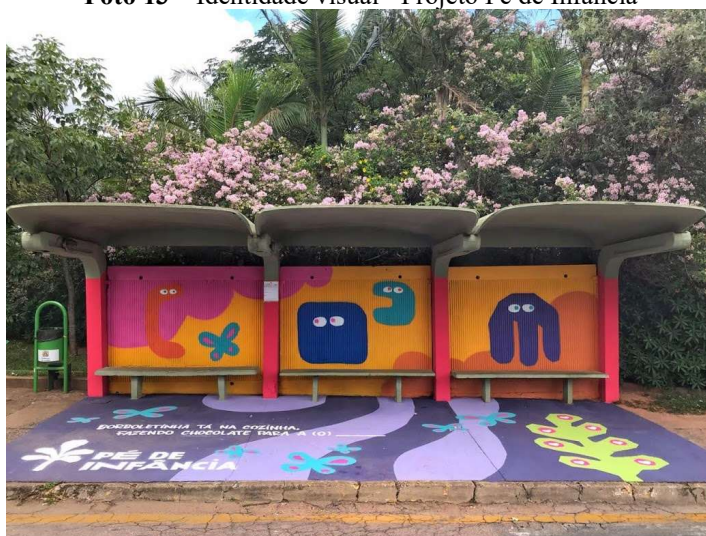
¹⁹⁰ Vide Anexo A.

Encontrar maneiras de tornar ações em prol da criança e dos demais cidadãos em políticas públicas é uma das intenções do grupo. Esse movimento não é fácil, pois envolve diferentes concepções e ainda interesses que precisam ser conciliados. Além disso, não se pode ficar apenas nas mãos de um pequeno grupo, mas ir se abrindo de maneira cada vez mais participativa, afinal:

[...] política pública é um: “Processo social complexo, dinâmico e conflituoso, em torno de uma questão, que se estende por um determinado tempo e espaço e envolve um jogo estratégico e tático de diversos atores sociais com diferentes fins, cada um dos quais atua de acordo com sua viabilidade política e técnica.” No caso particular da definição de políticas públicas participativas, os atores envolvidos no processo social têm considerável capacidade de decisão, desempenhando um papel tão importante quanto o Estado no momento do debate e propor propostas sobre um assunto específico. Assim, o cidadão acaba desempenhando um papel decisivo na definição de uma determinada política pública ou fazendo parte dela.¹⁹¹

Ainda sobre as crianças e a cidade, Jundiaí-SP tem recebido apoio de diferentes instituições, como a Fundação Bernand Van Leer. Um dos projetos, o Pé de Infância, cria uma identidade visual para chamar atenção dos munícipes para as crianças.

Foto 13 – Identidade visual - Projeto Pé de Infância



Fonte: Acervo da pesquisa

¹⁹¹ BALLESTEROS, Maria Paula. *Op. cit.* p. 6

No original: ... política pública es un: “Proceso social complejo, dinámico y conflictivo, alrededor de una cuestión, que se extiende en un tiempo y espacio determinado e involucra un juego estratégico y táctico de actores sociales diversos con diferentes fines, cada uno de los cuales actúa acorde a su viabilidad política y factibilidad técnica” En el caso particular de la definición de políticas públicas participativas, los actores que se involucran dentro del proceso social tienen una capacidad de decisión considerable, jugando un papel tan importante como el Estado al momento de debatir y proponer las propuestas ante una cuestión determinada. Es así, que la ciudadanía termina ejerciendo un papel decisivo al momento de definir una política pública concreta o formar parte de ella.

A campanha convida pais e cuidadores a “cantar, brincar e contar histórias diariamente” para os pequenos. Essa ação pretende gerar benefícios individuais assim como também para as infâncias da cidade.

Vivemos cercados por telas diariamente e com as crianças não é diferente. Muitas vezes, são elas que entretêm os pequenos para que os pais também estejam vidrados em seus próprios aparelhos.

Esses aparelhos modernos e cada vez mais perfeitos são um corolário da solidão da criança. E um dos melhores colaboradores dos pais. A televisão é capaz de oferecer programas, serviços e documentos cada vez mais bonitos, carregados de informação e fascínio. A propósito, hoje nossos filhos aprendem mais noções através da televisão do que na escola. Mas são sempre noções e conhecimentos ouvidos e vistos. As mãos servem cada vez menos, e a criança não aprende a fazer e fica sozinha em sua imobilidade. Nos espaços dedicados às crianças, são veiculados spots publicitários dirigidos diretamente a elas para que se tornem persuasoras de consumo junto aos pais. A manipulação é grave, pois desperta na criança necessidades inúteis, que modificarão negativamente a sua personalidade, na busca contínua do novo, perdendo progressivamente a capacidade de ser valorizado, querido e usado, e adentrando.¹⁹²

Dar visibilidade a esses problemas e trazer sugestões para que famílias se reaproximem das crianças, envolvendo-as nas ações cotidianas é fundamental, assim como também tornar importante as temáticas nas discussões de ordem pública, envolvendo políticos, servidores, profissionais e toda uma comunidade, já que todos somos responsáveis pelas crianças e de alguma maneira impactados pela forma como as educamos.

[...] se conseguirmos falar de crianças com os prefeitos, os guardas municipais, os contadores-chefes, os diretores de engenharia das comunas, com o médico do hospital, com os restaurateurs, com os professores e com os pais, bom, agora estamos ganhando algo com o projeto e, aliás, esse é um resultado mínimo, mas também uma forma de começar a construir o futuro.¹⁹³

¹⁹² TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 16.

No original: Este moderno y cada vez más perfecto electrodomésticos un corolario de la soledad del niño. Y uno de los mejores colaboradores de los padres. La televisión es capaz de ofrecer programas, servicios, documentos cada vez más bellos, cargados de información y de fascinación. Por cierto que hoy nuestros niños aprenden más nociones a través de la televisión que en la escuela. Pero siempre son nociones y conocimientos escuchados y vistos. Las manos sirven cada vez menos, y el niño no aprende a hacer, y está solo en su inmovilidad. En los espacios dedicados a los niños se transmiten spots de publicidad directamente dirigidos a ellos para que se hagan persuasores de consumo con los padres. La manipulación es grave, porque suscita en el niño necesidades inútiles, que modificarán negativamente su personalidad, en la continua búsqueda de cosas nuevas, perdiendo progresivamente la capacidad de apreciadas, gustadas y usadas, y entrando.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 58.

No original: ... si conseguimos hablar de niños con los intendentes, los guardias municipales, los jefes de contaduría, los directores de ingeniería de las comunas, con el médico del hospital, con los restauradores, con los maestros y con los padres, bueno, ya estamos ganando algo con el proyecto y, por cierto, éste es un resultado mínimo, pero también una manera de empezar a construir el futuro

Não é possível pensar em futuro sem considerar o que a criança vive hoje. Ela não virá a ser, mas já o é e, por isso mesmo, precisa receber investimentos afetivos, políticos, financeiros, sociais... para ter direito ao pleno desenvolvimento integral.

Tonucci percorreu o mundo com seus estudos sobre as crianças e a relação com as cidades. Em sua experiência relacionando-se com várias localidades, fala sobre o papel do prefeito e a necessidade que este esteja envolvido de fato:

Hoje existe uma pessoa importante na cidade: o prefeito. Importante porque seus concidadãos, e não seu partido, entregaram o governo da cidade a ele. Provavelmente, um prefeito pode ganhar os votos para ser reeleito garantindo melhores serviços e tornando a cidade mais suportável, de modo que ao final do mandato seus eleitores possam dizer que “ele está melhor do que há quatro anos” e assim decidir reelegê-lo. Mas se um prefeito pensa mais no futuro da cidade do que em sua reeleição, se ele pensa mais nos filhos e netos de seus concidadãos, então ele deve colocar esperança em movimento. Você deve participar de um sonho: O sonho de acreditar que sua cidade amanhã pode ser mais uma vez bonita, saudável, segura; que haja crianças brincando na rua novamente. Nesse caso, você precisa começar a trabalhar com sua equipe, com o conselho, com todos os seus colegas adultos, para fazer valer a pena ser criança novamente em breve.¹⁹⁴

A respeito do papel do prefeito, TCC-17 faz um relato:

O Comitê das Crianças, se formos avaliar o resultado em apenas um ano, dá para tomar como base a cerimônia de entrega da Carta ao Prefeito com seus pedidos. Não que sejam muito diferentes do que pensamos, mas o fato de crianças estarem percebendo necessidades da cidade é impressionante. Saber que esses problemas incomodam a ponto delas falarem e quererem escrever para entregar. A fala do prefeito neste dia foi muito emocionante. Ele reconheceu a importância do momento e como seria bom se as crianças tivessem outras preocupações, mas percebemos o quanto questões de segurança, inclusive viária, estão nos pedidos das crianças. O registro dos pedidos delas tem um efeito. É claro que também pelo compromisso do atual prefeito em realizá-los. Talvez um outro, não tão alinhado, guardaria na gaveta e esqueceria. Pelo pouco tempo de criação, considero que foi uma grande conquista. Quando vamos para as ações, lembramos dos pedidos das crianças, como os bancos coloridos em praças e outros espaços.

TCC-17 é funcionária pública de carreira do município e, tendo passado por várias administrações, reconhece que ter o prefeito alinhado possibilita que, ao ir para as ações, haja uma lembrança sobre os pedidos das crianças e isso já traz um efeito na gestão pública.

¹⁹⁴ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 3

No original: Hoy en la ciudad hay una persona importante: el intendente. Importante porque sus conciudadanos, y no su partido, le han entregado el gobierno de la ciudad. Probablemente, un intendente puede ganar los votos para ser reelecto asegurando mejores servicios y haciendo más soportable la ciudad, de modo que al final de su mandato sus electores puedan decir que “se está mejor que hace cuatro años” y así decidan reelegirlo. Pero si un intendente piensa más en el futuro de la ciudad que en su reelección, si piensa más en los hijos y los nietos de sus conciudadanos, entonces debe poner en movimiento la esperanza. Debe participar de un sueño: El sueño de creer que su ciudad mañana puede volver a ser hermosa, sana, segura; que vuelva a haber niños que juegan en la calle. En ese caso, debe empezar a trabajar con su equipo, con el concejo, con todos sus colegas adultos, para lograr que pronto valga de nuevo la pena ser niños

Apesar de conquistas alcançadas com o trabalho em plataformas, ainda há dificuldades apontadas pelos participantes para fazer chegar em suas ações as concepções discutidas e realizar uma política voltada para os cidadãos que supere as questões econômicas:

Ainda enfrentamos dificuldades. Praticamente quase todos os projetos que fizemos foram alterados pelas pessoas que executam as obras e muitas vezes ainda não conhecem as novas perspectivas. Normalmente, estão mais preocupados com menor custo e disponibilidade de material. [...] Penso ser essencial ter algo como o *GT* que reúna várias pessoas com o propósito voltado para a criança, desde quem está no planejamento até quem estará na outra ponta, na execução, passando por quem viabiliza as finanças, organiza o plano de governo, contrata a empresa que vai realizar o projeto, quem vai fiscalizar a obra. Se o *GT* for apenas um grupo para ter ideias, ideias, ideias... e não se preocupar em viabilizar as ações, vira somente um *GT* de boas intenções. Pode parecer um clichê, mas se for aprofundar a questão, o futuro está nas crianças. Que tipo de criança? Quem é a criança cidadã? Quais são as infâncias que nós temos na nossa cidade? Essas infâncias estão sendo cuidadas de que forma? Tudo isso precisa estar incorporado no fazer do prefeito, mas também no fazer dos gestores. É um processo longo, difícil, mas que precisa ser estruturado e estar no plano de governo de cada unidade de gestão para não ser esquecido. (TCC-19)

Mais do que um *GT* de intenções e ter apoio do prefeito, é preciso que as discussões e concepções de infâncias, como referência de toda a diversidade de cidadãos, chegue aos gestores e técnicos responsáveis no município.

É preciso organização e vejo que a gente precisa avançar com o *GT*, lá na ponta. Eu sinto como dificuldade maior, às vezes, essa interlocução entre o representante no *GT* e como ele leva a discussão para sua Unidade de Gestão, para que vire uma ação prática. Quando falo de uma ação prática, não é nem pensando só em atividades em si, mas até na publicação de decretos, elaboração de conceitos, visibilidade de escolhas. (MCC-01)

Assim sendo, outro ponto importante quando pensamos no trabalho intersetorial é o diálogo. TCC-16 aponta a comunicação interna assim como a externa como necessárias para ampliação das concepções que estão sendo defendidas, não como informações, mas como possibilidade de partilhar conhecimento e desenvolver resultados.

Dialogar não é saber falar, é saber ouvir e ouvir verdadeiramente. Nós não fomos educados para dialogar, fomos educados para debater. Eu vejo que no *GT* o debate precisa ser algo do passado e precisamos estabelecer o diálogo. O diálogo é você se permitir ser influenciado pelo outro. É não fazer prevalecer ali seu ponto de vista, mas entender que esse ponto de vista pode ser resultado de um conjunto das falas existentes. [...] O *GT* pode ser exatamente essa voz, ecoada na cidade de Jundiá para todos os seus entes [referindo-se ao poema Tecendo o amanhecer – João Cabral de Melo Neto]. Quando você muda a forma de olhar para uma criança, necessariamente você está mudando a forma de olhar para o todo. Se ficar apenas dentro do *GT* é apenas uma troca de informações, quando nós compartilhamos e colocamos em prática, estamos transformando essas informações em conhecimento. Até algum tempo atrás, deter informação era poder, hoje quanto mais você compartilha mais poderoso é, o processo acontece. (TCC-16)

5.1.2 As crianças e a participação?

Vimos no capítulo 2, destinado a discutir a participação e as crianças, a Convenção sobre os Direitos da Criança como um marco em relação às infâncias. A participação como um dos valores fundamentais da CDC “... não só é um direito autônomo como também um dos quatro princípios orientativos da CDC (participação; não-discriminação; os melhores interesses da criança; e vida, sobrevivência e desenvolvimento).”¹⁹⁵ Participação, enquanto processo, é algo que se aprende e se aperfeiçoa.

Ninguém nasce sabendo participar, mas, como se trata de uma necessidade natural, a habilidade de participar cresce rapidamente quando existem oportunidade de praticá-la. Com a prática e a autocrítica, a participação vai se aperfeiçoando, passando de uma etapa inicial mais diretiva a uma etapa superior de maior flexibilidade e autocontrole até culminar na autogestão.¹⁹⁶

Para Paulo Freire, “... o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.”¹⁹⁷ Entender que o ser em construção, inclusive o ser social e enquanto cidadão, é princípio para valorizar processos participativos, sobretudo com crianças.

Outro ponto ao tratarmos sobre crianças e participação é o eleito por Malaguzzi, segundo Edwards & Gandini¹⁹⁸, como princípio de orientação do senso coletivo: “... as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças” (MALAGUZZI, 1999, p. 61). Assim sendo e contrapondo-se à visão adultocêntrica, garantir o direito de cada criança de ser protagonista e de manter a curiosidade espontânea em um nível máximo é fundamental. “Tínhamos de preservar nossa decisão de aprender com as crianças, com os eventos e com as famílias, até o máximo de nossos limites profissionais, e manter uma prontidão para mudar pontos de vista, de modo a jamais termos certezas demasiadas”.

[...] o educando vai aprendendo à custa de sua prática, mesmo que sua curiosidade como sua liberdade deva estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais.¹⁹⁹

O que Paulo Freire apresenta sobre os limites da liberdade que cada um deve por em exercício é colocado por RCC-06 ao pensar na relação entre pais e filhos, em como os limites existem para ambos de alguma maneira.

¹⁹⁵ UNICEF. *Op. cit.* p. 3.

¹⁹⁶ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 78.

¹⁹⁷ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 26.

¹⁹⁸ MALAGUZZI, Loris. *Op. cit.* p. 59-104.

¹⁹⁹ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p.44.

Isso não quer dizer fazer tudo o que as crianças querem. Tem um limite. A gente tem que ver o que é certo. Nem tudo o que eles falam a gente tem que acatar. Às vezes, não é algo para o momento ou elas não entendem por serem crianças. Às vezes, a gente também fala de um jeito que elas não entendem ou que não é do nosso alcance. Existe um limite, uma conversa entre pais e filhos. Tem tanto um limite para a criança, quanto um limite para os adultos. (RCC-06)

Esse limite para o exercício de participação é alicerçado pelo respeito. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.”²⁰⁰ Assim também deve ser em relação às crianças. Ainda é comum, em nome da proteção, que adultos subestimem os pequenos, limitando suas possibilidades de atuação no mundo e na importância do que têm para comunicar.

No coletivo parece que a gente não conversa com as crianças [...]. Ao mesmo tempo que as crianças eram antigamente meio que desrespeitadas na sua individualidade: criança não se sentava nem na mesa com os adultos para comer. Era apartada e era... criança. Hoje em dia, ao mesmo tempo que a gente dá um monte de coisa, pergunta o que ela quer, coloca decisões nas mãos das crianças que elas nem podem tomar, nem tem muita capacidade de tomar e muito focado na individualidade, mas numa individualidade meio pré construída. Ao mesmo tempo que a gente faz isso, meio um oposto ao que era antigamente, a gente ainda relega a elas esse espaço protegido..., eu diria preconceituoso mesmo com as crianças. Eu me pegava muito nisso em projetos que eu desenvolvia para criança. Com pessoas que acham que precisa ter cara de coisa infantil. Mas o que é cara de coisa infantil? Tem que ser coloridinho? A gente está colocando um pré conceito no conceito do que é o infantil. Para colocar também as crianças no nosso mundo mesmo. É claro que eu não vou propor usar maçarico ou serra elétrica..., mas até isso, com a devida instrução, com o devido cuidado, é possível. Não vou fazer isso numa oficina online. É claro que é preciso traduzir para o universo daquelas pessoas um entendimento que não é igual ao seu. (MCC-03)

Entender que as crianças, desde que contem com apoio, podem e devem ser incentivadas a compreender o mundo que as cerca, mantém viva a curiosidade tão latente na infância.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.²⁰¹

Da mesma forma como Paulo Freire coloca o papel do professor podemos estender também aos demais adultos e profissionais que se relacionam com as crianças. É preciso manter os princípios éticos para que de fato esse espaço participativo esteja disponibilizado.

²⁰⁰ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 31.

²⁰¹ *Ibidem.* p.31.

Criar um ambiente onde a participação das crianças é plena e eficazmente cumprida tem sido desafiante para todos os governos. Tradicionalmente, a maioria das sociedades no mundo tem visto as crianças como a propriedade dos seus pais ou como sujeitos à autoridade de mais velhos na sua comunidade, com um reconhecimento diminuto de qualquer direito à sua autonomia emergente.²⁰²

Quando eu era criança, não havia essa preocupação. O adulto não escutava a criança, nem na família nem na escola. Era mais cobrança para obedecessem e que aprendessem os conteúdos da escola, matemática, português... Hoje já vejo que as crianças têm a oportunidade de aprender sobre a vida. (RCC-11)

Aprender com a vida, exige também que não se pode nem deve haver omissão, mas é necessário que os pais saibam que o futuro pertence aos filhos. A eles deve ser garantido o direito à liberdade de decidir, mesmo com o risco de não acertar, não seguindo a decisão dos pais. “É decidindo que se aprende a decidir”.²⁰³

Não só no âmbito individual, mas também no coletivo, a participação é tema de extrema importância. Para os participativistas, sem participação não haveria possibilidade de uma sociedade mais humana e com menos desigualdades.

A participação nos diversos conselhos pode ser considerada um exercício ativo de construção e envolvimento na vida pública. O cidadão também pode participar de audiências, nas quais os elegidos devem ouvir a opinião da população sobre determinado tema. Também é possível acompanhar licitações e gastos públicos nos Portais da Transparência (da Prefeitura, da Câmara de Vereadores e Senado), assim como, com o avanço das redes sociais e demais aplicativos, utilizar os meios tecnológicos para tornar a participação mais democrática.

Para mim, orçamento é assunto para discussão cidadã, discussão aberta. [...] Eu trabalho na prefeitura de Hortolândia, pertinho de Campinas. Sou professor da Unianchieta no setor de economia do setor público. Temos uma série de questões de planejamento e participação da sociedade que a gente acaba debatendo com os alunos, além de experiências que já tive nessa área, como consultor na rede de orçamento participativo, coisas que a gente até já desenvolveu até bem mais do que hoje. Brasil já foi referência nessa área de planejamento com participação da sociedade. [...] O orçamento é público, não é privado. A receita vem de impostos, é de todos nós. Seria mais do que natural e necessário que as pessoas saibam para onde o dinheiro está indo, como está sendo gasto, de maneira transparente. De preferência que elas possam participar da definição desses recursos. (RCC-20)

²⁰² UNICEF. *Op. cit.* p. 3.

²⁰³ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 54

Conforme apresentado por RCC-20, o orçamento é também de suma importância e deveria ser mais participativo. Apesar de grande parte das instâncias do poder público terem canais de interação social, há diversas dificuldades para que os cidadãos de fato participem, seja a falta de conhecimento que é colocado de maneira muito técnica até a pouca efetividade das opiniões na tomada das decisões.

Tonucci, diz que é preciso “Comunicar às diferentes consultorias para que os recursos do orçamento ordinário sejam despendidos de maneira diferente, não para coisas novas, mas para realizar as já planejadas, com um novo olhar. Ou seja, não gastar mais, mas gastar melhor”.²⁰⁴ Para isso é preciso que haja efetividade participativa.

Eu sou um defensor de qualquer processo e canal de participação. Defendo isso na minha área de atuação. Não só as crianças, mas todos, devem participar cada vez mais. A busca por uma sociedade melhor, por uma cidade melhor, depende muito da participação, depende muito de as pessoas estarem acompanhando o que acontece. Essa talvez seja uma das principais ferramentas transformadoras da cidade, da sociedade em que a gente vive. O conceito de cidadania também é muito importante. Faz parte do meu trabalho inclusive, da minha lógica e da minha trajetória. Com relação a isso, sempre que surge um processo e perguntam: “Será que vale a pena?”. Vale. Qualquer um que entrar num processo de participação sai melhor, qualquer um, qualquer pessoa. Mas a gente ainda, no Brasil especialmente, a gente ainda engatinha. Estamos muito aquém do que deveríamos. E as crianças têm que ter já essa noção de cidadania. No Brasil, tem essa visão, totalmente equivocada para mim, de que política, cidade... não se discute. Acho o contrário: política, cidade, as coisas que acontecem ao nosso redor... se discutem sim. Essas coisas são para serem conversadas, discutidas, debatidas. Essa é a raiz da sobrevivência da democracia e de uma tentativa de uma vida melhor. Então, construir os diversos pontos de vista, as diversas opiniões, você pode ter uma sociedade melhor. A gente está engatinhando ainda, muito. Cultivar isso já nas crianças é fundamental. (RCC-20)

Enquanto processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder, quando a participação é promovida, devemos aceitar a transformação das pessoas de conformistas a ativas. Para além disso é necessário haver descentralização e distribuição do poder. “Se não se está disposto a dividir o poder, é melhor não iniciar movimento de participação.”²⁰⁵

A participação pode ser incentivada de diferentes maneiras. Assim sendo, vamos relembra esses pontos para relacioná-los com as falas dos jovens representantes do *Comitê das Crianças*. A participação é formada, como vimos no capítulo 2, por duas bases complementares.

²⁰⁴ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 21.

No original: Comunicar a las distintas asesorías para que se gasten los fondos del presupuesto ordinario de modo distinto, no para cosas nuevas, sino para realizar las ya previstas, con un punto de vista nuevo. Es decir, no gastar más, sino gastar mejor.

²⁰⁵ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 77

A *base afetiva*, na qual a participação é alicerçada pelo sentimento de prazer em fazer coisas com outras pessoas e a *base instrumental*, em que fazer coisas com outras pessoas é mais eficiente e eficaz do se o fizéssemos sozinhos. É preciso equilíbrio entre estas duas bases, mas, às vezes, há conflitos e sobreposição de uma à outra.²⁰⁶

Vemos que a *base afetiva* aparece de maneira muito recorrente entre as crianças que participaram da pesquisa:

Estou no *Comitê* de novo porque é legal conhecer pessoas novas, fazer amizades, poder ajudar a melhorar a cidade para todo mundo. (CCC-04)

Antes não conhecia as outras crianças e agora uma das minhas grandes amigas é a CCC-18 do *Comitê*. A gente troca mensagens, falamos da escola, das nossas famílias. Foi bem legal poder ter essa amizade. (CCC-05)

Sobre meus amigos do *Comitê*, tem dois que eu já conheci na vida real, que são as duas CCC-07 e CCC-20. Uma é da minha escola, só não da mesma classe; a outra é da minha igreja. (CCC-06)

Conheço o CCC-06, ele também é da minha igreja. Também fiz amizade com a CCC-18, nós duas gostamos de um grupo de K-pop. Antes de começar as reuniões, a gente fica se falando e se conhecendo. (CCC-07)

Eu fiz uma amiga no *Comitê*, a CCC-18. A gente se fala bastante, às vezes pelo Whatsapp. A gente já fez até lições da escola juntas. (CCC-19)

Durante as reuniões, sempre era garantido espaço para que as crianças conversassem sobre assuntos de seus interesses, para que trouxessem questões pessoais, como forma de aproximação do grupo e encontro de afinidades.

- CCC-01: Fez um adendo sobre o aplicativo Zoom roubar dados dos usuários. Houve uma discussão no grupo sobre cuidados no meio virtual. As crianças também falaram sobre o que têm feito durante a pandemia:
- CCC-09: ficado com a família.
- CCC-16: hoje é seu aniversário (cantamos Parabéns). Tem vários irmãos e brinca com eles, o caçula tem só 2 meses.
- CCC-07: anda de patins no estacionamento do prédio. Sente falta da escola e se diverte com os cachorros.
- CCC-03: também sente falta da aula e faz aula de música no Projeto Guri.
- CCC-09: também faz parte do Projeto Guri.

Esses momentos foram chave para que todos pudessem se conhecer melhor e construir um ambiente de confiança, de pertencimento e partilha em grupo. A afetividade é de suma importância para que as interações infantis aconteçam e as crianças possam coletivamente entrar no espaço de fala e acolhimento.

²⁰⁶ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.*

Foi preciso também encontrar estratégias para que a base instrumental fosse mais desenvolvida, dando equilíbrio no intuito da participação pelas crianças. Para isso, precisaram perceber cada vez mais que o fazer coletivo pode ser mais eficaz do que agir solitariamente.

A participação tem um forte valor de aprendizagem, faz com que as crianças se sintam parte de uma comunidade com a qual podem compartilhar direitos e responsabilidades. Assim, a cidade se torna a sua cidade por haver o desenvolvimento de um senso de pertencimento desde os primeiros anos. São muitas as repercussões sociais percebidas nesse processo. Por meio de meninas e meninos, as questões chegam às famílias, que podem assumir novas posturas no apoio de suas crianças.

Esse é um fator preciso para haver um delineamento amplo e completo, tornando-se mais democrático. Envolver os pequenos tem como maior sentido a contribuição que eles podem dar à cidade. Um dos limitantes do recente desenvolvimento das cidades é ter sido realizado tendo o cidadão adulto e produtivo como perspectiva. Pouco foi dedicado a espaços públicos para interação, brincadeiras e mobilidade de pedestres. O envolvimento pode mudar essa referência, abrindo espaço de escuta a quem não era levado em conta para definir a cidade e com a certeza de que as crianças representam as necessidades comuns a outras categorias, como idosos e pessoas com deficiência.

Para promover o desenvolvimento urbano, é preciso ter ideias criativas e as crianças podem ser bons inovadores. Se manter a atenção nelas, pode-se não apenas perceber a expressão de suas necessidades como também de propostas de como realizá-las. Nem sempre serão alcançadas de forma imediata, porém, em geral, as crianças têm ideias criativas e que inovam. Por isso mesmo, uma cidade que deseje mesmo realizar um processo de mudança deve contar com a participação infantil. É uma forma de aproximar as gerações como também de dar valor ao patrimônio que a humanidade produziu, reconhecendo as conquistas sociais e culturais que coletivamente foram sendo alcançadas na cidade.

Achei muito interessante essa participação, porque ele teve a oportunidade de ampliar a parte cultural sobre a cidade. Meu avô é um jundiense que tem paixão pelos pontos da cidade. Agora o CCC-02 conversa com o bisavô sobre os lugares que visitou com o *Comitê* (Polytheama, Pinacoteca, Museu ferroviário). Ele ganhou o Passaporte (Guardiões do Patrimônio) no ano passado e fomos no Gabinete de Leitura e em outros pontos. A família acabou se envolvendo. O museu Solar do Barão ele já conhecia da época dos presépios, mas pode na visita conhecer os jardins. E a escola também deu oportunidade para ele compartilhar e comentar sobre os pontos que conheceu. Levou o passaporte para os colegas da classe verem. O CCC-02 já um guardião do patrimônio, fez o juramento e já recebeu o boton. A escola também sempre oportunizava espaço para que ele comentasse sobre as reuniões do *Comitê*, como estavam sendo. (RCC-02)

Além disso, a participação das crianças também é uma lição para os adultos que, ouvindo as opiniões dos pequenos, podem aprender a considerá-los não apenas cidadãos do futuro, mas sujeitos políticos do presente, de maneira a influenciar e melhorar a realidade que os cerca.

Eu imaginava que o *Comitê* seria um espaço de participação, de diálogo, de consulta, de uma forma de incutir de alguma maneira os princípios da cidadania, das crianças já começarem a olhar para a cidade, os problemas da cidade e o que a cidade tem de bom... Nesse espaço de convívio, desenvolver um olhar sobre a cidade. (RCC-20)

A minha visão sobre a implantação do *GT* e das políticas públicas voltadas para as crianças é que se a gente conseguir garantir uma boa infância, você forma uma base muito sólida e consistente para que ela se torne um adulto com princípios dentro da dignidade humana. (TCC-07)

A participação enquanto exercício pode favorecer não somente o desenvolvimento infantil, mas possibilitar aos demais cidadãos maior tranquilidade e respeito para lidar com as diferenças e os potenciais de outras pessoas. “Um adulto sereno e realizado saberá compreender a autonomia de seu filho e estará disposto a superar qualquer dificuldade, qualquer preocupação para garantir essa autonomia.”²⁰⁷

Enquanto responsáveis pelas crianças, podemos falar sobre a autoridade democrática na qual a dependência vai sendo substituída pela autonomia conquistada no exercício de se fazer de maneira responsável e consciente.

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida.²⁰⁸

Para superar a dependência, que de início é apoio e segurança, a criança precisa ter incentivo para realizar suas escolhas que muitas vezes são diferentes das opções dos adultos. Oportunizar momentos de desafios possíveis, nesse sentido, faz-se não somente um voto de confiança no potencial infantil, mas também um processo de construção conjunta pautada no respeito e na partilha com o outro.

²⁰⁷ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 34.

No original: Un adulto sereno y realizado sabrá entender la autonomía de su hijo y estará dispuesto a superar cualquier dificultad, cualquier preocupación para poder garantizarle tal autonomía.

²⁰⁸ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 48.

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros.²⁰⁹

Foto 25 – Desafios



Fonte: EMEB Paulo Gonçalves de Mello

E é nessa construção da autonomia que também a participação pode ser entendida. Só se saberá participar quanto mais momentos participativos e que colaborem para escolhas autônomas e efetivas.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.²¹⁰

A dualidade presente na prática educativo-crítica pode de fato ser vivenciada no exercício da participação. Ora temos a reprodução ora o desmascaramento das situações enrustidas socialmente. As crianças percebem contradições existentes e, por vezes, sentem-se inconformadas ou mesmo confusas com tais questões.

²⁰⁹ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 48.

²¹⁰ *Ibidem*, p.51.

É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna “míopes”. O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mas não o divisamos bem. A própria “miopia” que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida.²¹¹

Essa nebulização da realidade nos faz referência também quando partimos para a interpretação dos discursos. A posição enquanto pesquisadora-analista torna-se um caminhar em busca de maior entendimento, apesar de relativo, sobre a realidade.

Segundo Orlandi (2004, p. 31), “[...] não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”. A ideologia naturaliza os sentidos que circulam na sociedade para construir uma realidade aparentemente sem conflitos, na qual se camuflam os jogos ideológicos e de linguagem. Nessas condições de produção há uma voz anônima produzida pelo interdiscurso/memória discursiva, em que o sujeito “[...] toma como suas as palavras da voz anônima.” (ORLANDI, 2004, p. 31).²¹²

Na fala das crianças também havia a voz anônima provida da memória discursiva em que elas estavam envoltas. A participação no *Comitê* envolvia o eixo fundamental da infância: o brincar, mas enquanto “compromisso sério” também deveria apresentar sinais de trabalho e outras valorizações do mundo adulto. Dualidades apresentadas em oposições: trabalho-brincadeira, fazer aviões-ter ideias.

As reuniões do ano passado aconteciam na Sala dos Relógios. Desde o primeiro dia já foi legal. A gente misturava o trabalho com brincadeiras. Fizemos aviões de papel e colocamos ideias dentro. Também teve o dia da dobradura. Fomos visitar o museu. Foi bem divertido conhecer. Tinham reuniões em vários lugares da cidade: Pinacoteca, Teatro, Museu da Ferrovia. Quando a gente foi ver uma peça no Teatro Polytheama, sentei na primeira fila. Foi um máximo poder apresentar o *Comitê* para tanta gente. Um amigo meu falou que viu meu nome inteiro na tela do teatro com uma imagem minha. Eu não acreditava. (CCC-18)

No entanto, essas dualidades não precisam ser percebidas em caráter negativo, mas como passo necessário para o rompimentos de paradigmas e possibilidades de mudança. Entender que é pelo brincar que a criança interpreta o mundo que a cerca e pode lançar ideias criativas sobre ele também levanta a necessidade de entender essa ação como séria e fundamental para as infâncias, que percebem em cada parte da vida, potencial de desenvolvimento.

²¹¹ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 64.

²¹² TARUFI, Leandro. *Op. cit.* p. 21.

Atitude corra de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e a ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apeiam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.²¹³

Nessa construção, descrita tão poeticamente por Paulo Freire, vemos muito das crianças. Elas expressam um ponto de vista diferente dos adultos sobre a vida e é exatamente essa visão que pode ser fundamental para repensarmos nossas cidades.

Se queremos de fato que a participação infantil aconteça, precisamos:

- fortalecer o envolvimento para que a participação seja real, com objetivos específicos definidos conjuntamente com crianças desde o início dos processos;
- ter a intenção de fazer, pois as demandas trazidas pelas crianças devem ser incorporadas no “aqui e agora”, firmando compromissos reais, como a reformulação de espaços públicos ou resoluções de problemas da mobilidade em determinado local;
- aprender a ouvir, na medida do possível como um apoio e não um direcionador, garantindo a autonomia das crianças em todas as fases do processo.

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.²¹⁴

Nessas experiências respeitosas pautadas em decisão, responsabilidade, respeito e liberdade, as crianças podem ter oportunidades valiosas de potencializar seu amadurecimento. No entanto, não devemos antecipar, mas entender o processo e particularidade dessa categoria.

²¹³ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 69.

²¹⁴ *Ibidem.* p.54.

A espera, por exemplo, é algo administrável no mundo adulto, mas muito mais difícil para os pequenos que precisam acompanhar seus familiares mesmo não encontrando muito sentido nisso.

As crianças costumam esperar, mesmo por muito tempo, enquanto os pais fazem fila, esperam o trem ou visitam um museu. Os adultos sabem esperar, sabem por que esperam, sabem passar o tempo ou, pelo menos, sabem se resignar a essa necessidade, mas para as crianças é mais difícil. Elas não entendem, e para elas não faz sentido se comportar, ficar na fila sem fazer nada. Então, eles manifestam seu desconforto tornando-se insuportáveis, apaixonados e, assim, tornam a situação dos pais e de outros adultos mais difícil.²¹⁵

Assim também se dá na participação infantil. As crianças esperam por respostas às suas contribuições.

Nós entregamos uma carta com nossas ideias para o prefeito, ideias para deixar crianças, adolescentes mais felizes. É como diz o lema do projeto: “Uma cidade boa para a criança é uma cidade boa para todo mundo”. Ano passado foi bom. Demora um pouco para ver as mudanças que a gente sugeriu. (CCC-18)

Manter o retorno do que é possível e o que não é realizável, é condição para que a relação ocorra de maneira ética. Minimamente, os participantes precisam ser atualizados com os andamentos dos processos que fazem parte, inclusive validando suas escolhas e até mesmo reconduzindo interpretações errôneas.

Foto 26 – Reunião para entrega de carta ao prefeito



Fonte: Acervo da pesquisa

²¹⁵ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 48.

No original: A menudo los niños esperan, aun por largo tiempo, mientras sus padres hacen cola, esperan el tren o visitan un museo. Los adultos saben esperar, saben por qué esperan, saben cómo pasar el tiempo o, por lo menos, saben resignarse a esta necesidad, pero para los niños resulta más difícil. Ellos no entienden, y para ellos no tiene sentido portarse bien, haciendo cola sin hacer nada. Entonces manifiestan su malestar volviéndose insoportables, encaprichándose, y así vuelven más difícil la situación de los padres y de los otros adultos.

O momento da entrega da carta²¹⁶ com as propostas do *Comitê das Crianças* para o prefeito foi realizado no parque Mundo das Crianças. Na ocasião, foi feita uma rememoração com as ações que nasceram das reivindicações infantis anteriores, como o pedido de um parque aquático gratuito para todas as crianças da cidade.

Foto 27 – Brinquedo aquático



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

... eu já tinha visto o lugar que foi enterrada a Cápsula do Tempo. Mas foi na visita que eu soube do que vai ter no parque. Não sabia das brincadeiras aquáticas, do espaço família, do redário... Também gostei muito de saber que as crianças vão poder subir em árvores. Elas gostam muito de frutas, de árvores... Achei muito bacana. Aquele “le parkour”, meu filho me explicou o que era e gostou muito. (RCC-16)

Fonte: Prefeitura de Jundiaí



Foto 28 – Cápsula do tempo

O projeto da construção de um parque para ampliar a preservação das margens da represa da cidade já fazia parte dos planos da governança há muitos anos. No entanto, ao integrar a rede das *Cidades das Crianças* e ter esse parâmetro como referência, houve mudanças, incorporando pedidos dos pequenos representantes.

²¹⁶ Vide Anexo F – Carta com as propostas das crianças.

Mapa 2 – Parque Mundo das Crianças²¹⁷



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

Uma cidade boa para as crianças também precisa ter brinquedos, como no Mundo das Crianças. Lá é muito criativo, vai ter uma casa na árvore, muito legal. (CCC-03)

Gostei de tudo do Mundo das Crianças, mas teve uma parte que gostei mais: a feita com pneu triturado para amortecer a queda, para as crianças pularem, brincarem; também tinham ‘pedras’ enormes de um material parecido. (CCC-15)

Devido à compreensão sobre a potencialidade das infâncias, o parque foi lugar em que essas ideias foram concretizadas nos espaços e nas escolhas tomadas. Parquinhos tradicionais, que direcionam os movimentos e as brincadeiras das crianças foram substituídos por elementos para criação e autogerenciamento corporal.

Fonte: Prefeitura de Jundiaí



Foto 29 – Desafios no parque

²¹⁷ Vide registros sobre visitas realizadas para conhecer e opinar sobre a construção em andamento no Apêndice I.

A participação das crianças não se faz apenas em reuniões formalizadas, mas na ocupação da cidade, em acreditar que elas são capazes e que sua presença por si só traz contribuições.

Foto 30 – Superação de desafios



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

Muitas pessoas ainda enxergam o projeto *Cidade das Crianças* como uma marca política, que é só fazer algo colorido ou temático, mas é algo maior. Essa é a ficha mais importante para cair. O Mundo das Crianças não é um parque temático, tem que trazer uma nova forma de percepção das relações. Uma das dificuldades que tivemos com as obras é que elas estão diferentes do projeto. Na parte das quadras, algumas pessoas, inclusive do Esporte, vieram reclamar que será um parque para as crianças e não precisaria de quadras. Tivemos que justificar que será um lugar para a família inteira, para os irmãos mais velhos e para as crianças que também podem usufruir delas. Não é algo em miniatura ou temático. A criança na verdade é o ator que mobiliza a sociedade. Olhar uma cidade pela criança é possível chegar em todo mundo. (TCC-02)

Romper com paradigmas, inclusive do que é pertinente para as crianças, não deve ser feito exclusivamente por adultos, nem exclusivamente para crianças. É momento para que coletivamente as gerações sejam envolvidas em suas ideias e pontos de vistas, para que possam encontrar aquilo que as unem e incluir de maneira democrática as diversidades.

É um lugar que vai poder receber um idoso, vai ter sombra. Será um lugar que não vai excluir nenhuma idade. Vai ter espaço para descanso, para caminhada, para correr... Dá para ter momentos em família. Vai ser muito bom. Com uma família grande como a minha fica difícil pagar entradas em parques aquáticos particulares. Ter uma opção pública vai possibilitar que a gente tenha acesso. (RCC-16)

O acesso aos bens públicos e o oferecimento de qualidade de vida devem fazer parte das políticas públicas da cidade. Aprendemos com as crianças o valor de manter o corpo e a mente ativos, a importância da natureza em nossas vidas e como as experiências fazem mais sentido quanto passamos verdadeiramente por elas.

Fotos 31 e 32 – Desafios para crianças e adultos



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

Para que a cultura das infâncias cheguem também aos educadores, formações pautadas em experiências e reflexões estão sendo realizadas em espaços abertos da cidade, como praças e parques públicos.

Foto 33 – Formação de educadores



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

A intenção é que ao sentirem o valor desses momentos e verem nas experiências potencial educativo oportunizem a suas crianças situações semelhantes, em que elas possam ocupar a cidade e, ao criarem identidade e pertencimento, participar das ações de maneira mais integrada.

[...] a formação precisa ser contínua e permanente, até que aquilo que propomos faça parte das pessoas. Tem também uma questão de vínculo. (TCC-19)

Como laboratório sobre a participação, o *Comitê das Crianças* tem sido um bom começo para que as vozes infantis sejam tidas como referência em Jundiaí-SP e alcancem visibilidade de maneira a impulsionar mudanças. As crianças têm muito com o que contribuir.

Em ambos os mapas de propostas, o primeiro feito presencialmente em 2019 e o segundo feito em 2020 via aplicativo, vemos uma maneira de registrar as ideias das crianças sobre o que desejam para a cidade. O processo acontece após várias reuniões e tem como intuito manter uma memória sobre os pontos levantados inicialmente pelos participantes e auxiliar nas proposições infantis em relação a políticas públicas do município.

No primeiro mapa, aparecem vários pedidos das crianças: respeito às leis de trânsito, mais áreas de lazer, mais segurança, cidade limpa e bonita, menos poluição, melhorias nas escolas, respeito, brinquedos, entre outros. As propostas foram colocadas na primeira carta das crianças para o prefeito da cidade. Entre elas, os brinquedos aquáticos foram incorporados no projeto de um parque público, o Mundo das Crianças, conforme descrito anteriormente.

Mapa 5 – Recorte com pedido de criança do *Comitê*



Fonte: Acervo da pesquisa

2020 foi um ano em que as reuniões do *Comitê das Crianças* aconteceram em sua maioria pelo aplicativo Zoom. Foi possível, utilizando esse meio novo e diferente, favorecer a comunicação de algumas crianças que tinham na tela um local mais seguro de interação. Em outras, percebemos a falta que o contato pessoal ocasiona. Para MCC-01, as crianças ficaram mais focadas durante as reuniões virtuais, o que demonstra que mesmo após a pandemia, seja possível manter o sistema híbrido, alternado momentos presenciais e remotos, estendendo os contatos com os representantes de maneira intencional.

O segundo mapa foi gerado pelo aplicativo Mentimeter. As crianças colocaram pedidos que remetessem a uma cidade boa para todos a começar por elas. Realizamos uma categorização dos itens lançados.

Meio Ambiente

- Árvores
- Mais árvores
- Mais árvores
- Mais plantas coloridas
- Menos poluição
- Ter lixeiras
- Mais bueiros
- Ter lugar para jogar lixo
- Preservação
- Um lugar para animais / beber e pros skatistas um / bebedouro

Trânsito/Mobilidade

- Faixa
- Ruas novas para caminhar
- Mais segurança
- Mais ciclovias
- Menos ruas esburacadas
- Rebaixar as calçadas
- Ter calçada
- Vias de bicicleta
- Mais placas de trânsito
- Lugar para andar melhor
- do que perto dos carros
- Melhorar o viaduto das / Viaduto das Valquírias

Acessibilidade/Inclusão

- Parques adaptados
- Mais rampas em escolas
- Mais brinquedos acessíveis
- Parques adaptados
- Mais parques acessíveis
- Sinalização para cegos

Brincar

- Parquinhos
- Lazer
- Eventos infantis
- Ter espaços para brincar
- Praça
- skate
- patinete

Outros

- Posto de saúde
- Saúde
- Respeito
- Mais escolas
- Ter mais escolas
- Educação
- Aulas escolares online-presencial
- Segurança

É possível perceber que tanto no primeiro quanto no segundo mapa, as crianças se preocupam com a segurança no trânsito, o brincar e espaços públicos limpos e conservados. No segundo, aparecem com grande presença itens ligados ao meio ambiente e à acessibilidade e inclusão. Algumas crianças do *Comitê 2020* têm irmãos ou parentes próximos com alguma deficiência, o que pode explicar o interesse desse grupo pela causa. Além disso, as temáticas sobre a diversidade são muito presentes nessa geração.

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar.²¹⁸

Essa luta pelo reconhecer-se “gente” e crescer no respeito ético precisa fazer parte constante das ações educativas sejam com crianças, jovens ou adultos. Garantir as diferenças individuais no processo participativo é essencial.

Entendo que isso é importante. Eu mesma só fui saber de algumas coisas, já adulta. A CCC-11 não. Já tem acesso à informação, sabe lidar e respeitar as diferenças, como por exemplo, o homossexualismo. Tudo isso é importante. Em casa ela sempre tem uma opinião para dar. [...] Essas crianças estão podendo aprender a refletir sobre a vida e poder falar suas ideias. (RCC-11)

Nós somos exatamente o resultado de uma diversidade. Quando fazemos a leitura da nossa família, nós encontramos já ali uma diversidade imensa. Da mesma forma que pessoas foram educadas e fundadas em preconceitos e julgamentos de valores, nós podemos a partir de uma transformação da forma de entender a criança e a colocar como protagonista do processo, contribuir para uma geração futura realmente transformadora. Que ela deseje muito estar lado a lado dos diferentes. E quando você ainda integra as diferentes gerações em ações conjuntas, num processo muito natural, você está transformando tudo. (TCC-16)

Estar do lado de pessoas diferentes ajuda a olharmos para nós mesmos, encontrar nossas potencialidades e fragilidades, descobrir a forma como podemos colaborar com o grupo e participar dos processos. Não precisamos agir da mesma maneira para encontrar o que nos une. Podemos nas diferenças construir caminhos mais democráticos.

²¹⁸ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p.31-32.

Nem todas as pessoas participam da mesma maneira. Há pessoas tímidas e outras extrovertidas, umas gregárias e outras que gostam de certa solidão, umas que são líderes e outras que gostam de segui-los. O sucesso da participação descansa em parte no aproveitamento da diversidade de “carismas”, sem exigir comportamentos uniformes e pouco naturais das pessoas.²¹⁹

Apesar da participação ser um modo de exercício num contexto concreto, cada uma das intervenções individualizadas possui uma marca genérica da categoria geracional a qual a criança pertence. E essa marca, para além das diferenças, permite compreender os sentidos políticos que exercem.²²⁰

Os agentes políticos precisam conhecer as pessoas por quem trabalham para dar sentido a suas ações e atender as reais necessidades. Ter essa aproximação é fundamental e podemos compartilhar esse sentimento com as crianças.

Vejo que assim “entramos no problema”. Isso aconteceu comigo também quando eu comecei a participar do Conselho da Pessoa com Deficiência. Eu não tinha ideia do que era. Não tenho ninguém na minha família ou pessoa próxima. Depois que comecei a participar, comecei a olhar com outros olhos. São pessoas que têm sua individualidade e autonomia. Assim também é minha relação com a criança. Sou pai de três meninas. Em casa temos todas as idades: adolescente, criança e criança pequena. (TCC-03)

A acessibilidade da cidade também é fundamental. As crianças têm necessidade de passear e de sair, não somente para realizar as terapias. Geralmente, falo isso para as famílias, que a criança precisa brincar. Mesmo que a criança não seja responsiva, é importante manter a comunicação e as oportunidades. (TCC-13)

A deficiência não pode ser um impeditivo da participação, mas deve exigir dos mediadores maneiras de incluir as pessoas, como numa situação durante a Corrida das Crianças.

Perguntaram se deficiente podia participar. Sendo criança... todos podiam. Não havia barreiras. Uma mãe, inclusive, correu com o filho com deficiência física usando seu corpo como apoio em uma vestimenta com velcro. (TCC-12)

A acessibilidade e a inclusão foram temas muito presentes nas reuniões do *Comitê das Crianças* em 2020.

Gostei muito quando eles tiveram que fazer desenhos de brinquedos inclusivos. Como tenho um filho autista, o CCC-10 ficou super animado e fez um jardim sensorial para o irmãozinho no desenho. Durante a reunião vi o quanto ele estava empolgado propondo algo que beneficiaria crianças autistas. (RCC-10)

Figura 12 – Desenho Jd. sensorial



Fonte: Acervo da pesquisa

²¹⁹ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 79.

²²⁰ SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. *Op. cit.*

Levar em consideração crianças, sejam elas próximas ou não em suas diferenças, faz parte de um processo democrático e educativo, ajuda as crianças a se reconhecerem e a manifestarem valores como a empatia e a solidariedade.

Outro momento que também me marcou foi o projeto de brinquedos para crianças deficientes [...], que nós criássemos brinquedos para crianças deficientes, cadeirantes, pessoas comuns. Então vimos no grupo um site com algumas ideias. Achei bem bacana, porque muitas vezes os cadeirantes não conseguem brincar junto com os outros, nos mesmos brinquedos. Na verdade, é importante estar junto, não importa o que ela é, mas o que ela faz. Não importa ela ser branca, negra, cadeirante, usuário de muleta, sem a perna..., se ela for humilde e educada. (CCC-15)

As crianças durante suas buscas fazem pesquisas usando diferentes fontes. Relacionam seus conhecimentos com outros, compondo intertextos²²¹. Quanto mais referências as crianças tiverem, diversas e em várias linguagens, mais se amplia o potencial criativo e a proposição de soluções. É preciso conhecer o mundo social e cultural das crianças para que sejam consolidadas como sujeitos atuantes.

Além da necessária participação ativa das crianças nas pesquisas, também estamos chamando atenção ao importante desenvolvimento de uma consciência político, pedagógica e teórico-metodológica em relação ao mundo social e cultural das crianças, principalmente, no que diz respeito à elaboração de princípios para a consolidação da própria constituição das crianças como sujeitos sociais ativos, deflagrando um projeto educacional e de práticas metodológicas não convencionais interligado aos anseios, desejos e necessidades das próprias crianças. Isto fortalece e preenche a defesa das crianças como atores sociais e sujeitos ativos nas investigações, pois lhes atribui uma relevância própria com participação direta durante a coleta dos dados nas pesquisas.²²²

As informações coletadas durante este estudo levaram em consideração as diversas maneiras que as crianças têm para expressar-se. Na reunião em que as crianças compartilharam suas ideias para um parque inclusivo, foram apresentados desenhos, vídeos, descrições e outras criações pelos representantes.

Ao ver as produções das crianças, nos remetemos aos trabalhos realizados por Cas Holman e por Ronald Rael e a designer Virginia San Fratello, já apresentados na introdução deste trabalho. Ambos demonstram o uso da criatividade e o olhar para o potencial da infância, por meio do brincar, como nutrição para crianças e adultos. Precisamos encontrar maneiras de impulsionar a inventividade e a imaginação entre as pessoas.

²²¹ BARBA, Clarides Henrich & SOUZA FILHO, Marinho Celestino. *Op. cit.* p. 1

²²² BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 10

Foto 4 – Cas Holman e uma de suas criações



Fonte: <https://br.pinterest.com/>

Foto 5 – Gangorra em muro de fronteira entre EUA e México



Fonte: <https://www.metropoles.com>

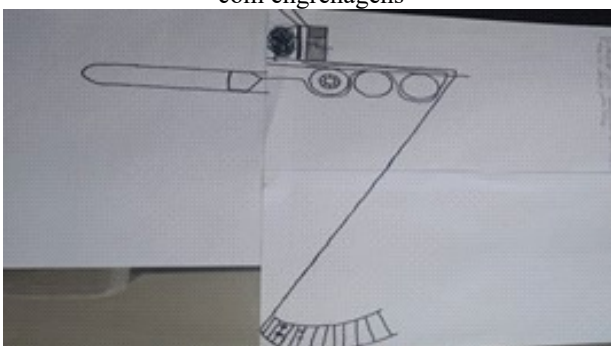
Figura 13 – Desenho de brinquedo inclusivo



Fonte: Acervo da pesquisa

Clique no link: [vídeo - gangorra adaptada](#)

Figura 14 – Desenho de brinquedo com engrenagens



Fonte: Acervo da pesquisa

Nos desenhos, percebemos que as crianças empenham um conhecimento engenhoso a fim de demonstrar soluções para o desafio proposto. No primeiro, foi enviado um vídeo para demonstrar o movimento criado pela sobreposição das imagens. No segundo, o sentido das roldanas coloca uma intenção de facilitar o movimento da criança cadeirante e propiciar a inclusão no brinquedo. Essa foi uma proposta que resultou em boas discussões e ficou marcada na memória dos participantes.

[...] teve aquela vez que a gente teve que fazer um projeto com o que queríamos para os parques. Eu desenhei um gira-gira onde cadeirantes podem brincar, com rampa e trava de segurança para as rodas. O Comitê é bom para a cidade, pode ajudar pensando nas pessoas, como a ideia do gira-gira que falei. (CCC-09)

Figura 15 – Desenho de Girador



Fonte: Acervo da pesquisa

Outro fato relacionado que teve a atenção das crianças e das famílias foi a implantação de brinquedos adaptados em parques e centros esportivos da cidade, com divulgação nas mídias.²²³ Apesar da necessidade já estar posta anteriormente, as crianças trazem novas perspectivas às discussões.

Escuta, portanto, como contexto de escuta, em que se aprende a escutar e a narrar, em que o sujeito se sente legitimado para representar as suas teorias e narrar as suas interpretações sobre uma determinada questão. E, enquanto as representa, ele as “reconhece”, isto é, permite às suas imagens e intuições tomarem forma e evoluírem por meio da ação, da emoção, da expressividade, das representações icônicas e simbólicas (“as cem linguagens”)²²⁴.

As crianças representam a diversidade que encontramos em diferentes categorias sociais, mas têm características muito peculiares que precisam ser entendidas e respeitadas. Ao conhecer e saber mais a respeito, temos a chance de um olhar mais sensível e atento para as infâncias, principalmente no tocante das políticas públicas.

Sobre o *Comitê das Crianças*, quando eu entrei e conheci, pensei: “eu não sou um pai assim, que tem todo esse cuidado, essa brincadeira...”. Mas o olhar vai mudando e a gente vai começando a entender. A gente é tão preocupada com o trabalho, na correria, que às vezes a gente não consegue olhar e dar atenção para a criança. Vejo que o *Comitê* veio para Jundiaí para colocar uma “pulguinha atrás da orelha” de cada gestor: olha vai ter criança nessa praça, vai ter criança nessa avenida, vai ter criança nesse ponto de ônibus. Você começa a despertar e a ter uma cidade que olha na altura da criança, com o olhar da criança. Essa “pulguinha” me ajudou com minhas filhas, apesar da correria, estou estudando sobre criação de filhos (várias fases) e olhar diferente. (TCC-03)

Essa “pulguinha” que TCC-03 diz que as crianças colocam também é percebida quando pensamos nas pesquisas. Ter o *Comitê das Crianças* como campo foi um grande desafio, pois necessitou a busca de metodologias, como os projetos, para envolver de fato as crianças como participantes.

Evidenciamos que a decisão de desenvolver práticas de metodologias que tomam as crianças como sujeitos participantes do processo não é algo simples. Ao contrário do que se pensa, mesmo estando diante de um movimento de pesquisas que inclui as crianças como sujeitos participantes do processo metodológico, o desenvolvimento de metodologias e procedimentos de pesquisa com crianças ainda é um campo incipiente.²²⁵

²²³ <https://www.jj.com.br/jundiai/2020/10/104473-centro-esportivo-francisco-dal-santo-ganha-brinquedos-adaptados.html>. Vide mais desenhos das crianças no Apêndice I.

²²⁴ RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. p. 83

²²⁵ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 14

Ainda é possível avanço e aprofundamento nas metodologias e processos que envolvem as crianças para realizar uma escuta atenta e interpretar de maneira digna seus desejos e necessidades.

Convidar as crianças a projetar espaços e estruturas reais da cidade, com a colaboração de verdadeiros técnicos como urbanistas, arquitetos, psicólogos, etc., não significa delegar a crianças a tarefa de projetar ... Pelo contrário, significa também abrir às crianças a possibilidade de contribuição e participação.²²⁶

Um projeto realizado em Jundiaí-SP, entre 2009 e 2012, chamado *Mãos no Muro* tinha como princípio essa ação conjunta entre urbanistas, educadores e artistas para reproduzir as obras das crianças nos muros das escolas.

Antes os muros vinham com muitas propagandas ou eram pintados de cinza, alguns com arame farpado em cima. Não pareciam escolas, mais lembravam prisões. O que propusemos foi trazer um pouco do universo das crianças para os muros, para que a comunidade pudesse saber um pouco de quem estava ali, pois os desenhos iam com o nome da criança e a idade. Também era para as crianças, desenvolverem um sentimento de pertencimento com o lugar em que passam grande parte dos seu dia. Na época, tivemos muitas manifestações de pais emocionados, dizendo que não sabiam do que os filhos eram capazes. (TCC-17)

Dar visibilidade ao potencial infantil exige da sociedade espaços de participação também para as crianças, em que elas possam ser escutadas e no qual o adultocentrismo possa ser superado em todos os âmbitos (familiar, escolar, comunitário, acadêmico, entre outros). Assim sendo, é “... nessa perspectiva que se fala do adultocentrismo como acúmulo de obstáculo ao conhecimento da realidade de ser criança. Adultocentrismo que se torna sombra nas pesquisas com a pequena infância, sombras que obscurecem as vozes das crianças.”²²⁷

Se acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias e que são protagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais ‘falar’, ‘explicar’ ou ‘transmitir’ – é apenas ‘escutar’. Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem linguagens com todos os nossos sentidos²²⁸.

As crianças são produto e produtoras de cultura, da sociedade em que estão inseridas. Uma das formas pelas quais aprendem é a reprodução de diversas situações.

²²⁶ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 23.

No original: Invitar a los niños a proyectar espacios y estructuras reales de la ciudad, con la colaboración de técnicos reales como urbanistas, arquitectos, psicólogos, etc., no significa delegar a los niños la tarea de proyectar... En cambio, significa abrir también a los niños la posibilidad del aporte y de la participación.

²²⁷ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 11

²²⁸ RINALDI, Carla. *Op. cit.* 2012, p. 227

É preciso ajudar as crianças a se libertarem dos estereótipos, das respostas óbvias e triviais da televisão e do mau exemplo dos adultos, em casa, na escola, na cidade que impuseram aos seus olhos, escondendo os seus desejos, a sua criatividade. É preciso trazer os filhos de volta para ousar, desejar, inventar, e aí vão surgindo as ideias, as propostas, as contribuições.²²⁹

E tudo isso dito para as crianças também se aplica a todos os cidadãos. As pessoas perdem o sentido da cidade, dos projetos, das necessidades num complicado desenrolar burocrático, na remessa continuada de responsabilidades, nas prorrogações infinitas de prazos. Para devolver esse pertencimento aos cidadãos, a participação é essencial.

A participação leva à apropriação do desenvolvimento pelo povo. Toda vez que o povo participa do planejamento e execução de uma atividade ou processo, ele se sente proprietário do mesmo e co-responsável de seu sucesso ou fracasso. Um projeto participativo não se acaba quando se retiram as fontes externas de assistência, pois as pessoas o consideram “seu”.²³⁰

As crianças podem ser esse ponto de convergência entre diferentes olhares. Todos já fomos crianças e em cada uma delas há a representação do que somos (diferenças raciais, sociais, religiosas...). Oportunizar aos pequenos o aprendizado da vida coletiva, visando políticas públicas, pode contribuir não somente com sua própria formação, mas chegar a pais, técnicos e outros cidadãos.

É o desenvolvimento de um olhar e de uma escuta atenta e sensível em um diálogo coletivo. Falamos da necessidade de olhar as crianças com uma “lente de aumento”, a qual nos aproxima de suas vozes, ações, reações, manifestações e relações. A lente de aumento nos possibilitará ultrapassar o muro que isola a criança do adulto, muro firme que tem bases sólidas, pois foi construído ao longo da história da humanidade. Mas, que mesmo assim, pode ser rompido.²³¹

Para que haja essa superação devemos estar atentos aos princípios da infância, entre eles o brincar. Entender que a participação de crianças não exclui essa sua maneira tão peculiar de entender e ocupar o mundo. O brincar não é algo menor, mas constitui o que é ser criança.

No Comitê, eu já conhecia a CCC-11 e a CCC-17. Às vezes, a gente se fala até sobre brincadeiras para as crianças. (CCC-16)

²²⁹ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 22.

No original: Es necesario ayudar a los niños a liberarse de los estereotipos, de las respuestas obvias y triviales de la televisión y el mal ejemplo de los adultos, en la casa, en la escuela, en la ciudad le han impuesto a sus ojos, ocultando sus deseos, su creatividad. Es necesario llevar de nuevo a los niños a que se atrevan, a que desejen, a que inventen, y entonces surgirán las ideas, las propuestas, las contribuciones.

²³⁰ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 77-78.

²³¹ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 11

Essa preposição “até” indica que o brincar aparece nas conversas das crianças, talvez não sendo levado a sério nem mesmo por elas, devido à cultura de produção na qual existe uma separação entre os fazeres. Essa separação é implícita nas falas dos jovens representantes do *Comitê das Crianças* como também na percepção das famílias.

Tem vezes que a gente conversa, tem vezes que a gente brinca um com outro, tem vezes que a gente pensa no que pode fazer. (CCC-09)

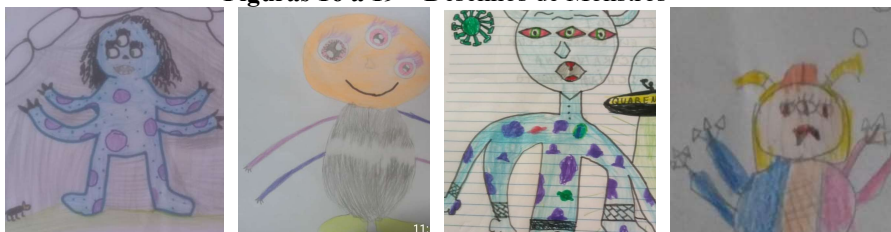
O que sinto é que as famílias não têm dimensão no início do ano, na primeira reunião acham que é apenas uma brincadeira. Quando eles percebem a dimensão que isso toma, dentro da própria casa e da escola, começam a mudar com a gente, a ver o trabalho com mais seriedade. Sinto-me muito responsável por essas crianças. Quando era presencial, ainda mais. Ano passado, as horas que elas ficavam comigo, tomava todo um cuidado para que elas ficassem com o grupo, para que as necessidades deles fossem atendidas. (MCC-02)

Essa separação do que é diferente, antagônico, só existe numa percepção fragmentada da realidade que estamos pelo senso comum acostumados a nos impor. Como aparece no poema de Loris Malaguzzi²³², “Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação, o céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.” No entanto, sabemos que algo só existe na existência da sua oposição, na existência das diferenças.

Em uma das reuniões, CCC-17 propôs um desenho guiado em que cada criança fosse seguindo suas instruções²³³. Foi um momento em que todos, inclusive os mediadores, participaram da brincadeira.

Marcou bastante aquele dia que eu fiz o Desenho Guiado do monstro com as crianças do *Comitê*. A gente não precisa ser igual todo mundo. Cada um pode ser do seu jeito. Cada monstro era diferente. (CCC-17)

Figuras 16 a 19 – Desenhos de Monstros



Fonte: Acervo da pesquisa

A ideia de CCC-17 foi reproduzir algo que sua professora havia feito e trazer para a discussão com os representantes do *Comitê* as diferenças entre as pessoas e a importância de se aprender a conviver.

²³² O poema completo pode ser acessado em <https://www.escolaateliecarambola.com.br/single-post/2016/03/03/a-crianca-e-feita-de-cem>

²³³ Vide Apêndice I para ver mais desenhos guiados.

A convivência no coletivo e a existência de diversidade, inclusive de personalidades e opiniões, podem gerar conflitos entre os envolvidos. Isso não deve ser entendido como algo negativo, mas como um cenário de importantes aprendizados.

A minha vó sempre me fala que é uma responsabilidade. Se a gente começa, precisa terminar. Que ela me ajudaria. E é realmente uma responsabilidade pensar em maneiras de trazer felicidade para as crianças. As experiências que tive no *Comitê* foram mágicas: eu conheci pessoas, eu briguei com pessoas... Rsrtrs! Que nem com o _____. Era engraçado. Tinham rivalidades, opiniões diferentes. Se todos fossem iguais não teria graça. (CCC-18)

A maneira como a humanidade lidou historicamente com as “rivalidades” gerou grandes conflitos que envolviam religião, raças, territórios, mas principalmente, questões econômicas. É possível trilhar outro caminho?

A participação pode resolver conflitos, mas também pode gera-los. É um erro esperar que a participação traga necessariamente a paz e a ausência de conflitos. O que ela traz é uma maneira mais evoluída e civilizada de resolvê-los.²³⁴

E daí que estamos contando para elas como é o mundo, criando essas visões de mundo. Eu fico pensando isso várias vezes: que na escola o principal seria aprender o que é o amor, aprender de verdade o que é... Quando acontece um conflito, o que eu posso aprender com isso, o que eu posso transformar. Envolve aprender sobre o humano, aprender sobre a gente. Parece ser meio radical, mas eu focaria nisso e dentro disso iria explorando os conhecimentos. (MCC-03)

A mídia também pode ser entendida de diferentes maneiras, conforme o uso que se faz dela, da intencionalidade que se pretende alcançar. Pode ser espaço para propagar novas ideias e concepções ou apenas reproduzir a ideologia dominante.

Ora, a mídia, ao mesmo tempo que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados verdadeiros em nossa sociedade, também se impõe como criadora de um discurso próprio. Porém, pode-se dizer que, nela, talvez mais do que em outros campos, a marca da heterogeneidade, além de ser bastante acentuada, é quase definidora da formação discursiva em que se insere. Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação.²³⁵

Dessa maneira, informação também é produto consumível pelas pessoas, inclusive pelas famílias e suas crianças, que já entendem o alcance que os meios de comunicação podem ter. Se está sendo matéria de divulgação, há um valor atribuído, uma visibilidade dada àquilo que se é compartilhado.

²³⁴ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 79-80.

²³⁵ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Op. cit.* p. 212.

Ter participado da entrevista para a emissora de TV marcou bastante, no sentido de não ter repercussão apenas na cidade, mas fora dela também. De saber que outras pessoas vão conhecer o projeto. Eu fiquei super orgulhosa e a CCC-07 um pouco ansiosa. Mas foi bem tranquilo, perguntas simples. Foi uma ótima experiência. A gente compartilhou com todo mundo. Eu vi o vídeo muitas vezes, não só por minha filha estar nele, mas pela reportagem como um todo, pelo trabalho que está sendo divulgado. Bom saber que minha filha está representando um pouco do que ela tem participado. (RCC-07)

Em setembro de 2020, três crianças representantes (CCC-07, CCC-09 e CCC-01) foram convidadas para participar de uma entrevista para uma rede televisiva²³⁶. Contaram sobre o que discutem nas reuniões do *Comitê*, como o plantio de árvores, os brinquedos adaptados, animais abandonados.

Foto 34 – Reunião para entrevista



Fonte: Acervo da pesquisa

Quando as ações do *Comitê das Crianças* começam a ser divulgadas não só nas mídias locais mas têm sua visibilidade ampliada, percebemos um maior reconhecimento pelas famílias, como demonstrado por RCC-07, assim como pelos técnicos da prefeitura e outras pessoas da comunidade. De alguma maneira, os conceitos que envolvem a participação da criança e tê-la como referência para políticas públicas vão se tornando mais marcados.

A forma como os avanços são comunicados e a escolha política do prefeito sobre a *Cidade das Crianças* vão construindo sentidos, inclusive entre os servidores. Não é algo rápido, mas um processo, diria até de internalização de cada um. (TCC-14)

Diante desse processo, precisamos lembrar que a cidade é feita por pessoas e que para elas deve ser pensada. Se temos as crianças como ponto focal, nada mais necessário do que saber delas o que é ser criança. Várias respostas foram dadas, descrevendo como se vêm enquanto categoria:

²³⁶ Reportagem no link: <https://www.youtube.com/watch?v=AU1p6kEVuEs>

- CCC-18: Ser criança é você ser um pouquinho menor que a maioria das pessoas. É ter prioridades, mas também não poder fazer algumas coisas. Criança tem criatividade, gosta de se divertir mais, é menos rabugento. É não ter medo de fazer novos amigos.
- CCC-21: Ser criança é ter bondade. É ter a criança dentro de você mesmo, sendo criança.
- CCC-17: Ser criança é ser confiante.
- CCC-09: A criança tem uma visão mais inocente, tem criatividade, percebe algumas coisas melhor que os adultos. Por exemplo, presta mais atenção nas plantas nos parques. O adulto está preocupado com o trabalho.

A questão do trabalho e da responsabilidade diferente dos adultos também marcou os apontamentos pelos representantes do *Comitê*:

- CCC-14: É não ter responsabilidade, é curtir a vida, enquanto não tem que se preocupar com contas, trabalho. É ter uma vida mais simples, não se preocupar com tantas coisas.
- CCC-08 - pelo Chat: Ser criança é ser feliz com pouco ou nada, e ter tudo o que precisa ao alcance de um sonho. Ser criança é ser luz e bondade, inocência e pureza. Por isso, cresça, mas nunca deixe parte da sua criança interior desaparecer totalmente.
- CCC-02: É ser mais livre, poder brincar, não ter que trabalhar.
- CCC-01: Ser criança é ser feliz, é ajudar os pais, fazer as obrigações, estudar, para ter um futuro bom. A criança é mais curiosa, já pergunta: oh, mãe, o que é isso?

As crianças que fazem parte do *Comitê* apresentam condições sociais e econômicas, têm apoio familiar e conseguem manter uma rotina de estudo em que as brincadeiras também fazem parte. Sabemos que esta não é a realidade de todas as crianças. Por isso mesmo consideramos esses pontos como recortes, que necessitam sempre de um olhar mais ampliado.

As pessoas não ouvem as crianças, porque elas soltam a imaginação. Mas não dá para ter criança sem imaginação, não existe, é impossível... Porque se você imaginar, muita coisa pode acontecer. Eu tenho muitos brinquedos, mas nem sempre eu brinco com eles. Meu pai comprou um teclado para mim, eu peguei a peça de isopor, umas tampas e construí. Fiquei brincando um tempão com isso. (CCC-06)

As crianças, mesmo quando não têm seus direitos garantidos, são seres persistentes e procuram maneiras de manter viva a brincadeira. É uma pedrinha, um graveto, o próprio corpo... São os pensamentos que percorrem o mundo de um jeito pictórico e no qual as relações feitas não são as mesmas que as lógicas adultas, mas encontram maneiras autênticas de se construírem. Quando encontram espaço para se desenvolverem, as crianças podem utilizar sua imaginação e ver em coisas e situações já tão esgotadas pela humanidade, novas possibilidades e alternativas.

Cabe lembrar, com base em Marx (1978), que essência e aparência são produzidas pelo mesmo complexo social. Queremos dizer com isso que é preciso atravessar o mar tenebroso para estabelecer uma comunicação com as crianças, enfrentar a fúria do mar é (re)inventar outras formas de metodologias de pesquisas no âmbito das ciências humanas e sociais. É preciso navegar por mares nunca antes navegados, porém, sem perder de vista que é preciso ancorar em um porto que seja seguro para definir critérios sérios para o trabalho de pesquisas com crianças pequenas. Navegar sem naufragar é o desafio! Contextualizar a viagem faz a diferença.²³⁷

A seguir um trecho de uma das reuniões do *Comitê das Crianças*:

- MCC-01: Pensando em tudo isso, o que vocês acham? O que sentem? O que percebem? O que querem para a cidade ser melhor?
- CCC-17: Percebi muito fogo na mata nesse momento de pandemia.
- MCC-01: Como fazer para mudar os comportamentos ruins?
- CCC-09: Não muda nada, se colocar um aviso, a gente tem que fazer outras coisas.
- CCC-17: Os tucanos estão aqui, porque estão fugindo das queimadas.
- CCC-01: Assiste um programa Patrulheiros das Matas. Vi que não pode pegar caranguejo/peixe se não tiver certo peso. Mostram bichos mortos nos acostamentos.
- CCC-18: Tem gente que maltrata os animais.
- CCC-09: Lembrou da proposta de fazer placas, colocar cestas nas latas de lixo (basquete).
- CCC-18: Pintar a cesta como basquete. É divertido.
- CCC-03: Multa moral feita pelas crianças.
- MCC-01: As crianças fossem como patrulheiros da natureza.
- CCC-09: O adulto vai receber a multa e vai jogar o papel do aviso no chão.
- CCC-08: Criar Jundiaí coins para trocar por materiais reciclados.
- CCC-14: Fazer campanha por bairro, sortear algo para o bairro.

As reuniões do *Comitê das Crianças*, num geral, partiam de uma questão colocada pelo mediador ou a rememoração de algo que havia sido discutido em momentos anteriores. As crianças expressam suas preocupações em relação à cidade e fazem propostas, ora reproduzindo o que vêm no mundo dos adultos (multas/coins), ora do repertório midiático (patrulheiros), ou inventando possibilidades relacionadas a brincadeiras, como os cestos de basquete em lixeiras.

É muito claro que “desde o início, as crianças demonstram que têm uma voz, que sabem como escutar e que querem que os outros lhes deem ouvidos”.²³⁸ Na linha da teoria do discurso, tratado por Habermas²³⁹, vemos que o princípio de soberania popular vem do poder político orientado e legitimado pelas leis numa formação de opinião e vontade estruturada discursivamente.

²³⁷ BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. *Op. cit.* p. 17

²³⁸ RINALDI, Carla. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. p. 237. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.235-247.

²³⁹ HABERMAS, Jürgen. *Op. cit.*

Nesse sentido, quando a prática discursiva vem para resolver problemas, acha-se nela uma forma legitimadora do processo democrático frente às políticas públicas. As crianças fazendo parte desse movimento desde pequenas podem ter essa habilidade desenvolvida e sua presença no mundo não ser apenas de si, mas também na percepção do outro.

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude.²⁴⁰

No entanto, há representações fortemente construídas nas relações sociais e políticas que vão em direção oposta. Precisam ser trazidas à tona, problematizadas, para que a ética e a responsabilidade não sejam transgredidas.

A participação tem inimigos externos e internos: em nossa sociedade classista e hierárquica nem sempre se aceita o debate com “inferiores” na escala social ou de autoridade. Dentro do próprio grupo haverá pessoas que, mesmo admitindo que todos são iguais, consideram-se “mais iguais” que os demais.²⁴¹

O paternalismo expresso na construção social de visões padronizadas da infância é o que levou historicamente a entender que as crianças como desprovidas de racionalidade ou vontade próprias e, dessa forma, imaturas socialmente. Esse pensamento vem mudando e o reconhecimento da cidadania infantil busca superar as limitações.

A cidadania corresponde, por definição, a um estatuto político, confinado ao espaço nacional, embora o cidadão veja reconhecida a sua pertença à comunidade não apenas pelo vínculo que com ela estabelece e que lhe permite o usufruto de direitos cívicos e políticos, mas também em consequência da sua própria condição individual, que lhe atribui direitos individuais de natureza social (protecção, alimentação, educação, saúde, etc.). O estatuto de membro da comunidade impõe, ao mesmo tempo, obrigações e deveres do cidadão para com a comunidade.²⁴²

Nesse balanço entre direitos e deveres, ao participarem de maneira social e política, as crianças vão ocupando seu espaço e representando sua cidadania. Os desafios postos são alavancas para que a sociedade veja de maneira mais igualitária e democrática as categorias que a compõe.

²⁴⁰ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p.11.

²⁴¹ BORDENAVE, Juan. *Op. cit.* p. 79-80.

²⁴² SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 186.

Assim é que em muitas situações, especialmente quando se estabelece desafios, as crianças mostram-nos que sabem como caminhar rumo ao entendimento. Uma vez que as crianças sejam auxiliadas a perceber em si mesmas como autoras ou inventoras, uma vez que sejam auxiliadas a descobrir o prazer da investigação, sua motivação e interesse explodem.²⁴³

A pandemia gerada em 2020 pode ser um exemplo. Tivemos situações desafiadoras que puderam ter nas tecnologias uma saída possível. As reuniões do *Comitê das Crianças* aconteceram utilizando o aplicativo Zoom. As impressões deixadas sobre essas interações foram diferentes entre os participantes deste estudo.

Alguns sentem um prejuízo e dificuldades em relação às reuniões presenciais:

Antes a CCC-13 falava mais, quando os encontros eram presenciais. Eles tinham algumas brincadeiras que entretinham as crianças e a CCC-13 ficava muito feliz para ir para as reuniões. Agora ela tem falado bem pouco. Tenho sentido ela mais quieta. (RCC-13)

Eles estão se reunindo pelo Zoom, mas não é a mesma coisa. Até para nós adultos. Ano passado, enquanto as crianças estavam na reunião, as famílias se conheciam e conversavam. Hoje não tem sido possível, ainda não conheço as mães. (RCC-18)

Acompanhei as crianças do I *Comitê* (2019) e agora as do II *Comitê* (2020). Noto que há algumas diferenças. Ano passado, como as reuniões eram presenciais, os participantes conseguiam se socializar melhor. A gente vê nos [participantes] deste ano a vontade deles se conhecerem ao vivo. Então, ano passado, eles ficaram muito amigos, ficavam ansiosos para se verem. Pena não estar sendo presencial por conta da pandemia. Algumas crianças permaneceram de um ano para o outro, a CCC-18, o CCC-02, a CCC-13, a CCC-04... Elas eram mais atuantes no ano passado, provavelmente, por ter sido presencial. (MCC-02)

O acesso à tecnologia e à internet também são dificuldades a serem consideradas, já que nem todos têm os mesmos cenários:

Aqui no meu bairro, muitas vezes as ligações são muito ruins e a gente não consegue falar com as pessoas e toda hora fica travando. (CCC-03)

Seria diferente se fosse presencial, a gente mostraria mais o jeito que seria, porque na tela a gente não consegue explicar direito, às vezes corta, trava... (CCC-20)

Mas as crianças foram se apropriando do novo meio comunicativo e superando cada vez mais os desafios. Chegaram ao ponto de serem apoio para pais e pessoas mais velhas no uso de equipamentos, demonstrando que o aprendizado se faz também frente às dificuldades e à necessidade de flexibilidade e adaptação.

²⁴³ MALAGUZZI, Loris. *Op. cit.* p. 59-104.

No presencial, as crianças podem participar melhor. Nas reuniões pelo computador, acho que elas perdem um pouco o foco. Tem microfone, fone de ouvido... tem hora que todos querem falar juntos. Mas com o tempo foi melhorando. (RCC-04)

As crianças no passado seguiam somente as orientações dos pais, deixando muito de expor opiniões, ideias ou desejos. Hoje elas sabem muito. Para entrar aqui no Zoom, foi o CCC-12 quem me ensinou o caminho, como entrar, como ligar a câmera. Ele tem essa desenvoltura e conhecimento a mais, devido as crianças atualmente terem mais acesso as informações e acontecimentos num contexto geral. Vejo que as crianças conseguem desenvolver conversas, expor opinião, que antes nós (crianças do passado) não conseguíamos. (Risos) (RCC-12)

Mesmo pelas telas, há uma troca de informações entre as crianças, que procuram colocar suas opiniões e conhecimento para o grupo. Entre tantos assuntos discutidos, a tecnologia e seu uso fizeram parte das conversas.

- CCC-06: explicou como faz pra levantar a mão no Zoom. (reunião em 18/04/2020)
- CCC-18: Live é mais legal, porque vídeo não dá pra perguntar. (reunião em 02/05/2020)
- CCC-21: compartilhou tela Hangout. (reunião em 02/05/2020)
- CCC-19: tinha um perfil no Tik-Toc suspeito, foi correndo desinstalar. (reunião em 27/06/2020)

MCC-01, se diz uma pessoa muito positiva. Mediador do *Comitê das Crianças* desde seu início na cidade em 2019, relata que o fato de terem que realizar os encontros de maneira *online* fez o trabalho amadurecer, pois “democratizou mais o espaço do falar”.

Eu sinto que para o *Comitê*, essa experiência online, apesar de eu querer muito estar com eles, foi fundamental. A gente cresceu muito enquanto *Comitê* com essa experiência que não é presencial. O fato de não estar presente, de estar do outro lado, deu voz para mais crianças. Por exemplo, quando estou num grupo, fazendo uma roda de discussão sobre determinado assunto, têm aqueles que vão sempre ocupar mais espaço, quem é mais falante, quem tem mais facilidade de se expressar... O *online*, de um modo geral, não só no *Comitê*, mas também no *Comitê*, me chamou muita a atenção, democratizou mais o espaço do falar. Na roda, no presencial, tem a energia de estar todo mundo ali junto. Você se encabula porque o outro lá do outro canto começa a falar... O virtual deu uma mexida nisso e uma organizada. Lógico que falta o contato. A gente poderia ser híbrido, justamente para criar um espaço para aqueles que são mais contidos. Para mim, tem um exemplo no *Comitê*, o CCC-14. Tenho certeza de que ele, no presencial, seria mais calado. Ele ouviu muito no *Comitê* e fica sempre com a câmera desligada, mas sempre que se pede uma opinião, ele tem uma para dar. Com a câmera fechada, poderíamos imaginar que ele estaria fazendo outras coisas, mas ele se coloca num lugar de quem ouviu tudo o que foi falado. Ele contribui. Para alguma criança como o CCC-14, o virtual ajudou. Lógico que a gente sabe que tem aqueles que gostam de participar e o virtual é um impeditivo, porém, ao mesmo tempo, a gente nunca teve tanta adesão e permanência. (MCC-01)

Quanto mais diversas forem as possibilidades de participação, sejam as formas de expressão (oral, desenho, movimento, entre outras muitas), virtual e/ou presencial, de diferentes idades, mais rico é o processo em si.

O *Comitê* indiretamente, ao oportunizar diferentes pontos de vista e partilha de conhecimento entre os participantes, mantém a vontade de pesquisa sobre os assuntos desenvolvidos pelas crianças. O aprender é fortalecido pela troca com o outro e pela busca individual.

Muitas vezes, a CCC-08 vai pesquisar após a reunião sobre o que conversaram. Teve uma vez que o espelho estava vibrando e ela foi estudar sobre o som, porque alguém havia comentado a respeito na reunião. (RCC-08)

Também é espaço para que as crianças conheçam projetos ligados à infância e haja uma ampliação de seus repertórios, inclusive para que sua categoria não seja entendida apenas num limite de idades, mas mesmo com identidades diversas, reconhecer similaridades específicas das infâncias.

Estamos falando de indicações [...] fundadas na democracia, na participação social, a partir de práticas educativas que privilegiem as relações sociais, que levem em conta as crianças com suas especificidades, diversidades sociais, culturais, geográficas, étnicas e de gênero (BARBOSA, 2010). Enfim, [...] que almeja dar também, às crianças, desde bebês, condições de exercerem sua condição de atores sociais (com voz e ação). Uma proposta dessa natureza desafia os adultos [...] a implementar em sua prática [...] o exercício da escuta e interlocução ativa com a criança, no intuito de buscar compreender as relações que ela estabelece entre pares, nas organizações e exploração dos espaços e dos tempos, nas brincadeiras, nas significações que são manifestadas no choro, no silêncio, no balbúcio, na fala, nos gestos, nos olhares, nos movimentos, ou seja, nas diferentes formas de ela se relacionar com o mundo e significá-lo.²⁴⁴

CCC-08 descreve a atuação do grupo do qual faz parte:

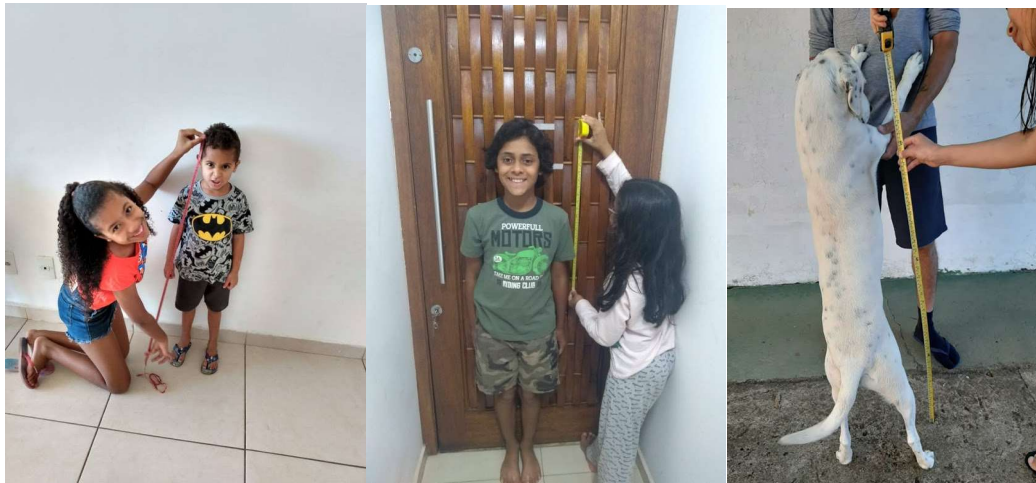
O *Comitê* não é para falarmos umas coisinhas, para passar o tempo... Nós discutimos coisas importantes para a cidade, para as crianças, para os pequenos como meu irmão. Tem o conceito Urban95 que temos conversado. Quando termina a reunião, se falamos sobre algo que nunca eu tinha ouvido antes, vou lá pesquisar. (CCC-08)

O Urban95 chama a atenção das pessoas para olhar a cidade na perspectiva de uma criança pequena, a aproximadamente 95 cm do chão. Ao voltar para o cotidiano com essas imagens, é possível vivenciar nelas a maneira como as crianças e outras pessoas desfavorecidas, como idosos e deficientes, não são levados em consideração no desenho dos lugares onde habitamos.

²⁴⁴ RAMOS, Tacyana Karla Gomes. *Op. cit.* p. 231.

As crianças mediram os irmãos mais novos, a si mesmas e até seus bichinhos de estimação, como uma brincadeira.

Fotos 50 a 52 – Medindo alturas



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Ao conhecerem o conceito do projeto Urban95, as crianças foram convidadas a pensarem não somente na sua faixa etária, mas incluir em suas sugestões os bebês e as crianças bem pequenas. Uma estratégia para isso foi falarem de seus irmãos e o que a cidade poderia oferecer a eles.

- MCC-01: O que vocês podem sugerir de ideias para a cidade? Vai surgir a necessidade de saber se serão possíveis e de elencar prioridades. Sugestão: ver pelo olhar dos 95 cm o que enxergam em casa. Quando estiverem pela cidade, tirar fotos e pensar no que pode ser mudado.
- CCC-11: com 95 cm, consigo ver os pés dos móveis (mostrou desenho de olho).
- CCC-08 (pelo Chat): Em relação a sua ideia pensei em fazer um brinquedo para estimular a cabecinha dos bebês. Um brinquedo de desenho para eles brincarem. Brinquedos na altura deles.
- MCC-01: Que tipos de brinquedos?
- CCC-07: Daqueles que a criança vai levando a pecinha... (falando dos brinquedos amarrados).
- CCC-17: desenho de girafa.
- CCC-08: aproveitando a girafa, colocar a régua para medir as pessoas.
- CCC-09: tipo medidor que fica nas paredes (girafa).

Como um assunto leva ao outro (ou retorna a ele), as crianças foram marcando os temas que para elas são mais significativos.

- CCC-11: moro na área rural.
- MCC-01: o que tem na área rural?
- CCC-06: perto da casa tem uma pracinha bem pequena e árvores. Depois tem uma praça maior.
- CCC-08 (pelo Chat): Quando olho para janela só vejo apartamentos e algumas grandes partes de plantas e carros.
- MCC-01: Falaram novamente na natureza. O que podem sugerir? O que sabem sobre a Serra do Japi?

- CCC-06: Lá tem muitas árvores, o ar é bom.
- CCC-09: Minha mãe falou que já foram lá e tem cachoeiras.
- CCC-11: Tem muitos animais, já fui fazer trilha.
- CCC-03: Tem poucas praças, a que está perto da casa tem brinquedos quebrados (Residencial Jundiaí).
- CCC-03: Tem um bosque perto do Ivo de Bona (falando da escola).
- CCC-11: Tem muito animal selvagem.
- CCC-18: No parque tem maritaca e sagui.
- CCC-16: Moro perto do parque do Corrupira. Vi no fio os macaquinhos.
- CCC-14: Vi uma lebre e tucanos. Moro no Portal da Colinas (um condomínio).

As crianças têm muitos conhecimentos sobre o que as cercam e têm desejo de comunicar o que pensam e o que sentem.

Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos. Escutar é um verbo ativo, pois significa não só gravar uma mensagem, mas também interpretá-la, e essa mensagem adquire sentido no momento em que o ouvinte a recebe e a avalia. Escutar é ainda um verbo recíproco. Escutar legitima a outra pessoa, pois a comunicação é uma das maneiras fundamentais de dar forma ao pensamento. O ato comunicativo que ocorre na escuta produz significados e modificações recíprocas, que enriquecem todos os participantes desse tipo de troca²⁴⁵.

Eu lembro de algumas ideias que fizemos, do desenho que mostrei para todos, era a figura de uma moça. Gosto de desenhar porque assim consigo mostrar minha criatividade. (CCC-11)

Acho importante incentivar que as crianças tenham esse espaço de comunicação e expressem suas ideias. Ela já fez desenhos, música, tem sempre algo a falar. Realmente é bastante ativa e participativa. (RCC-01)

Em uma das reuniões, as crianças foram convidadas para participar de uma oficina. Trazemos esse recorte para a discussão para evidenciar como a forma de ouvir as crianças está também ligada à maneira como os adultos validam ou não suas vozes e o que realizam.

Durante a oficina, o mediador fez uma contextualização sobre o tema proposto: o espaço, ilustrando com informações em diversas linguagens (fotografias, vídeos, ocasiões históricas...). Também incentivava que as crianças buscassem sua maneira de fazer o brinquedo (um foguete). Devido às instruções bem específicas, os desenhos das crianças ficaram muito parecidos. No entanto, o mediador validava qualquer mudança proposta por elas, incentivando com frases: “Esse jeito também é muito bom!”, “Assim também vai ficar legal!”. Quando erros aconteciam, levava as crianças a encontrarem meios de corrigir, apoiando suas ideias.

Após ensinar o mecanismo do brinquedo e haver a reprodução das crianças, novas ideias surgiram, como, em vez de levar o foguete à Lua, porque não a abelha à flor ou o peixe à água?

²⁴⁵ RINALDI, Carla. *Op. cit.* 2012, p. 227-228

Foto 35 – Oficina



Fonte: Acervo da pesquisa

As crianças também aprendem copiando, afinal é preciso um bom repertório para que a criatividade aconteça. No entanto, demonstram o quanto estão aprendendo quando essa informação se transforma em conhecimento e pode ser rememorada em outras situações. Aprender com o outro é também entendê-lo como possível modelo, mas com a certeza da liberdade de se têm em fazer de outras formas. Para isso, é preciso acreditar na potencialidade das crianças.

Muitas vezes, eu proponho atividades em eventos que eu vou fazer e me vem uma devolutiva: “Mas você vai usar cola quente com a criança?” e eu penso: “Meu Deus, a gente não vai apresentar para ela o que queima? Então como a gente vai fazer isso...”. [...] Como eu faço para chegar? Chegar de uma maneira fluida, uma forma natural, orgânica... Que a pessoa esteja realmente ali e eu não esteja só falando, falando, falando... Então vem o outro lado [...], se não há interesse, se não está transformando alguma coisa, não tem como... [...] Foi muito enriquecedor, minha formação de vida. É muito real e concreto. (MCC-03, grifo nosso)

As crianças indígenas aprendem na convivência com os demais, com as diferentes idades, nas diferentes funções. Quando vão acompanhar a construção de uma fogueira, a fazem de fato, num primeiro momento, trazendo galhos menores, em outros, utilizando instrumentos cortantes para quebrar a madeira. Não há aprendizado sem acompanhamento e experiência. É na sua verdade que as crianças vão se formando. Isso não ocorre em todas as realidades, mas evidencia a forma como são entendidas.

[...] uma, a que decorre do entendimento das crianças como seres providos de direitos e outra, a derivada do dever instituído de as educar. Estas tensões são conformadoras de dois “mundos” diferentes – o da liberdade e da auto-regulação e o da compulsão e da hetero-regulação, ou, nas palavras de Derouet (1992: 120), o mundo da violência e o mundo do amor.²⁴⁶

No entanto, as crianças querem ser respeitadas.

²⁴⁶ SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. *Op. cit.* p. 201

Ainda não são todos os adultos que ouvem as crianças. As crianças precisam ser ouvidas porque não têm muita maldade e os adultos já têm. Acontece de os adultos darem risada do que as crianças falam, pois elas falam o que pensam, elas não travam, falam o que tem que falar, sai pela boca delas. (CCC-03)

Para isso, demonstram que são parte e fazem história. Que têm maneiras próprias de ver o mundo e de fazer presença. Nesse sentido, se valem das múltiplas linguagens de expressão, da vontade de ser e estar, de viver e de criar.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível.²⁴⁷

E na impossibilidade de se fazer história sem a cultura, as crianças vão se reafirmando em suas propostas e demonstrando aos adultos, à sua maneira, a ação que querem no mundo.

No dia do Sarau, ele não deixou a gente ver, mas se preparou, escolheu e ensaiou. Vi de longe, que até a postura e a voz foram diferentes. A gente procura não ficar do lado, mas acompanhamos o que está acontecendo. (RCC-14)

- CCC-14: sugiro declarar poemas.
- CCC-18: em vez de poema, ser um sarau de artes.

No dia do sarau proposto pelas crianças, os participantes leram, cantaram, tocaram instrumentos, fizeram brincadeiras. Cada um no seu tempo e com grande alegria em compartilhar com o grupo seus fazeres.

- CCC-02: leu a poesia que compôs:

A NATUREZA
 A NATUREZA É LINDA
 E TEM BELAS FLORES,
 ANIMAIS COMO O PANDA
 E FRUTAS DE TODOS OS SABORES.
 AS ÁRVORES SÃO DIVERSAS
 TEM GRANDES E PEQUENAS
 ALGUMAS DÃO SOMBRAS
 E OUTRAS SÃO SERENAS.
 AS FLORES SÃO BONITAS
 E TAMBÉM DE VÁRIAS CORES
 AZUIS, VERMELHAS E AMARELAS
 ASSIM SÃO AS BELAS FLORES.

²⁴⁷ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 30.

CCC-02 ficou muito orgulhoso e muito feliz em ler para os representantes do *Comitê* sua poesia. Gosta muito de alternar as formas de expressão, entre desenhos, textos e outras produções, sempre encontra um jeito novo de participar.

- CCC-01: dança, mas gosta também de pintura. Gosta de espanhol, tem um livro que tem aprendido. Não é descendente, mas gosta da língua. Canta no Coral e no chuveiro. Compartilhou a Música "A cura está no coração"²⁴⁸. que fala do momento que estamos vivendo.

"Janelas sem grade, sem ansiedade, viver de verdade, não dá pra fingir
Churrasco na esquina, Capela Sistina, Muralha da China, lugares pra ir
A vista é tão bela, parece uma tela mais psicodélica que as do Dali
Derreto os relógios que o tempo é fumaça e a tempestade passa pro sol ressurgir".
(Gabriel o Pensador - A Cura Tá No Coração)

As escolhas que as crianças fazem demonstram que não são simples seleções, mas trazem em si a forma que representa seus desejos e necessidades. CCC-09 leu um texto que depois enviou para todos do grupo. Disse que viu na internet e que diz muito a respeito do que têm conversado durante as reuniões.

O QUE FALTA?²⁴⁹

O QUE FALTA A ESTE MUNDO?
BONDADE, PAZ, AMOR, AMIZADE?
OU FALTA: CARINHO, SIMPLICIDADE, HUMILDADE ?
POR QUE ERRAMOS E SOFREMOS TANTO?
POR QUE SOMOS DE TAMANHA IGNORÂNCIA?
POR QUE VIVEMOS "SÓ POR VIVER"?
REPITO: O QUE FALTA A ESTE MUNDO?
ACHO QUE FALTA, NOS HUMANOS, CORAGEM!
FALTA CORAGEM PARA SER BONDOSO!
FALTA CORAGEM QUANDO SE ALMEJA A PAZ!
FALTA CORAGEM EM RECONHECER O AMOR!
FALTA CORAGEM PRA DIZER: "VOCÊ É MEU AMIGO (A)"!
FALTA CORAGEM NO SIMPLES ATO DO CARINHO!
FALTA CORAGEM NA BUSCA DA SIMPLICIDADE E DA HUMILDADE!
SÃO POR ESSES MOTIVOS QUE:
ERRAMOS TANTO;
SOFREMOS FREQUENTEMENTE;
SOMOS IGNORANTES EM CERTOS ASPECTOS;
VIVEMOS "SÓ POR VIVER".
REPITO:
FALTA CORAGEM!
.....
FALTA CORAGEM!
.....
FALTA CORAGEM!
.....
A ESTE MUNDO FALTA CORAGEM!

²⁴⁸ No link, é possível ver o clipe <https://youtu.be/cGlCalnE8EQ>

²⁴⁹ No link, é possível ver o texto <https://www.pensador.com/frase/MjA3NzA2/>

A escolha de CCC-09 demonstra o que deseja e visualiza como princípios para a vida. Também podemos interpretar que para olhar a vida como uma criança é preciso CORAGEM. Como não reconhecer que as crianças nos religam àquilo que jamais deveríamos nos afastar?

No Sarau ainda foi possível ouvir crianças lendo, cantando, dançando, tocando instrumentos... Uma delas, decidiu fazer um jogo de adivinhas. Houve momentos descontraídos, engraçados e também de muita reflexão. Foi tão prazeroso que as crianças quisessem que esse momento se repetisse mais vezes.

Se por um lado, as crianças necessitam do apoio dos adultos para seu desenvolvimento, por outro, vão demonstrando o que conseguem, quando há espaço para que atuem.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos²⁵⁰

Quando trazemos isso para o contexto do *Comitê das Crianças*, é possível entender que há a intenção da participação não ser apenas consultiva, mas avançar para a participação colaborativa, na qual um grau maior de parceria entre crianças e adultos, e a possibilidade de um envolvimento ativo sejam reais. Pode ser iniciada pelos mediadores, mas procura maneiras de empoderar as crianças para que sintam-se bem-vindas para influenciar e desafiar os processos e os resultados.

Não se trata de oferecer às crianças a brincadeira de imitar o comportamento dos adultos de uma prefeitura em miniatura, ou de uma proposta séria de educação cívica, objetivos também nobres, mas de dar à cidade a chocante oportunidade de se confrontar com um ponto de vista e um "outro" pensamento, diverso, como o infantil. Um conselho de crianças, então, para mudar a cidade e não concentrar as crianças. Sendo este conselho um órgão consultivo, os operadores do Laboratório devem garantir, por um lado, que as crianças se possam exprimir com liberdade e autenticidade e, por outro, encontrar os meios adequados para dar força ao pensamento infantil, para que o autarca e conselheiros são obrigados a ouvi-los e levá-los cada vez mais em consideração.²⁵¹

²⁵⁰ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 36.

²⁵¹ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 23.

No original: No se trata de ofrecer a los niños el juego de imitar el comportamiento de los adultos en un concejo municipal en miniatura, o una seria propuesta de instrucción cívica, que también son nobles objetivos, sino de dar a la ciudad la impactante oportunidad de confrontarse con un punto de vista y un pensamiento "otro", diverso, como es el infantil. Un consejo de niños, entonces, para cambiar la ciudad y no para concentrar a los niños. Al ser este consejo un organismo de consulta, los operadores del Laboratorio deberán garantizar por un lado que los niños puedan expresarse en forma libre y auténtica y, por el otro, encontrar las formas adecuadas para dar fuerza a los pensamientos de los niños, de modo tal que intendente y asesores se vean obligados a escucharlos ya tenerlos en cuenta cada vez más.

Sabemos que os jogos de poder-saber-verdade²⁵² estão presentes nos discursos e nas relações. Não seria diferente com as crianças como em outras categorias sociais menos privilegiadas e reconhecidas. Ao conquistar espaço para que outras vozes sejam escutadas, novos saberes e verdades podem repercutir.

Se a mulher fala e é falada, é porque, como os homens infames de que nos fala Foucault, ela de algum modo se confronta com o poder. Não um poder que somente cerceia, dismantela, vigia, surpreende ou proíbe; mas um poder que suscita, incita e produz; um poder que não é apenas olho e ouvido, mas que sobretudo faz agir e falar, como diz o filósofo...²⁵³

Eu sou professor. Costumo perguntar para meus alunos numa atividade no início do curso: por que as crianças choram? Eles descrevem e eu pergunto: como vocês sabem? Aquelas que são mães, são avós, respondem com muita tranquilidade: o choro da fome é diferente do choro de sono, que é diferente do choro da cólica. O choro é diferente. E só é possível observar com uma escuta ativa, observação e estar verdadeiramente integrado nessa relação. Esta é uma dificuldade para os homens, a de entender toda essa diversidade que diz respeito a uma criança. Isso é resultado de um processo educacional e cultural estabelecido. (TCC-16)

A valorização do que se sabe caminha diretamente ligada com a importância que se dá a quem diz e sobre quem se é falado. Como um processo em andamento, as crianças ainda são culturalmente subestimadas.

Fui conhecendo mais sobre o *Comitê*, agora que a CCC-07 tem participado. Muita gente me pergunta o que é, para que que serve... Eu falo que as crianças têm reuniões para discutir ideias para melhorar a cidade e o que cada um gostaria. Não quer dizer que tudo o que é falado será realizado. As crianças vão falando o que vêm na cabeça, algumas coisas sem noção. O *Comitê* é importante, vejo que muda muito a criança que participa, que passa a discutir melhorias da cidade, na visão deles. Não é nada imposto, pressionado ou dito o que eles têm que falar. É bem livre e do jeito das crianças. (RCC-07, grifos nossos)

É comum pensar que o que as crianças falam são “coisas sem noção”, que falam “o que vêm na cabeça”, “na visão delas”. Apesar do discurso demonstrar um entendimento sobre as reuniões do *Comitê*, ainda é possível perceber nos detalhes uma diminuição dos pensamentos infantis que de alguma maneira por serem “bem livre” e do “jeito das crianças” podem ser interpretados como algo solto, que precisa de um adulto para validar. A participação acaba sendo uma projeção da família sobre a criança, nem sempre um desejo que nasce genuinamente.

Mesmo não sabendo muito o que era, vi o incentivo da minha mãe, que ela queria que eu participasse. E deu certo, né. (CCC-10)

²⁵² FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Op. cit.*

²⁵³ *Ibidem*, p. 219.

Na consulta, as mães querem falar pelas crianças, mas as crianças conseguem falar, se expressar... Claro que não vai ser da maneira como a mãe faria, mas o jeito que a criança vê vai dizer muito mais coisas do que a forma como o adulto conta. Eu sempre tento dar a palavra para a criança, muitas vezes, a mãe não deixa a criança falar, por conta da cultura mesmo, de achar que todo mundo tem que falar pela criança. Mesmo assim tento fazer com que a criança se expresse. Ter um *Comitê* composto por crianças é bem interessante, porque é possível ver o lado delas. (TCC-04)

Os adultos deviam escutar mais as crianças. Mesmo que eles façam isso, muitas vezes pensam: Ah, as crianças não sabem nada, os adultos é que sabem. E as crianças têm muito a contribuir, é só ver tudo o que temos falado no *Comitê*. (CCC-10)

Ao terem seu valor reconhecido há também um espanto:

Eu achava que era só umas crianças lá, uma brincadeira, não que fosse levado tão a sério. (RCC-07)

Os discursos acionam uma memória coletiva na qual os sujeitos se inscrevem. Esta memória é coletiva, pois a existência de diferentes discursos implica a existência de vários grupos sociais. Estes determinados grupos sociais se filiam e compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, em contrapartida, mantêm posições divergentes em relação a outros discursos.

A memória coletiva é acionada pelos discursos que os sujeitos utilizam. A existência de diversos discursos nasce de diferentes grupos sociais. Estes grupos se juntam e compartilham visões socioculturais e ideológicas, com posições divergentes em relação a outros. “Evidenciam-se, nesse sentido, acontecimentos anteriores e exteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.”²⁵⁴

Ao entender que as divergências de discursos são resultantes das diversidades presentes na sociedade, talvez seja possível exercitar a convivência e encontrar pontos que convirjam e mudanças sejam possíveis, compartilhando a voz e a vez com categorias antes não vistas, como as crianças. Para isso, é preciso visibilidade e que os assuntos sejam colocados em pauta, com divulgação e socialização de conhecimentos.

Nem todo mundo sabe participar. Acho que também falta divulgação, as pessoas terem o conhecimento. Quando eu falo que de sábado ele vai ter reunião do *Comitê*, muitas pessoas ficam me perguntando o que é. Quando eu vou explicar, demonstram que não sabem que existe o *Comitê*. (RCC-06)

Entendemos que o *Comitê das Crianças* é uma pequena representação da cidadania infantil. Muitas pessoas, ao conhecer essa iniciativa, têm interesse em saber da seleção das crianças para esse grupo. As inscrições são voluntárias. A divulgação é feita nos meios comunicativos locais e pelas escolas, tanto públicas quanto particulares.

²⁵⁴ TARUFI, Leandro. *Op. cit.* p. 11.

Minha professora passou uma fichinha para a gente poder participar. Ela falou que era importante a gente participar da política, falou que a política também precisa das crianças. Muitas crianças preferiram não e eu decidi participar. Depois de uns meses, eu descobri que eu tinha ganhado. Eu nem sabia se ia dar, a professora tinha dito que muita gente queria participar. (CCC-20)

Como o número de crianças é maior do que o previsto, é feito um sorteio. Muitas crianças entendem que fazer parte é como ter “ganhado” algo, mesmo que inicialmente não tenham muita clareza do que seria. Há quem não concorde com essa forma de seleção, mas ainda é o jeito possível.

Também não me agrada a questão do sorteio, acho um desequilíbrio, porque uns podem ter muita sorte e outros não. Será que não tem outro jeito para essa participação? (TCC-19)

Tonucci recomenda que não haja escolha de crianças por mérito, pois a participação pode inclusive ser uma maneira de acolher e dar oportunidade a quem não é muito compreendido pelos sistemas formais.

No entanto, outros questionamentos podem ser necessários para o desenvolvimento do trabalho do *Comitê*, como a questão da representatividade e de socialização com outras crianças da cidade.

Acompanho o *Comitê das Crianças* pelos e-mails que recebo. Fico pensando em quantas crianças estamos ouvindo em relação ao total, como essas crianças podem multiplicar o que estão aprendendo, tudo isso tem me provocado sobre como ampliar a abrangência. (TCC-05)

Que medida que o que as crianças discutem no *Comitê* ecoa nas outras crianças. Elas são representantes. Precisamos caminhar mais nessa direção. (TCC-19)

Escutar as crianças é algo que está se desenvolvendo, mas ainda precisa muito. Eu acho que as crianças não têm muita fala. Às vezes, elas querem algo, mas não são tão ouvidas assim. Tiro por nós pais: elas falam o que querem algo e a gente não escuta o que querem, se aquilo vai ser bom para elas ou não. Eu vejo que o *Comitê das Crianças* é um projeto que escuta o que as crianças falam. Às vezes não tem ali e tentam ver o que dá para melhorar. Mas ainda está faltando muito para chegar lá e os adultos ouvirem mesmo as crianças. (RCC-06)

Tendo essas questões a resolver, em 2021, após sorteio dos representantes sorteados do *Comitê*, as demais crianças inscritas foram listadas como suplentes. Em ocasiões pontuais, serão convidadas a participar de momentos de escuta. O primeiro deles foi requisitado pelo Núcleo de Educação Física da Unidade Municipal de Educação. O intuito foi discutir com as crianças sobre os espaços escolares para levar suas falas para formações com os professores da rede.

Foto 36 – Reunião com crianças suplentes do *Comitê*

Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2021/05/28/semana-do-brincar-suplentes-do-comite-das-criancas-participam-de-dinamica-virtual/>

A relação entre adultos e crianças passa por rompimento de paradigmas que exige sensibilidade e muito estudo. Fomos formados de maneiras muito diferentes e necessitamos encontrar formas essenciais de tornar a convivência mais democrática e o poder mais compartilhado.

Um dos itens essenciais é a escuta, não tem mais como ficar apenas no escritório. Mudei até o jeito de ver a vida. Eu pegava a rodovia e via que quanto mais rápido melhor. Agora, depois da experiência que estamos tendo, me vejo como uma motorista mais cordial no trânsito. Teve impacto na minha vida e vejo como positivo, presto mais atenção e me comporto muito mais adequadamente com a temática. (TCC-05)

A escuta verdadeira oportuniza que revejamos nossos próprios pontos de vista e tomemos decisões não pensando apenas em nós mesmos, mas numa coletividade necessária.

Sobre o papel do adulto na perspectiva de Malaguzzi, Fochi descreve três pistas. A primeira é sobre a necessidade de aprender a observar as crianças “... como procedimento de investigação das formas de aprendizagem e desenvolvimento”. A segunda é sobre se atentar a construção do conhecimento a partir das interações, “a forma de aprender e de conhecer é individual e o que interessa é descobrir e compreender que interações servem aos pequenos para construir seu conhecimento e sua capacidade, e a forma que estas podem ser aprofundadas ou modificadas”. A terceira é apoiar as crianças em suas decisões, comunicações e atividades, respeitar os tempos de ação e de pensamento das crianças, assim como os tempos de pausa e de indecisão. “Ajudar as crianças a expressar com clareza as suas reflexões, a não ter medo de equivocar-se, a confiar na legitimidade de suas ideias” ²⁵⁵.

²⁵⁵ MALAGUZZI *apud* FOCHI, Paulo Sergio. **A Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 95-96.

Eu ainda estou aprendendo muito com o *Comitê*, um grande exercício para mim. Tem duas coisas importantes. Eu li os conceitos de outras cidades, o que o Tonucci propõe... e, às vezes, eu penso: “será que eu simplifiquei demais?”. Mas eu também fico me cobrando de que eu tenho que ter a menor interferência possível e dar liberdade para essas crianças, porque isso é o que mais a gente vê de dificuldade: dar o espaço para elas decidirem o que elas querem fazer com aquele espaço. Só lembrando que elas estão ali para falar sobre a cidade. Para mim é um grande exercício, é de ficar pensando: “não posso querer conduzir as ideias”. Tem momentos sim que a gente precisa de uma resposta, mas no geral tem que ser um lugar onde às vezes tenha um branco mesmo, que tenha que parar e pensar o que vamos fazer agora. A cidade é o nosso tema. É uma dificuldade tudo isso. A arte ensina muito, que os momentos de silêncio são importantes. A gente não precisa preencher todos os momentos. Quando eu pensava no *Comitê*, eu ficava desesperado imaginando que precisava ter o assunto. Mas depois vi que quem vai determinar o assunto são as crianças, a partir de uma necessidade que elas vão descobrir. Normalmente, a escola, o teatro... tudo... a gente fica muito sobrecarregado de assuntos. Se no *Comitê* sobrou um espaço, o que será que as crianças farão com ele? (MCC-01)

O processo participativo pelas e com as crianças está em desenvolvimento em muitos lugares do mundo. Uma experiência exitosa é a desenvolvida nas escolas de Reggio Emilia, na Itália, na qual a centralidade na infância é levada como fundamental.

Para isso, Malaguzzi (1999) considerava necessário planejar cuidadosamente procedimentos, motivações, interesses e buscar maneiras de intensificar os relacionamentos entre crianças, pais e professores, garantindo a atenção aos problemas da educação, da participação e da pesquisa. Conforme o estudioso, tudo isso contribuía para que cada integrante da equipe tivesse consciência acerca das contribuições de todos para a estruturação de uma educação sustentada no relacionamento e na participação.²⁵⁶

Podem parecer antagônicas as ações mediadoras com crianças, uma mais aberta e outra mais planejada. No entanto é nesse equilíbrio entre o intencional e a abertura para a criação, entre a heteronomia e o caminhar para a autonomia, que está a possibilidade de se agir com responsabilidade e ética.

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão.²⁵⁷

²⁵⁶ RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança; a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre; Artmed, 1999. P. 59-104.

²⁵⁷ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 17.

Tão pertinente à curiosidade, vamos nos permitindo conhecer práticas e diferentes lugares, como Rosário, na Argentina, cidade que também compõe a rede *Cidade das Crianças*.

Faz muita diferença a forma como se conversa com a criança, a condução faz toda a diferença. Em Rosário, uma coisa que me deixou muito impressionada e que também acontece aqui em Jundiaí, é que quem conversa com as crianças não são os arquitetos, a figura de mediação é uma professora de teatro. Pedagogos, psicólogos, professores de teatro, artistas plásticos... têm um protagonismo na cidade. Muitas vezes, aqui no Brasil nem são profissões tão valorizadas. E lá quem está discutindo as questões da cidade com as crianças é quem tem a sensibilidade para conversar com elas. Para mim, foi um grande aprendizado como arquiteta. (TCC-02)

Talvez, como trazido por TCC-02, essa sensibilidade que a escuta exige tenha um fundo ligado a áreas de humanas e artes. Para além disso, vale dizer que é no aprender conjunto que mediadores e crianças vão se firmando.

É preciso que [...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forçar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo.²⁵⁸

No papel de mediadores, é preciso “... estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala.”²⁵⁹ Aprender com pessoas e iniciativas que têm alcançado resultados é uma estratégia na qual deve haver investimento.

É um trabalho de construção. A formação faz toda a diferença. À medida que vamos tomando consciência das pesquisas por trás da valorização da infância, vai fazendo muito sentido. Quando sabemos de ações similares em outros lugares... Apesar de entender a criança como um ator super importante, as formações com profissionais de alto nível foram fundamentais, assim como o acompanhamento e a verificação dos resultados que foram sendo alcançados. (TCC-14)

Apesar da importância de ter outros lugares e práticas como referências, não podemos perder de vista nossa identidade e a potencialidade de nossa gente.

²⁵⁸ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 13

²⁵⁹ *Ibidem*, p.50.

Depois que fui para Reggio, Itália, fecho essa ideia: não é a Itália, não é a Alemanha, não é a Colômbia... é Jundiaí com o que ela tem e as possibilidades, acho que temos muita coisa aqui para agregar e oferecer. (TCC-19)

Não adianta um discurso se este não for revertido em ações. “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.”²⁶⁰ Para mediar trabalhos com crianças é preciso coerência entre o que se diz e o que se faz. As crianças vêem e cobram as posturas dos adultos. Conseguem entender aquilo em que há a intenção de ser comunicado.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há intelegibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade.²⁶¹

Para que haja dialogicidade, é necessário superar as diferenças entre o autoritarismo e a autoridade tão presentes historicamente na relação entre adultos e crianças. Também está presente a percepção da liberdade e da disciplina como coexistentes ao contrário do que se propõe com práticas de autoritarismo e licenciosidade.

Resultando da harmonia ou do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica necessariamente o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos. O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que venho chamando a vocação ontológica do ser humano.²⁶²

Quando eu era criança era muito diferente. Foi uma mudança de geração bem gigante. Vou falar por mim e pela maioria das pessoas na minha faixa etária. Criança não opinava muito não. Criança não tinha voz nenhuma na verdade, principalmente na família, dentro de casa. Era uma relação mais de imponência, de cima para baixo, ordem de pai e mãe. Não tínhamos oportunidade de opinar. Hoje não. Hoje tem, tanto dentro de casa, as famílias conversam mais. Na escola, também era hierarquicamente imposto, não tinha tanto diálogo. Isso mudou para melhor, as crianças têm mais espaço e oportunidade. Mas vai do adulto entender que há limites. As crianças não nasceram sabendo, precisamos ensinar os momentos e as formas de falar. (RCC-15)

Venho de uma família com cinco irmãos e hoje as famílias são menores. Se por um lado a criança não tem os irmãos para brincar e brigar, por outro, talvez seja possível que haja mais uniões entre as famílias. As crianças são mais ouvidas atualmente. Vejo minhas amigas estudando sobre os filhos. Antes era muito na “base do chinelo”, a gente não tinha voz. “Cala boca que você é criança!”, eu ouvia muito isso, principalmente dos irmãos mais velhos. Quando vejo hoje as crianças dando opinião é muito positivo. São outros tempos. Mesmo assim, eu me permito continuar brincando, dar risada, deixar minha criança interior viva. (TCC-05)

²⁶⁰ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 19.

²⁶¹ *Ibidem*, p.20-21.

²⁶² *Ibidem*. p.46.

A UNICEF descreve em três dimensões para avaliar as práticas de participação infantil: o âmbito, a qualidade e o resultado.²⁶³ Vamos utilizá-las para fazer apontamentos sobre o processo do *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP.

Na dimensão âmbito – a composição de um conselho infantil era quesito primordial para que a adesão do município à rede latino americana *Cidade das Crianças* fosse possível. Assim sendo, desde 2019, crianças representantes têm participado de reuniões e opinado sobre a cidade, dando ideias e sugestões sobre o que pode ser realizado. Na perspectiva do ponto de compromisso, suas falas têm gerado novos projetos, como o Pé de Árvore que mantém relação próxima com o pedido frequente das crianças para que haja na cidade maior arborização.

Fotos 37 e 38 – Plantio e lançamento do projeto Pé de Árvore



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

O nível de envolvimento do *Comitê das Crianças* avançou em relação a outras práticas de participação, mas ainda está na esfera consultiva. As opiniões das crianças são solicitadas, mas a concepção e o processo de recolha de informação, bem como a análise são realizados por adultos, apesar de serem consultadas. O planejamento leva em conta as questões levantadas por crianças na identificação de questões chave. Na implementação, as crianças são convidadas a participar, de programas educativos e sociais, sendo consultadas sobre os objetivos alcançados ou não.

Na dimensão qualidade – A participação no *Comitê das Crianças* é transparente e informativa, as crianças compreendem sobre o que trata, sentem-se confiantes e conhecem os objetivos. A participação é voluntária e podem desistir a qualquer momento, se quiserem. A prática respeita seus compromissos. A participação é relevante e as crianças podem escolher se querem ou não participar. As formas de trabalhar são desenvolvidas em parceria, possibilitando a autoestima e a autoconfiança. Disponibiliza-se tempo e recursos suficientes para uma participação de qualidade e as crianças são devidamente apoiadas para preparar a sua participação. Reconhece-se que a necessidade de participação tem de ser divertida e agradável.

²⁶³ UNICEF. *Op. cit.* p. 12.

Após a fase de estudo e ideação, é importante chegar à realização de um projeto [...]. As crianças gostam de ver, de tocar nas suas ideias. Seu modelo se torna um caderno, seu livro, com o qual você pode comunicar e defender suas ideias. Esta técnica tem um forte significado [...], pois também consegue envolver aqueles [...] que habitualmente ficam à margem das diferentes atividades, pois premeia competências e aptidões quase sempre subestimadas ou ignoradas...²⁶⁴

Foto 39 – Construindo mapa de representantes por região



Fonte: Acervo da pesquisa

De acordo com Malaguzzi [...]: "Queríamos mostrar como as crianças pensavam e se expressavam, o que produziam e inventavam, por meio de suas mãos e de sua inteligência..."²⁶⁵

Todas as crianças têm uma oportunidade para expressar suas opiniões sem serem discriminadas por quaisquer motivos. As fotografias, vídeos ou imagens digitais só são divulgadas com o consentimento. Os mediadores dão um feedback às crianças para apoiar iniciativas contínuas e organizações.

Na dimensão resultado – Nas crianças é percebido o desenvolvimento de aptidões e conhecimento, além de terem a autoestima e autoconfiança potenciadas. Começam a entender melhor seus direitos e se sentem mais empoderadas. Os pais e adultos envolvidos ampliam o conhecimento dos direitos e das capacidades das crianças, compreendendo melhor a importância da escuta infantil. Também é percebido que na prefeitura municipal, começa a haver uma mudança na cultura organizacional no sentido de maior respeito e predisposição do pessoal para considerar as crianças em todos os setores. É feita prestação de contas às crianças em relação às realizações de suas propostas.²⁶⁶

²⁶⁴ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 67.

No original: Después de la fase de estudio y la ideación es importante llegar a la realización de un proyecto y, si es posible, de una maqueta. A los niños les gusta ver, tocar sus ideas. Su maqueta se convierte en un cuaderno, su libro, con el cual puede comunicarse y defender sus ideas. Esta técnica tiene un fuerte significado educativo, porque logra envolver también a esos alumnos que habitualmente permanecen al margen de las distintas actividades, porque premia competencias y aptitudes casi siempre subestimadas o ignoradas, tales como la organización espacial, la manualidad, la creatividad en la búsqueda de símbolos adecuados para la representación tridimensional. En suma, consigue gratificar también al que no sabe expresarse bien a través de la escritura y del dibujo.

²⁶⁵ MALAGUZZI, Loris. *Op. cit.* p.59-104.

²⁶⁶ Vide registro nos Apêndice I.

Entre as falas dos técnicos representantes do *GT Criança na Cidade*, percebemos o desejo que as ideias discutidas durante as reuniões não fiquem entre poucos, mas que ganhem maior socialização para manter alinhada a referência das ações de política pública na cidade.

Chegou a hora de não trocar só entre nós e compartilhar. Fizemos o aviãozinho para que o *GT* fosse conhecido pelos funcionários da prefeitura e a gente incorporar as pessoas pelo desejo. Tiramos dali o que as pessoas queriam para a infância da cidade, as pessoas se engajaram, suamos a camisa para que acontecesse. (TCC-19)

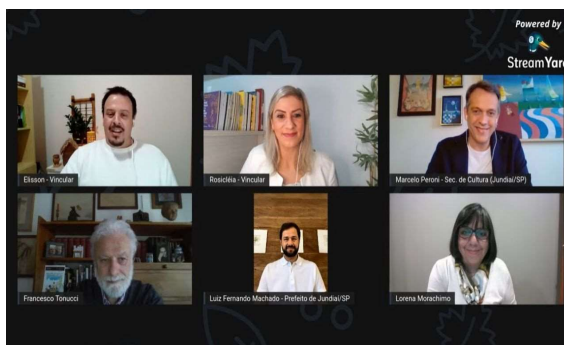
Agora temos um novo desafio e eu não falo apenas como *GT*, mas como Prefeitura. A criança entrou na pauta da cidade. O desafio agora é como fortalecer com que todas as pessoas da cidade, não só com os 8 mil servidores, tenham este olhar. Tivemos o aviãozinho, e hoje o *GT* é mais conhecido entre os servidores, mas as políticas públicas precisam ter cada vez mais pessoas envolvidas. (TCC-12)

A gente precisa explorar mais a construção desse pensamento e, às vezes, fica muito restrito à idealização do *GT*. Acredito que um foco maior na construção dessas políticas e na formação de algo mais sólido, de uma maneira mais integrada e comunicativa, pode resultar em algo mais efetivo. Falo tanto entre os participantes do *GT* quanto para os servidores, porque quem faz acontecer o serviço público é o servidor. Se ele não aderir a essa política da infância, pode haver *GT*, pode ter governo que entra, seja quem for... sem o efetivo público como um todo a ideia não acontece. Nesse aspecto de comunicação, enquanto ficar apenas dentro do *GT* a idealização da política infantil, ela vai ser uma política pequena. Se o efetivo público como um todo absorver essa política para a criança, você consegue a realização muito maior, em um tempo muito menor, porque isso vira uma cultura: todo funcionário público vai saber que é importante um olhar para a infância, que o objetivo é a criança. Tem que ser bem trabalhado, tem que ser bem exposto, tem que ser uma construção que vai sendo feita a longo prazo e vai trazendo para o servidor esse olhar do porquê a infância é importante, a atuação do servidor às crianças é muito importante, e qual é a importância do desempenho nas funções dele, independentemente de onde esteja na máquina pública. Qual a importância dele frente à infância. (TCC-07)

Ao entender que quanto mais pessoas estiverem envolvidas e que a criança pode ser uma boa referência capaz de gerar melhorias nas políticas públicas da cidade para todos, temos a chance de encontrar um ponto que pode ser conciliador frente a tantas diversidades. Por meio das crianças, as pessoas podem se identificar e ter realimentada a vontade de colaborar para algo maior, coletivo e de relevância comunitária.

Espero que o trabalho [...] não pare e que lá na frente, todas as crianças que participaram, quanto adultos, possam ver todas as mudanças que agregaram para a cidade. (RCC-12)

O convencimento de agentes técnicos, de gestores públicos e da sociedade em geral se dará quanto mais visibilidade essas ações forem tomando e de fato as mudanças promovam o desenvolvimento e metas de ordem social, financeira e política, alcançando as crianças da cidade e mantendo ativas a escuta e a participação cidadã.



Jundiaí tem feito sua parte para que as crianças sejam olhadas de fato como cidadãs, como protagonistas. E a partir do momento que você encara essa criança como cidadã e protagonista, o desafio seguinte é buscar maneiras de dar voz e participação a ela, o que nós já estamos fazendo em nossa cidade. (Prefeito LFM)

Foto 40 – Live Semana do Brincar

Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2021/05/22/semana-do-brincar-cidade-das-criancas-e-tema-de-transmissao-ao-vivo/>

A cidadania e o protagonismo estão diretamente ligados à escuta e à participação. Sem elas, não é possível que os conceitos sejam de fato alcançados. Precisamos que estejam presentes em todas as esferas sociais e políticas para que as crianças tenham seus direitos garantidos e possamos romper paradigmas.

Quando eu era criança, não havia essa preocupação. O adulto não escutava a criança, nem na família nem na escola. Era mais cobrança para obedecessem e que aprendessem os conteúdos da escola, matemática, português... Hoje já vejo que as crianças têm a oportunidade de aprender sobre a vida. (RCC-11)

A arte da escuta é necessária. Se você aprender a escutar uma criança, você vai escutar o idoso, seu vizinho, quem tem uma opinião diferente da sua... Isso vai aumentando em um grau que pode mudar a relação entre as pessoas, levar a uma mudança para termos um bairro, uma cidade, um país melhor. (MCC-02)

As mudanças não se dão por encerradas, mas estarão em constante movimento, pois derivam da situação social e das pessoas que compõem suas próprias histórias, fazem escolhas e desenvolvem novos saberes.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.²⁶⁷

Ainda há muito o que se avançar em relações a políticas públicas feitas para e com as crianças. Afinal, “... participação que dá certo, traz problemas. Pois este é seu sentido. Não se ocupa espaço de poder, sem tirá-lo de alguém”²⁶⁸. E nesse sentido, esperamos que haja maior democratização da cidade ao tomar a criança como referência.

²⁶⁷ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 16.

²⁶⁸ DEMO, Pedro. *Op. cit.* p. 2.

Não temos a pretensão de, neste trabalho, realizar todos as reflexões possíveis sobre a temática. Apenas configurar interdiscursos que não remetem à tentativa de tudo explicar, de dar contato ao amplo sistema de pensamento, mas considerar que contradições e diferenças afloram ainda mais a heterogeneidade que está por trás de todo discurso.²⁶⁹

Desejamos manter a radicalidade da esperança.

... já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.²⁷⁰

As crianças da primeira formação do *Comitê* que, em 2019, já projetavam seus desejos e necessidades por meio de pinturas e outras formas expressivas, puderam ter nos novos representantes de 2020 a continuidade. Num momento de tantos desafios e seguindo os cuidados recomendados, as crianças conseguiram marcar parte da sua visão para a cidade, fazendo entender que “sonhar” é necessário tanto quanto “plantar”.

Foto 41 – Pintura



Fonte: Prefeitura de Jundiaí

Foto 42 – Plantio



Fonte: Acervo da pesquisa

E entre sonhos e realizações, insistimos na radicalidade da esperança, desejando que as crianças venham na frente, abrindo caminhos para que todos possam ter seus espaços de fala e de participação em processos democráticos, nos quais a diversidade venha a somar.

²⁶⁹ Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, nov. 2001, p. 211-212.

²⁷⁰ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 28.

5.2 A ESCUTA E A AUTONOMIA

Ao propor esta pesquisa, já tínhamos a ideia de utilizar como fundamentação três importantes nomes: *Francesco Tonucci*, *Loris Malaguzzi* e *Paulo Freire*. *Tonucci* por ser o idealizador do projeto *Cidade das Crianças* e por ter entre seus fundamentos a composição de conselhos infantis, como o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP, nosso campo de pesquisa. *Malaguzzi* por ser referência na educação, minha área de atuação, e por ter práticas pedagógicas que envolvem a escuta das crianças. E também *Paulo Freire*, patrono da educação e grande representante brasileiro, defensor de práticas de liberdade e construção de autonomia.

Durante a pesquisa bibliográfica, deparamo-nos com uma publicação de Faria & Silva²⁷¹ na qual era mencionado um grande congresso internacional realizado em Reggio Emilia, Itália, em 1990, com participantes de todo o mundo, entre os quais Paulo Freire. Este deixou uma carta para Malaguzzi na qual compartilhava o desejo de não deixar morrer a voz da criança e o convite para que procuremos experiências para construção coletiva de um mundo mais belo.

Bom amigo Malaguzzi,

Menino eterno, pede-me, antes de eu retornar ao Brasil, que escreva algumas palavras dedicadas às meninas e aos meninos italianos. Não sei se saberia dizer algo de novo a um tal pedido. O que poderia dizer ainda aos meninos e às meninas deste final de século? Primeira coisa, aquilo que posso dizer em função de minha longa experiência neste mundo, é que devemos fazê-lo sempre mais bonito. É baseando-me em minha experiência que torno a dizer, não deixemos morrer a voz dos meninos e das meninas que estão crescendo.

Paulo Freire
abril, 1990

Foto 43 – Conferência “Comparando saberes para garantir a cidadania aos direitos e potencialidades de crianças e adultos” – Teatro Municipal de Reggio Emilia, 1990.²⁷²



Fonte: Faria & Silva (2018)

²⁷¹ FARIA, Ana Lúcia, Goulart de. SILVA, Adriana. Loris Malaguzzi: por uma cultura da infância. Revista Educação: Dossiê Cultura e Sociologia da Infância, São Paulo, 2018, p. 98-111.

²⁷² Da esquerda para a direita: Luciano Corradini, David Hawkins, Loris Malaguzzi, Paulo Freire, Andrea Canevaro, Mario Lodi

Tonucci muito bem poderia ter estado nessa mesma conferência, já que em 1991, iniciou em sua aldeia natal, Fano, o projeto *Cidade das Crianças*, que consiste em fazer uma cidade cujo ponto de referência são as crianças. O projeto teve êxito e foi estendido a muitas cidades do mundo.

Malaguzzi, Freire e Tonucci têm em suas teorias muitos pontos de aproximação. Vamos apresentar alguns deles separadamente somente com intenção didática. No entanto, será possível notar similaridades na compreensão que os três tecem sobre a vida e o papel educativo que devemos desempenhar.

A *Pedagogia da Escuta* de Malaguzzi considera a pluralidade e a complexidade das crianças; apoia a diversidade ao valorizar as diferenças; propicia o máximo de experiências aos educandos por meio de práticas diversas; estimula várias formas de comunicação, como dança, desenho, texto, entre outros; promove o desenvolvimento da autonomia da criança; valoriza a liberdade de expressão de todos os envolvidos na aprendizagem; mantém a criança atuante em todo o processo; entende a afetividade como integrante essencial das relações; estabelece um elo entre o ambiente escolar e a família. Estes pontos são de alguma maneira também relacionados por Paulo Freire na *Pedagogia da Autonomia* e por Tonucci no projeto *Cidade das Crianças*.

Ainda em relação à escuta das crianças, é preciso repetir que essa é uma das maneiras de respeitá-las, já que têm o direito fundamental de serem ouvidas e de terem suas opiniões consideradas. Precisamos entender e demonstrar na prática o que é trazido na Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, sendo capazes de ouvir e responder aos anseios infantis.

As crianças prestam informações de formas diferentes e diversas, sendo necessários modos de apoiá-las na exposição de seus pontos de vista. Precisamos aprender diferentes jeitos de “escutá-las”, ou seja, de ouvir com atenção, observando suas reações e respostas, assim como ações visíveis que, ao serem registradas, compartilhadas, discutidas e examinadas, podem confrontar relações de poder e aproximar o entendimento entre crianças e adultos.

Escutar as crianças muda a maneira como as entendemos, muda o que sabemos sobre elas e as perspectivas de seus aprendizados. Passamos a enxergar com mais clareza sua riqueza, seu potencial, seus talentos e suas visões de mundo, suas relações e sentimentos com outras crianças e adultos ao seu redor. É possível formar grupos de apoio entre crianças e adultos, que promovam o diálogo, o discurso e uma documentação intencionalizada em registrar a luta por significados.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.²⁷³

Essa curiosidade, base que impulsiona movimentos de adultos e crianças, precisa ser alimentada e enriquecida. Nessa construção junto ao outro, nos entendemos humanos e em aprendizagem conjunta. Uns com os outros, verificando problematizações, e nos responsabilizando pelas nossas escolhas e por tomar parte do processo.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.²⁷⁴

Assim sendo, escutar também é estar aberto a incertezas. Só quando há dúvidas, é possível ver os outros e manter a coragem de perceber que o que eu acredito não é a verdade, somente meu ponto de vista. É necessário outros pontos de vista para reafirmar ou reconduzir o meu, exige suspender julgamentos e preconceitos, pois há de se aprender a escutar os outros como uma forma de ver as diferenças não como elemento de separação, mas como conexão. É preciso coragem para compartilhar, concordar ou discordar. Assim há a oportunidade de se desenvolver enquanto profissional e humano.²⁷⁵

No *Comitê* é muito legal, é bom ouvir as ideias dos outros, o que têm a dizer. (CCC-06)

Acho legal conversar com as outras crianças. Têm opiniões diferentes e cada um vai tendo sua ideia, não precisa ser todo mundo igual. (CCC-07)

Tenho percebido que a CCC-07 tem aprendido a ouvir outras ideias, outras crianças, a opinião de outros e não ver apenas as dela. Vão pensando no coletivo. Digo para ela que é uma responsabilidade, que ela precisa falar suas opiniões. Ela está se colocando mais e ouvindo mais também. (RCC-07)

²⁷³ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 18.

²⁷⁴ *Ibidem*, p.28.

²⁷⁵ RINALDI, Carla. *Op. cit.* 1999, p. 235-247.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária.²⁷⁶

Assim sendo, para Freire o que importa “...não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem.”²⁷⁷

Uma das maneiras para isso são as práticas discursivas, nas quais somos incentivados e encorajados a expressar nossas ideias. “Compartilhar teorias é uma resposta à incerteza. É por isso que qualquer teoria, para existir, precisa ser expressada, comunicada e ouvida.”²⁷⁸

O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante e que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.²⁷⁹

Ser escutado e escutar o outro são coexistentes numa prática de relações complementares baseadas no respeito e na construção coletiva. O movimento de falar “com”, em vez de falar “a”, nos coloca em outra relação com nosso interlocutor.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar [...]. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.²⁸⁰

²⁷⁶ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 61.

²⁷⁷ *Ibidem*, p.24.

²⁷⁸ RINALDI, Carla. *Op. cit.* 1999, p. 235-247.

²⁷⁹ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 60.

²⁸⁰ *Ibidem*, p.58.

Para Malaguzzi, “... as crianças nascem já preparadas e predispostas a atuar e pensar ativamente. Geneticamente abertas para socializar, comunicar, memorizar, retro atuar, transformar, aprender a pensar, as crianças se tornam competentes interagindo com as pessoas, as coisas, as ideias.”²⁸¹ As assembleias devem fazer parte do cotidiano das crianças, pois podem vivenciar esse lugar coletivo como laboratório de democracia e cidadania, sendo possível “se discutir e formular novos projetos de trabalho”²⁸²

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destrutível ou desprezível.²⁸³

Ao compreender o respeito pelas diferenças, inclusive das crianças, percebemos que a escuta representa “... a abertura e sensibilidade de ouvir e ser ouvido – ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção)”²⁸⁴

Essa forma de compreensão torna a escuta inclusiva e de uma ética imensurável, pois acolhe as pessoas em suas diferenças físicas, sociais, religiosas, regionais, econômicas, de gênero, com ou sem deficiências, inclusive de diferentes idades, incluindo desde bebês até idosos.

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática...²⁸⁵

Para termos oportunidade iguais, é preciso um esforço social e coletivo de todos, para caminharmos numa reconstrução de uma sociedade mais justa, participativa e democrática. Há obstáculos que, muitas vezes, são invisíveis e precisam ser vencidos. A luta é diária e necessita ser vivida em nossas práticas, encontrando aquilo que nos une.

²⁸¹ MALAGUZZI *Apud* FOCHI, Paulo Sergio. **A Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 107.

²⁸² *Ibidem*. p. 92.

²⁸³ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 62.

²⁸⁴ RINALDI, Carla. *Op. cit.* 2012, p. 124

²⁸⁵ FREIRE, Paulo. *Op. cit.* p. 10.

Assim sendo, “por que tomar a criança como parâmetro? A escolha não pretende ser provocativa ou paradoxal e tem motivações psicológicas e sociológicas precisas, precedentes históricos importantes, grande significado moral e também, parece-me, forte peso político.”²⁸⁶ Esta proposição, base do projeto de Tonucci, também coloca importância na escuta e desenvolvimento da autonomia pelas crianças.

Para ele, a superproteção como a forma impositiva colocada sobre meninos e meninas, confinando-os em relação aos espaços da cidade e da própria vida, “... diminui a autonomia, impede o desenvolvimento de grupos de autodefesa. As crianças não devem ser protegidas, mas sim ‘armadas’, ou seja, dotadas de instrumentos, habilidades e autonomia”.²⁸⁷ Tonucci nos desafia: “Vamos tentar falar menos sobre violência, vamos tentar favorecer o bem-estar, a participação, a possibilidade de compartilhamento e a violência vai diminuir.”²⁸⁸

Mesmo com as diferenças em suas abordagens, Malaguzzi, Freire e Tonucci colocam a importância da participação, da escuta e da autonomia de maneira que as relações entre as pessoas aconteçam mais inclusiva e democraticamente.

Levando em conta a concepção transformadora de Paulo Freire, podemos impulsionar mudanças. As relações hierarquizadas podem ser superadas por um compartilhamento de maneira mais horizontal, mas isso exige dos indivíduos reflexão e atuação. A realidade social como algo transformável feita pelas pessoas pode ser mudada pelas mesmas quando estas compreenderem sua realidade. Precisamos incluir as crianças nesse processo de entendimento e atuação no mundo, respeitando suas particularidades e valorizando suas vozes.

Para as pessoas que ainda não ouvem as crianças, é como parar de fumar, é um longo caminho. Para aprender a escutar as crianças também, porque até se entender que as crianças têm razão em muitas coisas que pensam. E isso em todas as relações, no trabalho, no lazer... Uma criança sempre terá uma opinião sobre diversos assuntos. Deem uma chance, a vida pode ficar muito melhor. (CCC-14)

É preciso escutá-las e envolver as pessoas que fazem parte de suas vidas nesse processo que não é fácil como descrito por CCC-14.

²⁸⁶ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 12.

No original: ¿Por qué tomar al niño como parámetro? La elección no pretende ser provocadora o paradójica y tiene motivaciones psicológicas y sociológicas precisas, importantes precedentes históricos, gran significado moral y también, me parece, un fuerte peso político.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 17.

No original: Disminuye las autonomías, impide el desarrollo de autodefensas. / Los niños no deben ser protegidos, sino que deben ser "armados", es decir dotados de instrumentos, de habilidades, de autonomía.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 18.

No original: Tratemos de hablar menos de violencia, tratemos de favorecer más el bienestar, la participación, la posibilidad de compartir, y la violencia disminuirá.

Abrir a experiência do projeto às crianças não significa apenas garantir as suas ideias e contributos, significa também comprometer-se com novas soluções, com modificações mesmo profundas nos hábitos [...]. Na infância, o tempo é muito importante, porque muda rapidamente e as expectativas, necessidades, gostos mudam. Se muito tempo passa, as crianças perdem o interesse e passam a ter a convicção de que os grandes são sempre os mesmos, disponíveis e rápidos em prometer e demorados em cumprir. Se você pensa que nada pode mudar, nas ações, nos hábitos, nos tempos, então deve ser honestamente reconhecido que a cidade não pode pertencer a crianças.²⁸⁹

Essa provocação de Tonucci, nos leva a dar urgência às proposições feitas por quem participa dos processos, como forma de legitimar o que está sendo feito e garantir efetividade da escuta e o avanço da autonomia.

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros.²⁹⁰

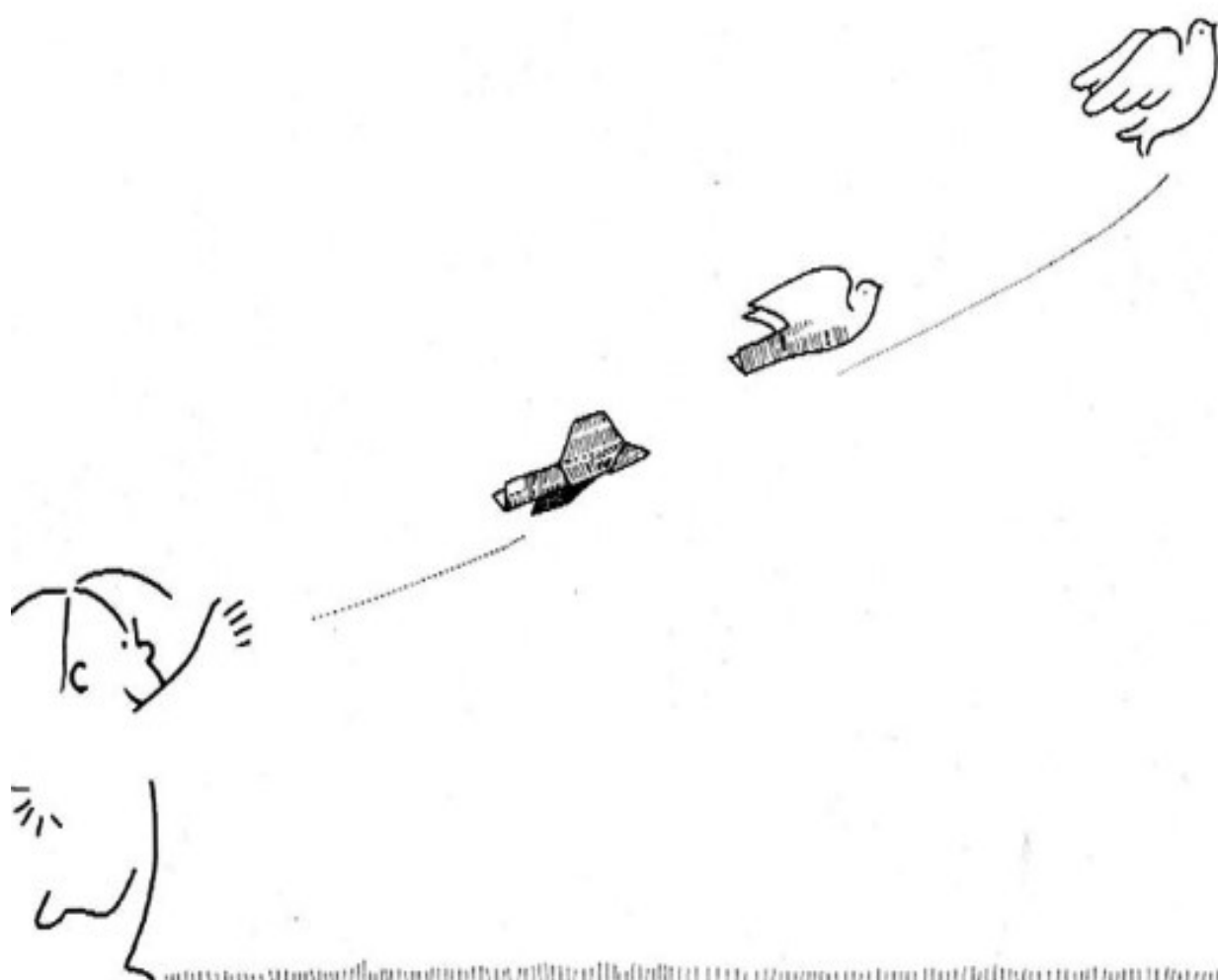
Com esse entendimento de liberdade que vemos tão presente no trabalho de *Francesco Tonucci*, *Loris Malaguzzi* e *Paulo Freire*, marcamos nossa posição ao defender que a participação e a escuta, não só das crianças, mas da diversidade de pessoas que compõe a cidade são os pilares para o desenvolvimento da cidadania efetiva. Como práticas democráticas, a cada um deve ser garantido espaço de expressão assim como o aprendizado das práticas discursivas. A possibilidade de ver no outro formas diversas de compreender o mundo e, com isso, validar ou reconduzir suas próprias convicções, pode estabelecer o respeito às diferenças como determinante nas ações de fazer “com” e não “para”. Entender-se nas incertezas e na chance de fazer junto é perceber que mesmo diferentes podemos encontrar pontos de convergência e similaridades quando os valores são compartilhados, como a aproximação possível entre o trio (*Tonucci*, *Malaguzzi* e *Freire*) que deu base de fundamentação para esta pesquisa.

²⁸⁹ TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* 2010, p. 24.

No original: Abrir a los niños la experiencia del proyecto no significa sólo asegurarse sus ideas y su aporte, también significa comprometerse con soluciones nuevas, con modificaciones aun profundas en los hábitos [...] En los años de la infancia, el tiempo es muy importante, porque se cambia rápidamente y se modifican las expectativas, las necesidades, los gustos. Si pasa demasiado tiempo, los niños pierden interés y se forman la convicción de que los grandes son siempre los mismos, disponibles y rápidos para prometer y lentos para cumplir. Si se piensa que nada podrá cambiar, en los hechos, en los hábitos, en los tiempos, entonces debe reconocerse con honestidad que la ciudad no puede ser de los niños.

²⁹⁰ FREIRE, Paulo. . *Op. cit.* p. 48.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A esperança é um sentimento que faz parte das nossas escolhas, pois alicerça os esforços para continuarmos mesmo frente a desafios e problemas quase inalcançáveis. Este também é o sentimento quando olhamos para uma criança, imagem que nos retorna ao que fomos e nos motiva ao que virá. A criança, sujeito da ação, coloca a ideia de movimento e continuidade, sensação que muitos trabalhos de pesquisa geram: a vontade de continuar aprendendo e buscando.

Nos caminhos de desenvolvimento desta pesquisa, tivemos *as crianças* como centro de interesse e investigação, por isso mesmo, aparecem em todos os títulos. O pensamento infantil pode colaborar com a maneira que interpretamos o mundo, pois cada criança faz referências, manifesta-se, tem vivências, experiências e reflexões a partir de necessidades, interesses e sua realidade cotidiana.

Assumimos, pela diversidade de constituição que essa fase expressa, o uso do termo infâncias no plural para melhor abrangê-la. As infâncias têm dimensões social e natural que vão além de proteção, cuidado e educação. As crianças devem ser consideradas nas práticas e discursos sociais.

A forma como as crianças percebem e interpretam o mundo que nos rodeia é estabelecida numa lógica diferente do entendimento dos adultos. Há nelas um jeito de imaginar e reorganizar os pensamentos de maneira muito peculiar. Na imaginação não podem existir limites e uma única lógica, pois existe no impulso e na necessidade de ampliar sua compreensão e semear conhecimento para além do já visto e experimentado.

Como demarcação de poder, por muitas vezes, na história da humanidade, a voz dos menos favorecidos foi cerceada. A luta pelo reconhecimento e efetivação de direitos nunca se mostrou tão atual e, as desigualdades sociais e econômicas tão evidentes.

O movimento da Sociologia da Infância trouxe muitas contribuições para a percepção das crianças como atores sociais ativos nas interações significativas com pessoas e instituições, ao mesmo tempo em que elas desenvolvem estratégias de existência no mundo. Debater a dimensão mais ampla das infâncias e outras questões decorrentes, como as relações geracionais, as questões político-institucionais, o desenvolvimento humano, a participação na cultura, nos fez traçar perspectivas sobre a vida social em geral, inclusive em relação às políticas públicas.

Retomamos, neste momento, a questão levantada inicialmente no projeto desta pesquisa:

Para alcançar políticas públicas que tenham a infância como prioridade em todos os âmbitos é preciso promover a participação infantil. Ao entender que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado, buscamos formas de mediação e outros pontos importantes que auxiliem os adultos na interação com as crianças. Temos como hipótese que, por meio da organização intencional, mas flexível, seja possível garantir o exercício da participação e da escuta atenta às vozes infantis por suas múltiplas linguagens, apontando maneiras de validar a potência das crianças.

Para validação da hipótese, na busca dos fios que foram sendo coletados durante a pesquisa e no trabalho de desatar e fazer nós, tecendo percepções sobre o que foi observado e analisado, fomos compondo a tecelagem. Em cada parte, uma temática foi tomada como ponto a ser estudado na sua relação com as crianças, de maneira a colaborar no percurso desenvolvido da pesquisa.

No Capítulo I, discorremos sobre a cidade e as crianças, a urbanização, o medo e a superproteção originados da especialização das cidades. Vimos o quanto há limitação da convivência e afastamento dos diferentes. No entanto, as crianças podem ser consideradas fontes de aproximação, pois temos nelas nossa imagem de passado, além de comporem uma categoria que compreende as diversidades (raça, religião, gênero, classe social). Como uma possibilidade de mudança, vimos na cidade algo em que a escuta das crianças deva ser considerada, pois ao garantir a elas seus direitos, a cidade pode ser pensada para todos. Entre tantas iniciativas existentes, descrevemos o projeto *Cidade das Crianças*, idealizado por Tonucci, já que nosso campo de pesquisa foi o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP.

No Capítulo II, conceituamos a participação e a relacionamos com o entendimento sobre democracia e cidadania. Traçamos as diferenças dos processos participativos entendidos pelos institucionalistas e pelos os participativistas. O desenvolvimento do discurso também foi tratado como parte essencial para que a participação aconteça. Vimos também como há tipos e níveis de participação, que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Assim sendo, problematizamos a participação das crianças em nossa sociedade e a necessidade da escuta infantil, apresentando alguns projetos e conceitos internacionais que tratam do assunto.

No Capítulo III, caracterizamos o *Comitê das Crianças* como um laboratório sobre a participação, o qual foi utilizado para verificar mediações e outros pontos a favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes. Fizemos a organização e a descrição da pesquisa. Como o *Comitê* faz parte do programa *Cidade das Crianças*, optamos também observar as reuniões do *GT Criança na Cidade*, ampliando as vozes participantes. Na coleta de dados, utilizamos observações feitas pela pesquisadora durante as reuniões, além de fotos e outros registros das crianças, como desenhos e poesias, assim como o uso de questionário e entrevistas. Além das crianças representantes, houve a escuta a seus familiares, aos mediadores do *Comitê das Crianças* e aos envolvidos no programa *Cidade das Crianças* de Jundiaí-SP que compõem o *GT Criança na Cidade*.

No Capítulo IV, compusemos um *corpus* para a análise com os dados coletados e selecionados. Nesse momento, voltamos às temáticas desenvolvidas nos primeiros capítulos como fios condutores: a cidade, a participação e o *Comitê*, relacionando-as com as crianças. Como referencial principal, recorremos a Tonucci (2010), Malaguzzi (1999), Freire (1996). Verificamos o processo e os níveis de participação das crianças no *Comitê*, demonstrando como os adultos colaboraram ou não com o desenvolvimento das práticas infantis, além de analisarmos se espaço para elas nas políticas públicas. A escuta e a autonomia foram entendidas como base para a efetividade da participação democrática.

Ao considerarmos a participação enquanto processo coletivo e de interação, compreendemos que as competências de participar estão ligadas à vida social. E, neste contexto, foram inevitáveis as influências geradas pela pandemia da Covid-19, marcando inclusive aspectos nesta pesquisa. Houve a necessidade de adaptação de todos (crianças e adultos) com novos meios comunicativos e o uso das tecnologias. Foi comum, nas primeiras reuniões do *Comitê das Crianças*, elas riscarem virtualmente as telas ou digitarem caracteres avulsos no *chat* do aplicativo *Zoom*. A criança primeiro explora e se apropria, para depois participar. Outros fatores que foram desafiadores, como a falta do contato presencial e a impossibilidade de visitar fisicamente os espaços da cidade, além da dificuldade de leitura corporal, também precisaram ser superados. Apesar das dificuldades, as reuniões remotas favoreceram um menor índice de faltas pelas crianças participantes, além de melhor divisão e oportunidade de fala entre elas.

Levando em consideração esses apontamentos, vimos a importância de boas mediações como forma de incentivo à potência das crianças e de sua participação efetiva. Encontrar o equilíbrio das ações de condução e os espaços para a transição da heteronomia para a autonomia ainda é um grande desafio. Consideramos que, apesar das dificuldades, iniciativas que dão visibilidade às infâncias e às expressões pelas múltiplas linguagens das visões e entendimentos sobre as crianças, além de abrir espaço para proposições, já mostram seu valor.

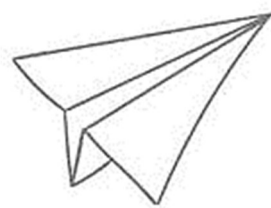
Em lugar de estranha, a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado. [...] A inconclusão, repito, faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me "saúda" contente no começo das manhãs. Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento.²⁹¹

²⁹¹ FREIRE, Paulo. . *Op. cit.* p. 29.

No reconhecimento dessa inconclusão, da qual somos parte, enquanto seres naturais e sociais, podemos ser reprodutores e transformadores das realidades em que vivemos. As “vozes” e as demais expressões de crianças e adultos participantes desta pesquisa enriqueceram as tramas organizadas para a discussão sobre a participação infantil nas políticas públicas das cidades, assim como a interlocução com os autores selecionados para o embasamento deste estudo.

Assim como a charge da epígrafe, vemos o trajeto da pesquisa

como um aviãozinho lançado ao ar,
que diante do horizonte das experiências,
requisita conhecimento e seriedade,
mas também o direito a manter a leveza com a qual a vida pode ser encarada.
Vemos que essa trajetória, muitas vezes não linear, mas num ir e vir,
pode fortalecer a esperança
tão necessária para seguirmos em frente
com nossas buscas
sempre contínuas e infinitas...



REFERÊNCIAS

ACREDITO QUE DARIA
PARA APRENDER SEM
TER QUE ODIAR O
QUE ESTUDAMOS



FRATO, 2002

ARAÚJO, Vania Carvalho de. **Pensar a cidade, as crianças e sua educação**. Educação (UFSM), v. 43, n. 2, abr.-jun. 2018.

ARNSTEIN, Sherry R. Uma escada da participação cidadã *In: Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE*: Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. *In: Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set.-dez. 2014.

BALLESTEROS, Maria Paula. ¿Una ciudad con ojos de niño? Experiencia Rosario. Proyecto Ciudad de los niños. *In V Jornadas de Jóvenes Investigadores*. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2009.

BARBA, Clarides Henrich & SOUZA FILHO, Marinho Celestino. Análise do discurso: O que é? Como se faz? E para quê serve? *In: Revista Gestão Universitária*. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/analise-do-discurso-o-que-e-como-se-faz-e-para-que-serve> Acesso em: 10 fev. 2021

BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. Metodologias de Pesquisas com Crianças *In: Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p.8-28, jul.- dez. 2010.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900, *In: Rua de Mão única*, Obras Escolhidas. Editora Brasiliense, São Paulo: 1987.

BORDENAVE, Juan. **O que é participação?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8.069 de 13 de Julho de 1990. Brasília. Imprensa Oficial. 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CARROLL, Lewis. Alice: **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, Trad. Ephraim Ferreira Alves.

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, mai.-ago. 2005.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Org. por Michael Schöter. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERNÁNDEZ, Alfonso Diestro. **La ciudad de los niños**: un espacio de juegos, participación, diálogo y encuentro intercultural. Villanueva de la Serena: 2010.

FERREIRA, Manuela. “- Ela é a nossa prisioneira!” - questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *In: Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151-182, jul. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *In: Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001

OCHI, Paulo Sergio. **A Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREHSE, Fraya. **Ô da Rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <https://nepegeo.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 22 dez. 2020.

GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzatto. **Infância e suas Linguagens**. São Paulo, Ed. Cortez, 2014.

GOBBI, Marcia Aparecida. Múltiplas Linguagens de Meninos e Meninas e a Educação Infantil. *In: Anais do I Seminário Nacional Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais*, Belo Horizonte, nov. 2010.

GOHN, Maria da Glória. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. *In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; PERUZZO, Cicília K. (orgs). Comunicação para a cidadania*. São Paulo/ Salvador: Uneb/ Intercom, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

HABERMAS, Jurgen. **Direito e Democracia**: entre Facticidade e Validade. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, v. I.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. jul. 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 2 jun 2019

HART, Roger A. La participacion de los niños: de la participacion simbólica a la participation autentica. *In: Ensayos Innocenti*, n. IV, 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roger_Hart3/publication/46473553_La_participacion_de_los_ninos_de_la_participacion_simbolica_a_la_participacion_autentica/links/571e6d4208aefa648899a0c5/La-participacion-de-los-ninos-de-la-participacion-simbolica-a-la-participacion-autentica.pdf. Acesso em: 2 jun 2019

HERMANY, Ricardo. **(Re) Discutindo o espaço local**: uma abordagem a partir do direito social de Gurvitch. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; IPR, 2007.

HOLMAN, Cas. Design para brincar. *In: Abstract: the art of design*. Série da Netflix, 2017.

JUNDIAÍ (SP), Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares de Educação Infantil**. Rede Municipal de Educação: Jundiaí, 2016.

KOLTAI, Caterina. O Estrangeiro, o Racismo e a Educação. *In: GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria (orgs). Educação do Preconceito*. Ensaio sobre poder e resistência. Campinas: Atomo e Alínea, 2004.

KOWARICK, Lúcio. A lógica da desordem, *In: A espoliação urbana*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1993

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. *In: Cadernos de pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n. 116, 2002. p. 41–59

LEFEBVRE, Henri. Sobre a forma urbana, *In: O direito à cidade*. Editora Centauro. São Paulo:2011

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. p. 86 *In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança*: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre; Artmed, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MITTMANN, Solange. **Discurso e Texto**: na pista de uma metodologia de análise. p. 1. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>. Acesso em 20 dez. 2020.

MOSS, Peter. La democrazia in educazione. *In: Revista Bambini*. Azzano, San Paolo, Itália: Edizione Júnior, mar. 2008.

NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. (In)visibilidade das crianças e (n)as cidades: Há crianças? Onde estão? *In: Revista Educacional Foco*, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 737-754, set.-dez. 2018

ORLANDINI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. Disponível em: http://www.sergiofreire.pro.br/ad/ORLANI_ADPP.pdf. Acesso em: 5 jan 2021

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração dos Direitos da Criança**. 1959.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In: Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. cap. 5, p.13-32

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 5. ed. São Paulo: Ed. Xamã, 2000.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. Os Registros reflexivos como prática de autoria pedagógica. *In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”*. São Cristovão. 2011. Disponível em: <http://files.pibid-educacao-do-campoufu.webnode.com/2000001070398f0493b/OS%20REGISTROS%20REFLEXIVOS.pdf>. Acesso em 26 out 2019

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Participação de crianças pequenas na organização de práticas cotidianas da educação infantil: do direito às possibilidades. *In: SANTOS, Marlene Oliveira dos & RIBEIRO, Maria Izabel Souza (org.). Educação Infantil: os desafios estão postos e o que fazemos*. Salvador, BA: Sooffset Gráfica e Editora Ltda., 2014

RINALDI, Carla. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. p. 237. *In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROLNIK, Raquel. Territorios Em Conflito. *In: São Paulo – espaço, história e política*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. **Desigualdade social e dualidade escolar: Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. *IN: Educação Revista Quadrimestral*. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, mai.-ago. 2018

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In: MARTINS FILHO, Altino José & PRADO, Patricia Dias (ed.). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas: 2011. p. 27–60.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manoel Jacinto.; GOUVEA, Maria Cristina Soares (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. *In*: **Cadernos do Noroeste**, Porto: v. 13. 2000. p. 145-164. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.envres.2010.05.007>. Acesso em 26 out. 2019

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. Políticas Públicas e Participação Infantil. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga/Portugal). *In*: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206, 2007. São Paulo: Autores Associados.

SAYAGO, Doris A. V. **A invenção burocrática da participação**: Discursos e Práticas no Ceará. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

SCHMIDT, João Pedro. Exclusão, inclusão e capital social: o capital social nas ações de inclusão. *In*: REIS, Jorge Renato dos; LEAL, Rogério Gesta.(Org). **Direitos Sociais & Políticas Públicas**: desafios contemporâneos. 6t. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito, *In*: **Mana** v.11, n. 2, Rio de Janeiro: out. 2005

SIMÕES, Janaína Machado; SIMÕES, Gabriela Lima. **Reflexões sobre o conceito de participação social no contexto brasileiro**. 2015. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo3/reflexoes-sobre-o-conceito-de-participacao-social-no-contexto-brasileiro.pdf> . Acesso em 26 out. 2019

TARUFI, Leandro. **Análise de Discurso**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/527462557/TAFURI-L-Analise-de-Discurso>. Acesso em 20 dez. 2020.

TOMÁS, Catarina. (2013). “Participação não tem Idade” Participação das Crianças e Cidadania da Infância. *In*: **Revista Contexto & Educação**, p. 45-68. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2007.78.45-68> Acesso em 26 out. 2019

TOMÁS, Catarina; MÜLLER, Verônica Regina. Crianças, participação e cidades: uma geografia da infância. *In*: **X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, 2009, Braga, Portugal. Sessão temática: Braga, p. 1-9, 2009.

TONUCCI, Francesco. **La Ciudad de los niños**: un modo nuevo de pensar la ciudad. Editorial Posadas. Buenos Aires: 2010

TONUCCI, Francesco. Ciudades a escala humana: la ciudad de los niños. *In*: **Revista de Educación**, número extraordinario 2009, p. 147-168

TONUCCI, Francesco. *et al.* **V Encuentro La Ciudad de los Niños** - La Infancia y la Ciudad: Una relación difícil. Madri: Xiana Color Gráfico, 2008.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Campinas: Autores Associados, 2008.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução Jorge Andrade. Instituto Piaget. Lisboa, 1988.

UNICEF. **Participação de Crianças.** 2014. Disponível em:
<http://www.childrightstoolkit.com/wp-content/uploads/toolkit/Portuguese/M3-PT.pdf>. Acesso em 26 out. 2019

WEFFORT, Madalena Freire (coord). **Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ANEXOS



FRATO, 1991

A) CAPÍTULO X DO PLANO DIRETOR - Lei nº 9.321/2019

CAPÍTULO X

DA POLÍTICA DA CRIANÇA NA CIDADE

Seção I

Da Garantia dos Direitos da Criança no Espaço Urbano

Art. 182. São objetivos da Política da Criança na Cidade:

- I - orientar as ações de planejamento urbano para assegurar o cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, previstos no Marco Legal da Primeira Infância;
- II - tornar a cidade mais amigável à criança, ampliando a oferta de praças, parques e espaços públicos mais lúdicos, que incentivem o livre brincar em contato com a natureza;
- III - criar condições para a ocupação da cidade pela criança, com segurança, acessibilidade e autonomia, possibilitando que desenvolva suas habilidades cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais por meio do encontro com diferentes crianças e suas famílias no espaço público;
- IV - ampliar os canais de escuta da criança e considerar as manifestações infantis nos planos e projetos a serem realizados pelo poder público;
- V - implantar um programa de qualificação técnica dos servidores públicos, para sensibilizá-los em relação às necessidades da criança na cidade e no uso dos espaços públicos;
- VI - estabelecer parcerias com universidades, órgãos do terceiro setor e institutos de pesquisa e proteção da infância, que possam ajudar a produzir territórios educativos na cidade;
- VII - trabalhar em conjunto com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, assegurando que sejam cumpridas as medidas que se referem ao território da cidade;
- VIII - participar de redes nacionais e internacionais de Cidades das Crianças, reafirmando o compromisso municipal com as ações para o pleno desenvolvimento da infância no espaço urbano e possibilitando a troca de experiências com os demais membros da Rede.

Art. 183. São diretrizes da Política da Criança na Cidade:

- I - considerar o Plano Municipal Decenal dos Direitos Humanos da Criança e do Adolescente de Jundiá (2018 - 2028), elaborado pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, como referência para as ações urbanísticas a serem planejadas e executadas no âmbito do Município;
- II - adotar o conceito internacional de Cidade das Crianças como referência para as ações urbanísticas, ampliando a troca de experiências que favoreçam a criação de espaços mais humanizados e lúdicos;
- III - aprimorar os processos de escuta à criança, com a criação de comitês formados por elas, de modo que as necessidades da infância possam ser mais facilmente identificadas pelos adultos e contempladas nos planos, projetos e ações na cidade;
- IV - organizar as manifestações e os pedidos das crianças durante as apresentações municipais, em que crianças são recebidas pelo chefe do Executivo no intuito de ouvir suas impressões sobre a cidade, para que elas possam servir como indicadores de planejamento urbano;
- V - ampliar a instalação de equipamentos para brincar nas áreas de uso público (parques, praças, calçadas);
- VI - instituir programa, que possibilite a restrição do tráfego de veículos em determinadas vias, em determinados horários, mediante concordância de 75% (setenta e cinco por cento) dos moradores locais;
- VII - aprimorar e ampliar o programa de visitação à Serra do Japi por crianças e suas famílias, possibilitando maior contato com a natureza exuberante do Município;
- VIII - criar centro de estudos, memórias e pesquisas da infância no Município;
- IX - realizar pesquisas para identificar onde ocorre o maior número de deslocamentos a pé de crianças no trajeto entre a casa e a escola, priorizando melhorias nesses pontos;
- X - prever, nos planos e projetos, a criação de rotas seguras e espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de criança, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades, conforme assegura o Marco Legal da Primeira Infância.

§ 1º Fica criado o Grupo de Trabalho Criança na Cidade, com o objetivo de:

- I - implementar as diretrizes definidas no caput deste artigo; e
- II - integrar, consolidar e agilizar as ações pela criança no território urbano.

§ 2º O Grupo de Trabalho Criança na Cidade é formado por representantes do Conselho Municipal de Defesa da Criança e do Adolescente e das seguintes Unidades de Gestão:

- I - Planejamento Urbano e Meio Ambiente;
- II - Cultura;
- III - Educação;
- IV - Esporte e Lazer;
- V - Saúde;
- VI - Assistência Social;
- VII - Mobilidade e Transporte;
- VIII - Serviços Públicos;
- IX - Abastecimento, Agronegócio e Turismo.

B) DECRETO CIDADE DAS CRIANÇAS



Imprensa Oficial do Município de Jundiá

Edição 4465 | 17 de outubro de 2018

Página 41

DECRETOS

4/2017, ---

DECRETA:

Art. 1º - Fica permitido o uso, a título precário e gratuito, da área pública constituída da viela localizada na Rua Londrina, ao lado do Lote 11, Quadra 4, Vila Maringá, nesta cidade, a IRACI APARECIDA DE SOUZA MACHADO, para o fim de conservação e manutenção, pelo prazo de 2 (dois) anos, contado da data da assinatura do Termo de Permissão de Uso, que passa a fazer parte integrante do presente Decreto.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

LUIZ FERNANDO MACHADO
Prefeito Municipal

Publicado na Imprensa Oficial do Município e registrado na Unidade de Gestão de Negócios Jurídicos e Cidadania do Município de Jundiá, aos quatro dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezoito.

FERNANDO DE SOUZA
Gestor da Unidade de Negócios Jurídicos e Cidadania

DECRETO Nº 27.780. DE 15 DE OUTUBRO DE 2018

LUIZ FERNANDO MACHADO, Prefeito do Município de Jundiá, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, em especial as previstas no artigo 72, inciso IX, da Lei Orgânica do Município e, face ao que consta do Processo Administrativo nº 26.191-7/2018, -----

CONSIDERANDO que o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança é altamente impactado pelo ambiente em que ela vive; -----

CONSIDERANDO a existência de Política Municipal para Infância e Adolescência de Jundiá e o Plano Municipal para Infância e Adolescência de Jundiá, regulados pela Lei nº 8.389, de 25 de março de 2015; -----

CONSIDERANDO que o Município qualifica os espaços públicos e acredita que uma cidade apropriada para as crianças será uma cidade adequada para todos os cidadãos, ---

DECRETA:

Art. 1º - Fica estabelecida a adesão do Município de Jundiá à REDE LATINO-AMERICANA - PROJETO CIDADE DAS CRIANÇAS, nos termos deste Decreto.

Parágrafo único - A adesão de que trata o *caput* deste artigo tem por objetivo incentivar a participação das crianças nos processos de discussão sobre ações para a cidade que resultem em melhor qualidade de vida para todos os habitantes.

Art. 2º - O Município, por meio da Administração Municipal, passará a ouvir a opinião das crianças a fim de viabilizar o desenvolvimento de projetos a partir das ideias sugeridas por elas, mediante a criação de um Comitê de Crianças, que estará vinculado à Plataforma de Educação e Cultura.

Parágrafo único - O Comitê de que trata este artigo será composto por crianças, de forma paritária entre meninos e meninas, na forma a ser disciplinada em regulamento.

Art. 3º - As ações da Administração Municipal, em decorrência da adesão de que trata este Decreto, compreendem:

I - ouvir as crianças sobre questões relacionadas ao fortalecimento da democracia, ao combate das desigualdades e à exclusão social;

II - incentivar a participação das crianças nos processos de discussão sobre ações para a cidade, que resultem em melhor qualidade de vida para todos os habitantes;

III - garantir que a capacidade de interpretação e expressão das crianças sobre suas realidades urbanas possam contribuir para a melhoria da cidade;

IV - viabilizar ações para que as crianças vivam experiências como cidadãos, autônomos e participativos;

V - promover atividades culturais, esportivas e de lazer nos bairros da cidade, sob a ótica das crianças;

VI - planejar espaços públicos pensando nas crianças, a partir das ideias sugeridas por elas;

VII - estimular a cultura e a educação empreendedora;

VIII - incentivar a busca por novas tecnologias e serviços públicos inovadores.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

LUIZ FERNANDO MACHADO
Prefeito Municipal

Publicado na Imprensa Oficial do Município e registrado na Unidade de Gestão de Negócios Jurídicos e Cidadania do Município de Jundiá aos quinze dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezoito.

FERNANDO DE SOUZA
Gestor da Unidade de Negócios Jurídicos e Cidadania

DECRETO Nº 27.779. DE 15 DE OUTUBRO DE 2018

LUIZ FERNANDO MACHADO, Prefeito do Município de Jundiá, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, e face ao que consta do Processo Administrativo nº 12.140-5/2011, -----

CONSIDERANDO que o município de Jundiá aderiu ao Protocolo do Programa Município VerdeAzul - PMVA comprometendo-se a apresentar um Plano de Ação contendo medidas e metas para implantação, desenvolvimento e cumprimento das 10 (dez) diretrizes ambientais previstas no referido Protocolo, que são: Município Sustentável, Estrutura e Educação Ambiental, Conselho Ambiental, Biodiversidade, Gestão das Águas, Qualidade do Ar, Uso do Solo, Arborização Urbana, Esgoto Tratado e Resíduos Sólidos; -----

CONSIDERANDO que as 10 (dez) diretrizes abordam questões prioritárias a serem desenvolvidas pelo Município nas suas diversas áreas de atuação, sendo para isso fundamental a integração e cumprimento das tarefas por diversas Unidades de Gestão; -----

CONSIDERANDO que a Secretaria de Estado do Meio Ambiente orienta, segundo critérios específicos, a serem avaliados ano a ano, quais as ações necessárias para que o Município seja certificado como *Município VerdeAzul*; -----

CONSIDERANDO a necessidade de agilizar e qualificar a participação do Município no referido Programa. -----

DECRETA:

Art. 1º - A Comissão Permanente do Programa Município VerdeAzul - PMVA, instituída pelo Decreto Municipal nº 23.290, de 16 de agosto de 2011, passa a ser regulamentada nos termos deste Decreto, com a seguinte composição:

I - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Infraestrutura e Serviços Públicos;

II - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Agronegócio, Abastecimento e Turismo;

III - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Educação;

IV - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Administração e Gestão de Pessoas;

V - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Mobilidade e Transporte;

VI - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente;

VII - 01 (um) representante da DAE S/A - Água e Esgoto;

VIII - 01 (um) representante da Fundação Municipal de Ação Social - FUMAS;

IX - 01 (um) representante da Defesa Civil;

X - 01 (um) representante da Fundação Serra do Japi;

XI - 01 (um) representante da Unidade de Gestão de Inovação e Relação com o Cidadão.

Parágrafo único - A Comissão de que trata este artigo será coordenada pelo representante da Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente.

Art. 2º - São atribuições da Comissão:

C) DECRETO RUAS DE BRINCAR

O presente decreto pode ser acessado em <https://imprensaoficial.jundiai.sp.gov.br/edicao-4533/> (páginas 34 e 35)

DECRETOS

DECRETO Nº 28.075, DE 11 DE MARÇO DE 2019

LUIZ FERNANDO MACHADO, Prefeito do Município de Jundiaí, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, e face ao que consta do Processo Administrativo nº 32.584-5/2018, _____

DECRETA:

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º Fica instituído no Município de Jundiaí o Programa "Ruas de Brincar", como forma de proporcionar lazer aos cidadãos, em consonância com o "caput" do art. 6º da Constituição Federal.

Parágrafo único. "Ruas de Brincar" são as ruas autorizadas para fechamento pelo Município, a requerimento dos respectivos moradores, para fins de desenvolver atividades recreativas, jogos, brincadeiras livres, ginças, atividades socioculturais e outras atividades de caráter lúdico e público.

Art. 2º A requerimento dos respectivos moradores, as "Ruas de Brincar" poderão ser implantadas nas vias públicas, não coletoras e não arteriais, com trânsito de veículos de baixa intensidade, incluindo o entorno de praças e largos, e em áreas de lazer.

Parágrafo único. É vedada a implantação de "Ruas de Brincar" nas vias em que haja hospitais, prontos-socorros, velórios, cemitérios, estacionamentos coletivos, linhas regulares de ônibus, pontos de táxi e demais comércios e serviços que a atividade dependa do acesso de veículos ao estabelecimento.

Art. 3º As "Ruas de Brincar" funcionarão aos domingos e feriados, no horário compreendido entre 9h00 (nove horas) e 19h00 (dezenove horas), sendo proibido nesse período o trânsito de veículos no local, exceto daqueles pertencentes aos moradores dos lotes vizinhos à área delimitada.

Parágrafo único. Será obrigatório o uso dos materiais fornecidos pelo Município para o bloqueio da via nos dias de funcionamento das "Ruas de Brincar".

Acesse Cont

Art. 4º Fica proibida a emissão de ruídos sonoros provenientes de aparelhos de som portáteis ou instalados em veículos automotores estacionados, segundo a Lei Municipal nº 8.105, de 04 de dezembro de 2013, e as normas da Lei Federal nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.

Art. 5º As "Ruas de Brincar" deverão obrigatoriamente contar com um responsável titular e um suplente, que coordenará e assumirá o gerenciamento da área e zelará pela preservação da sinalização móvel.

CAPÍTULO II DO PROCEDIMENTO

Art. 6º O requerimento para implantação das "Ruas de Brincar" será protocolado no Polo Municipal de Jundiaí, na Unidade de Gestão de Administração e Gestão de Pessoas/Setor de Protocolo, endereçado à Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente - UGPUMA, acompanhado dos seguintes documentos:

I - croquis indicando a via pública, o trecho pretendido para fechamento e as ruas adjacentes;

II - abaixo-assinado contendo nome completo legível, número da casa, assinatura e número de documento de identidade de, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) dos moradores do trecho da via pública escolhida, podendo corresponder a cada residência somente uma assinatura.

Parágrafo único. O croqui poderá ser apresentado com base em mapas de mapeamento.

Art. 7º Recebido o requerimento, o Município terá o prazo de 30 (trinta) dias para opinar sobre a viabilidade do pedido, nos termos do art. 1º deste Decreto.

§ 1º Sendo contrário o parecer, a UGPUMA comunicará o interessado, nos termos da legislação vigente e, após essa providência, poderá arquivar o requerimento.

§ 2º Sendo favorável o parecer da UGPUMA, o requerimento será encaminhado à Unidade de Gestão de Mobilidade e Transporte - UGMT.

Art. 8º A UGMT deverá vistoriar o local e se manifestar sobre a possibilidade de sua implantação, no que se refere às implicações para a mobilidade e trânsito.

§ 1º Sendo contrário o parecer da UGMT, ela comunicará o interessado, nos termos da legislação vigente e, após essa providência, poderá arquivar o processo.

§ 2º Sendo favorável o parecer, a UGMT encaminhará o processo à Unidade de Gestão de Esporte e Lazer - UGEL.

Art. 9º A UGEL deverá:

I - convocar os interessados do protocolo para orientar o responsável

pela rua;

II - após orientação do responsável pela rua, emitir despacho, devidamente publicado na Imprensa Oficial do Município, implantando a "Rua de Brincar".

Art. 10. Publicado o despacho de implantação da "Rua de Brincar", o processo será restituído à UGMT, cabendo ao Departamento de Engenharia de Mobilidade:

I - elaborar, quando for o caso, projeto de sinalização vertical fixa (placas), delimitando a via ou o trecho da via em que será implantada a "Rua de Brincar", e croquis indicando a localização e a quantidade de material necessário para o fechamento da rua (placas e cavaletes);

II - afixar a sinalização indicativa, após a publicação do despacho a que se refere o "caput" deste artigo.

CAPÍTULO III DO CADASTRAMENTO E DESATIVAÇÃO DAS RUAS DE BRINCAR

Art. 11. A UGEL irá elaborar e manter o cadastro das "Ruas de Brincar", a ser revalidado anualmente.

§ 1º A UGEL deverá manter atualizado o mapeamento das "Ruas de Brincar" da cidade no endereço eletrônico www.jundiai.sp.gov.br;

§ 2º A UGEL fornecerá ao responsável pela "Rua de Brincar" o material necessário para o fechamento da via.

Art. 12. O recadastramento das "Ruas de Brincar" ocorrerá sempre nos meses de janeiro e fevereiro, devendo o requerente apresentar os seguintes documentos:

I - abaixo-assinado confirmando o interesse em manter a "Rua de Brincar" conforme art. 6º, inciso II, deste Decreto;

II - indicação do responsável titular e do suplente.

Art. 13. As "Ruas de Brincar" poderão ser desativadas, por decisão do Município, ouvidos os demais órgãos, quando for o caso, nas seguintes hipóteses:

I - a pedido dos próprios moradores, justificadamente ou bastando abaixo-assinado com 75% (setenta e cinco por cento) de assinaturas de moradores;

I - a pedido dos próprios moradores, justificadamente ou bastando abaixo-assinado com 75% (setenta e cinco por cento) de assinaturas de moradores;

II - em razão de interesse público;

III - na hipótese do descumprimento dos dispositivos deste Decreto, ou de legislação aplicável, pelos moradores da via ou seus representantes, garantida a ampla defesa e o devido processo legal;

IV - por não ser efetuado o recadastramento no prazo estabelecido pelo "caput" do art. 11 deste Decreto.

Art. 14. Os interessados na desativação de Rua de Brincar deverão protocolar o requerimento na UGEL, acompanhado da respectiva justificativa, quando for o caso.

Parágrafo único. A UGEL, ouvida a UGPUMA quando necessário, proferirá decisão sobre o requerimento, que deverá ser publicado na Imprensa Oficial do Município e comunicado aos demais órgãos envolvidos para providências de acordo com as respectivas competências.

CAPÍTULO IV DISPOSIÇÕES FINAIS TRANSITÓRIAS

Art. 15. A UGEL promoverá ações, encontros, oficinas ou atividades similares para os responsáveis pelas "Ruas de Brincar" e demais interessados para a divulgação de boas práticas, discussão de alternativas às diversas realidades existentes na cidade, estimulando um processo participativo e transparente.

Art. 16. A UGEL, UGPUMA e UGMT poderão, conjunta ou separadamente, estabelecer formulários próprios para o cumprimento das disposições deste Decreto.

Art. 17. As despesas deste Decreto serão custeadas por dotação orçamentária da UGEL.

Art. 18. Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

LUIZ FERNANDO MACHADO
Prefeito Municipal

LUIZ ANTONIO TRIENTINI
Gestor da Unidade de Esporte e Lazer



Foto 44 – Representante de rua
Fonte: Foto: Arquivo PMJ



Foto 45 – Cavalete Ruas de Brincar
Fonte: Foto: Arquivo PMJ



Figura 20 – Placa Ruas de Brincar
Fonte: Foto: Arquivo PMJ

D) INSCRIÇÃO PARA O COMITÊ DAS CRIANÇAS

O link <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/02/28/inscicoes-para-o-comite-das-criancas-2020-abrem-nesta-segunda-feira-02/> foi compartilhado com escolas públicas e privadas de Jundiaí. Segue o conteúdo.

Inscrições para o Comitê das Crianças 2020 abrem nesta segunda-feira (02)

Publicada em 28/02/2020 às 12:43

A partir de segunda-feira (02) serão abertas as inscrições gratuitas para composição do Comitê das Crianças deste ano. As inscrições devem ser feitas pelo site da Prefeitura até a próxima sexta-feira (13). As crianças interessadas devem ser nascidas entre 2009 e março de 2011 e estar matriculadas em escolas públicas ou privadas do Município, inscritas voluntariamente e com autorização de pais ou responsáveis legais.

O Comitê das Crianças é um órgão que visa dar voz às crianças, na discussão e proposição de soluções para os problemas que seus integrantes identificam na cidade. A iniciativa faz parte da gestão do prefeito Luiz Fernando Machado, como parte do programa municipal *Cidade das Crianças*. Jundiaí é o primeiro Município do Estado a aderir à rede latino-americana – *Cidade das Crianças*.

O Comitê deste ano será composto por 24 crianças, sendo 12 meninos e 12 meninas. A composição das vagas, por sorteio, irá respeitar o abairramento proposto pelo Plano Diretor. Das sete regiões que compõem o Município, seis contarão com representantes, já que a sétima delas compreende o território da Serra do Japi.

Cada uma das seis regiões contará com quatro representantes: um conduzido da composição do ano passado do Comitê e três sorteados pela inscrição. O sorteio público será realizado no dia 18 de março, a partir das 10h30, na Sala Jundiaí do Complexo Fepasa.

O Comitê das Crianças se reúne mensalmente aos sábados, a partir das 14h, no Complexo Fepasa, entre os meses de abril e novembro, em calendário a ser definido. O prefeito Luiz Fernando Machado participa da primeira e última reuniões do grupo, respectivamente, para dar início aos trabalhos da nova composição e acolher as demandas e sugestões discutidas pelas crianças ao longo dos encontros.

INSCRIÇÕES PARA O COMITÊ DAS CRIANÇAS 2020

De 02 e 13 de março
Crianças nascidas entre 2009 e março de 2011, matriculadas em escolas públicas ou privadas de Jundiaí

Inscrições gratuitas no site:
jundiai.sp.gov.br/cidade-das-criancas

Mais informações:
(11) 4585-9750

JUNDIAÍ
Cidade das CRIANÇAS

JUNDIAÍ
PREFEITURA

Figura 21 – Divulgação das inscrições

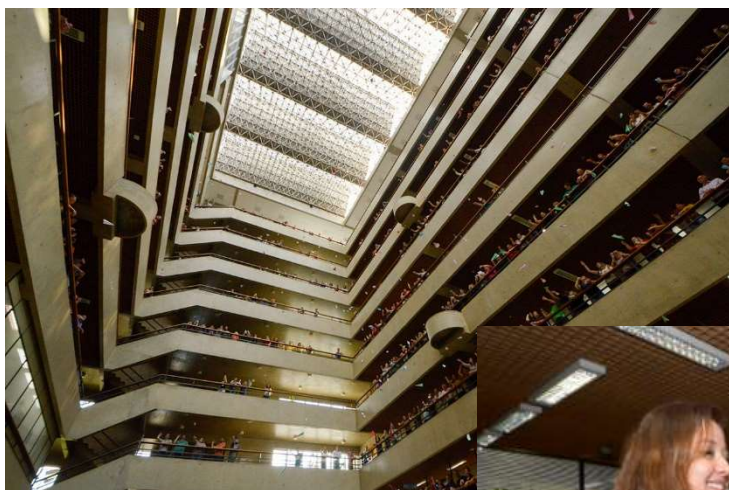
Fonte: Arquivo PMJ

E) TABULAÇÃO DAS PALAVRAS AVIÃOZAÇO

Tabela – Palavras-Aviãozaço

Palavras	Paço Municipal	Complexo Argos	DAE	UGADS	TOTAL
educação	157	31	50	2	240
segurança, segura	154	35	25	1	215
Saúde	111	25	26	1	163
Amor	70	20	11	2	103
Lazer	55	11	10	1	77
cultura	38	9	14	1	62
feliz, felicidade	26	17	6	0	49
brincar, brincante	25	9	5	1	40
alegria, alegre	25	8	6	1	40
Rua	23	3	3	0	29
esporte	19	2	2	2	25
Praça	9	3	0	0	12
total de palavras	7085	2164	1711	90	11050
total de aviões	717	200	153	21	1091

Fonte: GT Criança na Cidade, 2019



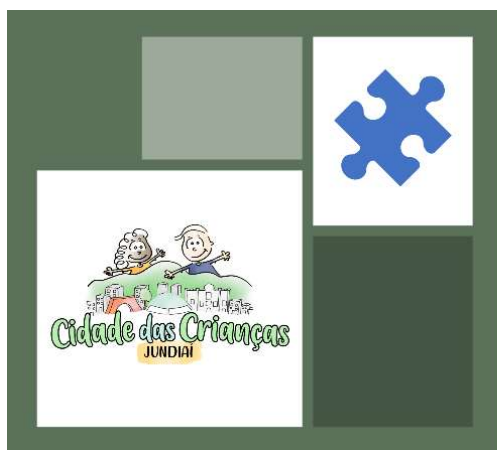
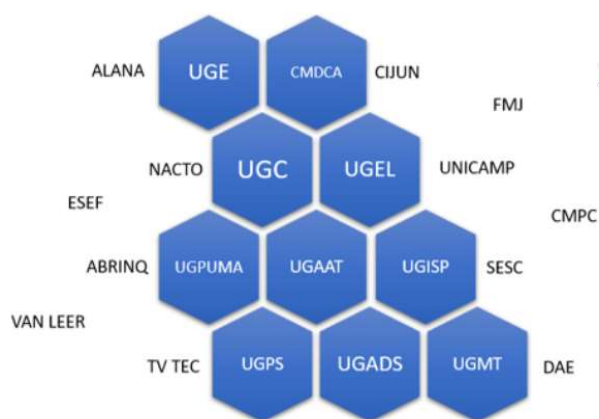
Fotos 46 e 47 – Aviãozaço no Paço Municipal

Fonte: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/05/30/cidade-das-criancas-paco-recebe-aviaozaço-e-ganha-amarelinhas/>



F) APRESENTAÇÃO CIDADE DAS CRIANÇAS

Fonte: GT Criança na Cidade, 2019



Objetivo

Fomentar e implementar Políticas Públicas para as Crianças até 2020



F) CARTAS DO COMITÊ DAS CRIANÇAS

Fonte: *GT Criança na Cidade*, 2019



Ao

Excelentíssimo Senhor Prefeito

Luiz Fernando Machado

Nós do Comitê das Crianças 2019 depois de um ano de reuniões mensais vimos através deste documento fazer o registro dos nossos pedidos para melhorar a cidade de Jundiáí para as crianças.

Em votação decidimos que os mais importantes itens são:

- Cada bairro da cidade deve ter pelo menos uma praça com pinturas de brincadeiras no chão, grafites nas paredes, bancos coloridos para que os adultos possam ficar enquanto brincamos, canteiros de flores, uma lousa pintada para as crianças desenharem e bastante iluminação;
- Instalar radares na frente das escolas para reduzir a velocidade dos carros, fazendo com que os alunos cheguem em segurança nas aulas, quando acompanhados dos seus responsáveis ou sozinhos.

Também consideramos muito importantes:

- Ter mais aulas extracurriculares nas escolas públicas, como por exemplo: robótica, informática, idiomas, artes marciais, ginástica artística e dança;
- Construir um parque público gratuito bem grande com brinquedos (inclusive aquáticos) para crianças de todas as idades;
- Ampliar a iluminação pública em becos, vielas e ruas escuras da cidade, com a possibilidade de instalação de câmeras, para aumentar a segurança das pessoas;
- Reduzir a poluição plantando mais árvores e decretando uma lei que obrigue as empresas a instalarem filtros antipoluentes com aplicação de multa, caso não seja cumprida após um ano e fazer uma campanha educativa para que os cidadãos não joguem lixo nas ruas e na natureza;
- Não vender armas para a população.

Jundiáí, 30 de novembro de 2019.

Fonte: *GT Criança na Cidade*, 2020



Querido Prefeito Luiz Fernando,

Nós do **Comitê das Crianças 2020**, depois de um ano de reuniões quinzenais virtuais por conta da pandemia do novo Coronavírus, estamos aqui para entregar essa carta com nossos pedidos para a melhoria da cidade.

Em votação decidimos que os mais importantes itens são:

- 1- Percebemos que muitas crianças com deficiência gostariam de usar os brinquedos que existem nos parques, praças e escolas mas como não tem brinquedos apropriados ou com segurança, essas crianças se sentem sós e excluídas. Pedimos que instalem brinquedos apropriados para que essas crianças possam brincar. Brinquedos para cadeirantes, deficientes visuais e com estímulos sensoriais para autistas.
- 2- Deveríamos plantar mais árvores para cuidar do nosso planeta e do nosso futuro. Temos muitas queimadas e por isso gostaríamos que plantassem árvores em escolas, praças, calçadas e parques e incentivassem todas as pessoas a fazerem isso também.

Jundiaí, 16 de dezembro de 2020.

APÊNDICES



FRATO, 1987

A) TALE - Termo de assentimento livre e esclarecido - para crianças

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
para crianças

COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Adriana Uemori

Número do CAAE: _____

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, é para falar sobre seus direitos como participante da pesquisa. A pesquisadora e você vão assinar duas vias deste documento, ficando uma com ela e a outra com você. Se tiver qualquer dúvida ou não entender algo, pode perguntar para a pesquisadora. Não tem problema se você não quiser participar ou se a qualquer momento, você não quiser mais, é só falar. Seus pais ou responsáveis sabem de tudo o que vai acontecer na pesquisa e permitiram que você participe.

Para quê?

Entendemos que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado. Por isso, buscamos jeitos de ajudar os adultos na interação com as crianças. Assim vamos acompanhar os trabalhos do Comitê das Crianças – Projeto Cidade das Crianças – da cidade de Jundiá. Além disso, podemos construir um mapa conceitual coletivo com você e as outras crianças, registrando os encontros e a participação no Comitê (com desenhos, escrita, fotos, entre outras possibilidades), além de auxiliar nas propostas que serão pensadas por vocês.

Como?

Participando do estudo você está sendo convidado a: responder um questionário (idade, região da cidade, profissão, escolaridade, lugares conhece ou frequenta na cidade), ter gravadas em áudio ou vídeo entrevistas cedidas à pesquisadora, vivenciar propostas de experiência ligadas ao Comitê das Crianças, expressar-se por diferentes linguagens sobre assuntos relacionados à infância, cidade e participação. A pesquisa será realizada em um ano (doze meses), durante os encontros do Comitê das Crianças, em locais e horários marcados previamente pelos mediadores do projeto, não sendo necessário maiores deslocamentos.

E se houver desconfortos e riscos?

Esta pesquisa pode ter riscos mínimos não previsíveis, por isso, você não deve participar deste estudo se houver qualquer dúvida ou desconforto não resolvidos. Garantimos que você não será colocado em nenhuma situação de constrangimento e que você pode a qualquer momento desistir do convite ou não participar mais da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

O que eu ganho com isso?

Você pode ter várias experiências e pensar sobre a participação das crianças, assim como colaborar com a produção de conhecimento em relação à infância e com proposições que podem resultar em políticas públicas.

Vão saber que fui eu?

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____ Página 2 de 2

Há recebimento financeiro?

Não será realizado nenhum pagamento ou ressarcimento de despesa, já que o estudo acontecerá durante os encontros do Comitê das Crianças. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Gravação e uso de imagem e áudio?

Haverá a necessidade de gravação e uso de imagem e/ou áudio pela pesquisadora sem quaisquer custos a nenhuma das partes. As fotos, gravações e outras produções poderão ser utilizados somente para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

E se eu tiver alguma pergunta?

É só falar pessoalmente com a pesquisadora ou você pode solicitar a ajuda dos seus responsáveis para entrar em contato com ADRIANA UEMORI, Av. Dr. Cavalcanti, 396 - Centro, Jundiaí – SP (Espaço Pedagógico – Sala 6), telefone: 4588-5417 ou pelo e-mail: auemori@jundiai.sp.gov.br.

Ou se ainda restarem dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Campus de Bauri, São Paulo, pelo telefone (14)3103-4825.

Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado perante a apresentação do projeto. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o assentimento dado pelo participante da pesquisa.

_____ Data: ____/____/_____
(Assinatura da pesquisadora)

Assentimento livre e esclarecido:

Após saber sobre a pesquisa e ter as dúvidas respondidas, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

Data: ____/____/____.

Nome do responsável presente: _____

Assinatura do responsável: _____

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____ Página 2 de 2

B) TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido - para responsável pela criança

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Adriana Uemori

para Responsável pela Criança

Número do CAAE: _____

Você e o/a seu filho/filha estão sendo convidados(as) a participar, como voluntários(as), da pesquisa intitulada "COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação". Meu nome é Adriana Uemori, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação vocês não serão penalizados(as) de forma alguma.

1. Informações importantes sobre a Pesquisa:

Justificativa e objetivos:

Para alcançar políticas públicas que tenham a infância como prioridade em todos os âmbitos (familiar, escolar, da saúde, assistência, lazer, entre outros) é preciso promover a participação infantil. Ao entender que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado, buscamos formas de mediação e outros pontos importantes que auxiliem os adultos na interação com as crianças. Vamos, por meio do Comitê das Crianças – Projeto Cidade das Crianças – da cidade de Jundiaí, entendê-lo como um laboratório sobre a participação infantil. Além disso, pretendemos relacionar as ações e a representação do Comitê das Crianças com os princípios do Projeto Cidade das Crianças de Jundiaí, gerando um mapa conceitual coletivo feito com e pelas crianças de maneira a registrar o processo de participação e auxiliar nas proposições infantis em relação a políticas públicas do município.

Procedimentos:

Participando do estudo, você e a criança estão sendo convidados a: responder um questionário (idade, região da cidade, profissão, escolaridade, lugares conhece ou frequenta na cidade), ter gravadas em áudio ou vídeo entrevistas cedidas a pesquisadora que serão armazenadas em HD externo durante o período de três anos, vivenciar propostas de experiência ligadas ao Comitê das Crianças, expressar-se por diferentes linguagens sobre assuntos relacionados à infância, cidade e participação. A pesquisa será realizada em um ano (doze meses), durante os encontros do Comitê das Crianças, em locais e horários marcados previamente pelos mediadores do projeto, não sendo necessário maiores deslocamentos.

Desconfortos e riscos:

Esta pesquisa pode ter riscos mínimos não previsíveis, por isso, você não deve participar se houver qualquer dúvida ou desconforto não resolvidos. Garantimos que vocês não serão colocados em nenhuma situação de constrangimento e que podem a qualquer momento desistir do convite ou não participar mais da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você ou para a criança.

Benefícios:

Você poderá aprofundar suas experiências e reflexões sobre a participação infantil, assim como colaborar com a produção de conhecimento em relação à infância e com proposições que podem resultar em políticas públicas.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade e da criança serão mantidas em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, os nomes não serão citados.

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____ Página 1 de 2

Ressarcimento e indenização:

Não será realizado o ressarcimento de nenhuma despesa, já que o estudo acontecerá durante os encontros do Comitê das Crianças. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Gravação e uso de imagem e áudio:

Haverá a necessidade de gravação e uso de imagem e/ou áudio pela pesquisadora sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Esses registros (imagem, áudio e produções) poderão ser utilizados somente para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos Idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto Nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004). Toda nova pesquisa a ser feita com os dados será submetida para aprovação do CEP da instituição e, quando for o caso, da CONEP.

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;
() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora ADRIANA UEMORI, Av. Dr. Cavalcanti, 396 - Centro, Jundiaí – SP (Espaço Pedagógico – Sala 6), telefone: 4568-5417 ou pelo e-mail: auemori@jundiai.sp.gov.br.

Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Campus de Bauru, São Paulo, pelo telefone (14) 3103-4825.

Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado perante a apresentação do projeto. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

(Assinatura da pesquisadora) Data: ____/____/____.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar:

- () Consinto minha participação e da criança (mediante a seu assentimento) na pesquisa;
() Consinto apenas minha participação na pesquisa;
() Consinto apenas a participação da criança (mediante a seu assentimento) na pesquisa;
() Não consinto minha participação nem da criança na pesquisa.

Nome do(a) participante: _____

RG: _____ e responsável legal de _____

_____, Data de nascito. ____/____/____

Assinatura: _____

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____

C) TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido - para mediadores e responsáveis pelo projeto

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Adriana Uemori

Para Mediadores e Responsáveis pelo Projeto

Número do CAAE: _____

O(A) Sr.(a) está sendo convidado (a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação". Meu nome é Adriana Uemori, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Justificativa e objetivos:

Para alcançar políticas públicas que tenham a infância como prioridade em todos os âmbitos (familiar, escolar, da saúde, assistência, lazer, entre outros) é preciso promover a participação infantil. Ao entender que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado, buscamos formas de mediação e outros pontos importantes que auxiliem os adultos na interação com as crianças. Vamos, por meio do Comitê das Crianças – Projeto Cidade das Crianças – da cidade de Jundiaí, entendê-lo como um laboratório sobre a participação infantil. Além disso, pretendemos relacionar as ações e a representação do Comitê das Crianças com os princípios do Projeto Cidade das Crianças de Jundiaí, gerando um mapa conceitual coletivo feito com e pelas crianças de maneira a registrar o processo de participação e auxiliar nas proposições infantis em relação a políticas públicas do município.

Procedimentos:

Participando do estudo, você está sendo convidado a: responder um questionário (idade, região da cidade, profissão, escolaridade, lugares conhece ou frequenta na cidade), ter gravadas em áudio ou vídeo entrevistas cedidas à pesquisadora que serão armazenadas em HD externo durante o período de três anos, vivenciar propostas de experiência ligadas ao Comitê das Crianças, expressar-se por diferentes linguagens sobre assuntos relacionados à infância, cidade e participação. A pesquisa será realizada em um ano (doze meses), durante os encontros do Comitê das Crianças, em locais e horários marcados previamente pelos mediadores do projeto, não sendo necessário maiores deslocamentos.

Desconfortos e riscos:

Esta pesquisa pode ter riscos mínimos não previsíveis, por isso, você não deve participar deste estudo se houver qualquer dúvida ou desconforto não resolvidos. Garantimos que você não será colocado em nenhuma situação de constrangimento e que você pode a qualquer momento desistir do convite ou não participar mais da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Benefícios:

Você poderá aprofundar suas experiências e reflexões sobre a participação infantil, assim como colaborar com a produção de conhecimento em relação à infância e com proposições que podem resultar em políticas públicas.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, os nomes não serão citados.

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____

Resarcimento e indenização:

Não será realizado o ressarcimento de nenhuma despesa, já que o estudo acontecerá durante os encontros do Comitê das Crianças. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Gravação e uso de imagem e áudio:

Haverá a necessidade de gravação e uso de imagem e/ou áudio pela pesquisadora sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Esses registros (imagem, áudio e produções) poderão ser utilizados somente para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004). Toda nova pesquisa a ser feita com os dados será submetida para aprovação do CEP da instituição e, quando for o caso, da CONEP.

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora ADRIANA UEMORI, Av. Dr. Cavalcanti, 396 - Centro, Jundiaí – SP (Espaço Pedagógico – Sala 6), telefone: 4588-5417 ou pelo e-mail: auemori@jundiai.sp.gov.br.

Após persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, Campus de Bauru, São Paulo, pelo telefone (14) 3103-4825.

Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado perante a apresentação do projeto. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

_____ Data: ____/____/____.
(Assinatura da pesquisadora)

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar:

() Consinto minha participação na pesquisa;

() Não consinto minha participação na pesquisa.

Nome do(a) participante: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Rubrica da pesquisadora: _____ Rubrica do participante: _____

D) AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nº _____, AUTORIZO, através do presente termo, aos pesquisadores Adriana Lemori e João Cardoso Palma Filho do projeto de pesquisa intitulado "Comitê das Crianças: vozes sobre a participação" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Jundiaí, _____ de _____ de 20 _____

Pesquisador responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa

E) QUESTIONÁRIO

Projeto de Pesquisa
COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Responsável: Adriana Uemori
e-mail de contato: drlissola@gmail.com

QUESTIONÁRIO

(☐) criança do Comitê (☐) familiar da criança (☐) mediador do Comitê (☐) envolvido no Projeto Cidade das Crianças

Nome: _____

Idade: _____ Região/Bairro de origem em Jundiaí: _____

Gênero: _____ Raça: _____ Religião: _____

Com quem mora? _____

Profissão: _____

Nível de escolaridade: _____

Escola _____ onde _____ estuda: _____

Que pontos da cidade que utiliza e a frequência, para:

a) atendimento médico - _____

b) atendimento odontológico - _____

c) compras - _____

d) lazer - _____

e) estudo - _____

e) outras necessidades: _____

F) ROTEIRO DE ENTREVISTA

Projeto de Pesquisa
COMITÉ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Responsável: Adriana Uemori

e-mail de contato: drlissola@gmail.com

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Crianças Participantes

- 1) Como é para você ter sido sorteado para o Comitê das Crianças?
- 2) Pode dizer o que você vai fazer aqui no Comitê?
- 3) Como têm sido as reuniões? E a sua participação?
- 4) O que participar do Comitê tem mudado na sua vida?

Familiares das Crianças Participantes

- 1) Por que fizeram a inscrição e como foi para vocês a criança ter sido sorteada?
- 2) Você sabe dizer o que a criança irá fazer no Comitê?
- 3) Como têm sido participar? Vocês têm encontrado alguma dificuldade?
- 4) O que você pode dizer da participação da criança no Comitê?

Mediadores do Comitê

- 1) Que impressões iniciais tiveram sobre os sorteados?
- 2) Quais dificuldades foram enfrentadas na primeira turma? O que pretendem mudar ou manter em relação a esta segunda?
- 3) O que você pode dizer da participação das crianças no Comitê?

Envolvidos no Projeto Cidade das Crianças

- 1) Conte-nos sobre seu envolvimento no Projeto Cidade das Crianças.
- 2) O que você conhece sobre o Comitê das Crianças?
- 3) Você acredita que o Comitê tenha relevância ao Projeto Cidade das Crianças?

G) ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Projeto de Pesquisa
COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação

Pesquisadora Responsável: Adriana Uemori
e-mail de contato: drlissola@gmail.com

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Nas Reuniões de Planejamento

- 1) Período, frequência, participantes
- 2) Organização da pauta e participação dos presentes
- 3) Aportamentos e método de planejamento

Nas Reuniões do Comitê das Crianças

- 1) Falas, orientações e comportamento dos mediadores
- 2) Falas e comportamento das crianças participantes
- 3) Execução do planejamento
- 4) Abertura para situações inesperadas, outros interesses das crianças
- 5) Sistematização/Registro do encontro

Em outros momentos com a presença do Comitê das Crianças

- 1) Participantes presentes
- 2) Esclarecimento do objetivo e entendimento pelas crianças
- 3) Falas e comportamento das crianças e dos adultos participantes

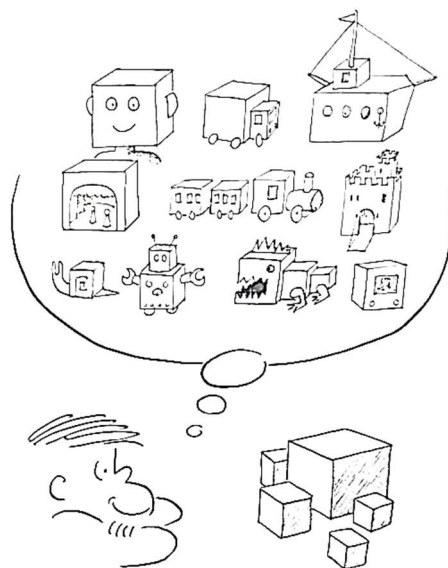
H) AS EPÍGRAFES

Precedendo cada parte desta dissertação, selecionamos como epígrafe, não uma frase, mas um desenho de Frato (assinatura de Tonucci nas charges). Essa escolha aconteceu por entender que ao tratarmos sobre a infância, sobre as vozes das crianças, não estamos centrados apenas em uma única linguagem, mas de maneira complexa, reconhecemos as particularidades das culturas da infância. As imagens podem ser melhor contempladas, em tamanho maior, no corpo do trabalho.

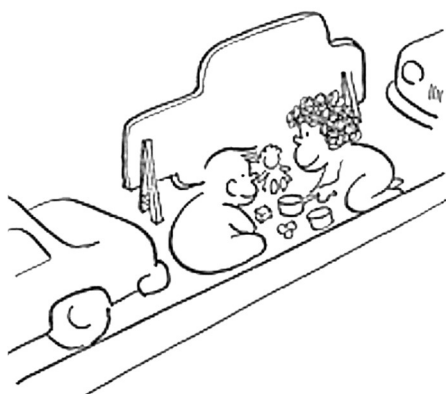
Para abrir as primeiras páginas, pensando no percurso como um todo, escolhemos a charge de 1974, na qual Frato retrata a pesquisa. O interesse e a curiosidade iniciais estão expressos, mas quando não há uma contextualização e significância do assunto tratado, quando o conhecimento é transmitido de maneira unidirecional, a tarefa se torna um fardo. Esse não foi o caso desta pesquisa, pelo contrário, a temática da infância e da escuta às crianças são de grande interesse da pesquisadora, além do processo ter sido muito participativo.



A introdução, além de trazer um apanhado geral sobre o trabalho, também foi lugar para descrevermos a motivação em relação à pesquisa. Ao entendermos que a criatividade, não só das crianças, mas das pessoas, é formada pelas experiências pelas quais se passa e pelas oportunidades de expressar ideias e opiniões, vemos na charge de Frato de 2002 formas múltiplas de resolver uma situação quando a criatividade está presente.



A escolha do desenho para representar o capítulo 1 – a cidade e as crianças ilustra os desafios que os pequenos têm em ocupar o espaço urbano, para exercer os direitos da infância: o brincar e a autonomia. Muitas vezes, os ambientes públicos são ocupados pelos veículos e as crianças enclausuladas em casa, nas escolas ou em locais especializados. Na charge de 2002, Frato retrata as crianças brincando quase de maneira clandestina, utilizando uma placa do que é mais aceito nas ruas.



O desenho do capítulo 2 – a participação e as crianças foi o primeiro e o mais fácil de ser escolhido. A partir da charge de 1970, tivemos o *insight* de utilizar essa maneira gráfica como epígrafe. De um jeito muito marcante, Frato descreve a infelicidade de passar por uma formação instrutiva unidirecional, em que só se ouve e obedece sem contestações. Esse tipo de educação não forma as pessoas para exercerem o direito de participar e de fazer escolhas, mas impõe ainda mais dúvidas sobre a própria capacidade em realizar.



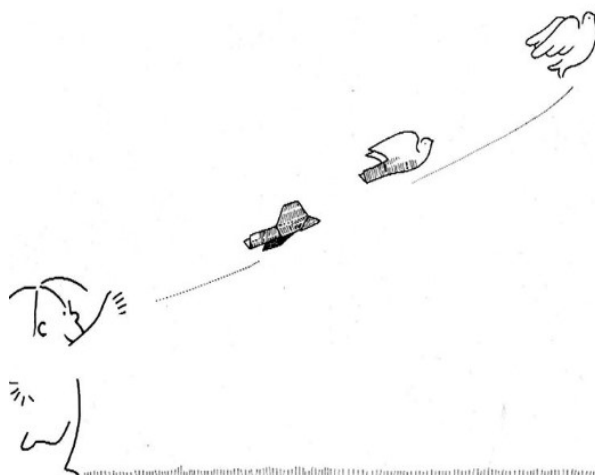
O capítulo 3 – o conselho e as crianças trouxe os métodos, descrevendo o campo de pesquisa. Nele foram apresentados os participantes, verificando mediações e outros pontos que possam favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes. Assim, escolhemos a charge de Frato de 2013 para lembrarmos do alerta: apesar de características iguais, a idade por exemplo, cada um tem sua individualidade que deve ser considerada.



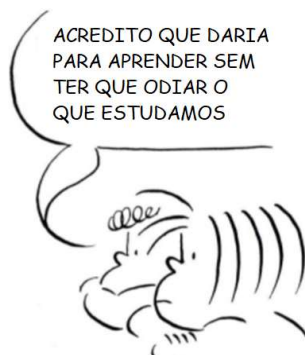
No capítulo 4 – as crianças vêm na frente?, com a intenção de construir a análise dos dados colhidos em campo a respeito da participação infantil, selecionamos a charge de Frato de 2002 que representa o espanto das crianças em serem ouvidas. A clara intenção do desenhista em mostrar que a prática de escuta às crianças não é um hábito, torna-se um interesse motriz para a pesquisadora analisar as informações coletadas.



A esperança é um sentimento que faz parte das nossas escolhas, pois alicerça os esforços para continuar, mesmo frente a desafios e problemas quase inalcançáveis. Esse também é o sentimento quando olhamos para uma criança, imagem que nos retorna ao que fomos e nos motiva ao que virá. Nas considerações finais, nada melhor do que descrever a potência da criança de maneira tão sensível. O desenho de 2002 de Frato traz uma criança, sujeita da ação, soltando um aviãozinho de papel e de alguma maneira simboliza a liberdade com pés no chão. Dá uma ideia de movimento e continuidade, sensação que muitos trabalhos de pesquisa geram: a vontade de continuar aprendendo e buscando.



Como abertura das referências, selecionamos o desenho de 2002, no qual Frato coloca duas crianças pensativas sobre o que estão estudando. A pesquisa, muitas vezes, reúne a consulta de diversos materiais (textos, livros, leis, entre outros), importantes para o que estamos aprendendo, mas que podemos passar a odiar se não entendermos sua finalidade. Citamos o caso das legislações que podem ter leitura cansativa e complicada, mas as que foram anexadas, fizeram muito sentido ao que estava sendo pesquisado. O sentimento sobre o que estudamos tem muita relação com a significância encontrada para o aprendizado.



Como lugar de relevância, os anexos, foram ilustrados com o desenho de 1991 de Frato, trazendo a organização que a pesquisa exige, tanto de documentos quanto diversos portadores feitos por outrém. A charge também demonstra a importância da relação com os saberes levantados por outras pessoas e a colaboração de parceria.



Já os apêndices reúnem o acervo da construção realizada pela pesquisadora de instrumentos e outros registros. Dessa forma, a menina desenhada por Frato, em 1987, ilustra a sensação de pesquisa, que leva à busca por muitas fontes de conhecimento, mas que exige a seleção do que é primordial. Como uma vontade de não se desfazer daquilo que é criação, os apêndices tornam-se o “carrinho” para armazenar aquilo que não foi fundamental ao texto da dissertação, mas que demonstra mais claramente algumas escolhas da pesquisadora.



As charges acima foram interpretadas de maneira própria e contextualizadas no tempo-espaço da pesquisa. Podemos dizer que, no geral, têm o objetivo de despertar uma visão crítica sobre os assuntos e discussões tratados, indicando juízos de valores e opiniões por parte de quem enuncia. No entanto, como linguagem gráfica, abrem espaço para que os leitores construam outros significados sobre o que está entrelaçado nas imagens e palavras. Ao interpretar esses desenhos, podemos compreender que diversas informações podem estar neles circunscritos, o que nos leva a recorrer a processos de construção de analogias e inferências para aprofundar a interpretação. Assim também é a relação com as crianças. Se não lançarmos mão de diversidade nos processos, dificilmente conseguiremos compreender a complexidade das linguagens infantis.

I) REUNIÕES DO COMITÊ DAS CRIANÇAS - 2020

Os encontros do Comitê que, inicialmente seriam mensais, devido à pandemia da Covid-19, começaram a acontecer aos sábados, semanalmente a pedido das crianças representantes, das 10h30 às 12h.

- 04/04/2020 - remoto Zoom - 22 crianças presentes – apresentação

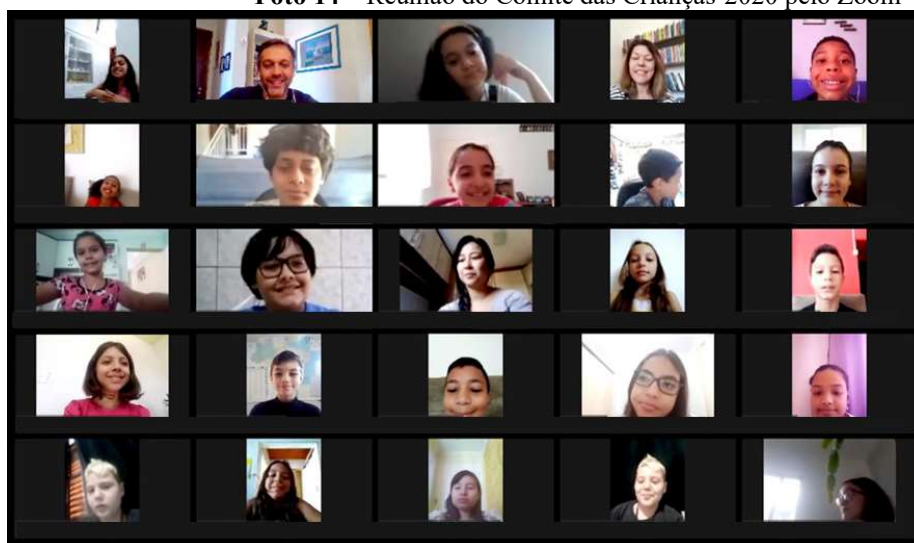
Foi um encontro para que as crianças e os mediadores se conhecessem.

Por que se inscreveram para o Comitê?

- CCC-09: Porque achei que seria legal.
- CCC-10: Por causa da experiência para melhorar a cidade. Criança pode participar da política.
- CCC-05: A prefeitura vai ouvir sobre o meu bairro.
- CCC-06: Para melhorar a cidade.
- CCC-01: Tentar mudar a cidade e meu bairro.
- CCC-18: Vejo a rua cheia de lixo e tenho um tio com síndrome de down.
- CCC-02: Tenho gostado de participar e acho que dá para melhorar a cidade.
- CCC-08: Gosto de brincar e dos animais. Vejo muito cachorro abandonado na rua. Às vezes a criança tem vergonha de falar, mas por aqui pode ajudar a mudar a cidade.

- 11/04/2020 - remoto Zoom - 21 crianças presentes - principais assuntos de interesses das crianças

Foto 14 – Reunião do Comitê das Crianças-2020 pelo Zoom



Fonte: Prefeitura Municipal de Jundiá

Procuramos conhecer os assuntos de maior interesse das crianças.

- CCC-10: mais vegetação, praça.
- CCC-14: as obras atrapalham, precisam ser terminadas o quanto antes (entrada do Tarumã).
- CCC-22: plantar mais árvores, meio ambiente.
- CCC-18: tem muito lixo, precisa colocar mais lixeiras de recicláveis na rua.
- CCC-08: tem muitos animais abandonados.
- CCC-07: praça com muitas árvores, caem galhos e é preciso cuidado (Vila das Hortênsias).
- CCC-04: reciclagem.
- MCC-01: entendo que vocês querem divulgar e têm preocupação com o meio ambiente.
- CCC-17: lixo na rua (falou que o assunto foi tratado na aula de arte).
- MCC-01: na quarentena, menos lixo. Deu exemplo da Praia Grande.

- CCC-05: perto da sua escola, falta faixa de pedestre.
- MCC-01: o Comitê-2019 requisitou redução de velocidade perto das escolas. Estão vendo como fazer, mas depende de todo mundo.
- CCC-07: praça não muito cuidada, perto da APAE e da DUBAR, também precisa de lugar pra sentar.
- CCC-03: redução de sacolinha plástica.
- CCC-16: mais brincadeiras, igual teve no Bolão (Corrida das Crianças).
- CCC-01: animais abandonados. Fez um adendo sobre o aplicativo Zoom roubar dados dos usuários.
- MCC-01: explicou que realmente é importante cuidado no uso da tecnologia.
- CCC-12: proteção (guardirreio) na avenida Ozanan.
- CCC-06: muita gente ainda saindo de casa, poeira do carro poluindo a cidade.
- CCC-09: ruas esburacadas.
- CCC-11: animais abandonados no Corrupira.

As crianças também falaram o que têm feito durante a quarentena:

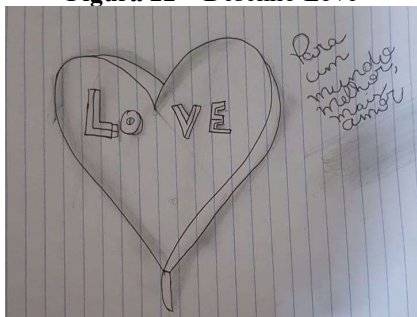
- CCC-09: ficado com a família.
- CCC-16: hoje é seu aniversário (cantamos Parabéns). Tem vários irmãos e brinca com eles, o caçula Ryan tem só 2 meses.
- CCC-07: anda de patins no estacionamento do prédio. Sente falta da escola e se diverte com os cachorros.
- CCC-03: também sente falta da aula e faz aula de música no Projeto Guri.
- CCC-09: também faz parte do Projeto Guri.

- 18/04/2020 - remoto Zoom - 15 crianças presentes - compartilharam desenhos feitos por eles com diversas temáticas (animes, natureza...) e propuseram pensar em brinquedos inclusivos

- CCC-05: brinquedos pra deficiente em praças.
- CCC-01: campanha de lacres e tampinhas.
- CCC-03: balanço para cadeira de rodas.
- CCC-02: as pessoas ficam ocupando esses brinquedos.
- CCC-01: brincando com a prima, Netflix. Fez um desenho.
- CCC-11: escola também está fazendo campanha de lacres.
- CCC-06: explicou como faz pra levantar a mão no Zoom.
- CCC-08: está na casa dos avós durante a quarentena. Tem cachorro, a Nina.
- CCC-04: passando tempo com a família, fazendo atividades que a mãe imprime.
- CCC-12: joga xadrez com a mãe à noite.
- CCC-10: desenhando anime, fez aula de mangá, brinca com o irmão menor. Mostrou o desenho.
- CCC-07: brincando na quarentena, a tia está se mudando e os primos estão com ela; faz atividades da plataforma e que a mãe imprime.
- CCC-03: mostrou os desenhos.
- CCC-11: mostrou desenho e disse que joga truque com os irmãos.
- CCC-20: pai fez uma rotina: higiene, ajuda nas tarefas domésticas, descer para brincar.
- CCC-09: está jogando bola, brinca com o Mingau, faz desenhos (símbolos orientais).
- CCC-06: morava num sítio em Pernambuco, não conseguia andar de bicicleta porque estava com pneu murcho. Agora consegue andar.
- CCC-22: joga stop com pai e mãe, brinca com coelho e periquito, pintando livros de colorir.
- CCC-20: caminhando em volta do quarteirão com o pai. Tem uma mulher que faz máscara.
- CCC-02: se for descartar máscara, por em sacolinha, dar nó.
- CCC-01: máscara de tecido na sacola de papel.
- CCC-05: depois de usar, lavar para reutilizar.
- CCC-02: supermercado muito cheio. Tem gente indo para passear.
- CCC-07: foi legal a festa no Zoom do sobrinho.
- CCC-17: seu aniversário será no dia 27/04.
- CCC-12: no chá de bebê, as pessoas de carro, deixavam o presente e iam embora.
- CCC-22: sente fome. Sabe fazer comida.
- MCC-01: Coral Municipal da Cidade das Crianças, encontros semanais, ensaio pelo Zoom. 5a feira à tarde - 18h às 19h.
- CCC-20: irmã de 14 anos já pintou quarto.
- CCC-22: com a caixa de som, canta no microfone.

- CCC-09: jogar ping pong com bolinha do desodorante e 2 frijideiras.
- CCC-05: irmão de 15 anos participou durante muito tempo do Coral.
- MCC-01: também falou de aula de violão e pediu para que mandassem os desenhos.

Figura 22 – Desenho Love



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 23 – Desenho Mundo triste



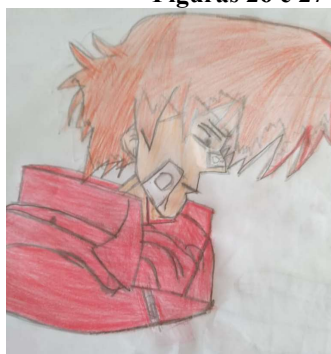
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figuras 24 e 25 – Desenhos Flores



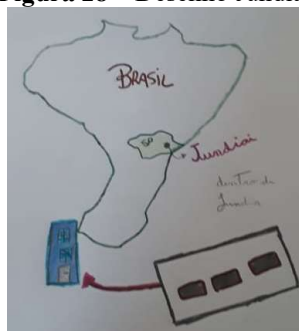
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figuras 26 e 27 – Desenhos Mangás



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 28 – Desenho Jundiá



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 29 – Desenhos Arara



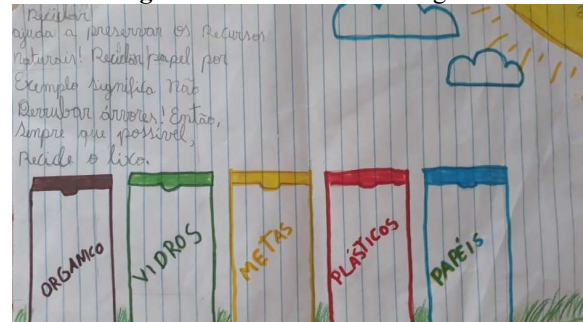
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 30 – Desenho Oriental



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 31 – Desenho Reciclagem



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 32 – Desenho Universo

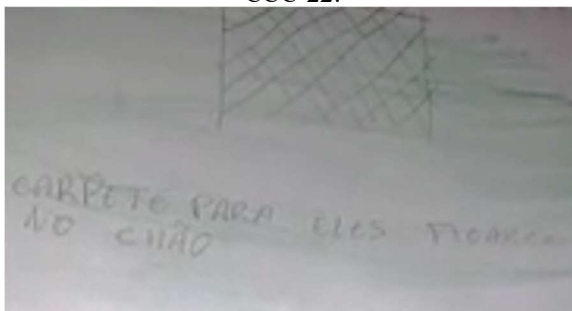


Fonte: Arquivo da Pesquisa

- 28/04/2020 - remoto Zoom - 18 crianças presentes - apresentação dos desenhos de brinquedos inclusivos feitos pelas crianças.

Figuras 33 a 49 – Desenhos Brinquedos inclusivos

CCC-22:



[vídeo - explicando a ideia do campo - falando do irmão](#)
[vídeo - dizendo que vai trabalhar para explicar melhor](#)

[vídeo - prioridade e carinho](#)

CCC-11:



[áudio - balança adaptada](#)
[vídeo - gangorra adaptada](#)

CCC-01:



[áudio - gangorra adaptada](#)

CCC-09:



[áudio - brinquedo adaptado](#)

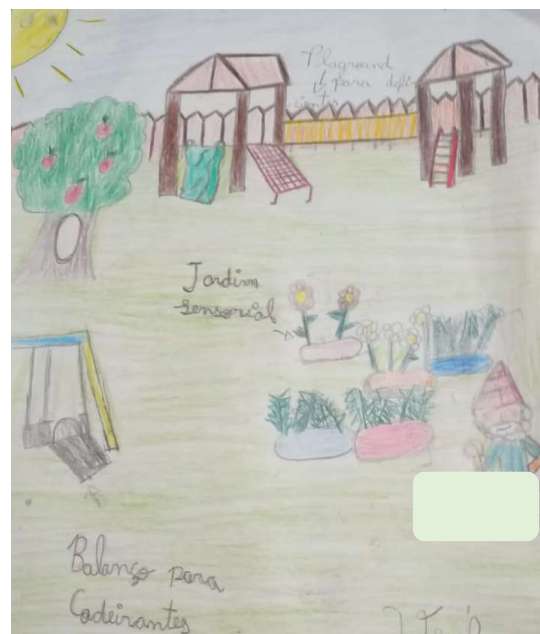
[áudio - conscientização e campanha de lacs](#)

CCC-12:



[áudio - brinquedo adaptado](#)
[áudio - brincar pai, mãe, filho](#)

CCC-10:



CCC-04:



CCC-05:



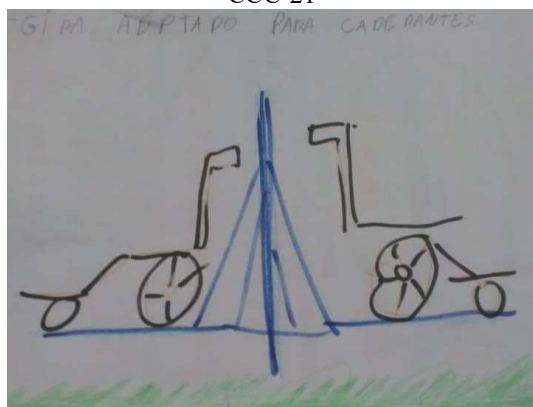
CCC-02:



CCC-13:

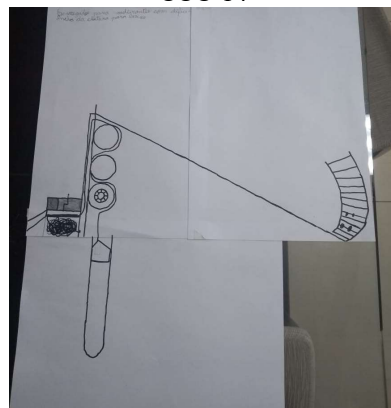


CCC-21



[vídeo - pesquisa bola guizo e braille](#)

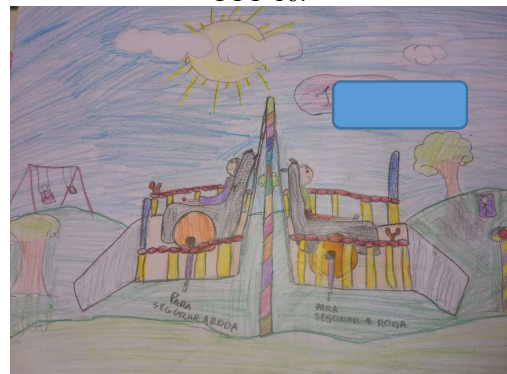
CCC-14



CCC-07:



CCC-16:



CCC-06:



CCC-03:



[áudio - brinquedo adaptado](#)

CCC-17:



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- 02/05/2020 - remoto Zoom - 18 crianças presentes - como estão e o que têm feito durante o período de isolamento

- Previsão de volta às aulas em 1 de julho.
- Internet instável - MCC-01: na chácara, pesquisadora no sítio.
- CCC-05: professor de teatro propôs todo sábado uma live pelo Face.
- MCC-01: A Unidade de Cultura tem progração de 10 lives para crianças.
- CCC-15: viu que tem Live da biblioteca.
- CCC-18: Live é mais legal, porque vídeo não dá pra perguntar.
- CCC-01: está fazendo poucas atividades da escola, aulas por Hangout ou Zoom.
- MCC-01: saber a opinião das crianças é muito importante, inclusive dos vídeos da cultura, da biblioteca e da UGE.
- QUEM NÃO TEM CELULAR – [CCC-08] tem tablet sem chip, CCC-17 usa o celular da mãe, CCC-12 pediu para adicionar a mãe no grupo. MCC-02 vai criar um grupo só de crianças. MCC-01 vai tentar criar grupo pelo Hangout para mensagens e as reuniões continuam pelo Zoom.
- CCC-17: avisar no grupo quando ficar pronto.
- CCC-16: gosta das histórias.
- CCC-21: compartilhou tela Hangout.
- CCC-19: pediu atualização das últimas reuniões.
- Live Museu Catavento - CCC-12 e CCC-07 acompanharam, relataram: bola cabelo arrepiado, DNA, Tigre dente de sabre, Pau Brasil.
- CCC-22: quer aprender fazer crochê com a mãe e a avó.
- CCC-01: a mãe sabia fazer cachecol.
- MCC-01: anunciou a Live do Museu dos Ferroviários.
- Mãe da CCC-16: pediu para ver disponibilidade de tinta guachê e EVA para APAE, Ed. Infantil.
- CCC-01: Live de culinária.
- CCC-22: pão feito pela mãe, irmão 26 anos já passou pela APAE e AMARATY.
- CCC-20: pai aprendeu risoto e pão.
- CCC-18: série O Vazio terminou de assistir.
- CCC-01: mostrou fotos dela de bailarina.
- CCC-17: fez coxinha e bolo de chocolate.
- CCC-21: tinha coelho, mas morreu.
- CCC-22: tem vários coelhos.
- MCC-01: pediu para que as crianças pensassem em sugestões de propostas para a quarentena.

- 09/05/2020 - remoto Zoom - 18 crianças presentes - Continuação sobre o que as crianças estão fazendo durante o isolamento.

Foto 48 – Reunião do Comitê das Crianças



Fonte: Arquivo da Pesquisa

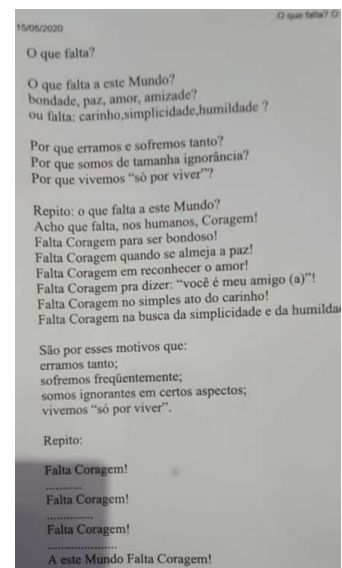
- CCC-17: mostrou o cartão que fez de Dia das Mães. Final de semana é mais fácil para participarem.
- CCC-01: perguntou sobre o grupo no Hangout.
- CCC-20: fez uma caixinha com caixa de leite, pintou. Sugeriu para a quarentena: Oficinas participativas, encontros ao vivo pelas mídias, brincadeiras, usar material reciclável para ser transformado em outras coisas. As crianças gostam de criar.
- CCC-02: mostrou cubos (pirâmide, hexágono mágicos).
- CCC-14: sugeriu declarar poemas.
- CCC-18: em vez de poema, ser um sarau de artes.
- CCC-01: faz competição com a prima. Outras sugestões: ler, brincar no quintal, fazer um Tic-Toc.
- CCC-04: está brincando mais com o irmão e fazendo receitas com a mãe.
- MCC-01: quem tiver interesse em participar do Coral, avisar para receber o link.
- CCC-20: está muito chato ficar só em casa.
- CCC-07: a professora vai mandar atividades.
- CCC-14: anda de bicicleta, mas está longe dos amigos.
- CCC-05: dá para jogar virtualmente com amigos (Hangout ou Whatsapp).
- CCC-17: vai mandar no grupo como faz o cartão de dia das mães.
- CCC-12: dúvida sobre aula de violão – MCC-01 explicou que é só seguir os vídeos gravados.
- CCC-04: fez uma conta para o cachorro no Instagram.
- CCC-17: sugeriu fazerem um desenho guiado.

- 16/05/2020 - remoto Zoom - 21 crianças presentes - Sarau: crianças leram poesias, cantaram, tocaram, fizeram brincadeiras.

- CCC-14: leu um poema.
- CCC-02: fez um poema.
- CCC-20: leu poema Teu Nome e As Borboletas - Vinícius de Moraes.
- CCC-09: leu poema Falta Coragem.
- CCC-11: leu poema Amigo para Qualquer Hora (pensando no cachorro).
- CCC-12: cantou uma música Evidências.

- CCC-17: leu poema O relógio Vinicius de Moraes.
- CCC-05: cantou música Pequenas Alegrias - Marcela Thaís.
- CCC-10: mostrou seus mangás.
- CCC-11: mostrou um desenho.
- MCC-01: poemas Avião Aeroplano - Ziraldo / O menino azul - Cecília Meireles.
- CCC-17: leu O homem, a vaca e a galinha.
- CCC-03: fez mímicas para que os outros adivinhassem.
- CCC-01: autoria própria O Convite / cantou Valeu amigo - MC Pequeno e Menor
- CCC-13: cantou Trevo de 4 folhas.
- CCC-16: cantou O telefone chora - Márcio e José.
- CCC-08: leu o poema A bailarina - Cecília Meireles e fez um desenho.
- CCC-19: leu poema - Cecília Meireles e fez um desenho.
- Pesquisadora: leu poema As Cem Linguagens - Malaguzzi.
- CCC-02: leu Lembrança do mundo antigo - Carlos Drummond.
- CCC-04: falou de Billy Archie.
- CCC-18: música sobre amizade SBT. Mudou de casa e perdeu o contato com o amigo Natan.
- CCC-06: passou um vídeo.
- CCC-21: Fez brincadeira de O que é, o que é.

A NATUREZA
 A NATUREZA É LINDA
 E TEM BELAS FLORES,
 ANIMAIS COMO O PANDA
 E FRUTAS DE TODOS OS SABORES.
 AS ÁRVORES SÃO DIVERSAS
 TEM GRANDES E PEQUENAS
 ALGUMAS DÃO SOMBRAS
 E OUTRAS SÃO SERENAS.
 AS FLORES SÃO BONITAS
 E TAMBÉM DE VÁRIAS CORES
 AZUIS, VERMELHAS E AMARELAS
 ASSIM SÃO AS BELAS FLORES.
 AUTOR: CCC-02



CCC-09:
<https://drive.google.com/file/d/1TsdqG7UB3c9LnzxpAp4HQvjPSIPHy-YD/view?usp=sharing>
<https://drive.google.com/file/d/1sJ-yE28HdW1VxWd-7UvT3297t-kuk6f5/view?usp=sharing>
https://drive.google.com/file/d/18M_M7NaO1d0QyHlNoWydjaowvyVxK_Od/view?usp=sharing
<https://youtu.be/NSzIdlIqksA>

Figuras 50 e 51 – Desenhos Personagens



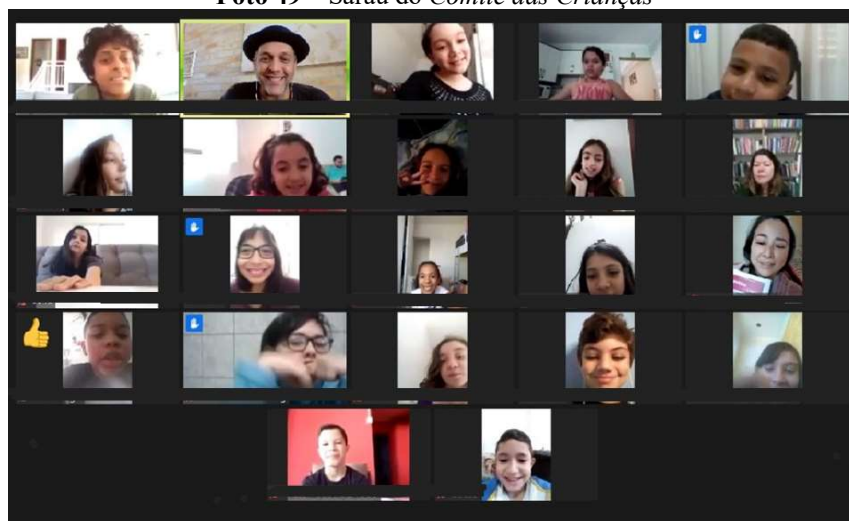
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Sarau marca novo encontro do do Comitê das Crianças

Publicada em 16/05/2020 às 15:41

<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/05/16/sarau-marca-novo-encontro-do-do-comite-das-criancas/>

Foto 49 – Sarau do *Comitê das Crianças*



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **23/05/2020** - remoto Zoom - 18 crianças presentes - Continuação do Sarau e como são as atividades escolares feitas em casa

- CCC-07: leu poema - Natureza.
- CCC-17: leu poema: Os direitos das crianças - Ruth Rocha
- CCC-17: começou a estudar no Maria Angélica no G4, falou sobre a brincadeira do Pato-Ganso.
- CCC-03: gosta de queimada, rouba-bandeira.
- CCC-15: leu o trava-língua O rato roeu.
- CCC-04: mostrou desenhos, textos com spray de tinta.
- CCC-11: desenho de cachorro.
- CCC-06: queria fazer outro vídeo.
- CCC-15: falou sobre Letting.

Atividades da escola na quarentena

- CCC-07: faz atividades da escola, tira fotos e manda para a professora. As atividades são diárias da EMEB Flávio Dangieri. Também tem oficina: dança, teatro: vem no papel as instruções para fazer com a família.
- CCC-17: é da EMEB Maria Angélica, vai buscar atividades, a professora está mandando muitas atividades. A mãe está cuidando da casa e às vezes fica difícil. A mãe consegue, outras vezes não. Só no papel. Sugestão: propostas de atividades físicas.
- CCC-20: está no 5º ano da EMEB Antonino - só 4 ano faz atividades de teatro, SUGESTÃO: aula online, de dança e teatro também.
- CCC-10: EMEB Geva - sente falta dos amigos, da educação física. Recebe da escola e depois manda de volta. Não tem computador, faz manuscrito.
- CCC-15: SESI, não está tendo aula de educação física. Está sem fazer exercício e não é bom. As atividades são pelo computador, faz no notebook.
- CCC-18: EMEB Geva - também faz como CCC-10, está sentindo falta da professora e dos colegas. A avó busca na escola e em 15 dias devolve para a escola. Brinca de ginástica com a Isis.
- CCC-03: está no 5º ano na EMEB Úrsula - a cada semana, a mãe busca as atividades e o livro. Faz a pesquisa e brinca. Teve mudança de professora. Tem falado por telefone com a nova professora. Talvez seja possível fazer a educação física pelo Zoom. A diretora sempre está mandando uma folha explicando aos pais como ajudar. Tem avaliações e ficha sobre dificuldades/dúvidas.
- CCC-04: EMEB Hermenegildo - pega as atividades na escola. Tem saudades dos amigos e dos professores. Não consegue fazer as atividades de educação física, mora em apartamento, mas o barulho pode dar multa. Em casa, o irmãozinho fica chamando para brincar, é difícil. Tem coisas que ainda não aprendeu bem e tem dúvida.
- CCC-06: EMEB Antonino Messina - está no 4º ano – semanalmente, busca e devolve as tarefas, vem com vídeo para ver, não é 24 horas para fazer tarefa, não teve tempo para assistir o filme proposto. Muita tarefa, quase 26 folhas frente e verso. Também tem de inglês, de educação física.
- CCC-08: EMEB Isabel - 5º ano - são boas atividades da escola, a mãe está fazendo igual a professora.
- CCC-11: EMEB Maria Angélica – 5º ano - tem ido buscar e as atividades tem sido fácil.
- CCC-09: EMEB Geva - 5º ano - não acha nada, só faz; quando acha difícil, pede ajuda para a mãe. Os deveres faz no papel. Deveres de basquete (pelo Zoom), de inglês.
- CCC-13: EMEB Flávio Dangieri - 5º ano - está mais ou menos difícil. Podia ter aula da escola pelo Zoom. Usa o celular.
- CCC-19: EMEB Anna Rita - 5º ano - atividades muito difíceis, às vezes a mãe não sabe também. Talvez se tivesse aula online, a professora explicando, fosse melhor. Falou calopsitas que tem em casa, elas gostam de brincar com as meias.
- CCC-02: 5º ano - Escola Novos Caminhos - Atividades em folhas, alguns dias video-aula e não tem atividade de arte cênica e música, educação física teve um trabalho de pesquisa. Dá certo fazer por vídeo, mas não é a mesma coisa, porque não tem alguém para fazer junto.
- CCC-21: 5º ano - EMEB Pedro de Oliveira - atividades em folha, tira foto e manda para a professora. teve atividade de educação física mandada em folha.
- CCC-14: Colégio Ser - aulas parecidas com as presenciais - aulas das 7h30 às 11h30 - Live online. O que mudou é que não consegue estar lá na classe com os amigos.

- 30/05/2020 - remoto Zoom - 17 crianças presentes - Covid-19 e o isolamento

- CCC-07 e CCC-20: Corona tem pego crianças também, a avó falou.
- CCC-17: mãe falou que foi por uma sopa de morcego lá no Japão.
- MCC-01: na China.
- MCC-01: importância da natureza - desmatamento traz para perto animais silvestres (que têm vírus próprios).
- CCC-07: vê macaquinhos em sua casa. Quer indicações e propôs troca de livros. Leu Diário de um banana - foi bastante citado pelas crianças.
- No chat: muitas brincadeiras, textos aleatórios (kkkkkkk / kjfaioerjajfi)
- MCC-01: decreto do governador sobre abertura por regiões e abertura de acordo com cada cidade. (as crianças ficaram corporalmente agitadas, dispersas...).
- CCC-07: uso de máscara, distância, álcool gel. As pessoas das lojas precisam do salário, a mãe falou. Aqui em casa passam muitos carros. Muitos idosos e com janelas abertas.

- CCC-15: vi aglomeração, mãe denunciou, mas Guarda Municipal não fez nada.
- CCC-07: contou sobre amigo da turma que só quer brincar e não quer saber de nada.
- CCC-12: vó não pára de trabalhar, fica só limpando a casa.
- CCC-20: não mora com minha avó, mas sabe que ela está fazendo baderna no quintal.
- CCC-07: vó está fazendo a maior faxina e fica depois com dor nas costas. Estava fazendo atividade da escola e descobriu que o plástico demora 250 anos para sumir.
- CCC-17: sugeriu fazer um desenho guiado.
- CCC-07: o tempo passa rápido na reunião do Comitê, porque a gente gosta muito.
- CCC-10: mostrou suas muitas medalhas (40).
- CCC-15: faz pólo aquático.
- CCC-09: também falou de suas conquistas.
- CCC-06: também tem algumas medalhas, mas não lembra de onde ganhou.
- Crianças falaram bastante de competição, no que é melhor, questão de medo.
- CCC-11: mostrou faixa do muai thai.
- CCC-20: faz capoeira.
- CCC-10: professora vai fazer um grupo no Gmail para falar com os alunos.

- 06/06/2020 - remoto Zoom - 17 crianças presentes - Desenho Guiado proposto pela CCC-17:

- CCC-01: acampamento virtual dos escoteiros - recebeu as tarefas para fazer. Por exemplo: cozinhar com papel alumínio. Fez cabana na sala.
- CCC-17: guiou o desenho.

BRINCADEIRA DESENHO GUIADO

Guia: CCC-17:

Tema: Monstro

Roteiro:

- 1 - Hoje vamos desenhar um monstro, separe papel, caneta ou lápis de cor, o que tiver em casa.
- 2 - Vamos lá?
- 3 - Desenhe uma cabeça grande e um corpo peludo
- 4 - Faça 4 braços grandes e finos
- 5 - Unhas afiadas
- 6 - Pés grandes
- 7 - 3 olhos com cílios grandes
- 8 - nariz pequeno
- 9 - boca pequena
- 10 - Agora com seu monstro criado, escreva no verso da folha:
 - nome do monstro
 - idade do monstro
 - o que o monstro mais gosta de fazer
 - do que o monstro tem mais medo

- 1 - CCC-07: fiz errado - apaguei várias vezes - Monstrinha - tem 7500 anos - mora em Coréia Monstros (país) - gosta de dormir - mais medo de urso - gosta de comer risoto.
- 2 - CCC-11: Kaitaimachi - 5000 anos - gosta de comer maçãs - tem medo da luz do sol - vive em Chernobil
- 3 - CCC-06: Cacá - gosta de dançar - tem medo de altura - mora na Monstrolândia - 19 anos.
- 4 - CCC-08: monstra Chorana água - 14 anos - gosta de se maquiar - tem medo de cachorro - mora em Los Angeles.
- 5 - CCC-01: usa pulseiras de ouro e prata - botinha, shortinho, casaco, cabelo, lacinho, maquiagem - Eshiley - 19 anos - mora Gosmolândia - tem medo de cobra e de aranha - gosta de ir para a balada Monstro com as amigas. Já pode beber na balada.
- 6 - MCC-01: Triptuar - 140 anos - gosta de cócegas com as unhas dele - tem medo de escuro - vive em Guiórtica.
- 7 - CCC-14: Mima - 30 anos - gosta de cozinhar - tem medo de humanos - Mora Abacaturuba .
- 8 - CCC-04: Lisi - 552 - gosta de comer - tem medo de aranha e de água - mora em Monstrópolis.
- 9 - CCC-17: monstro Lalara - 8 anos - gosta de desenhar - tem medo de vacina - cidade Falândia.
- 10 - CCC-12: Uri - 6 anos - gosta de brincar - tem medo de trovões - Tralhaburgata - tem medo do foto.
- 11 - MCC-02: 353 anos - gosta de comer jujubas - Monstrópolis.

- 12 - CCC-10: senhor Peluno - 42 anos - gosta de contar piadas - tem medo de barata - mora em Monstrolândia.
- 13 - CCC-16: monstra Lalá - cidade Azulandia - 35 anos - medo de luz do sol - gosta de brincar no escuro
- 14 - CCC-15: Rebulo Vírus - 2020 anos - gosta de infectar - tem medo de cura e vacina - mora na China
- 15 - pesquisadora: Triolhos - 350 anos - gosta de imitar o pai Pé Grande - tem medo de se perder na cidade dos homens - mora em Monstrolândia.
- 16 - CCC-05: apresentou meio um teatrinho - colocou álcool gel na mão - Malalus - 19 anos - filha da Covid-19 - gosta de matar mosquito - tem medo de pessoas - já está em todo o mundo.

Figuras 52 a 67 – Desenhos de Monstros



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- CCC-20: Menina Aranha Três - gosta de tomar sorvete e dançar - tem medo de batalhar com os inimigos - Cidade Citon.
- CCC-09: Golengro - 105 anos - gosta de - tem medo de - mora em Monstrolândia.
- CCC-02: monstro Bum - 20 anos - gosta de brincar - tem medo de aranha - mora em São Paulo.
- CCC-19: Assustada - 216 anos - gosta dos amigos dela - tem medo de tudo - Monstrolândia - bota verde.
- CCC-18: Desgraça - 189 anos - gosta de comer suas vítimas - medo do escuro - mora na cidade dos palhaços. Engana as pessoas e chama as pessoas para seu circo para comer.
- CCC-05: pegou a máscara porque o monstro tem a ver com isso.
- CCC-09: explicando como usa o fone para o CCC-02.
- CCC-01: mostrou o lápis aquarelável que muda de cor se estiver ponta molhada.
- CCC-17 e MCC-01: falaram sobre cada um ter suas diferenças e que isso é importante.

13/06/2020 - remoto Zoom - 18 crianças presentes - Apresentação dos conceitos Urban95. (Neste encontro a pesquisadora não esteve presente).

- **20/06/2020** - remoto Zoom - 16 crianças presentes - Crianças enviaram fotos se medindo e medindo os animais de estimação, falando sobre o que alcançam ou não em casa

Fotos 50 a 52 – Medindo alturas



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **27/06/2020** - remoto Zoom - 13 crianças presentes - Arte e isolamento

As crianças falaram sobre férias da escola e para o Comitê fizeram uma votação. Escolheram: “Não parar” (CCC-18, CCC-13 e CCC-09), “Ser quinzenal” (CCC-07, CCC-12, CCC-17, CCC-10, CCC-04, CCC-01, CCC-11), “Ter período de férias” (CCC-19, CCC-08 e CCC-14). Os encontros passam a ser, de acordo com a maioria, em semanas intercaladas.

Com o isolamento, aumentou muito a procura pela cultura e o compartilhamento de informações:

- CCC-09: tem gente burra que acredita em coisa errada.
- CCC-18: tem canais com conteúdos complicados.
- CCC-15: caso de palhaço que desafia suicídio.
- CCC-01: tem mesmo.
- CCC-19: tinha um perfil no Tik-Toc suspeito, foi correndo desinstalar.
- CCC-12: algumas notícias são antigas.
- MCC-01: precisa ver origem da notícia, data, e tomar precauções.
- CCC-07: não vê esses canais, pois os pais acham que ela não tem idade.
- CCC-15: viu que um planeta vai ficar do lado da Terra daqui alguns meses.
- CCC-08: sempre está atenta a essas coisas e sabe o que deve assistir, pesquisar e seguir; apenas quem sua mãe deixa.

O que é arte? E se tem ajudado durante a quarentena.

- CCC-07: falou sobre dança, disse que é bailarina, mantém a postura, aprende coisas novas, gosta de dançar.
- CCC-03: está se arriscando a aprender palavras nas línguas africanas. Compartilhou algumas frases. Escolheu por ter origem africana.
- CCC-18: desenho ajuda ela a colocar o que está sentindo.
- CCC-01: dança, mas gosta também de pintura (marca página). Gosta de espanhol, tem um livro que tem aprendido. Não é descendente, mas gosta da língua. Canta no Coral e no chuveiro. Compartilhou a Música "A cura está no coração". (<https://youtu.be/cGlCalnE8EQ>).
- CCC-19: a prima também gosta de aprender línguas (chinês, japonês...).
- CCC-07: a família é descendente de italiano, mas não sabe falar. Pergunta à CCC-01: onde ela faz dança.
- CCC-05: está aprendendo na escola história e passeios no mundo. Na aula de arte, fez gravuras. Vai aprender fazer tinta caseira.
- CCC-10: está assistindo séries, animes.
- CCC-09: mostrou quadros, fotos e pinturas, desenha muito, fez um filtro dos sonhos.
- CCC-12: escutar música, tem umas que relaxam, outras fazem sorrir e dar risada, outras são tristes.
- CCC-17: dançar.
- CCC-15: ele e a irmã têm uma caixa de pintura. Ela faz uns degradês.
- CCC-02: assiste, pinta pouco.
- CCC-19: assiste filme e séries.
- CCC-08: filme, desenho, música.
- CCC-11: gosta de desenhar e pintar quadro.
- CCC-14: desenhado muito, assistindo bastante séries na Netflix.
- CCC-04: desenhando bastante, mãe comprou livro mostrando passo a passo, participa do Coral, está assistindo séries.
- MCC-02: visto peças online, teatro.
- MCC-01: é artista. Bom para pensar, refletir, colocar os sentimentos.
- CCC-15: quando fica pronto o Mundo das Crianças?
- MCC-01: vai tentar marcar pequenos grupos para visitar.

Proposta: pensar sobre a Pandemia, o Corona vírus, formas de proteção. O que é importante compartilhar com outras crianças e outros adultos? Fazer desenhos, pinturas, poesia, textos. Dicas que sejam possíveis compartilhar.

- 17/07/2020 - remoto Zoom - 15 crianças presentes - Cuidados para evitar a Covid-19 e propostas para levar as informações a outras crianças.

- CCC-17: uso de máscara, lavagem de mãos.
- CCC-12: fazer cartazes.
- CCC-09: tipo placas.
- CCC-01: poesias.
- CCC-12: desenho é legal, desenhar pessoas fazendo o que é certo.
- CCC-07: postar no celular, compartilhar.
- CCC-12: frases motivadoras.
- CCC-10: como: vai passar.
- CCC-09: vê que protestos são contraditórios: sair para protestar se é para ficar em casa.
- CCC-17: em casa têm muitas plantas, pezinhas de melância no WC, está plantando pezinho de mexerica.
- CCC-05: fez um folder na hora.
- CCC-12: corte das árvores- o ar ficou diferente, mais quente.
- CCC-09: as árvores são filtro.
- CCC-07: se arrancar planta, prejudica também o ser humano.
- CCC-17: tem pé de pimenta em casa.
- CCC-15: novo morador vizinho tirou árvore de acerola que fazia sombra em seu quintal.
- MCC-01: a questão do Corona vírus tem a ver com as preocupações com a natureza.
- CCC-07: desenhar, mandar no grupo, fazer um vídeo.

- CCC-05: Tik-Tok - gravar - mais vídeos para ajudar o planeta.
- MCC-01: Fazer um vídeo coletivo.
- CCC-01: Vai procurar no Tik-Tok.
- CCC-09: mãe usa máscara.
- CCC-22: festa junina em casa.
- CCC-09: cada pessoa fala uma palavra – challend.
- CCC-16: só o primo tem Tik-Tok.
- CCC-08: sobre vídeo, gravam, editam, para depois mandar para redes sociais.
- CCC-07: o tempo passa rápido quando a gente gosta.

Para o próximo encontro combinaram de enviar Desenhos, Poesias etc para montar vídeo do Comitê.

- **25/07/2020** - remoto Zoom - 16 crianças presentes - As crianças falaram sobre a cidade, sobre mais árvores dentro e fora das escolas.

Foto 53 – Reunião do *Comitê das Crianças*



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- MCC-01: vídeos enviados por 20 crianças. Ainda não deu tempo de fazer, mas já estão trabalhando na edição.
- CCC-08: cada um pode fazer um desenho para colocar no cartaz.
- MCC-01: falou sobre o GT Crianças na Cidade e leu o Documento do Comitê das Crianças 2019 que trazia alguns pedidos: praças, instalar radar na frente das escolas, mais aulas de extra curriculares nas escolas, parque público para as crianças, luz pública nos becos, reduzir poluição - mais árvores - lei para filtro, não vender armas para população.
- MCC-01: Relembrou um dos objetivos do Comitê: pensar coisas que serão importantes para fazer o documento 2020 - de agosto a novembro.
- CCC-06: está em Pernambuco - enviará desenho após 7 de agosto.
- CCC-10: lembrou da gripe espanhola que viu na escola.
- CCC-12: gostou da ideia dos radares. Mas já tem lombadas.
- MCC-01: O que precisaria ter próximo da escola para ter mais segurança?
- CCC-01: somente veículos escolares poderiam usar vagas que são usados pelos carros do pais (EMEB Fábio).
- CCC-07: sempre tinha policial na frente da sua escola. Sugeriu câmeras na escola, colocar cone para marcar a vaga da van.
- CCC-01: colocar guardas de trânsito para falar e conscientizar.
- MCC-01: tem lugar para as crianças que ficam esperando do lado de fora da escola?
- CCC-01: só a calçada... É uma zona.
- CCC-12: quando chega cedo, fica no ponto de ônibus sentado. Colocar banco de praça.

- CCC-02: na escola, fica conversando com colegas. Tem um lugar na entrada.
- CCC-11: tem que esperar, todos correm para quando abre o portão.
- CCC-10: passa um ônibus na porta da escola (o amarelinho), quem chega de ônibus entra primeiro.
- CCC-07: também tem o ônibus (crianças do Aprendizado e da Casa da Criança)
- CCC-01: podia ter crachá e catraca que nem empresa.
- CCC-12: ou árvores com banquinhos e sombra.
- CCC-21: Na frente da escola tem árvore.
- CCC-09: Quando chegam de carro tem que esperar um montão.
- Só a CCC-11 vai a pé - EMEB Maria Angelica.
- CCC-07: bem raro, às vezes volta a pé com a mãe.
- CCC-08: ter bastante verde, na parte interna ou externa.
- CCC-01: do lado da escola tem um campo público. As crianças fazem descanso. Uma vez encontraram um galão de gasolina e tem um cachorro.
- CCC-03: a escola dela fica dentro de uma fazenda - EMEB Irmã Úrsula. Queriam derrubar para fazer condomínio, ainda bem que não deu certo.
- CCC-07: bombeiros cedem espaço - mas tem aranha.
- CCC-01: lá no campo também acham pele de cobra, quero-quero.
- MCC-01: quanto mais árvores, mais animais melhor. Precisaremos aprender a conviver.
- CCC-01: tocou Baby Shark e Happy Birthday no teclado.
- Continuam reuniões quinzenais.

<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/07/25/comite-das-criancas-discute-espacos-escolares-e-arborizacao/>

- **08/08/2020** - remoto Zoom - 14 crianças presentes - MCC-01: socializou o encontro com o Tonucci (remota como pessoal de Lima-Peru) e relembrou a necessidade de ir fechando os temas tratados. Assuntos levantados: cuidados com a natureza, abandono de animais, parques com brinquedos inclusivos, racismo, Serra do Japi. As crianças escreverão frases sobre o assunto.

- CCC-17: estava acompanhando a reunião deitada na rede.
- CCC-10: mostrou o joelho ralado (caiu de bicicleta).
- CCC-01: pintou o quarto com a irmã.
- MCC-01: teve reunião com Tonucci (pessoal de Lima Peru). Quando o vídeo de apresentação do Comitê Jundiaí ficar pronto será disponibilizado para divulgação nas redes Cidades das Crianças.
- MCC-01: falou que alguém do Maranhão procurou querendo ter também um Comitê.
- MCC-01: retomou a importância de ir fechando os assuntos tratados, pois o final do ano está chegando.
- CCC-11: abandono de animais. "Respeitar do ser mais pequeninho até o grande"
- CCC-14: poderia ter multas, câmeras.
- CCC-07: apoia a ideias de câmeras. Só que só vai dar para ver se está abandonando.
- CCC-14: estuda onde tem mais abandono de animais. Colocar mais guardas no lugar.
- CCC-07: gravar um vídeo para cuidado e adoção.
- CCC-11: anunciar a adoção na rede social.
- CCC-01: foi falado das crianças com menos de 95cm. Quis falar das crianças com deficiência - Parque Corrupira - colocar brinquedos do lado de baixo, brinquedos inclusivos para cadeirantes. Também no Jardim Botânico.
- CCC-07: cinto de segurança na balança. Segurança. Banheiros acessíveis com espaço.
- CCC-17: também no Parque da Uva.
- CCC-07: árvores, porque cortar para fazer papel?
- MCC-01: Vania vem para falar sobre a Serra do Japi.
- MCC-01: compartilhou tela para mostrar no mapa de Jundiaí que a Serra ocupa 1/3 da cidade.
- CCC-17: lixo - Muitas pessoas jogam lixo nas matas.

- CCC-01: tem terrenos com mato e pessoas jogam lixo. A poluição vai afetar nosso organismo. Se não tiver nada da natureza como a gente vai sobreviver.
- MCC-01: será que multa resolve?
- CCC-10: pensar em maneiras criativas e alternativas.
- CCC-07: ter um alarme quando a pessoa jogar fora do lugar.
- CCC-01: frases motivadoras e questionadoras.
- CCC-17: sua família separa o que é plástico.
- CCC-07: praia cheia de lixo. Campanha das Tampinhas.
- CCC-01: sobre racismo. Falou sobre o caso dos EUA. Criança de 5 anos falou para o policial: "Você vai me matar?".
- CCC-10: é preciso conscientização.
- MCC-01: compartilhou o vídeo editado dos arquivos enviados pelas crianças.

- **05/09/2020** - remoto Zoom - 14 crianças presentes - plantio de árvores, lixeiras interativas tipo cesta de basquete, cartazes.

- Conseguiram uma oficina para as crianças do Comitê com Daniel do Arte Ataque.
- Plantio de árvores - grupos pequenos, usando máscara - MCC-01: vai marcar as datas e avisar no grupo.
- Frases positivas - ver o que as crianças fizeram.
- CCC-01: "tenha fé, tudo isso vai passar"
- Os desenhos foram escaneados em alta resolução para serem usados em cartazes
- CCC-07: tinha muito lixo jogado no mato.
- CCC-01: fábricas com poluição do ar. É preciso separação de materiais.
- CCC-17: não usa sacolinha, leva sacolas reaproveitáveis para fazer compra.
- CCC-01: manter a natureza.
- CCC-06: reutiliza as sacolas.
- CCC-19: lixeiras mais baixas para que até as crianças alcancem.
- CCC-08: separam o lixo em casa e reutilizam as sacolinhas do mercado.
- CCC-07: lixeira robô, que sorri quando joga no lixo, que bate palmas.
- CCC-08: na casa da avó tem caçamba de lixo e atrás, uma área verde para fazer festas.
- MCC-01: vcs lêem as placas?
- CCC-01: olha placa de trânsito.
- CCC-09: desenhos das crianças no muro da escola.
- CCC-10: pelo chat "Eu olho quando é uma placa com algo decorativo que me chama a atenção".
- CCC-14: pensando na sujeira, propõe uma competição entre os bairros sobre o mais limpo.
- CCC-09: lixeiras coloridas para separação.
- CCC-18: lixeira como jogo de basquete, um jogo. Ideia barata.
- CCC-08: tem que ter cartazes para jogar no lugar certo.
- CCC-07: usar painéis que nem no carnaval.
- CCC-17: gostou da ideia dos cartazes e até as crianças que não sabem ler podem entender.
- MCC-01: QR code - explicou o que é e deu o exemplo das placas dos passarinhos do jardim do Solar do Barão. Vocês usam QR code?
- CCC-10: "Eu fui lá e vi isso, aí eu olhei assim falei o que é isso."
- CCC-07: fazer grupinho para acompanhar e ver se estão usando direito.
- CCC-17: "Ajude a natureza. A natureza vai te ajudar". Fazer QR code com vídeo de meio ambiente.
- CCC-01: recompensa para quem jogar no lixo (fini, cupcake...).
- CCC-08: via chat "poderíamos fazer uma campanha para fazer assim: plantar cinco árvores e dez plantas no dia do seu aniversário".
- CCC-01: meu aniversário cai no dia da árvore 21/09.

- 12/09/2020 - remoto Zoom - 17 crianças presentes - OFICINA COM DANIEL WARREN - Foguete para Lua.

Figura 68 – Folder da oficina



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Início com as imagens de um satélite ISS;

Foto 54 – Contextualização antes da Oficina



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Proposta para fazerem um foguete para ir à Lua;
- Contextualização com fotos e informações (3 dias para chegar à Lua, gravidades diferentes, possibilidades futuras de viagens espaciais etc.);
- Apresentação dos materiais para oficina (lista enviada previamente):



- ❖ barbante fino
- ❖ canudo
- ❖ fita adesiva
- ❖ cola bastão
- ❖ tesoura sem ponta
- ❖ papel colorido
- ❖ lápis / canetinha
- ❖ papel sulfite

- "Não tem problema ficar muito perfeito, você vai fazendo do seu jeito e vai ficar legal!" – Daniel Warren.

Foto 55 – Oficina Remota



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **19/09/2020** - remoto Zoom - 12 crianças presentes - levantamento de quem tem irmãos (Urban95), o que propor para a cidade pensando neles.

Quem tem irmãos?

- CCC-18: um bebê na barriga da Luiza, o Eduardo (9 anos), a Isis (6 anos).
- CCC-09: uma irmã mais velha.
- CCC-10: Gilson (7 anos).
- CCC-16: 4 irmãos (Leandro 7 anos, 5 anos, Lorena 3 anos, Ryan 7 meses).
- CCC-17: 1 irmã (6 anos).
- CCC-11: 3 irmãos.
- CCC-08: 1 irmão (5 anos).
- CCC-06: irmão mais velho.
- CCC-14: 1 irmã (7 anos).
- CCC-03: 1 irmã (4 anos).
- CCC-15: irmãos mais velhos.
- CCC-13: um irmão mais velho.

Sobre a oficina:

- As crianças acharam legal, mas não desenvolveram muitos comentários.

O principal é olhar para a cidade:

- MCC-01: O que vocês podem sugerir de ideias para a cidade? Vai surgir a necessidade de saber se serão possíveis e de elencar prioridades. Sugestão: ver pelo olhar dos 95 cm o que enxergam em casa. Quando estiverem pela cidade, tirar fotos e pensar no que pode ser mudado.
- CCC-11: com 95 cm, consigo ver os pés dos móveis (mostrou desenho de olho).
- MCC-01: a MCC-02 vai mandar uma mensagem para combinar com os pais sobre o plantio de árvore pela cidade. Cada criança vai ter uma plantada. Para essa atividade, precisaremos da autorização dos pais.
- CCC-08 (pelo Chat): Em relação a sua ideia pensei em fazer um brinquedo para estimular a cabecinha dos bebês. Um brinquedo de desenho para eles brincarem. Brinquedos na altura deles.
- MCC-01: Que tipos de brinquedos?
- CCC-07: Daqueles que a criança vai levando a pecinha... (falando dos brinquedos amarrados).
- MCC-01: Vocês gostam de ler? O que vocês acham se quem tivessem livros no ponto de ônibus? O que mais colocariam num ponto de ônibus para ser estimulante para crianças?
- CCC-17: desenho de girafa.
- CCC-06: tablet, fone de ouvido.
- CCC-18: foi quem falou que anda de ônibus.
- CCC-08: aproveitando a girafa, colocar a régua para medir as pessoas.
- CCC-09: tipo medidor que fica nas paredes (girafa).
- Outras propostas indicadas pelas crianças: brinquedos nos pontos de ônibus, girafa (régua de altura), aquelas placas para tirar foto, falaram sobre o que tem perto da casa deles, como parques e praças.
- CCC-11: mora na área rural.
- MCC-01: o que tem na área rural?
- CCC-06: perto da casa tem uma pracinha bem pequena e árvores. Depois tem uma praça maior.
- CCC-08 (pelo Chat): Quando olho para janela so vejo apartamentos e algumas grandes partes de plantas e carros.
- MCC-01: Falaram novamente na natureza. O que podem sugerir? O que sabem sobre a Serra do Japi?
- CCC-06: Lá tem muitas árvores, o ar é bom.
- CCC-09: Minha mãe falou que já foram lá e tem cachoeiras.
- CCC-11: Tem muitos animais, já foi fazer trilha.
- MCC-01: Talvez consiga que a Vânia (Fundação Serra do Japi) venha participar de uma reunião.
- CCC-18: Tem saindo com a avó de carro, mas quando sai usa máscara.
- CCC-06: Só sai quando precisa ir. A mãe vai trabalhar e o pai só chega à noite.
- CCC-17: Sai quando precisam ir fazer compras, levar cachorro para passear, anda de bicicleta.
- CCC-08 (pelo Chat): Saio para ir na casa da vovó quando minha mãe trabalha, na casa do meu pai e volto para casa. Na casa do meu pai fico durante uma semana com eles.

- CCC-03: Tem poucas praças, a que está perto da casa tem brinquedos quebrados (Residencial Jundiaí).
- MCC-01: É uma região de cerrado, região que tem animais e plantas específicas.
- CCC-03: Tem um bosque perto do Ivo de Bona (falando da escola).
- CCC-11: Tem muito animal selvagem.
- CCC-18: No parque tem maritaca e sagui.
- CCC-16: Mora perto do parque do Corrupira. Viu no fio os macaquinhos.
- CCC-14: Viu uma lebre e tucanos. Mora no Portal da Colinas (um condomínio da cidade).
- MCC-01: Plantou uma tucaneira (árvore que dá uma frutinha que atrai tucanos).

- **25/09/2020** - remoto Zoom - 16 crianças presentes - Entrevista (CCC-07, CCC-09 e CCC-01) e matéria para o SBT.

Foto 56 – Entrevista



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Entrevista CCC-09:

- O que acha de legal nesse projeto: plantar árvores.
- O que acha de poder ajudar: contou sobre desenho que fez de girador adaptado.
- Quer ser veterinário para cuidar dos animais.

Entrevista CCC-01:

- falou principalmente sobre a poluição.

Entrevista CCC-07:

- Conversa sobre o que pode mudar em Jundiaí: cachorros abandonados, brinquedos adaptados para cadeirantes.

Reportagem no link: <https://www.youtube.com/watch?v=AU1p6kEVuEs>

- **03/10/2020** - remoto Zoom - 14 crianças presentes.

Sobre as atividades da escola que têm feito:

- CCC-09: essa semana falei do Comitê.
- CCC-18: teremos prova que ficará aberta apenas um dia.

Sobre plantio:

- MCC-01: O engenheiro pediu para esperar o período de chuva para plantar. Num solo mais úmido as mudas vão melhor.
- MCC-01: Para a visita ao Parque Mundo das Crianças, os pais precisam autorizar. As visitas serão em pequenos grupos.
- MCC-01: A Vânia virá falar da Serra do Japi, provavelmente, no dia 17/10.
- MCC-01: Entre o final de novembro e começo de dezembro, o documento para prefeito precisa estar pronto. É preciso fazer um resumo de todas as propostas discutidas durante o ano no próximo encontro.

O que é ser criança?

- CCC-18: Ser criança é você ser um pouquinho menor que a maioria das pessoas. É ter prioridades, mas também não poder fazer algumas coisas. Criança tem criatividade, gosta de se divertir mais, menos rabugento. É não ter medo de fazer novos amigos.
- CCC-09: A criança tem uma visão mais inocente, tem criatividade, percebe algumas coisas melhor que os adultos. Por exemplo, presta mais atenção nas plantas nos parques. O adulto está preocupado com o trabalho.
- CCC-14: É não ter responsabilidade, é curtir a vida, enquanto não tem que se preocupar com contas, trabalho. É ter uma vida mais simples, não se preocupar com tantas coisas.
- CCC-21: Ser criança é ter bondade. É ter a criança dentro de você mesmo, sendo criança.
- CCC-08 (pelo Chat): Ser criança é ser feliz com pouco ou nada, e ter tudo o que precisa ao alcance de um sonho. Ser criança é ser luz e bondade, inocência e pureza. Por isso, cresça, mas nunca deixe parte da sua criança interior desaparecer totalmente.
- CCC-18: Melhor fase da vida. Não é à toa que a infância é considerada a melhor fase da vida. Podemos viver infinitos personagens em um único dia. Não há problemas em passar o dia todo brincando e se sujando, afinal, haverá alguém para cuidar da nossa roupa, da janta e de todo o resto. Podemos sonhar como se tudo mudasse em um passe de mágica. Na infância tudo é simples!
- CCC-17: Ser criança é ser confiante.
- CCC-02: É ser mais livre, poder brincar, não ter que trabalhar.
- CCC-01: Ser criança é ser feliz, é ajudar os pais, fazer as obrigações, estudar, para ter um futuro bom. A criança é mais curiosa atenciosa. Já pergunta: oh, mãe, o que é isso?
- CCC-03: É não se preocupar com nada.
- CCC-19 (pelo Chat): A criança fala o que acha. 🤔🤔🤔😁😁😁

MCC-01: Pensando em tudo isso, o que vocês acham? O que sentem? O que percebem? O que querem para a cidade ser melhor?

- CCC-17: Percebi muito fogo na mata nesse momento de pandemia.
- MCC-01: Como fazer para mudar os comportamentos ruins?
- CCC-09: Não muda nada, se colocar um aviso, a gente tem que fazer outras coisas.
- CCC-17: Os tucanos estão aqui, porque estão fugindo das queimadas.
- CCC-01: Assiste um programa Patrulheiros das Matas. Vi que não pode pegar caranguejo/peixe se não tiver certo peso. Mostram bichos mortos nos acostamentos.
- CCC-18: Tem gente que maltrata os animais.
- CCC-09: Lembrou da proposta de fazer placas, colocar cestas nas latas de lixo (basquete).
- CCC-18: Pintar a cesta como basquete. É divertido.
- CCC-03: Multa moral feita pelas crianças.
- MCC-01: As crianças fossem como patrulheiros da natureza.
- CCC-09: O adulto vai receber a multa e vai jogar o papel do aviso no chão.
- CCC-08: Criar Jundiaí coins para trocar por materiais reciclados.
- MCC-01: Em Joinville, se colocar o lixo reciclável no lugar certo, você ganha alguma coisa simples.
- CCC-14: Fazer campanha por bairro, sortear algo para o bairro.
- CCC-01: Fazer uma competição entre bairros para ver quem mantém o bairro melhor.
- CCC-18: Ter juízes para julgar.
- CCC-01: Fazer lixeiras com desenhos de animais.
- CCC-09: Não, lixo para os animais não.
- CCC-01: Então desenhos de monstros.

Socialização de ações feitas na cidade e ligação com os pedidos do Comitê das Crianças-2019:

Foto 57 – Prestação de contas



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- 13, 14, 15, 16/10/2020 - Visita ao Mundo das Crianças em pequenos grupos:

Fotos 58 a 66 – Visita ao Mundo das Crianças







Fonte: Arquivo da Pesquisa

- 24/10/2020 - remoto Zoom - 14 crianças presentes - 13h - Escrita da Carta.

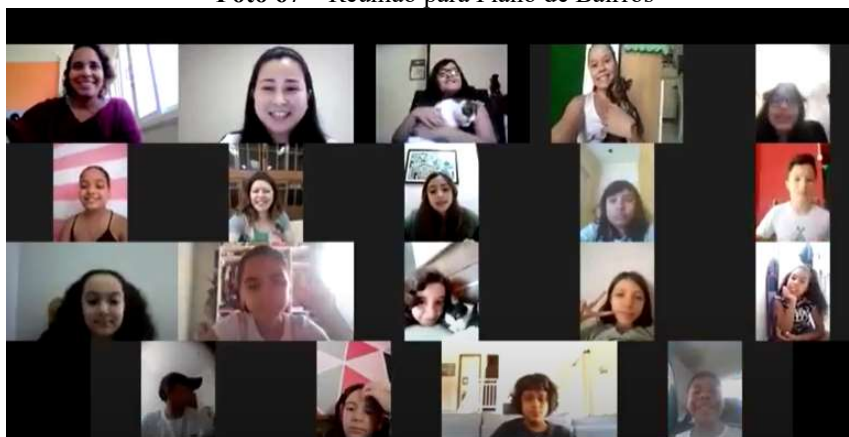
Avaliação do Mundo das Crianças:

- CCC-09: Na casa da árvore, podia ter tirolesa.
- CCC-16: O parque é bem legal, bem grande. Gostou da piscina e o lugar dos pneus. Podia ter balanço para bebê. Uma vez, estava na casa da avó, tinha um monte de tucanos no fio, é tipo um sítio.
- CCC-12: Muito legal o parque, muitas árvores. Nada a mudar.
- CCC-01: Como vai ser a área pet. (MCC-01: ainda estão ouvindo especialistas. Uma veterinária falou que precisam pensar em maneiras que os pets não se assustem nem comprometam a vida dos animais silvestres).
- CCC-01: Gostou bastante, achou grande, divertido, que vai ter muita água. Vai ser tó O parque precisa de uma área para crianças menores. MCC-01: somos uma cidade Urban95 e você tem razão, mas tem vários espaços pensados também para os pequeninhos. Antes de abrir o parque, o Comitê vai testar.
- CCC-06: Ralou o joelho, foi subir nas gelatinas, estava escorregadio.
- CCC-04: O irmão menor foi na visita. Já é mascote. O parque é tão legal que está sem palavras. O irmão de 5 anos achou legal o parque.
- CCC-11: Achou legal o parque, vale a pena visitar. Ela mora no Corrupira. Achou que tem pouca sombra.
- CCC-05: Está fazendo um desenho para expressar o que sentiu estando no parque.

- CCC-10: Vai ter vaga para deficientes? MCC-01: vão colocar placas, rampa na casa da árvore para quem não quiser as alternativas radicais.
- CCC-16: Também acha que seria legal ter tirolesa.
- CCC-01: Para isso precisa de monitor, capacete. Tirolesa grande para criança grande e tirolesa pequena para as criancinhas pequeninhas.
- CCC-12: Trenzinho para andar no parque para as crianças menores.
- CCC-18: Para os grandes também.
- CCC-01: Lugares para tirar fotos.
- MCC-01: Letreiro Eu ♥ Jundiaí já foi colocado.
- MCC-01: Vai ter monitores, professores estagiários de Educação Física.
- CCC-17: Terá médico no parque? MCC-01: terá uma enfermaria, para um curativo leve.
- CCC-01: Já tive que frear a bicicleta quase em cima de uma criança no Parque da Cidade. Tem que ter via de pedestre e via de bicicleta, sinalização.
- CCC-12: Terá ciclovias.
- MCC-01: Obra andando bem rápido.
- CCC-06: Ficou super animado com o lago.
- Pesquisadora: Perguntou sobre altura dos bebedouros e lugares para todas as idades.

- 07/11/2020 – Reunião com CECIP - remoto Zoom - 14 crianças presentes

Foto 67 – Reunião para Plano de Bairros



Fonte: Arquivo da Pesquisa

Figura 69 – Capa do Plano de Bairro



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- 11/11/2020 - remoto Zoom - 17 crianças presentes - TV Justiça Distrito Federal

Foto 68 – Entrevista



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- CCC-17: Comentou sobre natureza, animais. Precisamos de mais árvores para respirar.
- CCC-09: Falou da Serra do Japi.
- CCC-22: Tem pessoas colocam fogo.
- CCC-18: É preciso achar ideias para que as pessoas possam ajudar. É o único planeta que nós temos. Se não tivermos árvores não poderemos sobreviver.
- CCC-17: Animais abandonados também preocupa.
- CCC-11: Perto da casa tem muitos doguinhos. Croquinho chegou com um berne. Seu pai levou para casa para cuidar.
- CCC-16: Dois cachorros abandonados perto da casa dela.
- CCC-18: Seu cachorro Duque adotaram, cuidaram...
- CCC-07: Fazer um evento para adoção dos cachorros.
- CCC-22: Os cachorros não tem lugar para se esconder da chuva, provavelmente estejam com fome. Agora que tem lixeiras não tem lixo na rua.
- CCC-03: Ter pontos de aluguel de bicicletas.
- CCC-09: Mais brinquedos com acessibilidade (girador para cadeirantes por exemplo).
- CCC-02: Perto da casa: brinquedos e máquinas de exercitar.

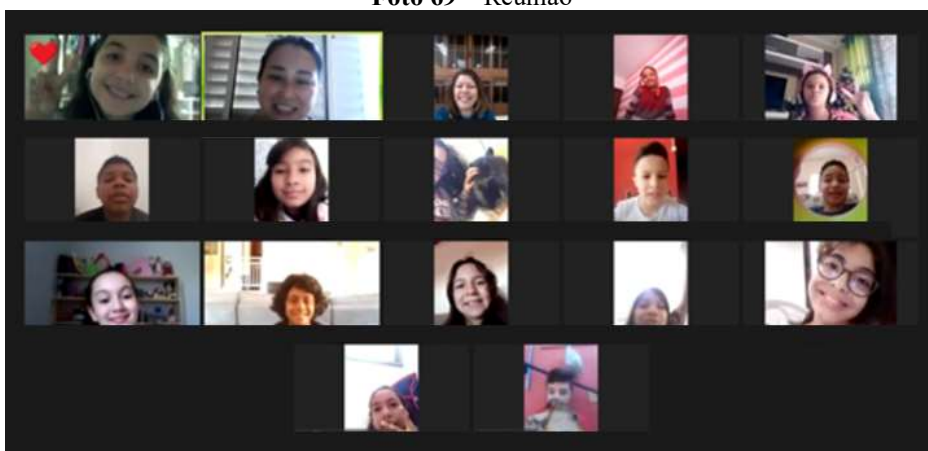
Sobre o MUNDO DAS CRIANÇAS:

- CCC-18: Adultos, crianças, adolescentes e idosos podem brincar.
- CCC-21: Área aquática: piscina, fontes, gostou muito do brinquedo de escalada.
- CCC-07: Casa na árvore ter dois andares. A área de pneus também ficou muito legal.
- CCC-16: Bom poder subir em árvores.
- CCC-17: Gostou da parede de escalada.

Após a reunião, a repórter fez Entrevista privada com CCC-09 e RCC-09.

- **21/11/2020** - remoto Zoom - 17 crianças presentes - relembremos com as crianças todos os assuntos discutidos durante o ano, transformando-os em uma lista de propostas.

Foto 69 – Reunião



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **12/12/2020** - remoto Zoom - 13h30 - 12 crianças presentes - escolha das propostas a compor a Carta ao prefeito e a escrita coletiva do documento. As crianças decidiram fazer uma votação entre 4 opções. Cada um podia escolher 2:

1. Animais abandonados/ castração gratuita – 9 votos
 2. Plantar mais árvores/ queimadas/ Serra do Japi – 12 votos
 3. Brinquedos para crianças deficientes/ praças/ escolas/ parques – 13 votos
 4. Lixeiras na cidade/ lixeiras para reciclagem – 3 votos
- Quem não estava participando da reunião, pode fazer a escolha pelo grupo do whatsapp.

- **16/12/2020** - Mundo das Crianças- 13 crianças presentes - entrega da Carta ao prefeito

Foto 26 – Reunião para entrega da carta ao prefeito



Fonte: Arquivo da Pesquisa

<https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2020/12/16/comite-das-criancas-entrega-documento-com-pedidos-para-a-cidade/>

J) REUNIÕES DO GRUPO DE TRABALHO CRIANÇA NA CIDADE - 2020

Os primeiros encontros do *GT* do ano foram presenciais. Devido à Pandemia da Covid-19, passaram ser via Meet, em datas agendadas previamente, normalmente, das 8h às 9h.

- **27/02/2020** - 3 participantes presentes.

A reunião aconteceu no 6º andar do Paço Municipal. Estiveram presentes apenas três participantes. Foram discutidas questões referentes a entregas de reforma de escolas (encaminhamentos gerais, pinturas, sinalização de trânsito, amarelinhas...).

Outros assuntos abordados: 1) planilha de ações de gestores ligadas à infância; 2) anal do Congresso da Primeiríssima Infância; 3) visita de Renata Terra – lugares da cidade para apresentar; 4) sorteio dos representantes do Comitê das Crianças 2020.

Foto 70 – Reunião para entrega da carta ao prefeito



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **04/03/2020** – 3 participantes presentes – visita da Renata Terra (Instituto Alana).

Renata Terra é diretora do documentário *O Começo da Vida* ²⁹², referência quando tratamos de infâncias. Foi recebida no Paço Municipal com a apresentação dos projetos ligados à temática de Jundiaí. Depois a comitiva passou por alguns pontos da cidade (Praça que Acolhe (Tarumã), Ruas de Brincar (Fepasa), Pinacoteca e Solar do Barão (Centro). A visita terminou no gabinete do prefeito que recebeu a convidada para uma rápida conversa.

Foto 71 a 76 – Visita de diretora de documentário



²⁹² <https://ocomecodavida2.com.br/>



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- **10/07/2020** – 5 participantes presentes – via Meet.

Assuntos tratados:

- Participação de Jundiaí como uma das 11 novas cidades Urban95 – Fundação Bernard Van Leer. Além de fazer parte da rede latino americana *Cidade das Crianças* e do convênio com Instituto Alana;
- Decreto de instituição do GT Criança na Cidade e de portaria para nomeação – institucionalizar;
- Conceitos no Mundo da Criança;
- Sugestão para o Mundo das Crianças;
- Plano Municipal da Infância;
- PPA;
- No início do GT era uma questão urbanística, mas agora foi ampliado;
- Trabalho por plataformas – intersetorialidade;
- Ter claro o papel do GT e as atribuições, visando a transformação cultural da cidade pela ótica da criança;
- No Drive – cada representante vai incluir informações;
- Escola piloto – diminuição de velocidade permitida para veículos.
- Aglomerado na fase 2 - Campinas na fase 1 - até próxima 5a ainda fechados.

- **17/07/2020** – 8 participantes presentes – via Meet.

Assuntos tratados:

- Socialização sobre reunião do Urban95 – com as 11 cidades oficiais do programa – e recém participantes (Jundiaí, Caruaru e Niteroi);
- Qual necessidade de mentoria? Quais as áreas mais indicadas?
- Intersetorialidade;
- Pensar daqui até dezembro: Qual o foco do trabalho? Para além da Urban95 – sair do campo das ideias e ir para o prático;
- Urban95, Mundo das Crianças, retorno à carta das Crianças do Comitê.

- **23/07/2020** – 8 participantes presentes – via Meet

Assuntos Tratados:

- Processo do decreto – encaminhado documento – Cada gestor municipal irá indicar duas pessoas (sendo uma de carreira). Depois mandar para publicação e, em seguida, portaria de nomeação dos indicados;
- Está sendo feitas ações sobre combate ao trabalho infantil por um comitê (UGADS com participação do CMDCA), assim como Conselhos Tutelares;
- Visita ao Mundo das Crianças;
- Webnar – Urban95 – indicação de participantes;

- Questionário Zero – Urban95 – vários pontos relacionados ao Plano Municipal pela Primeira Infância e desafios/oportunidades (projetos e políticas focados na Primeira Infância). Quando se pensa a criança vem sempre o essencial Saúde, Educação e Assistência, mas os conceitos devem ir além: o lugar das crianças na cidade. Ponto sensível – conceito e comunicação, mais do que valorização, é informar e conscientizar, mantendo o que já é conquistado;
- Marco legal da Primeira Infância²⁹³.

- 31/07/2020 – 9 participantes presentes

Mundo das Crianças: apresentação do projeto pelo arquiteto Bruno Ferrari Brandão da Silva

Foto 77 – Foto aérea do local do Mundo das Crianças



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Eixo Esportivo;
- Eixo Lúdico;
- Eixo que atravessa o parque todo;
- Mínimo de intervenção possível no território;
- Aproveitamento do talude;
- Estruturação do parque de maneira que as pessoas saibam onde estão e para onde querem ir;
- Todos os lugares são pontuados pelo brincar;
- Foco na criança, mas também contemplando todas as idades;
- Portaria com teto verde, mais simples e integrada no ambiente;

²⁹³ <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/marco-legal-da-primeira-infancia/>

Figura 70 – Portaria do Mundo das Crianças



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Planejado nas curvas de nível, o que possibilita o acesso inclusive de cadeirantes;

Figura 71 – Projeto - curvas de nível



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Ciclovia com pintura para sinalizar as distâncias;
- Lanchonete – Pavilhão Cultural, planejado pensando num grande brincar, num percorrer lúdico. Essa área tem um escoamento da água que faz uma acumulação, demonstrando como funciona o ciclo da água;
- Espaço do Le parcour;
- Espaço de fontes – para brincar com água saindo do chão;
- Espaço com água – circuito de correnteza;
- Túnel com textura (saltando das paredes);
- Área do Foguete (marco) – parte externa de cobertura mais "caótica", escalada e escorregador;
- Espaços de escalada e escorregadores;
- Troncos e pilares instalados formando um caminho, pode ser colocados redes, elásticos;
- Elementos sonoros;
- Paredismo;
- Cama elástica em áreas com buracos;
- Parte ambiental – casa na árvore, queda de água para colocar moinho, passarelas elevadas;
- Não era para ser um parque temático, o conceito é outro;
- Talvez usar o próprio pátio de estacionamento do Paço – Ligação Mundo da Criança, Parque da Cidade, Jardim Botânico;
- Problemas de conceitos:
 - móvel de amamentação no WC? Amamentar em todo o parque? Palmeiras para impedir que a criança entre?
 - marcos de paisagem – foguete, palmeiras imperiais – dá pra se ver de longe, mas como foram plantadas muitas, perdeu-se um pouco a questão do ponto de encontro.

- **11/09/2020** – 10 participantes presentes.

Assuntos Tratados:

- Urban95;
- Outra consultoria – estudo da cidade (fala com a população), escuta a educadores e visitantes do Programa Criança Feliz – Allma Hub: pesquisa sobre como está a escuta à criança na cidade;
- Fundação Bernard Van Leer – assessoria para fazer os indicadores da cidade;
- Trabalho com os primeiros indicadores (Urban95) para construir mais indicadores junto com a Fundação Van Leer. Não precisa ficar apenas nos 16 indicadores, mas é possível ver o que já se tem de informação;
- Plano da Primeira Infância – verificar o que já tem e os próximos passos com o CECIP – formar um grupo para essa demanda. Deixar os materiais já organizados para falar com os técnicos. Assim ficariam faltando somente as audiências públicas;
- Grupos menores para agilizar as frentes;
- Quando pensar no Urban95 lembrar do uso dos espaços urbanos: as crianças são muito confinadas. Pensar nas calçadas e ruas. Depois pensar nas praças;
- Plano de Mobilidade – melhoria do conforto das crianças e dos cuidadores nas calçadas, a questão da saúde a partir das ciclovias;
- Em conversa com empreendimentos, colocar a concepção de infância para além do playgrounds. Cerca de 80% dos empreendimentos turísticos são particulares; muitos voltados para playgrounds. Talvez criar um selo (rota das crianças). Fazer primeiramente uma reunião para conscientização.
- Envolver mais pessoas sobre os conceitos das crianças.

RESUMO DO DIA: indicadores, GTzinho junto com Maria, participação no CONTUR, na próxima reunião: socialização do projeto “Entre a casa e a escola” na EMEB Luiz Bárbaro, plano de mobilidade.

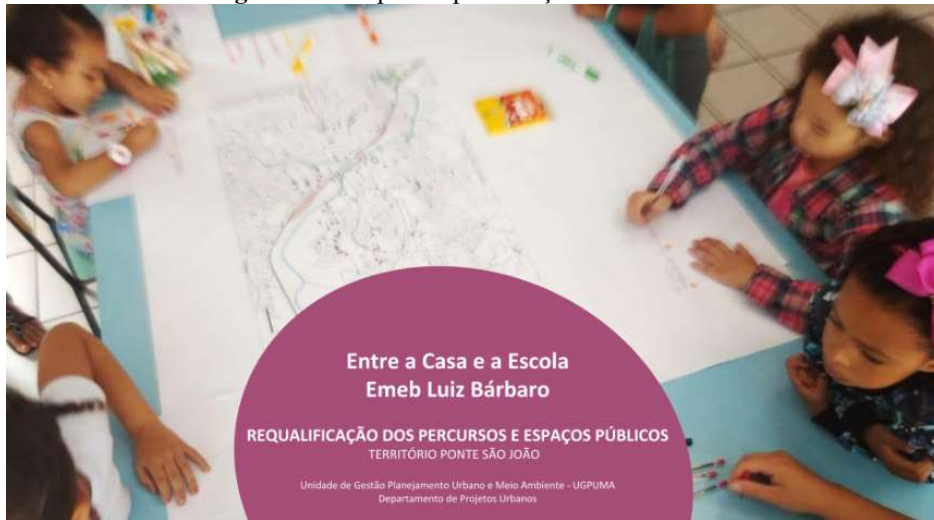
- **17/09/2020** - 16 participantes presentes

Assuntos Tratados:

- MOBILIDADE: reunir em um documento referências e links para serem compartilhados com a empresa contratada. Ver o Projeto da Nacto;
- GTzinho: prazo elaboração 09/10; apresentação para o GT 16/10;
- O GT era mais informal e agora é preciso mais organização;
- Para a memória – abre-se um arquivo no começo da reunião para lançar os apontamentos de todos. Cada reunião uma pessoa fica responsável pelo registro;
- Socialização do projeto “Entre a Casa e a Escola”: realizações em 2019 e a projeção para EMEB Luiz Bárbaro; conceitos da *Cidade das Crianças*; Praça que acolhe (blocos UGISP) – Região do São Camilo: continuação da área de desnível;
- MOB.PI – EMEB Luiz Bárbaro – escuta de um grupo de crianças, depois a escuta na reunião de pais com toda a escola; "não sabe desenhar" pais; cada criança 3 desenhos (o que gosta, o que não gosta e o que gostaria no caminho da escola); Como categorizar as análises de desenho pela consultoria do MOB.PI; inspirações: pontos de troca de brinquedos e livros, ponto de ônibus mais lúdico, amarelinha na faixa de pedestre. Durante a pandemia: por vídeos e desenhos, as crianças contam como seria esse percurso debaixo do viaduto (elementos de brincar e de permanecer) - Projeto do Projeto: valor do Finisa para qualificação de calçadas. Nos vídeos, é bem perceptível a

intervenção dos pais nas falas das crianças. Estudo do lado do Roldão, fazer um parque a pedido da escola?

Figura 72 – Capa da apresentação Entre a Casa e a Escola



Fonte: Arquivo da Pesquisa

- Objeto sentante, mas que seja brincante também; mais elementos naturais; brincadeiras de chão e calçada;
- Pessoas "noias" que ocupam, corredor do São Camilo Centro, e moradores de rua e em situação de rua; parceria com assistência social – pensar em solidariedade; política pública para moradores de rua; ações integradas - abordagem social;

- **24/09/2020** – 16 participantes presentes

Assuntos Tratados:

1) INDICADORES MUNICIPAIS

- Listados 100 indicadores da Primeira Infância para análise do grupo com o objetivo de monitorar as políticas públicas no município. A ideia é estruturar os indicadores possíveis para todas as áreas e plataformas de governo numa primeira fase e fazer as coletas de dados na segunda fase;
- Cronograma de ações:
 - Até 25/09 – Enviar quem serão os responsáveis pelos indicadores de cada UG (Unidade de Gestão);
 - Até 09/10 – Reuniões on-line para seleção e validação dos indicadores por áreas/pastas, com o acordo com o gestor de cada UG;
 - Até 30/10 – Estruturação dos indicadores e definição do modelo de coleta;
 - Até 03/11 – Início da coleta dos indicadores.
- Meta: Passarmos dos atuais 15 indicadores da Primeira Infância para minimamente 60 indicadores até dezembro de 2020 no Observatório Jundiaí;
- Sugestão: construção de indicadores a curto, médio e longo prazo;

2) RETORNO SEGURO ÀS AULAS

- Convite aos participantes do GT para participarem de reuniões com o Instituto Alana, de forma a planejar o retorno seguro às aulas, aproximando as crianças da natureza e fazendo uso de áreas abertas e externas, isto é, integrando as áreas públicas no entorno das escolas para qualificar o atendimento frente à pandemia do novo coronavírus;
- O objetivo dos encontros é pensar em protótipos e soluções possíveis em regiões com áreas verdes e regiões sem áreas verdes, dando possibilidades às equipes escolares de aliar os objetivos de aprendizagem ao uso de espaços abertos.
- Documento orientador do Instituto Alana para conhecimento: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Planejando-a-reabertura-das-escolas.pdf?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=reabertura-das-escolas

- 01/10/2020 - 14 participantes presentes

Assuntos Tratados:

- Revisão do Decreto da composição do GTCC (documento);
- GTCC – consultivo – não tem recursos próprios, por isso, não delibera;
- 23 participantes atuais, acrescentar a saúde (2 representantes da pasta), além do representante do Programa Primeiríssima;
- Algumas questões aparecerão no Regimento (periodicidade, prestação de contas);
- Começando a crescer o GTCC e ganhando espaço;
- Todas as assessorias são vinculadas à Casa Civil, conta com um servidor da pasta que acompanha o GTCC.

- 08/10/2020 - 16 participantes presentes

Apresentação do Documento de Mobilidade Urbana feito pelo GTzinho

- O documento tem quase 40 páginas apontando a criança como foco nas Políticas públicas;
- Tendo como base a legislação (Lei Orgânica e o Plano Diretor) para nortear a política da criança na cidade e a política de mobilidade, partiu-se do que já temos na cidade;
- Contemplada a parte técnica a fim de contextualizar este GT, criado desde 2017, a sua trajetória e o seu papel na participação e implementação de políticas que atendam a criança na cidade;
- Trata do Plano de Mobilidade como universal tendo o princípio que ao considerar a criança terá sido possível atender todas as demais idades;
- Aspectos relevantes como: dados sobre crianças vítimas de acidente no trânsito, autonomia da criança na cidade e o que gera na criança o livre deslocar-se, como se acomodarão no espaço urbano, a corresponsabilidade entre poder público e a população, fatores que contribuirão no seu desenvolvimento.

Outros Assuntos Tratados:

- Estudo sobre redução da velocidade;
- Carta organizada pelas crianças do Comitê;
- Encaminhar o Plano de Mobilidade à Unidade de Gestão de Governo;
- Plano Municipal da Primeira Infância: em reunião com a Urban 95 e Cidades Sustentáveis, indicou-se o CECIP para colaborar na elaboração do Plano;
- Retomada do Plano de Bairro.

- **22/10/2020** - 16 participantes presentes

Assuntos Tratados:

- Visitas das crianças do Comitê no Mundo das Crianças;
- Socialização do documento Mobilidade com a Bernard Van Leer – Gostaram muito do documento. Mostra que o GT não fica somente no plano de reuniões e vai criar ações;
- PLANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA: GT entrega da primeira proposta até dezembro. Agenda junto com assessoria CECIP – ponte com a Fundação Van Leer. CECIP já recebeu a documentação preliminar. Com o documento finalizado, Jundiaí enviará para aprovação na Câmara. Ainda fazer uma escuta nesse final do ano para fazer parte do documento: talvez com o Comitê das Crianças;
- PLANO DE BAIRRO – será preciso mais uma escuta em 2021 antes da finalização do documento;
- Filme O Começo da Vida 2 – Instituto Alana – colocará a Prefeitura Municipal de Jundiaí como apoio institucional (lançamento nacional nas redes de distribuição e na Netflix).

- **05/11/2020** - 18 participantes presentes

1ª PARTE – com equipe do CECIP

Plano Municipal pela Primeira Infância Jundiaí/SP

PMPI

É um plano de Estado, intersetorial, que visa o atendimento aos direitos das crianças na primeira infância, cuja elaboração é recomendada pelo Marco Legal da Primeira Infância (Lei 13.257/2016).

Seu objetivo central é articular diferentes setores da administração municipal para estabelecer metas e complementar suas ações, para cumprir o dever do Estado na garantia da prioridade absoluta dos direitos das crianças.



Grupo de Trabalho

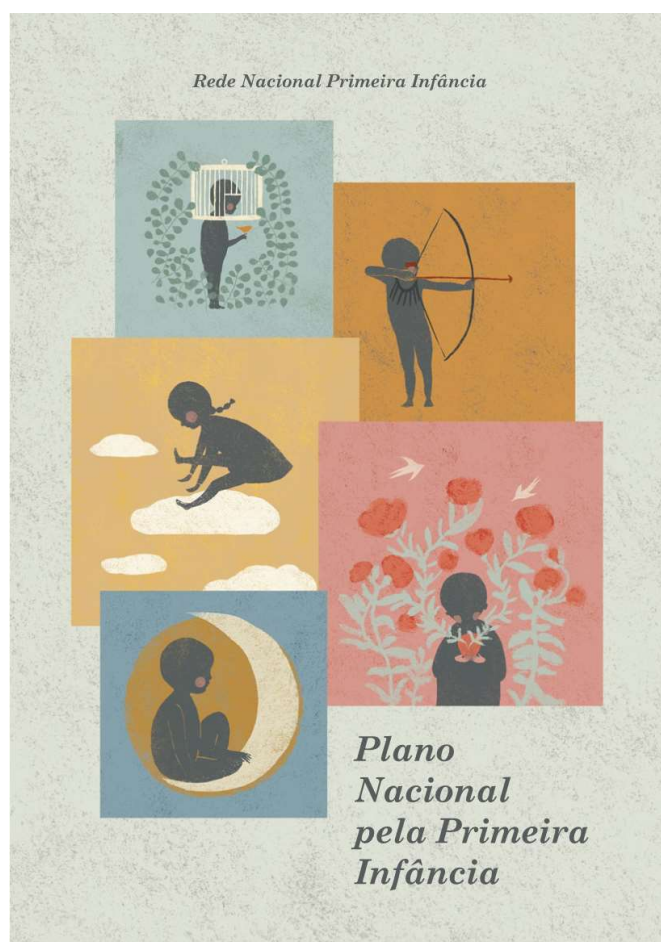


Figura 73 – Capa do Plano Nacional pela Primeira Infância
Fonte: Arquivo da Pesquisa

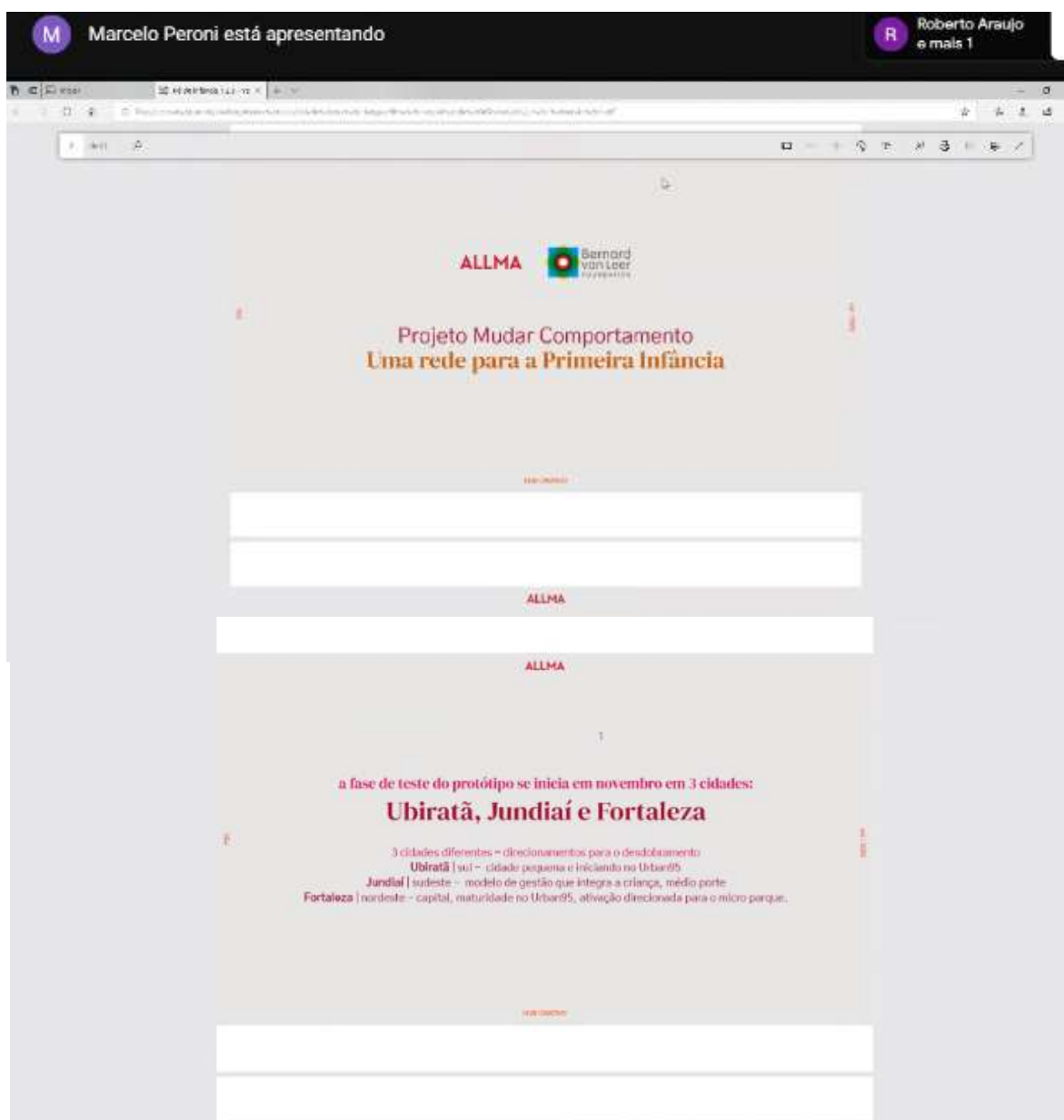
2ª PARTE – somente com integrantes do GT

Assuntos Tratados:

- GTzinho do Plano Municipal pela Primeira Infância;
- No próximo sábado – escuta do Comitê das Crianças pelo CECIP;
- Consolidação dos Indicadores no Observatório – cada área indicou 1 ou 2 representantes. Inicialmente foram 100 indicadores, alguns foram caindo. Agora será dado o passo da coleta, prazo até dia 16. Se possível colher dados anteriores. Ex.: Saúde trazer as informações do DATASUS;
- Verificar se é possível utilizar indicadores no Plano de Bairro; nesse momento 60 indicadores gerais – ser por bairro é ainda mais desafiador.

- 17/12/2020 – 14 participantes presentes

- Van Lear e Allma Hub



- Plano de Comunicação;
- Escutas locais: 14 cidades;
- Disso, surge o material – Conceito de Plantar – Programa PÉ DE INFÂNCIA;
- Criança pede "brincar, contar história e cantar";
- Olhinhos (mascotes) "estamos olhando para as crianças na cidade";
- Comunidade piloto – Jd. Fepasa: aplicação do conceito. A comunidade foi consultada. Líder comunitária (Fabiana).
- 3 fases na 1ª etapa - informar / instrumentalizar / engajar



- SITE: Jundiaí, *Cidade das Crianças*. (em construção): <https://jundiai.sp.gov.br/cidade-das-criancas/>;
- SITE: Primeira Infância

K) TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Como forma de garantir o anonimato dos participantes desta pesquisa, iremos identificá-los com a marcação que precede a transcrição.

CRIANÇAS DO “COMITÊ DAS CRIANÇAS” (CCC)

CCC-01

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 29/09/2020 – 18h

Entrevistada: 11 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Minha mãe foi quem me falou do Comitê das Crianças, me perguntou se eu queria participar. Eu nunca tinha ouvido falar, mas quis fazer a inscrição. Ela perguntou se eu tinha certeza e eu respondi que sim. Faço muitas atividades: jazz, escoteiro, coral da prefeitura..., gosto de estar ocupada, de pensar nos outros, de ajudar.

Para mim, tem sido bem legal participar do Comitê. Eu só conhecia uma criança que estuda na mesma escola que eu e agora já fiz várias amizades novas, gosto de estar com elas e de vocês também.

Penso que podemos melhorar questões como a poluição, o desmatamento... As florestas, os animais são importantes. Precisamos acabar com a caça aos animais. Outra coisa é que o saneamento básico devia ser para todo mundo. Seria bom se fosse. Não conheço ninguém que não tenha, mas estudei isso esse ano. A falta de saneamento é muito triste, causa doenças e devia ser um direito básico.

Uma reunião que ficou muito na minha memória foi aquela que falamos dos 95 cm (falando do Urban95). Pensamos em brinquedos e o que fazer para as crianças pequenas. Gosto das reuniões. Teve aquela que falamos de lixeiras, de jeitos diferentes para as pessoas jogarem o lixo no lugar certo.

Vale a pena participar, pois a gente tem a oportunidade de mudar a vida das pessoas que vivem na cidade. O Comitê é um grupo de crianças que tentam fazer isso, não só pelas crianças, mas pelos adultos também.

[illegible]

CCC-02

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 22/10/2020 – 18h30

Entrevistado: 10 anos – participante desde 2019

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Lá na escola fizeram um bilhete e eu vi que eu poderia participar de um sorteio para o Comitê das Crianças. Então me interessei. Achei legal e fui sorteado. Faço parte desde o ano passado.

Neste ano, tem sido online por causa do Corona vírus. Ano passado, a gente se sentava, conversava e tinha o caderno que anotava as ideias. Eu preferia quando era todo mundo junto, presencial, a gente saía um pouco, conversava, ficava um do lado do outro.

O que mais me marcou foi o dia que fomos até a Prefeitura entregar a carta para o prefeito. Era dia 11 de dezembro. Depois a gente foi conhecer a sala do prefeito e a passagem secreta.

Em todas as reuniões, a gente foi reunindo as ideias e na última fomos reunindo e fizemos a carta. São ideias para ajudar a cidade, às vezes, faltam coisas.

As crianças têm o que falar para os adultos, são criativas. Os adultos não conseguem pensar em coisas que às vezes as crianças conseguem.

O Comitê das Crianças é uma reunião onde as crianças reúnem ideias para dar para o prefeito de Jundiáí.

Uma cidade boa para a criança precisa ter diversão, lazer, estudo, moradias suficientes.

[illegible]

CCC-03

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 19/10/2020 – 16h30

Entrevistada: 10 anos – interessante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Em fevereiro, uns dez dias depois de termos começado as aulas, a diretora encaminhou um bilhete, explicando sobre o Comitê das Crianças. Chegando em casa, pedi para a minha mãe me inscrever. Depois de um tempo, a MCC-02 ligou para minha mãe dizendo que eu tinha sido sorteada.

Eu sabia mais ou menos o que faria no Comitê. As ideias que a gente dava seriam realizadas pelo prefeito, pelo menos algumas. Neste ano, está um pouco estranho, parece que a gente está falando em uma ligação, mas já estou ficando acostumada. A gente tem falado muito sobre o lixo, sobre as pessoas jogarem no chão, que é importante plantar árvores. Queremos até formar um grupo para plantar árvores. No dia que fomos visitar o Mundo das Crianças, conversei muito com a CCC-17, foi bem legal.

O Comitê das Crianças é um órgão que dá vez e voz para as crianças de Jundiá. A gente pode dar várias ideias para o prefeito realizar. Ainda não são todos os adultos que ouvem as crianças. As crianças precisam ser ouvidas porque não têm muita maldade e os adultos já têm. Acontece de os adultos darem risada do que as crianças falam, pois elas falam o que pensam, elas não travam, falam o que tem que falar, sai pela boca delas.

Aqui no meu bairro, muitas vezes as ligações telefônicas são muito ruins e a gente não consegue falar com as pessoas e toda hora fica travando. Também acho importante cuidar das praças e plantar mais árvores em Jundiaí. Muitas vezes, as pessoas derrubam as árvores ou colocam fogo. Seria bom plantar várias árvores com frutas para as pessoas poderem ir lá pegar as frutas frescas, bem gostosas. Uma cidade boa para as crianças também precisa ter brinquedos, como no Mundo das Crianças. Lá é muito criativo, vai ter uma casa na árvore, muito legal.

A criança precisa ter vez e voz na cidade.

[illegible]

CCC-04

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 28/09/2020 – 16h

Entrevistada: 10 anos – participante desde 2019

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu fiquei sabendo do Comitê das Crianças pela escola. Entregaram um papel e disseram que a gente podia participar do sorteio. Eu escolhi me inscrever porque achei que seria legal dar ideias de como melhorar a cidade para as crianças. Eu imaginava que a gente ia se reunir e ia conversar sobre isso, para ter uma cidade melhor.

Eu faço parte desde o ano passado. As ideias são diferentes: esse ano focamos mais na natureza e antes era mais na segurança e no lazer. Agora também está diferente porque temos as reuniões pela internet. Antes (2019) você olhava, você podia interagir, era melhor. Ficávamos reunidos todos no mesmo lugar, dava para brincar e conversar mais.

Eu lembro de algumas ideias que tivemos. No ano passado, por exemplo, falávamos de ter coisas mais coloridas na cidade, de fazer pinturas, brincadeiras, de deixar tudo mais bonito.

Estou no comitê de novo porque é legal conhecer pessoas novas, fazer amizades, poder ajudar a melhorar a cidade para todo mundo.

As crianças têm coisas a dizer: a cidade pode melhorar para que todos possam viver melhor, com coisas coloridas, mais árvores, mais lazer, para Jundiá se tornar uma cidade melhor para as crianças e para os adultos.

Depois que entrei para o Comitê, consigo conversar mais com as pessoas, eu sou menos tímida para falar.

[illegible]

CCC-05

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 10/10/2020 – 9h

Entrevistada: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Foi minha mãe que me inscreveu no sorteio para o Comitê. Teve um dia que ela me falou que tinha dado certo e que eu iria participar. Foi muito legal.

Eu achei que seria como está sendo mesmo, crianças conversando sobre a cidade. Agora que estou participando das reuniões, vejo os assuntos que podemos falar, dar nossas ideias... Não achei que seria pelo computador, mas tudo bem.

Antes não conhecia as outras crianças e agora uma das minhas grandes amigas é a CCC-18 do Comitê. A gente troca mensagens, falamos da escola, das nossas famílias. Foi bem legal poder ter essa amizade.

Lembro de muitas coisas que fizemos nas reuniões. Daquele dia que desenhamos um monstro que a gente ia colocando as partes. Também penso bastante nas árvores e nos animais, em onde jogar o lixo. Outro momento foi aquele dia que a gente falou dos talentos, lembra? Teve poesia, música, desenhos, brincadeira...

Os adultos nem sempre ouvem as crianças. Mas é importante, a gente pensa na cidade e quer falar sobre isso. Foi bem legal fazer aqueles desenhos sobre os brinquedos para os deficientes e ver que estão colocando em parques.

Eu diria que o comitê é um grupo de crianças que participa e conversa sobre muitas questões importantes para as crianças. Gosto de fazer parte.

[illegible]

CCC-06

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/11/2020 – 20h

Entrevistado: 9 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu não lembro muito. A prô disse que quem quisesse se inscrever, alguma coisa do prefeito, que a gente poderia mudar a cidade... Eu levei o papel para casa e perguntei para minha mãe. Então pensei: Ah, então eu posso mudar “aquilo” e eles podem acrescentar!

Hoje eu explico que o Comitê das Crianças é uma forma de ajudar nossa cidade e para dar oportunidade para as crianças falarem, porque nem todos escutam, porque é criança. As crianças soltam a imaginação e têm coisas importantes para falar para os adultos, como no Comitê.

A cidade pode ser melhor para as crianças tendo mais parques, lugares para correr, tem várias coisas, participação na escola. No Comitê é muito legal, é bom ouvir as ideias dos outros, o que têm a dizer. Sobre meus amigos do Comitê, tem dois que eu já conheci na vida real, que são as duas CCC-07 e CCC-20. Uma é da minha escola, só não da mesma classe; a outra é da minha igreja.

No Mundo da Criança tem muita coisa legal. Não quero falar todas porque ficaria aqui um ano. É muito grande! Tem a casa na árvore, o pula-pula... O pula-pula é feito de pneu. Uma coisa que eu não gostei é aquele lago que não pode nadar, aquele gigantão. O MCC-01 explicou que não vai poder. Que pena, é fundo! Daria para fazer pirueta. É para pessoas de 0 até... Adulto também deveria brincar. Eu falo para minha mãe, deixar um pouco o serviço da casa para ir aproveitar.

Se o que a gente vai propor for muito difícil, talvez não aconteça, mas se for possível... como, por exemplo, o xadrez gigante que eu falei.

As pessoas não ouvem as crianças, porque elas soltam a imaginação. Mas não dá para ter criança sem imaginação, não existe, é impossível... Porque se você imaginar muita coisa pode acontecer. Eu tenho muitos brinquedos, mas nem sempre eu brinco com eles. Meu pai comprou um teclado para mim, eu peguei a peça de isopor, umas tampas e construí. Fiquei brincando um tempão com isso.

[illegible]

CCC-07

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 14h30

Entrevistada: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu fiquei sabendo antes da pandemia. A diretora da minha escola falou que iria ter um comitê da Cidade das Crianças, que tinha uma idade certa para participar. Achei interessante e me inscrevi. A MCC-02 ligou para minha mãe, que estava no mercado, e falou que eu havia sido sorteada. Quando chegou em casa minha mãe me contou e eu fiquei super feliz.

O Comitê das Crianças são várias crianças que estão tentando melhorar a cidade, os parques, o que está ruim. A gente vai falando e pensando em maneiras de melhorar a cidade.

Eu lembro que começamos a falar sobre cachorros abandonados. Agora estamos pensando no que ter nos parques. Também teve a vez que a CCC-17 fez a brincadeira do monstro, que cada um desenhou o seu.

Acho legal conversar com as outras crianças. Têm opiniões diferentes e cada um vai tendo sua ideia, não precisa ser todo mundo igual.

Para ter uma cidade boa para as crianças é preciso ter diversão, brinquedos, para todas as idades, para todo mundo se divertir. Às vezes, eu brinco aqui perto de casa, onde vou andar de bicicleta. Uma vez, minha prima e eu fomos correndo e meu pai também.

Ainda tem muita coisa para melhorar na cidade. É preciso diminuir a poluição e que as pessoas se cuidem mais, usem máscara. Lembra que eu fiz um vídeo me apresentando, contando o que estou fazendo na quarentena? Também usei o TikTok para explicar como usar a proteção e que dá para nos divertir com ela também.

A criança pensa diferente dos adultos. Para mim, todo mundo precisa saber ouvir, para poder entender o que as crianças falam e responder as dúvidas.

Eu desejo que as crianças tenham coisas para se divertir, não só coisas para os adultos.

Conheço o CCC-06, ele também é da minha igreja. Também fiz amizade com a CCC-18, nós duas gostamos de um grupo de K-pop. Antes de começar as reuniões, a gente fica se falando e se conhecendo.

Se puder, quero muito continuar ano que vem no Comitê.

[illegible]

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 10/10/2020 – 10h30

Entrevistada: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Quem me inscreveu no sorteio para o Comitê foi minha mãe. Quando ela me contou eu fiquei feliz por eu ter chance de participar e quando chegou a notícia do resultado do sorteio fiquei ainda mais feliz.

Eu não tinha muita ideia do que seria. Mas agora que estou participando das reuniões, tenho gostado muito, porque eu posso opinar e dizer coisas para melhorar a cidade e ajudar as pessoas. Eu não conhecia as outras crianças do Comitê, mas tenho achado legal.

O Comitê tem várias crianças e nele todos os participantes podem falar e opinar, dando ideias para mudar a cidade. O que mais tem ficado na minha mente é quando falamos sobre as árvores, as plantas e os animais, a cidade verde. Esses são os assuntos que mais me interessam. Sugiro que as pessoas plantem no dia do seu aniversário várias árvores e plantas, e que haja um disque ajuda para animais abandonados.

Tem alguns adultos que ouvem as crianças, outros que acham que o que eles dizem é melhor. Mas não é só o que os adultos dizem que é importante. Por exemplo, meu irmão de 5 anos pode querer brincar em algum brinquedo e esse brinquedo pode estar quebrado ou nem existir. É preciso ter lugares para as crianças brincarem. Quem sabe mais parques em cada bairro, parques verdes com várias árvores, natureza, animais, passarinhos. As crianças poderiam brincar de esconde-esconde, pega-pega. Está vendo? A gente entende o que precisa.

O Comitê não é para falarmos umas coisinhas, para passar o tempo... Nós discutimos coisas importantes para a cidade, para as crianças, para os pequenos como meu irmão. Tem o conceito Urban95 que temos conversado. Quando termina a reunião, se falamos sobre algo que nunca eu tinha ouvido antes, vou lá pesquisar.

[illegible]

CCC-09

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 29/09/2020 – 18h

Entrevistado: 11 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu descobri sobre o Comitê das Crianças lá na escola, onde anunciaram o sorteio, e quis participar, porque eu sei que precisam mudar algumas coisas na cidade. Eu já conhecia a CCC-18 que já é do Comitê desde o ano passado que me explicou como funcionava.

Só não achei que seria online, achei que estaríamos conversando sobre o que iríamos fazer numa sala. Foi uma surpresa quando veio a quarentena e teve que ser assim, no computador.

Nas reuniões deste ano tivemos coisas diferentes, como, por exemplo, os saraus. Uma amiga do Comitê fez uma brincadeira, ia falando e a gente ia desenhando um monstro. Três olhos, orelhas pontudas, essas coisas. Foi bem legal!

Tem vezes que a gente conversa, tem vezes que a gente brinca um com outro, tem vezes que a gente pensa no que pode fazer. Também teve aquela vez que a gente teve que fazer um projeto com o que queríamos para os parques. Eu desenhei um gira-gira onde cadeirantes podem brincar, com rampa e trava de segurança para as rodas.

O Comitê é bom para a cidade, pode ajudar pensando nas pessoas, como a ideia do gira-gira que falei. Normalmente os adultos não escutam as crianças. Se um assaltante entra na casa e quebra um vaso, por exemplo, e a criança conta a história, é capaz de não acreditarem e acharem que própria criança fez isso jogando bola. É preciso que os adultos levem mais em conta o que as crianças dizem.

Não sei o que daria para mudar no Comitê das Crianças, acho que até funciona bem. A gente vai criando afinidade para ir falando, contando as ideias. Para melhorar a cidade, daria para plantar mais árvores, assim toda vez que passássemos pelo lugar lembraríamos que fomos nós que fizemos a plantação.

Deixo uma mensagem para que todos participem e possam ajudar a melhorar a cidade também.

[illegible]

CCC-10

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 09/10/2020 – 9h

Entrevistado: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Lá no comecinho do ano, minha mãe veio dizendo que estava tendo inscrição para o Comitê das Crianças. Eu não sabia bem o que era isso. Ela me explicou que era para melhorar nossa cidade e se podia me inscrever. Disse a ela que podia, mas que seria difícil, pois eram muitas pessoas concorrendo. Mesmo assim, achamos que seria legal tentar. No final das contas, não é que deu meu nome, eu estava assistindo e vi o sorteio. Mesmo não sabendo muito o que era, vi o incentivo da minha mãe, que ela queria que eu participasse. E deu certo, né.

Eu pensava que seria diferente, que a gente iria para as reuniões, que poderíamos olhar um para o outro, não que seria pela internet. É meio ruim para falar a verdade, a pessoa lá na casa dela, eu aqui na minha, a gente não consegue interagir mesmo. É bom ter os amigos, poder se encontrar ao vivo.

A gente fala bastante sobre a natureza, sobre a mata e tudo mais. Eu acho que a gente vai deixar contribuições para a cidade, pelo menos eu espero que sim, que as coisas que precisam sejam feitas.

Os adultos deviam escutar mais as crianças. Mesmo que eles façam isso, muitas vezes pensam: Ah, as crianças não sabem nada, os adultos é que sabem. E as crianças têm muito a contribuir, é só ver tudo o que temos falado no Comitê.

Eu tenho um irmão autista e penso muito nele. Em ter espaços mais adequados para ele poder brincar, correr, se divertir.

O Comitê das Crianças de Jundiaí quer ajudar a cidade e espero que possamos melhorá-la.

[illegible]

CCC-11

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 03/10/2020 – 10h

Entrevistada: 11 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu fiquei sabendo do Comitê das Crianças pela escola, minha professora que falou. Mais umas três crianças da minha sala também se interessaram. Eu quis fazer a inscrição para poder falar sobre as minhas ideias, como eu penso, para melhorar a cidade. Para mim, seria isso, me reunir com as crianças para falar sobre a cidade.

Eu lembro de algumas ideias que fizemos, do desenho que mostrei para todos, era a figura de uma moça. Gosto de desenhar porque assim consigo mostrar minha criatividade. Também teve dias que falamos sobre modos de melhorar onde vivemos, como plantando árvores e pensando nos serviços públicos. Por exemplo, a saúde pública, o Hospital São Vicente. Todas as pessoas deviam ter esse acesso.

As crianças têm o que falar e precisam ser ouvidas. A gente já falou sobre as lixeiras, de melhorar os pontos de ônibus. Gosto de participar do Comitê das Criança para pensar em tudo isso.

Se alguém me perguntar sobre ele, vou dizer que a gente fala sobre a cidade e procura jeitos de melhorá-la.

[illegible]

CCC-12

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 20h

Entrevistado: 11 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Minha mãe viu no site da prefeitura sobre o Comitê das Crianças e quis que eu fizesse a inscrição. Achei que seria bem divertido participar. Foi interessante quando soube que as reuniões seriam pelo computador.

O Comitê das Crianças é um lugar onde você conversa sobre como melhorar a cidade para todo mundo, onde você interage com as crianças para fazer mudanças.

Eu lembro daquele dia que fizemos o Desenho Guiado, foi bem divertido. Teve também a oficina com o Daniel do Arte Ataque que gostei muito.

Conversamos sobre vários assuntos importantes, como o plantio de árvores. É importante para ter um ar melhor para respirar. Aqui em frente de casa tem um terreno e quando construíram o muro cortaram as árvores. Eu percebi que o ar ficou diferente, ficou mais quente também. Imagina numa cidade sem árvores.

Lá no Mundo das Crianças, gostei muito da parte da fonte e da piscina. Ficou legal também aquela parte feita de pneu, aquele pula-pula. Vai ser muito bom quando ficar pronto. Tem muitas árvores lá.

Os adultos ouvem pouco as crianças. Temos algumas ideias legais para dar para os adultos. Numa cidade boa para as crianças precisa ter parques e lugares para brincar. Algumas ruas são muito movimentadas.

Algumas brincadeiras não mudaram, como pular corda, amarelinha... Essas se mantiveram.

Espero que as pessoas ouçam mais as crianças.

E que as crianças brinquem bastante e estudem.

[illegible]

CCC-13

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 15h30

Entrevistada: 10 anos – participante desde 2019

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu fiquei sabendo do Comitê das Crianças lá na escola. Então me chamaram.

No comitê, as crianças conversam e vão decidindo melhorias para a cidade.

Ano passado, nós visitamos um museu. Foi bem legal. Também fomos no teatro.

Fiz amigos no comitê. Nas reuniões a gente também brincava.

Teve uma vez que fizemos aviões de papel e brincou para ver qual ia mais alto.

Tem sido diferente ver as crianças só no celular. Era mais legal quando era na sala. Lá era todo mundo junto. Muito melhor.

Ano passado a gente deu a sugestão que tivesse uma praça em cada bairro, com iluminação, banco para sentar e brincadeira no chão para as crianças.

Alguns adultos sabem ouvir as crianças. Outros não.

Eles precisavam escutar, porque as crianças têm boas ideias.

Para uma cidade ser boa para as crianças é preciso ter espaço para brincar, com cores, diversão. Também é importante ter segurança. Normalmente, eu brinco na escola, nas praças e parques.

[illegible]

CCC-14

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 23/10/2020 – 17h30

Entrevistado: 10 anos – ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Como eu fiquei sabendo sobre o Comitê das Crianças? Um dia lá na escola, a diretora chegou na classe com um envelope e deu para minha professora. A professora explicou que eram as folhas para a inscrição para o Comitê com todas as informações. Eu me inscrevi e consegui.

Na hora imaginei que seria eu e mais algumas crianças discutindo e falando o que pensamos sobre a cidade. E é exatamente isso. Bem legal! Uma coisa, só de falar do Comitê que eu sempre lembro, é que parecia que toda reunião a gente discutia sobre natureza, que tudo gira sobre esse tema. Quase isso mesmo que acontece. Sem a natureza a gente não tem quase nada. Pensando assim: os peixes comem as algas, se as algas não existissem os peixes também não e a gente não poderia comer os peixes. A gente precisa discutir bastante sobre isso. O mundo não gira em volta da gente. É o que falam muito em filmes como Wall.e que mostra a Terra virando um grande lixo.

Uma coisa que sempre penso, que quando estou andando de carro, que se eu fosse prefeito faria algumas mudanças. Na hora me vêm algumas ideias. Talvez pudesse ter uma horta para a cidade, talvez ajudaria. Na escola, tivemos que fazer uma atividade sobre cidade planejada. Baseado no que eu aprendi sobre o que é preciso para proteger a natureza, pensei que em volta da cidade haveria um grande muro de vegetação, seriam várias árvores que poderiam garantir um bom ar, as indústrias ficariam do outro lado, e a cidade seria abastecida por energia eólica e também hidráulica. Se houvesse aumento do imposto da cidade e com este dinheiro a gente poderia fazer hospital, escola, educação, coisas desse tipo, fazer com que os cidadãos da cidade não se preocupassem tanto. Não pode faltar educação, é o principal. Se a gente não for para a escola a gente não consegue ler e escrever, e não teremos possibilidade de emprego e de trabalho, nossa possibilidade acaba sendo muito menor. A pessoa que tem um bom ensino, vou usar uma expressão dos meus pais, tem um leque de possibilidades. Uma pessoa que teve um bom ensino poderia ser até um astronauta.

A cidade precisa ter bastante natureza e parques que emprestassem bicicletas, lugares bem voltados para as crianças. Lá na Praia Grande, tem um prédio público que tem aula de judô, de ballet, tem um lugar para idosos... E se tivesse uma área no Mundo das Crianças, uma escola de esportes e artes. Vamos pensar nas pessoas que moram na rua, uma menina resolve que quer dançar ballet, mas nas condições que ela vive não teria como. Um lugar que oferecesse isso a todos, não só para aqueles que têm dinheiro, de um jeito gratuito. Que todos pudessem ter oportunidade de fazer o que gostam. Adolescente ou criança, menino ou menina. Que todos possam ter chance.

É uma coisa bem difícil de falar. Por exemplo, os professores, a profissão deles é escutar, é escutar para melhorar. Se eles não souberem escutar, aqueles professores não vão conseguir ter uma boa relação e dar uma boa aula. Os pais poderiam ouvir mais as crianças. É difícil falar porque eu não sei como é na casa dos outros, mas

acho importante que os adultos ouçam as crianças. Os desenhos também refletem muito. Muitos adultos têm a visão que se não tiverem dinheiro, não conseguirão sustentar a família... As crianças como não têm essa preocupação podem se preocupar com assuntos que os adultos nem ligam tanto, como um cachorro perdido na rua. As crianças, por não terem tantas preocupações, podem se dedicar aos estudos, se divertir. Muitos pais têm que mandar os filhos irem estudar, meus pais priorizam a brincadeira. As crianças precisam se divertir bastante. Os adultos precisam se exercitar, ir para a academia. A academia para a criança é o próprio quintal. Dá sim para brincar, é uma coisa bem séria.

Para as pessoas que ainda não ouvem as crianças, é como parar de fumar, é um longo caminho. Para aprender a escutar as crianças também, porque até se entender que as crianças têm razão em muitas coisas que pensam. E isso em todas as relações, no trabalho, no lazer... Uma criança sempre terá uma opinião sobre diversos assuntos. Deem uma chance, a vida pode ficar muito melhor.

[illegible]

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 21/10/2020 – 13h30

Entrevistado: 10 anos – ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu soube do Comitê das Crianças vendo num site e mostrei para minha mãe, achei bacana a ideia dela me inscrever. Quando fui sorteado tive uma grande emoção de poder participar.

O Comitê é um grupo de crianças que trazem ideias para discutir umas com as outras.

Lembro de falarmos sobre o plantio de árvores e de irmos ao Mundo das Crianças. Nesse dia, do parque, foi mais divertido, ver o pessoal do Comitê pessoalmente, não pelo vídeo, não de maneira online. Como o vírus está por aí, não é possível ser sempre assim, presencialmente. Gostei de tudo do Mundo das Crianças, mas teve uma parte que gostei mais: a feita com pneu triturado para amortecer a queda, para as crianças pularem, brincarem; também tinham ‘pedras’ enormes de um material parecido.

Outro momento que também me marcou foi o projeto de brinquedos para crianças deficientes. Pediram para que nós criássemos brinquedos para crianças deficientes, cadeirantes, pessoas comuns. Então vimos no grupo um site com algumas ideias. Achei bem bacana, porque muitas vezes os cadeirantes não conseguem brincar junto com os outros, nos mesmos brinquedos. Na verdade, é importante estar junto, não importa o que ela é, mas o que ela faz. Não importa ela ser branca, negra, cadeirante, usuário de muleta, sem a perna..., se ela for humilde e educada.

Na minha opinião, eu acho que os adultos ouvem as crianças, mas precisam melhorar. O parque, por exemplo, tem tudo o que é preciso: espaço, brinquedo, água, material diferente. As crianças vão poder brincar muito lá. E os adultos também. Eu brinco de videogame, de carrinho... Tenho um que anda sobre trilhos. Gosto muito de correr e de nadar. É mais legal brincar com outras crianças.

As crianças têm o que falar, quase todas são sinceras, têm muito carinho e fornecem informações importantes. É preciso dar moral para as crianças.

[illegible]

CCC-16

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 14/10/2020 – 14h

Entrevistada: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Quem me incentivou a fazer a inscrição para o Comitê das Crianças foi minha mãe. Quando vi que meu nome tinha sido sorteado, fiquei muito feliz em participar. Eu imaginei as reuniões como elas têm sido, a gente conversando sobre coisas para ajudar a cidade, como não jogar lixo na rua ou fazer queimadas na mata.

Eu lembro de uma reunião que a gente falou tudo isso, sobre a poluição, sobre o lixo e os cuidados com a natureza.

Também tenho feito desenhos para o Comitê. Fiz alguns sobre a prevenção do Corona Vírus, dizendo que é importante lavar as mãos.

Nem sempre os adultos não ouvem as crianças. Quando eles estão em alguns compromissos não prestam muita atenção. Mas nós crianças queremos falar também. Temos pensado muito em como ajudar as crianças em Jundiaí no Comitê.

Tenho 4 irmãos: Leandro (7 anos), Lucas (5 anos), a Lorena (3 anos), Ryan (8 meses), todas crianças. A cidade precisa ser boa para todos eles também.

Para poder ser criança e ser feliz, a gente quer brincar. Para isso, é preciso mais segurança.

Gosto muito de brincar, de esconde-esconde, pega-pega, andar de bicicleta. Fomos visitar o Mundo das Crianças e vi quadras, amarelinhas, gostei muito dos lugares com água.

Quero que as crianças brinquem muito, com os pais, os irmãos, os primos, façam amigos.

No Comitê, eu já conhecia a CCC-11 e a CCC-17. Às vezes, a gente se fala até sobre brincadeiras para as crianças.

[illegible]

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 16h

Entrevistada: 10 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Soube do Comitê das Crianças na escola. A professora disse que ia ter a inscrição. Minha mãe, quando soube, me incentivou e me inscreveu. Não imaginava como seria.

Agora participando, eu aprendi muitas coisas. Aprendi sobre a natureza que meus amigos falam muito.

Se uma amiga me perguntasse sobre o Comitê, eu diria que faço parte e que a gente vai falando sobre assuntos a melhorar para as crianças.

Marcou bastante aquele dia que eu fiz o Desenho Guiado do monstro com as crianças do Comitê. A gente não precisa ser igual todo mundo. Cada um pode ser do seu jeito. Cada monstro era diferente. Meus amigos do Comitê são legais.

Achei que a teríamos encontros presenciais, com mesas e cadeiras. Mas foi diferente e a gente tem se falado no computador.

As crianças são ouvidas pelos adultos, a gente vai falando e convencendo.

Cuidar da natureza, não jogar lixo na rua, seria bom usar mais sacolas reutilizáveis no mercado. São algumas ideias. Aqui na frente de casa, têm dois tucanos. Um dia peguei um passarinho atrás do micro-ondas, eu soltei ele e ele voltou alguns dias para nos visitar.

Gostei que lá no Mundo das Crianças vai ter casinha na árvore. Os passarinhos vão poder nos visitar lá também.

É bom escutar as crianças, nós temos muitas ideias.

[illegible]

CCC-18

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 13h30

Entrevistada: 11 anos – participante desde 2019

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu pedi para minha avó preencher a ficha e eu fui sorteada para participar do Comitê das Crianças. Eu quis continuar este ano, porque eu imaginei que voltando, eu teria boas chances de ter ideias melhores sobre o que as crianças precisam.

As reuniões do ano passado aconteciam na Sala dos Relógios. Desde o primeiro dia já foi legal. A gente misturava o trabalho com brincadeiras. Fizemos aviões de papel e colocamos ideias dentro. Também teve o dia da dobradura. Fomos visitar o museu. Foi bem divertido conhecer. Tinham reuniões em vários lugares da cidade: Pinacoteca, Teatro, Museu da Ferrovia.

Quando a gente foi ver uma peça no Teatro Polytheama, sentei na primeira fila. Foi um máximo poder apresentar o Comitê para tanta gente. Um amigo meu falou que viu meu nome inteiro na tela do teatro com uma imagem minha. Eu não acreditava.

As reuniões deste ano têm sido pelo Zoom. Não podemos ficar perto uns dos outros por causa da Covid-19. A gente tem feito menos brincadeiras, a reunião tem o mesmo tempo. Temos discutindo bastante. Eu prefiro pessoalmente, porque a gente pode conversar com mais calma, brincar e é legal poder ver os amigos. O Comitê, além da escola, são os lugares que faço novas amizades.

Já falamos sobre as pinturas das paredes serem mais coloridas, mais iluminação e câmeras na frente da escola. Também falamos sobre ter mais árvores e árvores são divertidas, quando crescem podemos subir nelas. Eu fui em um aniversário de uma amiga e tinha uma árvore enorme, a gente ia escalando e subindo. Muito legal.

As pessoas deviam ter cuidado com as árvores. Uma vez, achei um pote de xampu deste tamanho preso numa árvore. As pessoas jogam muito lixo.

Nós entregamos uma carta com nossas ideias para o prefeito, ideias para deixar crianças, adolescentes mais felizes. É como diz o lema do projeto: “Uma cidade boa para a criança é uma cidade boa para todo mundo”. Ano passado foi bom.

Demora um pouco para ver as mudanças que a gente sugeriu.

Normalmente, os adultos não ouvem as crianças. Quando a criança dá uma ideia, muitas vezes o adulto ignora. E quando dá certo acha que foi sorte, não pensa que foi uma boa ideia. Mas têm as exceções, adultos que escutam as crianças, os filhos, os netos. Mas tem aqueles que sempre acham que as crianças estão erradas, porque não têm idade e acabam as diminuindo.

CCC-19

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 04/11/2020 – 15h30

Entrevistada: 10 anos – interessante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu descobri sobre o Comitê pela escola. Eu já estava com uma pulga atrás da orelha e enchendo o saco da minha mãe. Eu fiquei um bom tempo enchendo o saco dela para me inscrever. E foi na sorte mesmo. Na escola, me falaram que cada criança iria representar um local da nossa cidade para ver o que falta em cada canto.

Eu falo que cada criança do Comitê fala sobre a cidade, o que precisa em seu canto, o que precisa na pracinha perto da casa delas.

Eu fiz uma amiga no Comitê, a CCC-18. A gente se fala bastante, às vezes pelo Whatsapp. A gente já fez até lições da escola juntas.

Também teve o dia que a gente fez um monstinho. Foi legal porque a gente conversou mais, interagiu mais. Foi legal aquele dia. Fiz uma monstinha que era medrosa, tinha bastante amigos.

Tem sido bem legal fazer parte do Comitê. Eu gosto bastante. Não vejo o que melhorar, acho bom assim.

Para mim, achei que a gente ia se ver, não assim se vendo pelas chamadas. É bem diferente do que presencialmente.

Do Mundo das Crianças gostei muito. Tem Le Parkour, parede de escalada... Tudo o que uma criança gosta.

Tem adultos que não tem paciência para escutar as crianças. As crianças têm coisas legais para falar e importantes também.

Quando penso numa cidade boa, penso em coleta de lixo, que não tenha poluição, que as crianças se divirtam melhor, que não tenham pessoas para machucar, abusadores, ladrões...

Acho que as crianças devem se divertir e aproveitar muito, é melhor que ser adulto.

[illegible]

CCC-20

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 11/12/2020 – 19h

Entrevistada: 11 anos – ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu estudo em escola pública. Minha professora passou uma fichinha para a gente poder participar. Ela falou que era importante a gente participar da política, falou que a política também precisa das crianças. Muitas crianças preferiram não e eu decidi participar. Depois de uns meses, eu descobri que eu tinha ganhado. Eu nem sabia se ia dar, a professora tinha dito que muita gente queria participar.

O Comitê é as crianças participando da política, falando as ideias para a cidade e mostrando o jeito que seria melhor com as crianças.

Seria diferente se fosse presencial, a gente mostraria mais o jeito que seria, porque na tela a gente não consegue explicar direito, às vezes corta, trava...

Das reuniões, eu lembro das ideias que a gente precisava para as ruas e bairros. Eu gostei de poder pensar na nossa rua... Por exemplo, eu não consigo ver o que acontece lá no Caxambu, nessas ruas mais distantes, porque eu moro na Vila Progresso. Eu gostei disso, porque a gente ia ver o que acontecia nas outras ruas.

Tem tanta coisa para mudar a cidade... Eu acho que deveria ter mais organização com o lixo, a reciclagem..., cuidar da água, porque tem muitos rios que são sujos..., ter mais espaços pet, mais parques, mais árvores. Tudo isso que eu disse é importante para todo mundo não só para as crianças.

Eu queria que tivéssemos parques e praças melhores, que tivessem mais reforma, com brinquedos, passagem para bicicleta e para deficientes, que dá para os dois, que é aquela rampinha.

Eu diria que, quando eu não estava no Comitê das Crianças, que os adultos não dão muita importância para o que as crianças dizem, mas agora, que a gente está indo em vários lugares para plantar árvores e ver os parques, dar nossas opiniões e ideias, eu acho que agora sim, a gente é ouvido.

A gente tem o que falar. Meu pai é do mundo da economia e eu sou do mundo da tecnologia. A gente pode trocar e se ajudar.

[illegible]

CCC-21

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 09/10/2020 – 10h30

Entrevistado: 11 anos – participante ingressante

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: seu interesse em se inscrever para o Comitê e em continuar nele, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu vi sobre o Comitê no jornal e fui incentivado pelo Adilson Rosa, um amigo da família, a participar. Na matéria que falava sobre o projeto Cidade das Crianças, vi um link do sorteio para o Comitê.

É muito legal participar das reuniões. A gente sempre dá ideias e agora tenho visto algumas coisas serem colocadas em prática em relação às melhorias para cidade, como a instalação de brinquedos para deficientes.

Os adultos ouvirem as crianças é novo. É importante que nos escutem, pois temos muita criatividade e ideias que podem ajudar a pensar de uma outra maneira.

No Comitê, as crianças dão muitas opiniões para ajudar a cidade e dar melhorias. Tem sido muito legal participar e conhecer pessoas novas. Eu lembro de a gente conversar sobre o Corona Vírus e pensar nos cuidados para sair de casa. Fizemos vários desenhos e vídeos sobre isso. Também teve as reuniões em que falamos sobre os brinquedos para deficientes.

Quero nas próximas reuniões falar sobre a UPA que é um mini hospital. Aqui perto de casa tem uma obra começada que precisa continuar.

Se eu puder deixar uma mensagem, diria para as crianças participarem do Comitê de Jundiáí. Se os adultos não te escutarem, continuem insistindo, porque em algum momento alguém vai ouvir o que você tem a dizer.

[illegible]

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 07/11/2020 – 11h30

Entrevistado: 11 anos – participante desde 2019

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: 1. Que lugares do bairro ele mais gosta. Por quê?

2. Do que ele não gosta? Por quê?

3. O que ele gostaria de tivesse no bairro?

4. *Que lugares ele costuma frequentar no bairro?*

5. Como esses lugares poderiam ser melhores?

6. Como ele se desloca para a escola? E para os outros lugares (mercado, igreja)?

7. Ele tem contato com a natureza? Onde?

8. Ele brinca na rua? Onde?

9. Anda de bicicleta? Onde?

10. Os pais deixam brincar com os amigos na rua?

- Onde mora e estuda..

Eu estudo e moro no bairro do Novo Horizonte.

Onde eu mais vou é no parquinho que tem no bairro. Fica na avenida da escola, um pouquinho para frente. Também vou bastante no mercado e na papelaria.

O que eu não gosto no bairro é dos buracos.

Ando bastante de bicicleta. Eu pego na minha rua vou até o final, pego a avenida e vou reto para chegar na escola. Nesse caminho, eu encontro bastantes caminhões parados e, às vezes, tenho até medo. Para esse caminho ser melhor é preciso tirar os caminhões e melhorar os buracos.

Eu costumo brincar na rua com meus amigos dependendo do horário. De sábado, nesse horário, eu não posso sair, porque como tem feira agora, minha rua é bem movimentada. Tem carro, caminhão, ônibus... Quase ninguém sai para a rua por segurança.

Nos outros dias, a gente joga futebol, esconde-esconde, pega-pega... Tudo na rua. Às vezes, a gente pega as bicicletas e, bem raro, a gente vai para a rua de trás. Tem pessoas que a mãe não deixa por segurança.

Na minha rua, indo reto, tem um lugar que é só mato. Às vezes, a gente vai lá e dá uma andadinha lá no meio. A gente vai, pega alguns lixos que tem gente que joga... Papel de salgadinho, garrafa pet, papelão... É uma falta de respeito, porque como é perto do rio, qualquer coisinha alaga. Agora deu uma amenizada porque colocaram três lixeiras na rua.

Acho que precisava ter Unidade de Saúde perto. Hoje é lá no Almerinda. Eu tenho um irmão que é cadeirante e é difícil. Ele só fala umas coisinhas, como “mãe, tata...”, mas só isso mesmo. Tipo agora, está muito sol para ele, então quando o sol dá uma baixada, a gente ou vai de carro ou dá uma andadinha com ele na rua mesmo. Tem bastante buraco, o mato ocupa a calçada, tem muito caminhão parado na avenida...

[illegible]

RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS DO “COMITÊ DAS CRIANÇAS” (RCC)

RCC-01

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 29/09/2020 – 19h

Entrevistada: mãe de CCC-01

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Sou funcionária pública e recebo no e-mail várias comunicações. A CCC-01 é muito ativa, gosta de ter muitas programações, gosta de tomar decisões, de ajudar. Quando vi, logo pensei nela, ela é bem comunicativa.

Conheço o Projeto Cidade das Crianças pelo que acompanho nas mídias. Já vi as reportagens sobre o Comitê, tinha uma ideia de como eram as reuniões pelas que aconteceram ano passado. Pena que veio a pandemia e precisou ser tudo online.

Penso que o Comitê das Crianças, enquanto ação no município, é extremamente importante, porque coloca as crianças em evidência e ensina a elas que podem tomar decisões e querer uma cidade melhor, porque é o futuro delas, não só para as crianças, mas para todos. Elas vão crescendo acreditando que podem fazer, tentar mudar, levar propostas, ideias. É bem interessante.

O Comitê incentiva a criança a participar de ações e mostra que mudanças podem acontecer. Tentando melhorar o bairro, a cidade, só temos a crescer.

Quando eu era criança, a gente não tinha acesso a nada. As crianças nunca estavam em evidência, era muito diferente de hoje.

A CCC-01 gosta muito de participar. Fica animada com as propostas, de fazer os desenhos, de pensar nas questões. Sempre estou por perto durante as reuniões, mas quando não, ela sempre conta o que está acontecendo e ao que estão se dedicando.

Acho importante incentivar que as crianças tenham esse espaço de comunicação e expressem suas ideias. Ela já fez desenhos, música, tem sempre algo a falar. Realmente é bastante ativa e participativa.

[illegible]

RCC-02

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 22/10/2020 – 18h30

Entrevistada: mãe de CCC-02

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Ele estuda numa escola particular. Não sei se foi igual para as escolas públicas, mas não teve muita divulgação. Veio um bilhete na agenda, falando que haveria o Comitê e que a criança que quisesse participar que haveria um sorteio. Tinha uma explicação de como seria. No dia, perguntei a ele se gostaria de participar. Ele perguntou: “Mas o que é, mãe?”. Expliquei pelo que eu tinha entendido do bilhete e ele quis se inscrever. Depois a coordenadora da escola avisou que ele havia sido sorteado e que seria um dos representantes da região 4, moramos no Eloy Chaves. O pessoal da escola ficou super feliz. É uma escola pequena, eu já trabalhei nela, continuo amiga da dona da escola e da coordenadora. Elas disseram que isso é a cara do CCC-02, pois ele é muito questionador, falante, se ele não entende ou não concorda, ele opina na escola.

Em 2019, as reuniões eram presenciais. Ele faz parte desde a primeira turma. Alguma criança deve ter desistido e ele fez parte de uma segunda chamada. Quando o CCC-02 começou já havia tido a primeira e a segunda reunião. No primeiro dia, nós o levamos no Complexo Fepasa. Ele chegou meio tímido. A MCC-02 nos recebeu, ele ganhou a camiseta para colocar o nome. E desde então ele vem participando.

Achei muito interessante essa participação, porque ele teve a oportunidade de ampliar a parte cultural sobre a cidade. Meu avô é um jundiaense que tem paixão pelos pontos da cidade. Agora o CCC-02 conversa com o bisavô sobre os lugares que visitou com o Comitê (Polytheama, Pinacoteca, Museu ferroviário). Ele ganhou o Passaporte (Guardiões do Patrimônio) no ano passado e fomos no Gabinete de Leitura e em outros pontos. A família acabou se envolvendo. O museu Solar do Barão ele já conhecia da época dos presépios, mas pode na visita conhecer os jardins. E a escola também deu oportunidade para ele compartilhar e comentar sobre os pontos que conheceu. Levou o passaporte para os colegas da classe verem. O CCC-02 já um guardião do patrimônio, fez o juramento e já recebeu o boton. A escola também sempre oportunizava espaço para que ele comentasse sobre as reuniões do Comitê, como estavam sendo.

Quando o pessoal que me pergunta sobre Comitê, explico que é um grupo de crianças da cidade que trocam ideias e fazem os questionamentos orientados pelos responsáveis da cultura. Eu até fiquei surpresa com o momento que o CCC-02 escolheu como marcante, o dia da entrega da carta na Prefeitura. Outro momento também que ficou foi o dia, no início deste ano, em que a cápsula do tempo foi enterrada. Muito importante! Daqui 10 anos será aberta e vai ser possível um encontro dos participantes para ver como estará a cidade. Para mim, o que achei mais legal foi a ideia da cápsula.

Eu gosto muito de Jundiaí. Já acho uma cidade muito boa para se viver. Mas tudo pode melhorar. Espero que seja uma cidade com boa estrutura de educação, de lazer para as crianças terem oportunidade com a família. Às vezes o lazer privado, um shopping, um cinema... acaba sendo muito caro. Sei que nem toda família tem condição para isso. A cidade proporcionando esses momentos culturais gratuitos acaba ampliando a educação e o contato. Outro lugar é a biblioteca municipal. Quando pequeno, levava sempre o CCC-02. Nos sábados havia contação de história. Ele ficava brincando com brinquedos pedagógicos, vendo os livros. Eu sempre comentei, é

A minha infância foi mais de brincadeiras na rua. Eu morava na região do Retiro e não tinha tanto carro passando. Minha rua era uma rua de bairro, sem tanto movimento. Era o tempo todo brincando com os amigos da rua, brincando em grupo de crianças. A gente tinha mais essa liberdade e menos acesso às tecnologias. Na adolescência, já começaram timidamente os celulares, mas não era todo mundo que tinha. Meu pai comprou um computador, mas a internet era discada. Em casa, a gente podia usar de sábado. Tem toda essa diferença dessa nova geração. Hoje moramos numa rua aqui no Eloy Chaves, sem crianças, o CCC-02 não pode sair para brincar. A gente fica receoso pelos perigos, o movimento de carros é maior. A gente não mora em condomínio. O contato que ele tem com os amigos acaba sendo pelos jogos online ou quando vem alguém brincar aqui dentro de casa. Hoje tudo é mais voltado para as tecnologias. Tem o lado positivo e tem o lado negativo. Eles sabem mexer muito melhor do que a gente qualquer ferramenta, qualquer plataforma. Eles têm toda essa facilidade, mas também perderam esse brilho que eram as brincadeiras mais tradicionais, jogar amarelinha, queimada... deixaram de ter esses momentos na rua.

Pelo Comitê, além de toda a parte cultural que eu já mencionei, o pensamento crítico também pode ser desenvolvido. As crianças começam a pensar o que a cidade precisa, de quem a gente precisa cobrar essa melhoria, porque é um direito da criança e do cidadão. Desenvolve o pensamento lógico e o trabalho em equipe, não é ele sozinho que decide, é um grupo de crianças. Há uma troca de ideias, uma fala uma coisa, o outro complementa. Esse trabalho em equipe acaba contribuindo para a vida dele, porque a gente não é um ser único, a gente vive em grupo e precisa ser em coletivo. No Comitê, eles conversando entre si, mesmo que online, também tem sido uma experiência. O CCC-02 teve a oportunidade das duas experiências, presencial e online.

Esse ano ficou faltando um pouco, por conta de tudo o que aconteceu. Tudo que é rotina, acaba ficando mais entediante. Sugiro que quando puder voltar a ser presencial, que cada reunião seja num ponto diferente da cidade. Eles tiveram, no ano passado, encontros na Pinacoteca, no Polytheama, na Prefeitura, no Parque da Uva... Com certeza, nos próximos, haverá encontros no parque para que eles possam participar. Cada reunião em um lugar diferente para as crianças não cansarem.

[illegible]

RCC-03

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 19/10/2020 – 16h30

Entrevistada: mãe de CCC-03

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

A CCC-03 chegou bastante empolgada em casa, pedindo para inscrevê-la no Comitê. Eu mesma nunca havia ouvido falar e pedi que ela me explicasse. Ela me entregou o papel que a escola havia enviado, falando o que significava e a proposta geral. Tudo isso me incentivou a inscrevê-la. Como ela é desinibida, o pai também apoiou a ideia, fui na empolgação. Ela acabou sendo sorteada.

Eu não acompanho as reuniões, porque eu trabalho e deixo essa responsabilidade para ela. Além disso, nunca me pediram que acompanhasse, então deixo ela bem à vontade. Converso bem pouco com ela sobre as reuniões, mas percebi que ela ficou bastante empolgada com a ideia de plantar árvores. Ela até quis plantar aqui na nossa calçada, mas morreu.

Depois que a CCC-03 começo a participar do Comitê, vi que é um projeto novo, que começou em 2018. Que é para as crianças levarem as ideias para construir uma cidade melhor. O Comitê ajuda a dar voz às crianças para que elas levantarem propostas serem levadas aos órgãos que tenta chegar até o prefeito para que tentem que saiam do papel.

A minha infância foi bem diferente da infância da CCC-03. Hoje em dia a educação valoriza mais as crianças. Antigamente, as crianças iam para a escola, estudavam dentro das salas de aula, mal podiam falar, porque era tudo ditado, cheio de regras. Só os adultos que faziam as regras e as crianças precisaram seguir. Hoje em dia não, há uma liberdade maior para as crianças. Elas podem levar propostas e não estão sendo tão cobrada como antigamente, elas conseguem demonstrar que são capazes de passar alguma coisa boa para a comunidade em que elas vivem. Elas têm esse direito, são mais inocentes, na maneira como elas tentam passar, os adultos podem sim tirar algo de bom.

É preciso valorizar a voz das crianças. Ainda é um projeto novo, mas a criança é sim capaz de dar ideias positivas para construir uma comunidade melhor.

[illegible]

RCC-04

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 28/09/2020 – 16h

Entrevistada: mãe de CCC-04

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu não sabia do Comitê. A CCC-04, por ela mesma, se inscreveu. Ela recebeu as informações da escola. Como era a primeira vez que acontecia, ninguém sabia muito bem como iria funcionar, mas a professora falou o que ela imaginava que seria. Então foi iniciativa dela mesma, da CCC-04. Ela é muito inteligente, mas sempre teve muita vergonha para falar. Com o Comitê, ela ficou mais aberta, consegue falar melhor. Para ela foi ótimo!

Eu também não sabia o que seria, descobrimos depois o quanto a opinião das crianças é importante para a cidade.

No Comitê, as crianças podem falar realmente das ideias delas, o adulto não vai lá e muda. Tudo o que vão falando vai sendo anotado, elas se sentem ouvidas. Geralmente não é assim: é o adulto que manda na criança. Dessa vez não, a opinião delas é ouvida. É tanto assim que o meu filho de 5 anos, já diz ser do Comitê.

No presencial, as crianças podem participar melhor. Nas reuniões pelo computador, acho que elas perdem um pouco o foco. Tem microfone, fone de ouvido... tem hora que todos querem falar juntos. Mas com o tempo foi melhorando.

Vale a pena buscar conhecer o Comitê, ver o quanto isso muda a criança. Vejo na CCC-04, ela repara onde falta uma lixeira, uma rampa... percebe o que às vezes passa despercebido para o adulto na correria do dia a dia. As crianças prestam atenção a tudo.

Em relação à minha infância, sinto uma grande diferença. Não tinha espaço para as crianças, para a gente falar o que pensava. Não dava para falar: “Ah, eu queria um parque novo na cidade”, e agora elas estão tendo a oportunidade de dar essas ideias. Hoje percebo diferença no que converso com a CCC-04, ela conta as ideias que tiveram nas reuniões, o que tem visto na cidade. Por exemplo, o plantio das mudas de árvore, nunca pensei em levar as crianças para uma ação como essa. Também achei legal a participação dela na pintura do jardim do Solar do Barão, quando foram no teatro Polytheama e naquela reunião internacional com o pessoal da Itália do Projeto Cidade das Crianças.

[illegible]

RCC-05

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 10/10/2020 – 10h30

Entrevistada: mãe de CCC-05

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu já tinha visto sobre o Comitê e achei que seria importante para a CCC-05. Perguntei se ela queria participar e fiz a inscrição. Foi bom quando saiu o resultado com o nome dela.

A CCC-05, em casa, fala bastante, participa..., mas na escola e em outros lugares é um pouco tímida. Se as pessoas estão falando, ela não se coloca ou interrompe para falar. Ela responde quando há abertura para isso.

Vejo que nas reuniões ela também poderia participar mais. Mesmo não falando tudo na hora, depois ela me conta os assuntos que discutiram. Tem sido bom para ela participar do Comitê e ter esse momento. Penso que se fosse pessoalmente seria melhor, elas poderiam se ver e a conversa seria diferente.

Quando eu era criança, não era assim. Apesar de meus pais me ouvirem, não era da mesma maneira que hoje. Na escola também era diferente, não tinha oportunidade para que as crianças participassem. Mas acho que algumas pessoas, às vezes, perdem a mão. É claro que as crianças devem falar, mas é preciso manter o respeito. Vejo pais e mães que não exigem isso dos filhos e isso preocupa. Aqui em casa, eu converso muito com a CCC-05.

Sobre o Comitê das Crianças, é como eu imaginei. As crianças falam sobre os assuntos, discutem, conversam. A CCC-05 tem falado sobre o lixo, sobre plantar árvores. A gente precisa mesmo pensar em maneiras de cuidar mais da nossa cidade, de onde a gente mora.

Eu vivia em bairro rural que já era mais tranquilo. A gente tinha contato com os bichos, não só cachorro e gato. Podíamos brincar fora, correr, subir em árvores. Era diferente de hoje em que as crianças ficam mais em casa. Elas precisavam ter mais essas oportunidades de brincar, de ser mesmo crianças.

Penso que as crianças tenham muitas coisas para dizer aos adultos. Que podemos pensar uma cidade melhor olhando para elas.

[illegible]

RCC-06

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/11/2020 – 20h

Entrevistada: mãe de CCC-06

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Na EMEB onde ele estuda, o pessoal entregou uma ficha para quem quisesse participar, quem quisesse se inscrever. O CCC-06 trouxe a ficha para casa e perguntou para mim e para o pai dele se poderia se inscrever, que teria reunião com o prefeito para falar da cidade, o que eles queriam na cidade, nos parquinhos. Então eu disse: se é interesse seu. Só que era sorteio e a gente não sabia se ele seria sorteado. Passou um tempo, a professora avisou que ele havia sido sorteado. Ele ficou super alegre, pulando. Foi bem legal!

No início, eu não sabia muito dizer o que era, porque eu não havia visto antes. Como não somos daqui, somos de Recife e lá não tem, eu nunca tinha ouvido falar. Depois que o CCC-06 começou a participar, vi que o MCC-01 pergunta para as crianças o que está faltando na cidade, se tem parquinho se não tem, o que está precisando, para eles observarem o que tem na cidade e eles como criança terem uma visão melhor. Às vezes, as crianças vêem melhor do que os adultos, ainda mais se é para elas mesmas. Depois que ele começou a participar, a gente sempre está junto no sábado, eu achei bem interessante esse projeto. As crianças ficam à vontade, vocês que participam com elas deixam elas à vontade para poder falar sobre o que tem na cidade, do que está faltando, o que eles gostariam que a prefeitura fizesse para contribuir. Achei um projeto muito bom, principalmente para as crianças. Há muitos projetos para os adultos, mas não tantos para as crianças. Então, as crianças se envolvem, como o CCC-06 que está se envolvendo. Sempre que ele vê uma praça, fala sobre o que poderia ter. Achei muito interessante esse projeto para as crianças.

Escutar as crianças é algo que está se desenvolvendo, mas ainda precisa muito. Eu acho que as crianças não têm muita fala. Às vezes, elas querem algo, mas não são tão ouvidas assim. Tiro por nós pais: elas falam o que querem algo e a gente não escuta o que querem, se aquilo vai ser bom para elas ou não. Eu vejo que o Comitê das Crianças é um projeto que escuta o que as crianças falam. Às vezes não tem ali e tentam ver o que dá para melhorar. Mas ainda está faltando muito para chegar lá e os adultos ouvirem mesmo as crianças.

Com a cidade boa para as crianças é possível ser melhor para todo mundo. É a felicidade as crianças poderem dizer o que querem. Elas estando feliz, nós pais também estaremos. É preciso ter mais projetos como esse do Comitê, em que as pessoas possam ter o diálogo, de poderem dizer o que precisa numa cidade, segurança e educação. Eu conheço pouco a cidade de Jundiá, porque faz pouco tempo que estamos morando aqui, fez só três anos, mas eu vejo que é estruturada, que ainda falta muita coisa, mas que poderia melhorar na educação, na saúde, mais projetos em que as pessoas pudessem ter a fala, os moradores dizerem o que falta.

Nem todo mundo sabe participar. Acho que também falta divulgação, as pessoas terem o conhecimento. Quando eu falo que de sábado ele vai ter reunião do Comitê, muitas pessoas ficam me perguntando o que é. Quando eu vou explicar, demonstram que não sabem o que existe o Comitê.

Na época da minha infância era totalmente diferente. Hoje acho que eles não têm muita infância, por conta da tecnologia. É mais computador, telefone, é jogar online um com o outro... A gente brincava antes de muitas outras coisas. Ninguém tinha computador, celular... Eram outros tipos de brincadeira. Hoje a gente vê que as crianças ficam muito mais no computador, no videogame. Na minha época, acho que as brincadeiras eram mais sadias, brincadeiras de desenvolvimento mesmo. Hoje eles se desenvolvem também, tudo eles sabem no computador, no celular. Antes a gente brincava na rua. Hoje está difícil, não dá para deixar as crianças na rua, devido a assaltos, tem todo esse medo, a gente não pode deixar os filhos sozinhos no parquinho. Está tudo muito diferente. A infância das crianças de hoje está bem diferente da minha época. A gente brincava mais, hoje em dia eles ficam muito restritos, só na tecnologia.

As pessoas precisam acreditar mais nas crianças, conversar mais com os filhos, que às vezes estão dizendo algo que os pais talvez não olham, mas mais lá na frente vai ser visto que aquilo que falaram realmente era importante e não foi dado ouvido, que se atentem mais ao que as crianças falam, tanto na escola quanto no dia a dia. Às vezes, os pais estão tão focados no trabalho, não dão espaço para as crianças que cobram os pais, que gostariam de ter mais acesso, mais conversa. Às vezes, a fala das crianças tem mais verdade.

[illegible]

RCC-07

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 14h30

Entrevistada: mãe de CCC-07

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Não lembro muito bem quando foi. Veio um bilhete da escola e eu fiz a inscrição para a CCC-07. Eu já tinha ouvido falar do Comitê das Crianças, mas não sabia da proporção. Eu achava que era só umas crianças lá, uma brincadeira, não que fosse levado tão a sério. Na ocasião eu expliquei para ela que seria sorteio e que poderia não dar certo. Eu não sabia muito bem o critério, mas fiz a inscrição, porque ela estava super animada. Quando soube do sorteio, foi a MCC-02 quem me ligou. Fiquei muito feliz e a CCC-07 também. Era para ter tido a primeira reunião presencial, estava até marcada, mas não foi possível devido ao Corona Vírus.

Fui conhecendo mais sobre o Comitê, agora que a CCC-07 tem participado.

Muita gente me pergunta o que é, para que que serve... Eu falo que as crianças têm reuniões para discutir ideias para melhorar a cidade e o que cada um gostaria. Não quer dizer que tudo o que é falado será realizado. As crianças vão falando o que vêm na cabeça, algumas coisas sem noção. O Comitê é importante, vejo que muda muito a criança que participa, que passa a discutir melhorias da cidade, na visão deles. Não é nada imposto, pressionado ou dito o que eles têm que falar. É bem livre e do jeito das crianças.

Tenho percebido que a CCC-07 tem aprendido a ouvir outras ideias, outras crianças, a opinião de outros e não ver apenas as dela. Vão pensando no coletivo. Digo para ela que é uma responsabilidade, que ela precisa falar suas opiniões. Ela está se colocando mais e ouvindo mais também.

Quando eu era criança, não tinha nada parecido, nem se compara com hoje. É muito bom para o crescimento da CCC-07 participar do Comitê e marca ter feito parte disso tudo.

Agora, estando mais ativa, tenho ouvido falar do projeto Cidade das Crianças, mas não sei muitos detalhes. Ao pensar nas crianças é possível pensar nas pessoas. Elas não pensam só no bem estar delas, mas no coletivo.

Ter participado da entrevista para a emissora de TV marcou bastante, no sentido de não ter repercussão apenas na cidade, mas fora dela também. De saber que outras pessoas vão conhecer o projeto. Eu fiquei super orgulhosa e a CCC-07 um pouco ansiosa. Mas foi bem tranquilo, perguntas simples. Foi uma ótima experiência. A gente compartilhou com todo mundo. Eu vi o vídeo muitas vezes, não só por minha filha estar nele, mas pela reportagem como um todo, pelo trabalho que está sendo divulgado. Bom saber que minha filha está representando um pouco do que ela tem participado.

Eu vejo que ainda tem muito para melhorar, mas não reclamo. Eu nasci aqui, já morei em outros lugares, mas voltei. Em comparação com outras cidades, vejo que temos muitas coisas boas acontecendo. Espero que continue sempre melhorando. Têm lugares que precisam de mais atenção. A nossa cidade é o que temos de valioso, nossa educação, saúde... Agradeço muito o que temos de bom.

[illegible]

RCC-08

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 10/10/2020 – 10h30

Entrevistada: mãe de CCC-08

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Trabalho na prefeitura e no ano passado acompanhei as divulgações do Comitê, mas não foi possível fazer a inscrição a tempo. Conhecendo a CCC-08, tinha certeza de que ela iria gostar. Quando falei que havia feito a inscrição, ela ficou bem animada. E com o resultado do sorteio ela ficou ainda mais animada, estava na casa da avó quando enviei uma mensagem com a foto da lista e o nome dela.

Acompanhando as notícias em 2019, vi que as crianças estavam tendo a oportunidade de falar, de ter voz na cidade, para colocar para a prefeitura e para as autoridades o que de fato queriam que entrasse na política. Sabendo que a CCC-08 tem muitas ideias, tem uma maneira de conversar articulada, achei que seria bom para o desenvolvimento dela como pessoa e ampliação do imaginário. Foi pensando nisso, nessa perspectiva de ela saber de sua importância e ser vista. Aqui em casa a gente sempre deixa as crianças participarem muito. Mas, lá fora, nem sempre é desse jeito. Acho que seria bom ela se sentir importante para a cidade para aumentar sua confiança, de que é possível fazer.

Na minha casa, meus pais eram mais fechados e, mesmo na escola, eu sempre fui mais tímida, tinha uma dificuldade maior de interagir com as pessoas, de ser ouvida. Já a CCC-08, desde pequena, é mais comunicativa. Como eu passei por tudo isso, de ter dificuldade de me expressar quando criança, eu quis trabalhar esse ponto com ela. Ainda assim hoje vivemos um outro mundo em que as interpretações sobre a criança são muitas.

No começo do Comitê, a CCC-08 estava um pouco desanimada, tinha uma “preguicinha” de sábado. Era difícil para ela participar. Tivemos uma conversa e eu expliquei para ela que não precisava continuar se não quisesse. A CCC-08, por conta própria, mostrou seu interesse em permanecer. Isso mostrou para mim o quanto ela gosta do Comitê. Durante as reuniões, não costumo ficar junto. Esse é o momento dela, mesmo porque se fosse presencial eu não estaria lá. Então deixo ela participar sozinha e depois ela me conta como foi. Tenho percebido a CCC-08 bem envolvida nos assuntos. Para ela tem sido uma experiência bem válida.

Muitas vezes, a CCC-08 vai pesquisar após a reunião sobre o que conversaram. Teve uma vez que o espelho estava vibrando e ela foi estudar sobre o som, porque alguém havia comentado a respeito na reunião.

Ultimamente, a CCC-08 tem falado bastante sobre a reciclagem e as áreas verdes. Neste momento é o que mais está em minha memória, essa questão da preservação ambiental, de cuidar do planeta, de cuidar do nosso cantinho, desde casa até as áreas públicas. Aqui em casa, a CCC-08 é responsável pelos recicláveis, em separar tudo.

No início também falaram bastante sobre o Corona Vírus, lembro que ela se empenhou em pesquisar sobre o assunto também, ver várias reportagens.

É preciso haver uma mudança de pensamento para que as pessoas tenham consciência de que apesar de pequenas, inocentes e ingênuas, as crianças têm muito a oferecer, justamente por serem crianças, por terem um olhar muito puro sobre as coisas. Falam o que sentem de fato. Se as pessoas fossem assim, seriam possíveis muitas mudanças. Por que não dar voz às crianças que têm um carinho, uma palavra de ânimo e de esperança? Só a presença das crianças muda muita coisa.

Quero agradecer a toda essa experiência. Se não fosse o empenho dos responsáveis nada disso daria certo. Precisa de um grupo estruturado para dar esse apoio. Apesar da leveza das reuniões, trazem assuntos sérios. Estão todos de parabéns.

[illegible]

RCC-09

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 29/09/2020 – 19h

Entrevistada: mãe de CCC-09

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

O CCC-09 chegou da escola empolgado em se inscrever no sorteio. A gente não sabia muito bem o critério de seleção, então já entramos no dia e horário que abriram a inscrição. Um belo dia, ele chega em casa, pulando e gritando, dizendo que tinha sido sorteado e que as ideias dele seriam ouvidas, que a amiga tinha dito que as ideias das crianças eram passadas para frente, que o prefeito escutava as crianças. Ele estava feliz que iria participar.

Eu tinha uma breve ideia do que seria o Comitê, conhecia a construção do parque para as crianças, mas só depois que ele começou a participar que eu realmente percebi a importância. As crianças têm tantas ideias boas, são tão simples... Dá pra plantar árvores, dá para fazer parque com adaptação... É a simplicidade que pensam na solução dos problemas. Hoje fomos no convênio e ele estava questionando: “Mas por que todo mundo não tem acesso à saúde gratuita?” Expliquei sobre a UBS, sobre o hospital..., que nós temos na cidade, mas tem lugares que realmente é mais difícil. E ele: “Mas todo lugar tinha que ter”. E ele está certo, não deveríamos deixar de pensar que todos devem ter os mesmos direitos.

As crianças têm opiniões e vão aprendendo a lidar com as adversidades e as diversidades.

Eu acho que o CCC-09 se tornou muito engajado e gosta muito de todos do Comitê. Ele estava outro dia pensando que no próximo ano não poderá participar por causa da idade. Quem sabe por este ano ter sido atípico por causa da pandemia não abram a continuidade. As crianças não conseguiram nem se conhecer pessoalmente. Seria bom.

Eu brinco que as crianças do Comitê são nossos vereadores mirins, que elas criam ideias/leis próprias. E esse exercício coletivo é ótimo, pode ajudar que tenhamos uma cidade ainda melhor já que as crianças também são o futuro.

É muito importante dar voz às crianças. Se todos soubessem o quanto elas têm a oferecer, toda cidade teria também Comitê. Quem sabe, dar voz às crianças na tribuna da Câmara. As crianças são capazes e conseguem. Tenho só a agradecer pela oportunidade que meu filho está tendo de participar. Ele vem de muitas perdas nos últimos anos (pai e vó), mudança de cidade. CCC-09 se sente parte e muito acolhido por todos.

[illegible]

RCC-10

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 09/10/2020 – 9h

Entrevistada: mãe de CCC-10

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Veio um bilhete na agenda enviado pela escola falando da inscrição do Comitê. Eu já tinha ouvido falar e pensei que seria bacana o CCC-10 participar. Conversando com a coordenação da escola, mesmo sendo difícil pelo número de inscritos, recebi o incentivo que ele seria um ótimo representante. Então decidimos tentar. No dia do sorteio, ao vivo, vimos o nome dele e foi uma festa.

Eu já tinha acompanhado na internet, mas também fui fazer umas pesquisas para entender melhor o que era o Comitê das Crianças. Então eu já sabia como seria. Hoje, infelizmente, tomou outra forma, devido ao Corona Vírus. Mesmo assim, vi que o Comitê é formada pelas crianças, para que elas tenham voz, diferente do que pensa o adulto.

Essa ação é importantíssima, porque as crianças precisam ser ouvidas. Às vezes, temos algumas situações ou problemas, que as crianças entendem de uma outra forma. Então a cidade precisa estar atenta a elas. Ao ouvi-las estamos preparando para o mundo, vejo-as como importantíssimas para a vida. Pena que as reuniões não estão sendo presenciais. Falta o calor humano, poder estar perto, poder se olhar nos olhos.

O CCC-10 comenta sempre os assuntos do Comitê e eu também sempre estou por perto durante as reuniões. Vejo que ele fica bem animado em participar. Gostei muito quando eles tiveram que fazer desenhos de brinquedos inclusivos. Como tenho um filho autista, o CCC-10 ficou super animado e fez um jardim sensorial para o irmãozinho no desenho. Durante a reunião vi o quanto ele estava empolgado propondo algo que beneficiaria crianças autistas.

Quando criança, lembro que a gente não podia dar opinião para nada. E havia pais que não achavam que as crianças tinham o que dizer. Hoje em dia, as crianças podem ser ouvidas. Na minha época, não tinha nada disso. O CCC-10 pode falar, a gente discute. Assim, penso que ele vai ser um ser humano muito melhor. Ele entende a empatia, se coloca no lugar do outro. Outro dia estávamos conversando e ele me falou que aceitou participar do Comitê porque gostaria de falar para o prefeito sobre crianças como o irmão. Para que as pessoas entendam melhor o que é a inclusão. Eu fiquei muito emocionada com isso.

As crianças são a chave. Elas têm um olhar puro, um jeito diferente de ver da gente. Não é só para elas, mas para a sociedade toda. As crianças do Comitê discutem melhorias para a cidade nas reuniões para levar para o prefeito suas ideias. Acredito muito que vão fazer diferença.

[illegible]

RCC-11

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 28/09/2020 – 16h

Entrevistada: mãe de CCC-11

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

A CCC-11 chegou da escola com um bilhete que falava sobre o Comitê e pedia alguns dados para fazer a inscrição. Perguntei se ela queria e, como ela respondeu que sim, enviei para a professora as informações que eram necessárias. Ano passado, ela já tinha tentado, mas não havia sido sorteada.

Eu conheço um pouco sobre o Projeto Cidade das Crianças pelo o que acompanho no site da Prefeitura. Sei que tem mais uma cidade, além de Jundiaí, no país e que a intenção é ver a cidade pelo olhar das crianças. Que é um projeto internacional.

No Comitê, as crianças falam de suas ideias, pensam na cidade. Tem a possibilidade de discutir e refletir muitas questões no grupo. Apesar de estar sendo bem construtivo, o fato de não ser presencial por causa da pandemia, prejudicou um pouco, afinal as crianças precisam da interação e do contato para poderem aprender juntas.

Quando eu era criança, não havia essa preocupação. O adulto não escutava a criança, nem na família nem na escola. Era mais cobrança para obedecessem e que aprendessem os conteúdos da escola, matemática, português... Hoje já vejo que as crianças têm a oportunidade de aprender sobre a vida.

Entendo que isso é importante. Eu mesma só fui saber de algumas coisas, já adulta. A CCC-11 não. Já tem acesso à informação, sabe lidar e respeitar as diferenças, como por exemplo o homossexualismo. Tudo isso é importante. Em casa ela sempre tem uma opinião para dar. Quando eu fui votar a primeira vez, foi por pura obrigação. Essas crianças estão podendo aprender a refletir sobre a vida e poder falar suas ideias.

O Comitê tem importância nisso, já que é um espaço para que crianças representantes das diversas regiões possam falar umas com as outras sobre a cidade. As soluções que elas têm são simples, mas que tocam os adultos.

[illegible]

RCC-12

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 20h

Entrevistada: mãe de CCC-12

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Foi no começo deste ano, que eu entrei no site da prefeitura para procurar informações sobre o Corona Vírus e vi sobre a inscrição para o Comitê das Crianças. Entrei para saber mais sobre e lendo, achei importante e que seria bom para a desenvoltura do CCC-12, para ele falar sobre ideias que tinha para a cidade. As propostas que as crianças do ano passado deixaram foram muito positivas. Quero que o CCC-12 também faça parte. Acaba desenvolvendo bastante. A inocência que a criança tem acaba gerando ideias incríveis. Às vezes, nós adultos na correria do dia a dia não percebemos e as crianças estão atentas. Tudo para elas é melhorar, ter mais qualidade de vida.

Tenho acompanhado as reuniões do Comitê. É maravilhoso ver crianças preocupadas com os deficientes, tomar cuidado para que o lixo não tome conta da cidade, melhorar os parques... O CCC-12 conversa comigo sobre os assuntos. As ideias que as crianças lançam são importantes. Vejo que não focam só em si, mas pensam muito no próximo.

Com a entrada no Comitê, o CCC-12 tem falado mais com as crianças e com o MCC-01. Tem dado opiniões e pedido a voz nas reuniões.

O Comitê reúne crianças da cidade, para captar o que está bom e o que é possível melhorar, pensando em como elas podem participar disso.

As crianças no passado seguiam somente as orientações dos pais, deixando muito de expor opiniões, ideias ou desejos. Hoje elas sabem muito. Para entrar aqui no Zoom, foi o CCC-12 quem me ensinou o caminho, como entrar, como ligar a câmera. Ele tem essa desenvoltura e conhecimento a mais, devido as crianças atualmente terem mais acesso as informações e acontecimentos num contexto geral. Vejo que as crianças conseguem desenvolver conversas, expor opinião, que antes nós (crianças do passado) não conseguíamos. (Risos)

Li uma matéria em que o projeto Comitê das Crianças possui em outros países, e que no Brasil, somente Jundiaí é o único município (por enquanto, espero), que aderiu ao programa. O projeto é interessante, pois antes a prefeitura ficava mais voltada para os estudos das crianças, com o lazer, como praças e parques com brinquedos, e está somente até esse ponto onde a atenção se direcionava à criança. Com a chegada do programa em nossa cidade, surgiu a escuta das vozes das crianças, das preocupações que elas têm com meio ambiente em que nós vivemos e de como esse ambiente estará quando elas passarem a ser os adultos de amanhã.

Espero que o trabalho do Comitê não pare e que lá na frente, todas as crianças que participaram, quando adultos, possam ver todas as mudanças que agregaram para a cidade.

[illegible]

RCC-13

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 17h30

Entrevistada: mãe de CCC-13

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Veio uma ficha da escola e a CCC-13 foi sorteada para participar do Comitê das Crianças no ano passado. Eu a levei para participar das reuniões e como ela gostou, continuei levando.

Quando as pessoas me perguntam sobre o Comitê, percebo que tem algumas que apoiam e outras que não, que acham que apenas política partidária. Mas não acho que tenha a ver.

As crianças tiveram muitos momentos importantes no Comitê. Foram visitar o Museu do Ferroviários, o Museu Solar do Barão onde pintaram o chão com o peixe Jundiá. Também foram no Teatro Polytheama.

Antes a CCC-13 falava mais, quando os encontros eram presenciais. Eles tinham algumas brincadeiras que entretinham as crianças e a CCC-13 ficava muito feliz para ir para as reuniões. Agora ela tem falado bem pouco. Tenho sentido ela mais quieta.

Vejo que o Comitê é importante, ajuda as crianças a se desenvolverem, a falar o que pensam. A CCC-13 é mais tímida no cantinho dela, mas ela conversa com as amigas. Ela está mais quieta agora com essa pandemia, tem muitas questões passando na cabecinha dela. A CCC-13 sente muita falta, se está sendo difícil para a gente, imagina para as crianças.

Quando eu era criança não tinha essas oportunidades, todos esses projetos. Até brincar era diferente, a gente brincava de boneca. Lembro de brincar na gelatina do Parque da Uva.

É bom saber que a cidade vai ter mais parques. Seria bom que todos ficassem abertos nos fins de semana. Aqui perto de casa tem alguns que fecham.

Desejo que as crianças sejam felizes e se desenvolvam muito.

Espero que o Comitê continue, pois tem se mostrado bom para as crianças.

[illegible]

RCC-14

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 23/10/2020 – 17h30

Entrevistada: mãe de CCC-14

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

O CCC-14 quem trouxe um envelope do colégio. A gente já sabia do que se tratava o Comitê e tinha um conhecimento. Tentamos explicar para ele o que seria discutido sobre a cidade. Ele quis participar e ele mesmo fez a inscrição na internet. Não me lembro bem quem fez o contato avisando que ele havia sido sorteado. O que frustrou um pouco foi não ser presencial, mas do restante é aquilo mesmo que ele esperava: falar o que ele acha, às vezes ele fica meio quietinho, põe no mudo e fala para a gente. Percebo que as crianças que estão a mais tempo têm mais facilidade e intimidade para falar. Já o CCC-14 tem mais vergonha de um grupo que ele ainda não conhece pessoalmente. Ele ficou super orgulhoso quando deu a ideia do sarau de poesia e foi aceita, mas acho que ele falaria mais se fosse presencialmente.

A gente não nunca foi de usar muito o virtual. É como ele falou: acabou o dever, vai para fora brincar. Não é de ficar no celular, ter grupo de Whatsapp. Tem bola, patins, patinete... Essa reunião virtual, foi uma novidade. Vejo que ele ainda está um pouco envergonhado diante de tudo o que poderia falar.

O Comitê das Crianças é um grupo de crianças que se reúne para falar sobre os problemas da cidade, para dar opiniões e ideias sobre esses assuntos. Como mãe novata não sei se realmente tudo se concretiza, mas eu espero que sim. Pelo menos aqui em casa, vejo que eles têm vez e voz.

Ele estava cheio de ideias, mas foi difícil do CCC-14 falar sobre a coleta de lixo, de colocar carinha nas lixeiras para ser mais divertido. Ele estava meio envergonhado. Também achei legal, a sugestão que ele teve de fazer um grupo comunitário, que o bairro poderia ganhar uma premiação ou um reconhecimento por ter se dedicado mais. Uma competição de bairro limpo e que as crianças que iriam fiscalizar. No dia do Sarau, ele não deixou a gente ver, mas se preparou, escolheu e ensaiou. Vi de longe, que até a postura e a voz foram diferentes. A gente procura não ficar do lado, mas acompanhamos o que está acontecendo.

Minha infância foi diferente da infância do CCC-14 em algumas coisas. A importância de estudar é a mesma que passamos para ele, o que mudou é a possibilidade de sonhar. A gente deixa que eles sonhem em ser o que eles quiserem, falo assim porque tenho dois (filhos). Se o CCC-14 diz que quer ser astronauta, vamos lá pesquisamos, incentivamos... Outro dia ele falou de ser prefeito: como faz para ser prefeito? A gente vai lá e conversa, explica. Quando eu fui criança, meus pais não tiveram tanto esse tempo e acompanhamento tão de perto. A gente até sonhava, mas não sabia que era possível. Para nossos filhos, queremos mostrar que podem o que quiserem, que algumas coisas são mais difíceis, mas que estaremos juntos.

A solução às vezes é percebida pelas crianças de uma forma mais simples... Às vezes nossa forma de ver é tão mirabolante e eles com simplicidade vem com respostas tão certas, tão rápidas, e a gente quebra a cabeça e não ouve. Então ouçam as crianças, elas têm muito a dizer.

[illegible]

RCC-15

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 21/10/2020 – 13h30

Entrevistada: mãe de CCC-15

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu leio muito notícias e sobre o Comitê. Entrei e li que era para a faixa etária do CCC-15 e que ainda estava no período de inscrição. Conversei com ele e ele concordou. É uma criança ativa que gosta de participar. No dia do sorteio, ele ficou muito feliz, vibrou bastante. Acompanhamos a transmissão ao vivo.

Eu li algumas coisas sobre o Comitê, que no ano anterior foi o primeiro, que era um grupo de crianças para ajudar nas políticas públicas, projetos, ideias. Achei super interessante, uma boa iniciativa para a cidade, de quem está no comando incluir as crianças. Elas merecem ser ouvidas sim.

As crianças têm uma visão diferente da nossa. Num projeto Cidade das Crianças, ninguém melhor do que elas para dizer o que querem, quais as expectativas, o que elas esperam da cidade, o que gostariam de ter. É importante ouvir a opinião das crianças, porque sabem também o que é bom para elas.

Para o CCC-15, vem sendo um desenvolvimento ainda. É tudo novo. Eles estão tendo oportunidade de aprender sobre tecnologia agora nessa pandemia. Desde março, está tendo aulas online. E no Comitê também tem sido isso. Ele conversa, opina, aprende a falar, tem sido bem legal para ele. Tenho ficado bem orgulhosa.

Algumas vezes ele comenta sobre as reuniões. Às vezes, ele está comigo, às vezes, na casa do pai. O que marcou foi a visão dele sobre o momento que estamos vivendo devido ao coronavírus, me impactou bastante. Ele desenhou um globo gigante e demonstrou que entende o que está acontecendo, ele viu que é uma luta do mundo contra esse vírus para que a gente possa voltar a ter paz, poder se ver, para que as reuniões possam ser presenciais, que dê para conhecer os lugares, como a prefeitura, que é o que ele quer.

Quando eu era criança era muito diferente. Foi uma mudança de geração bem gigante. Vou falar por mim e pela maioria das pessoas na minha faixa etária. Criança não opinava muito não. Criança não tinha voz nenhuma na verdade, principalmente na família, dentro de casa. Era uma relação mais de imponência, de cima para baixo, ordem de pai e mãe. Não tínhamos oportunidade de opinar. Hoje não. Hoje tem, tanto dentro de casa, as famílias conversam mais. Na escola, também era hierarquicamente imposto, não tinha tanto diálogo. Isso mudou para melhor, as crianças têm mais espaço e oportunidade. Mas vai do adulto entender que há limites. As crianças não nasceram sabendo, precisamos ensinar os momentos e as formas de falar.

Brincar na minha infância era o contato com as outras crianças, com os vizinhos. A gente se reunia na rua. Andava de bicicleta, jogava taco, corria, tomava banho de chuva... Só no final do dia a gente voltava para casa. Eu tenho a Sara de 13 anos e o [CCC-04] de 10. Dá para contar nos dedos as vezes que eles brincaram na rua. Eu trabalho o dia inteiro, chego em casa só a noite e eles brincam só dentro. Normalmente, na rotina da noite, não é possível, pois eu precisaria ficar com ele na rua. Não dá para deixá-los sozinhos. Eles não têm essa experiência de

brincar na rua. Brincam de jogos de videogame. Claro que é controlado! Eles têm que assistir às aulas, mas o brincar dele é isso. O que costumo manter em casa, é incentivar que eles criem, deixo eles fazerem pintura, deixo à vontade, desde que guardem depois. Eles pintam camisetas, cartolinas... No SESI, eles têm um projeto de robótica. É uma mistura bem diferente do que da minha época.

Uma cidade boa deve ter políticas públicas voltadas para as crianças e ter segurança. E que proporcione qualidade de vida, com parques, com áreas de lazer, com natureza, onde a gente possa sair da rotina e acalmar a mente. Tenho muito orgulho de morar em Jundiáí, já acho uma cidade boa para morar. Quando vamos para um parque, eu consigo fazer meus exercícios, as crianças conseguem brincar.

Ao ouvirmos as crianças, elas se sentem importantes, úteis, não é?

[illegible]

RCC-16

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 14/10/2020 – 14h

Entrevistada: mãe de CCC-16

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Lembro da CCC-16 chegando com o bilhete e empolgada com a ideia de conhecer a Serra do Japi e das crianças poderem cuidar da natureza. Ela ainda não conhece a Serra e quer muito. Quando sorteada, a CCC-16 ficou muito feliz e eu fui fazer uma pesquisa para saber como tinha sido o Comitê no ano anterior. Expliquei para ela que era para discutir ideias, políticas, que era uma responsabilidade tanto quanto a escola. Deixei a CCC-16 ciente disso.

Quando me perguntam do Comitê, digo que minha filha é representante e que ela leva as ideias das crianças. A CCC-16 gosta de conversar com os primos sobre isso. Esse trabalho no Comitê pode trazer mudanças para a cidade.

Eu me lembro que quando eu era criança não tinha tantos espaços. Tinha aquele parque no Centro, perto do Russi, do Hospital São Vicente. A gente ia muito ali, morava na Vila Aparecida e não tinha muita coisa próximo para passear. Para ir para parques como o Corrupira, era apenas com excursão de escola. Eu não tinha facilidade de ir de carro, com a família. Na época, a gente andava mais de ônibus. Hoje cada esquina de Jundiaí tem um espaço para brincar.

A gente não tinha muita escolha. Se o pai falasse algo, a gente tinha que seguir. Hoje elas podem falar e a gente se preocupa com elas, com os mais velhos e os mais novos. Por exemplo, se a gente vai para um parque, normalmente vamos no Parque da Cidade, lá a CCC-16 pode andar de bicicleta, consigo levar o bebê no carrinho, tem brinquedos para os mais novos... Procuramos lugares que sejam bons para todos.

Do Mundo das Crianças eu já tinha visto o lugar que foi enterrada a Cápsula do Tempo. Mas foi na visita que eu soube do que vai ter no parque. Não sabia das brincadeiras aquáticas, do espaço família, do redário... Também gostei muito de saber que as crianças vão poder subir em árvores. Elas gostam muito de frutas, de árvores... Achei muito bacana. Aquele “le parkour”, meu filho me explicou o que era e gostou muito.

É um lugar que vai poder receber um idoso, vai ter sombra. Será um lugar que não vai excluir nenhuma idade. Vai ter espaço para descanso, para caminhada, para correr... Dá para ter momentos em família.

Vai ser muito bom. Com uma família grande como a minha fica difícil pagar entradas em parques aquáticos particulares. Ter uma opção pública vai possibilitar que a gente tenha acesso.

Eu fui criada na parte mais urbana da cidade e meu marido, na parte mais rural. A gente teve dificuldade em achar um lugar que não tivesse tanto movimento de carro. Optamos por morar em um lugar mais tranquilo, com quintal, com árvores, que seja possível andar de bicicleta na rua. E as crianças envolvem todo mundo: o pai, a vó, o vô... Quem está em casa, vai e acompanha.

RCC-17

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 16h

Entrevistada: mãe de CCC-17

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Eu fiquei sabendo do Comitê das Crianças pela escola. Eles mandaram um aviso dizendo que haveria a inscrição. No começo, a CCC-17 não se interessou muito, mas eu incentivei e ela aceitou se inscrever. Ligaram para mim e avisaram que ela tinha sido sorteada.

As reuniões começaram por videoconferências por causa da pandemia.

No início, CCC-17 ficou mais observando. Depois que ela entendeu como funcionava e que daria tudo certo, ela se soltou.

Com o Comitê das Crianças, pude ver que elas têm muitas ideias. Elas vão além. Às vezes, a gente acha que criança não tem o que colocar, mas a imaginação delas é enorme. A gente como pai nem damos muito ouvidos. Mas conforme as crianças vão se colocando, interagem, começam a se soltar, a ter ideias... e sai um projeto, uma nasceu das crianças.

Quando foi proposto que desenhassem brinquedos inclusivos, CCC-17 já lembrou do primo para montar a ideia da cadeira. Até me emociona pensar nele. Quando falei que a prefeitura estava instalando alguns brinquedos adaptados, a CCC-17 ficou super feliz. Ela pensa muito no próximo.

Outro assunto muito comentado é sobre o meio ambiente. Tudo o que ela fala, a gente faz aqui em casa. Separamos os materiais, levamos sacolas no supermercado... CCC-17 fala que quer ser veterinária de tanto que gosta dos animais. Ela não gosta muito de ficar copiando, prefere ter as próprias criações, bastante autêntica.

Foi positivo ter participado do Comitê. Vejo ela mais responsável. Tem o compromisso. Entra sozinha nas reuniões e se preocupa muito.

Antigamente, na minha época, os pais não tinham muito isso de parar para brincar com as crianças. Hoje elas cobram essa presença. Minha mãe, que eu me lembre, nunca brincou comigo. Criança tinha que obedecer só com o olhar dos pais. Criança era mais amedrontada, não tinha essa liberdade que tem hoje. Eu brincava de outras brincadeiras, de fazer boneca de milho e falo sobre isso com minhas filhas. Elas têm muita curiosidade sobre minha infância.

Uma cidade que coloca a criança como referência pode ser melhor. Por exemplo, têm jovens que caem nas drogas, por não terem oportunidades. Se você recebe, no decorrer da vida, você tem condições de dar. Se há uma boa educação, se a cidade tem uma boa estrutura, projetos que incentivam, as crianças vivem melhor. A nossa cidade ainda pode melhorar, nem todos os bairros, têm áreas pensadas nas crianças. Para uma cidade menos violenta, é preciso começar primeiro pelas crianças. Ela é a base. Precisamos oferecer o melhor para que elas tenham boas oportunidades.

[illegible]

RCC-18

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 13h30

Entrevistada: avó de CCC-18

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Ano passado, a escola distribuiu uma ficha para inscrição do Comitê das Crianças. A CCC-18 chegou pedindo para que eu preenchesse para que ela participasse. Era muita criança inscrita, mas ela foi uma das sorteadas. Ficou super feliz em participar.

Antes das reuniões ficava ansiosa em saber o que iriam fazer. Ela foi gostando e se entusiasmou em continuar participando. Quando se assume um compromisso, é preciso ir até o final. A CCC-18 participou de todas as reuniões. Não é porque são crianças que não podem criar responsabilidades.

O Comitê é importante para as crianças. É um caminho para lutarem para conquistar para as crianças. Tem muitas que gostariam de participar. É uma experiência nova. Poder entregar as ideias para o prefeito ver o que é possível realizar.

Foram apenas quatro crianças que permaneceram do ano passado. O grupo não se conhece ainda, é novo. Não sabe os gostos e não teve o encontro. Estão sentindo falta. A CCC-18 queria muito ir no parque com todo mundo junto. Eles estão se reunindo pelo Zoom, mas não é a mesma coisa. Até para nós adultos. Ano passado, enquanto as crianças estavam na reunião, as famílias se conheciam e conversavam. Hoje não tem sido possível, ainda não conheço as mães.

Realmente, uma cidade boa para a criança é boa para todo mundo. Se você sabe que a criança está feliz, se divertindo, aprendendo... não tem como não sentir felicidade.

Na minha infância a gente tinha mais liberdade, podíamos brincar na rua. Hoje as crianças ficam mais no celular. A gente juntava os amigos na frente de casa. Acabava a brincadeira ia cada um para sua casa. Atualmente é perigoso, a rua é movimentada, a gente não conhece quem está circulando.

Eu tento ensinar o que posso agora para que quando ela estiver adolescente ela possa fazer as escolhas certas, para que ela saiba o caminho que deve seguir. Quero que a CCC-18 seja educada e respeitosa.

O Comitê muito bom para as crianças. Incentive. Participar é importante. Falo que tudo é possível. Estudando e tendo respeito pelas pessoas, vamos conseguindo.

[illegible]

RCC-19

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 04/11/2020 – 15h30

Entrevistada: mãe de CCC-19

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

A CCC-19 chegou da escola com o papel dizendo que queria participar e ficou uns dois dias me cobrando sobre a inscrição. Expliquei que era um sorteio que havia a possibilidade de não ser contemplada. Ela ficou bem ansiosa, mas muito feliz quando falei que ela tinha sido sorteada.

Depois da pandemia, foram momentos únicos: para distrair, se relacionar, fazer outras atividades, conhecer outras crianças mesmo que de longe. A gente mora em um apartamento, a CCC-19 fica só aqui, tipo um refúgio. Só agora que liberaram as áreas comuns. Fazer parte do Comitê ajudou muito.

Na hora que acaba cada reunião, eu já vou conversando com ela, perguntando como foi e ela vai comentando. O que mais fica para mim é a importância delas serem ouvidas mesmo, às vezes, não temos tempo para ouvir e dar realmente atenção para as palavras das crianças. Elas têm realmente coisas importantes para falar. Tem sentido o que elas colocam, porque a gente deixa passar aquilo que elas observam, do que elas precisam, da forma como elas gostariam que fosse.

Na minha época, eu tinha outras responsabilidades, outros tipos de cobrança, mas a nossa infância era mais divertida. A gente tinha a liberdade de estar na rua com os amigos. Claro que tinha orientação da mãe: não pega nada de estranhos, não converse com quem não conhece. Mas hoje o motivo de morarmos num apartamento é ela poder ter um lugar seguro para brincar fora de casa. Talvez se eu morasse numa rua, não conseguisse deixar ela tão solta assim. O lado positivo da nossa infância era poder sair para rua brincar, de esconde-esconde, de pega-pega, não se preocupar com a maldade; sempre aquela galera reunida na rua. A gente se sentia mais seguro, tanto as crianças quanto os pais. Hoje, infelizmente, não.

Participar do Comitê trouxe pontos positivos. Não só pela responsabilidade. Eu cobro bastante, já que ela quis participar, ela tem que ter esse compromisso e estar presente nas reuniões, fazer as atividades. Também vejo sinais no desenvolvimento dela também. Ela é uma criança tímida. Olha para mim vendo se pode falar ou não, mas vejo que é importante que ela tenha liberdade de falar o que pensa, não ter medo e insegurança.

Tenho um relato pessoal de quando ela tinha 4 anos, mas agora ela está bem. Foi isso que mudou a forma como eu a escuto. A palavra da CCC-19 tem muito valor para mim. Precisa ser respeitada, preservada. Todo mundo deveria se despertar para isso, para a inocência da criança e para a necessidade dela para um bom desenvolvimento.

[illegible]

RCC-20

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 11/12/2020 – 19h

Entrevistada: pai de CCC-20

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Ela comentou que na sala de aula a professora tinha falado e estava surgindo esse processo da criação do conselho da cidade, que as crianças seriam selecionadas para opinar, para participar do grupo, participar das questões da cidade. Ela se inscreveu e eu achei legal. Mas ela mesma disse que tinha muita criança se inscrevendo e talvez seria difícil. Eu sou defensor da cidadania. E cidadania é desde cedo, não depois dos 30, 40, 70 anos..., mas desde cedo. Ela estava animada e quando recebeu o convite ficou mais feliz ainda.

Eu imaginava que o Comitê seria um espaço de participação, de diálogo, de consulta, de uma forma de incutir de alguma maneira os princípios da cidadania, das crianças já começarem a olharem para a cidade, os problemas da cidade e o que a cidade tem de bom... Nesse espaço de convívio, desenvolver um olhar sobre a cidade. Parece ser isso. Pelas dinâmicas, lógico que agora afetadas pela pandemia que atrapalha um pouco, e as discussões, reuniões feitas de sábado, ela sai animada, gosta do debate... E é mais ou menos isso que eu esperava.

Nem todos os finais de semana, ela comenta o que acontece. Às vezes, até porque ela tem dificuldade de entrar. Mas normalmente ela fala sobre os assuntos que estão sendo debatidos, as questões ligadas à cultura, sugestões de melhoria da cidade, a partir do seu bairro, da sua rua... Então tem essa dinâmica que ela fala bastante.

Na minha época, a gente conseguia ter mais relação com os ambientes externos. Podia estar mais na rua. Hoje as crianças são extremamente conectadas. Ao mesmo tempo que isso acontece, elas estão também mais longe do mundo próximo. Nem sempre estão prestando atenção no que está no lado. Às vezes, estão conectadas com o outro lado do mundo, mas não estão acompanhando o que está acontecendo na sua região, no seu bairro, na cidade. A gente que não estava tão conectado na época, estava mais ligado à cidade, ao bairro, circulava mais.

De uma certa forma, as crianças hoje participam muito mais ativamente. Tudo bem que na minha casa, meus pais e eu, T muito, sobre muitas coisas, mas a distância geracional parecia maior. Tinham assuntos que as crianças não seriam levadas em consideração. Se fizesse uma opinião, podia acontecer de seus pais, seus avós achar que lindinho, que bonitinho e tchau. Hoje não. Todos os assuntos podem ser discutidos com todos. Isso mudou também. Isso mudou bem. Elas têm mais espaço sim, internamente para falar qualquer tema, e a gente acaba ouvindo mais e acaba, às vezes, direcionando, mas elas têm mais espaço, mais do que eu tinha.

Eu sou um defensor de qualquer processo e canal de participação. Defendo isso na minha área de atuação. Não só as crianças, mas todos, devem participar cada vez mais. A busca por uma sociedade melhor, por uma cidade melhor, depende muito da participação, depende muito de as pessoas estarem acompanhando o que acontece. Essa talvez seja uma das principais ferramentas transformadoras da cidade, da sociedade em que a gente vive. O conceito de cidadania também é muito importante. Faz parte do meu trabalho inclusive, da minha lógica e da minha trajetória. Com relação a isso, sempre que surge um processo e perguntam: “Será que vale a pena?”. Vale.

RCC-21

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 09/10/2020 – 10h30

Entrevistada: mãe de CCC-21

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: a inscrição da criança no Comitê, sua participação e outros pontos ligados à temática da criança e da cidade.

Estávamos lendo uma matéria sobre o Projeto Cidade das Crianças no Jornal da Região e lá tinha um link da inscrição para o Comitê das Crianças. Ficamos interessados do CCC-21 participar. Ele já faz outras atividades, como na igreja em que vai com minha mãe. Tem interesse pela leitura e em saber mais sobre os assuntos. Como ele tem muitas ideias e iniciativa, pensamos que seria uma boa atividade para se envolver. Quando vimos que havia sido sorteado para o Comitê, ele ficou muito feliz.

Na inscrição, ainda não havia chegado a pandemia. Achemos que o CCC-21 teria as atividades presenciais e não foi possível. Pena não ser presencial. Para mim, tudo o que é presencial é diferente, as crianças se desenvolvem mais. Pela câmera, algumas ficam com mais vergonha e não falam nada. Cada criança se comunica de um jeito e pela internet é mais difícil. Mas o CCC-21 tem bastante interesse em participar e, como criança, tem se desenvolvido muito. Já era comunicativo, agora está mais ainda. Ele quem me ensina sobre as tecnologias. Deixo isso sobre a responsabilidade dele, de entrar nas reuniões e participar. O questionário que você enviou foi ele quem viu tudo e me explicou o que era e para ajudarmos você com sua pesquisa.

Sobre as reuniões do Comitê, o CCC-21 comentou sobre as questões da pandemia, dos cuidados para sair de casa, que estavam falando sobre isso e que ele achou muito importante. Fez desenhos também sobre brinquedos inclusivos e vimos no jornal que foi feita a implantação em um parque. Agora vai ter plantio de árvores pelos representantes do Comitê e ele está bem empolgado e feliz.

Na minha infância, a gente brincava na rua, na terra. Era rolemã, subir em árvore. Hoje, se não ficar em cima das crianças, é televisão e celular o dia todo. Aqui em casa temos um quintal enorme e eu incentivo muito meus filhos a brincarem. Tenho também um pequeno de 3 anos. Quero que eles tenham infância, que possam ser crianças.

Minha mãe só voltou a trabalhar depois que eu e meu irmão já éramos grandes, ela nos ouvia. Já meu pai trabalhava fora, era mais fechado. Quando eu tinha dúvida, minha mãe sempre estava lá para me apoiar. Penso que essa escuta seja muito importante. Que nem quando saiu a matéria do parque lá na Latorre e a presença de brinquedo para cadeirante. O CCC-21 ficou super interessado porque tinham também falado sobre isso nas reuniões do Comitê e foi pesquisar ainda mais. Acho importante parar para ouvir a criança, na família, na escola... Saber como ele está, o que ele precisa.

Ao escutar as crianças e envolvê-las na política da cidade, elas vão podendo conhecer a cidade desde pequenas. Muitas pessoas ficam naquela vidinha, não participam de nada e só criticam. Que nem o CCC-21 fica comentando da UPA aqui próxima da Vila Aparecida. Todo mundo reclama, mas não faz nada para ajudar.

O Comitê das Crianças é uma boa iniciativa que pode colaborar com a melhoria da cidade.

[illegible]

MEDIADORES DO “COMITÊ DAS CRIANÇAS” (MCC)

MCC-01

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 30/09/2020 – 19h

Entrevistado: Ator e Diretor teatral, Gestor na Prefeitura de Jundiaí – Unidade de Gestão de Cultura.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Minha formação é no teatro e depois eu fiz Letras. Na minha trajetória no teatro, sempre tive meu trabalho muito focado na criança, até na contramão. No meio artístico... está melhor, mas até hoje há uma grande separação entre teatro e teatro para crianças, como se o teatro para crianças fosse algo menor que o para adultos. Sempre fui uma pessoa que defendeu o teatro para crianças. Em 2015, comecei uma pesquisa sobre teatro para bebês, dentro de uma proposta para entender a formação de público. Entramos de cabeça nisso, pensando em como estava a formação de público para o teatro. No final de 2016, o Luiz Fernando me chama para ocupar o cargo de Diretor de Cultura junto com a TCC-19 que estaria à frente da Unidade de Gestão. Dentro da prefeitura, assim como em todos os outros lugares, o trabalho com crianças na parte cultural não era tido como algo relevante ou muito importante. Deu muito certo, tínhamos grandes projetos para arte e infância. Então a TCC-19 foi para Educação e eu permaneci na Cultura. Nesse mesmo momento, coincidentemente, a UGPUMA começou com um projeto de urbanismo para crianças, de uma cidade mais acolhedora para criança. Eu faço parte da primeira constituição do GT. Isso tudo vai tomando proporções enormes.

Em outubro de 2018, fomos para Argentina junto com duas arquitetas, para fazer adesão à rede latino-americana Cidade das Crianças. Isso foi um divisor de águas para mim. Até então não conhecia o Tonucci. Chegando lá, fiquei apaixonado por tudo o que ele traz, seus conceitos de cidade. Tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Ele pegou meu celular e mandou uma mensagem para o Luiz Fernando: “Olha aqui, você está prestando atenção que você está assumindo um compromisso com as crianças e que isso é muito sério? Estou contando com você, prefeito”. Segundo o Tonucci, a cidade não é amiga da criança, a cidade é da criança. E não é por mal, mas às vezes a gente fala assim. Isso tocou muito fundo em mim. Ficou claro que não é essa a proposta, ser amigo da criança: eu, adulto, caridoso, bondoso, inteligente que sou... vou fazer coisas porque sou amigo da criança. Não é isso. A adesão à rede é para que a gente seja a Cidade das Crianças, que elas sejam as protagonistas, onde a gente ouve de fato essas crianças e que as políticas não sejam só sob a ótica do adulto. É lógico que a ótica do adulto sempre será levada em consideração, pois estamos falando de gestão de uma cidade. Mas quando estamos tratando com a criança, é com o olhar dela e é dela a cidade. Para mim, este é um ponto muito marcante. Sempre que eu ouço que “Vamos fazer um projeto amigo da criança...” já penso “Não, não é um projeto amigo, é um projeto da criança, para a criança...”. De tanto a gente repetir, a gente pode estar colocando a criança em outro lugar. Quando a gente fala a cidade dela, da criança, a gente não fica num patamar e a criança noutro, ficamos juntos.

A gente que participa do Comitê vê o quanto isso faz diferença. Falando dessa trajetória, muda o olhar mesmo. A gente tem muito o que avançar. Por exemplo, estamos neste momento na discussão do Plano Municipal de Cultura e eu estou fazendo uma especialização nesta temática. Em 35 trabalhos da minha turma na USP, ninguém falou da criança. Mas como essa vivência estava sendo importante, essa abertura de horizonte, de olhar, no Nosso Plano de Cultura da cidade, vamos tratar da criança, assim como garantimos isso no Plano Diretor e está sendo garantindo no Plano de Mobilidade. Essa mudança de rumo, essa mudança que acontece na gestão é fundamental.

São coisas simples. Aqui na minha sala, eu tinha uma tela de fundo, atrás da minha mesa. Primeiro foi uma obra de arte importante que ficava aqui. Então mandei para a Pinacoteca e troquei por uma obra do Inos. E uns dias atrás, pensei: “Na minha sala faz sentido, eu quero ter uma obra de arte das crianças”. São pequenos movimentos que vão fazendo com que todo mundo que entre na sala fale: “Nossa, que interessante, é feito por uma criança?”. A gente começa a envolver as pessoas que vão se modificando, começa a haver a abertura de janelas que estavam antes fechadas.

Eu faço parte desde a primeira formação do GT. As coisas foram caminhando meio que paralelamente. A gente conheceu o projeto Cidade das Crianças e foi para a Argentina, porque eu estava participando do GT e tivemos uma formação no Instituto Alana, que nos falou do encontro super interessante que haveria na Argentina, da rede que Boa Vista também fazia parte. Nesse momento, falamos com o prefeito e ele se convenceu. Enquanto estávamos lá, aqui em Jundiaí estava-se publicando o nosso decreto. Então é um trabalho muito casado. Depois tivemos, a partir de junho deste ano, a oportunidade de fazer parte da URBAN95, uma outra rede fundamental para a gente olhar para os pequeninhos, para a primeira infância de 0 a 6. Quer dizer, as coisas vão se conectando e vão abrindo outras portas e outras necessidades. Nosso Comitê trabalha com crianças de 9 a 11. Mas hoje mesmo, na reunião da URBAN, eles já falaram: “Vocês já têm Comitê de 9 a 11, quando vai ser possível pensar em interagir com crianças da primeira infância?” Sei lá, vamos ter que pensar sobre isso.

É uma evolução meio que natural. O GT começa de uma maneira informal que funciona muito bem. Foi importante começar assim, porque a gente juntou naquele primeiro momento quem já tinha afinidade com o assunto, ideias parecidas, conceitos muito próximos. Isso foi importante para a gente ganhar força. Eram pessoas que já tinham um ideal comum. Quando a gente tem a publicação, a aprovação do Plano Diretor, e que de fato ficou instituído o GT, ele passou a existir na forma da lei. Depois, sentimos a necessidade de ser mais abrangente. Um trabalho que começou um pouco mais informal, mas com um conteúdo gigantesco, ele passa a ter obrigações mais regradas e burocráticas e que fazem parte do crescimento, acho até que de um reconhecimento do GT que vai ganhando mais responsabilidades. A partir do momento que vai ganhando mais responsabilidades, é inevitável que a gente precise dividir as funções, que a gente precise se subdividir, de trazer outros profissionais, de instrumentalizar o GT. Quando de fato ele se torna algo oficial, ele já tem uma estrutura forte. É importante ter uma história e haver a preocupação de envolver pessoas que não sejam transitórias no poder público. Não adianta só pensar naqueles que têm o desejo de mudança, mas que tenham uma função com começo, meio e fim. É o meu caso. Eu sou um agente político e até quando vai a minha história? Se a gente envolve servidores de carreira, a gente fica com essa esperança de estar perpetuando a ideia. Alguns agentes políticos serão trocados, vão sair, vão chegar outros..., mas os profissionais de carreira que estão lá vão poder olhar e dar continuidade a essa política.

Eu sou uma pessoa muito da prática. Venho disso. O fazer teatral vem sempre de uma prática. Eu nunca fui um acadêmico. Ao mesmo tempo que eu estava estudando, estava pondo aquilo em prática para acontecer. Às vezes, o que me agonia, que eu sinto que é algo que a gente precisa avançar, é que tem coisas que ficam muito na elaboração teórica. Claro que para isso, a gente precisa, nas pontas, nas Unidades, que o projeto discutido no GT vá para as vias de execução. É algo que vai depender de cada Unidade de Gestão, do esforço de cada gestor, da facilidade com o encaminhamento burocrático. Se não a gente tem um monte de coisas incríveis que são discutidas, mas que acabam ficando no campo da ideia. Não pode ser isso. É uma parte fundamental: discutir, discutir, discutir... e chegar num lugar e ver como colocar em execução. É lógico que isso é uma construção. Por exemplo, cada Unidade de Gestão vai ter que perceber que para colocar em prática vai ter que ter um orçamento minimamente atrelado, porque senão não adianta vontade de encaminhamento burocrático para que aconteça. Não estou falando de um grande orçamento, às vezes, até o pequeno é difícil. É preciso organização e vejo que a gente precisa avançar com o GT, lá na ponta. Eu sinto como dificuldade maior, às vezes, essa interlocução entre o representante no GT e como ele leva a discussão para sua Unidade de Gestão, para que vire uma ação prática. Quando falo de uma ação prática, não é nem pensando só em atividades em si, mas até a publicação de decretos, elaboração de conceitos, visibilidade de escolhas. Entender que não é uma bobagem de criança, é algo muito considerável.

Sou apaixonado pelos Comitês, acho incrível a atuação deles. Não é fácil você mediar as crianças e não contaminar com seu desejo. Quando achei que tinha aprendido uma maneira de fazer presencial, veio a pandemia e tivemos que nos reinventar e descobrir como ser à distância. Fico muito convencido de que aquilo que o Tonucci diz é de real: as crianças entre 9 e 11 anos têm uma capacidade gigantesca de olhar para a cidade, de manter seu olhar de criança e ainda assim já entender e separar a fantasia do que é possível. Acho incrível o princípio de cidadania. Fico querendo que minha filha tivesse feito parte do Comitê. Vejo nas crianças que estão há dois anos como elas se modificaram, aquelas que se reconduziram, como elas eram e como estão hoje. Para além dessa questão, esse empoderamento, de saber que o que estão dizendo é importante torna-se fundamental na construção de uma cidade das crianças. Outra coisa importantíssima, que sempre acreditei na arte e na educação, é trabalhar o coletivo. É entender que não vai ser só o meu desejo a ser levado em consideração. Vou ter que debater com outras pessoas, o que é um exercício difícil, pois eu posso ter uma ideia e você outra. Se a gente está num grupo e vai precisar chegar num consenso, e a decisão é nossa, não é de ninguém de fora... não tem jeito, ou a gente abre mão de alguma coisa ou não vai chegar num lugar comum.

Eu ainda estou aprendendo muito com o Comitê, um grande exercício para mim. Tem duas coisas importantes. Eu li os conceitos de outras cidades, o que o Tonucci propõe... e, às vezes, eu penso: “será que eu simplifiquei demais?”. Mas eu também fico me cobrando de que eu tenho que ter a menor interferência possível e dar liberdade para essas crianças, porque isso é o que mais a gente vê de dificuldade: dar o espaço para elas decidirem o que elas querem fazer com aquele espaço. Só lembrando que elas estão ali para falar sobre a cidade. Para mim é um grande exercício, é de ficar pensando: “não posso querer conduzir as ideias”. Tem momentos sim que a gente precisa de uma resposta, mas no geral tem que ser um lugar onde às vezes tenha um branco mesmo, que tenha que parar e pensar o que vamos fazer agora. A cidade é o nosso tema. É uma dificuldade tudo isso. A arte ensina muito, que os momentos de silêncio são importantes. A gente não precisa preencher todos os momentos. Quando eu pensava no Comitê, eu ficava desesperado imaginando que precisava ter o assunto. Mas depois vi que

quem vai determinar o assunto são as crianças, a partir de uma necessidade que elas vão descobrir. Normalmente, a escola, o teatro... tudo... a gente fica muito sobrecarregado de assuntos. Se no Comitê sobrou um espaço, o que será que as crianças farão com ele?

Sou uma pessoa positiva. Eu sinto que para o Comitê, essa experiência online, apesar de eu querer muito estar com eles, foi fundamental. A gente cresceu muito enquanto Comitê com essa experiência que não é presencial. O fato de não estar presente, de estar do outro lado, deu voz para mais crianças. Por exemplo, quando estou num grupo de teatro, fazendo uma roda de discussão sobre determinado assunto, têm aqueles que vão sempre ocupar mais espaço, quem é mais falante, quem tem mais facilidade de se expressar... O online, de um modo geral, não só no Comitê, mas no Comitê me chamou muita a atenção, democratizou mais o espaço do falar. Na roda, no presencial, tem a energia de estar todo mundo ali junto. Você se encabula porque o outro lá do outro canto começa a falar... O virtual deu uma mexida nisso e uma organizada. Lógico que falta o contato. A gente poderia ser híbrido, justamente para criar um espaço para aqueles que são mais contidos. Para mim, tem um exemplo no Comitê, o CCC-14. Tenho certeza de que ele, no presencial, seria mais calado. Ele ouve muito no Comitê e fica sempre com a câmera desligada, mas sempre que se pede uma opinião, ele sempre tem uma para dar. Com a câmera fechada, poderíamos imaginar que ele estaria fazendo outras coisas, mas ele se coloca num lugar de quem ouviu tudo o que foi falado. Ele contribui. Para alguma criança como o CCC-14, o virtual ajudou. Lógico que a gente sabe que tem aqueles que gostam de participar e o virtual é um impeditivo, porém, ao mesmo tempo, a gente nunca teve tanta adesão e permanência. Dos 24, 20 são muito muito presentes nas reuniões.

Cada vez mais eu sinto a necessidade de a gente ter Comitês nas regiões, para que a gente olhe para alguns lugares que não consegue; por sorteio é difícil, têm regiões muito grandes. A exemplo de Buenos Aires, conversei bastante com o responsável pelos Conselhos, ele me falou que não tinha jeito, precisavam ter vários Conselhos e ter momentos para juntar todos. Se a gente quer olhar para a cidade como um todo, penso que isso é necessário. É lógico que é preciso instrumentalizar o Comitê. Ele deu os primeiros passos que foram importantíssimos. Nós precisaremos de mais gente para ter pernas. Talvez cada região eleja uma política e numa plenária grande, seja possível trazer todas. Acho que é um caminho.

Trabalhamos num governo de continuidade. Tenho certeza de que o programa não acabará. E isso é o mais importante. Ele começa como projeto e ganha dimensão de política pública. Vai ter que ter esse desdobramento necessário e isso vai exigir uma instrumentalização diferente. A gente fez e faz ainda no emocional e no intuitivo, mas a visibilidade e a importância dele a gente conseguiu nestes dois anos conquistar. Agora é pegar esta base que a gente construiu e que tem um enorme valor, e ver como vai se esmiuçando essa política, este, estes Comitês. O fazer, as práticas, a teoria vão nos dizendo o que temos que buscar. Fico feliz de ver como a gente tem avanços muito significativos, como a nossa escuta das nossas crianças é potente, como isso reverbera, como conseguimos respeito. Veio um povo de Brasília que ficou sabendo do projeto e querendo falar sobre ele. Mas tudo isso é só o começo de um trabalho que ainda tem muito o que ser feito.

Tenho a sensação de que as crianças do Comitê queriam muito falar sobre coisas diversas, pois crianças têm uma relação de afeto e uma necessidade de compartilhar coisas que acham legal, um momento muito rico. Por isso, eu digo que tivemos pontos positivos mesmo durante a pandemia. Como as reuniões são em casa, a gente sabe que muitos pais estão ouvindo. O entendimento e a relação conosco foi diferente. Esses pais que estão no

Na arte, é muito livre, mesmo assim chega um momento que é preciso interferir, pois senão nunca acaba o processo criativo, não se chega, por exemplo, na peça de teatro. Fica-se eternamente criando-se coisas. Chega um momento, que eu enquanto diretor preciso dizer: “Aqui vamos pensar sobre isso e vamos fechar essa ideia”. E com as crianças, penso que é assim também: “Conversamos sobre tudo isso e agora como a gente organiza?”.

[illegible]

MCC-02

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 01/10/2020 – 11h

Entrevistada: Assistente Administrativo, na Prefeitura de Jundiá – Unidade de Gestão de Cultura

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu trabalhei na Secretaria de Comunicação na gestão passada. Na época, prestei concurso para assistente administrativo. Passados três anos, fui fazendo outros trabalhos como atriz e professora. Fui chamada em maio de 2019 para trabalhar na Unidade de Gestão de Cultura. Na semana que ingressei, já tinha reunião do Comitê das Crianças e eu comecei. O sorteio já havia acontecido, mas consegui estar presente na primeira reunião que teve a presença do prefeito, dos pais, de outros munícipes. Foi muito bacana ouvir a apresentação.

Acompanhei as crianças do I Comitê (2019) e agora as do II Comitê (2020). Noto que há algumas diferenças. Ano passado, como as reuniões eram presenciais, os participantes conseguiam se socializar melhor. A gente vê nos desse ano a vontade deles se conhecerem ao vivo. Então, ano passado, eles ficaram muito amigos, ficavam ansiosos para se verem. Pena não estar sendo presencial por conta da pandemia. Algumas crianças permaneceram de um ano para o outro, a CCC-18, o CCC-02, a CCC-13, a CCC-04... Elas eram mais atuantes no ano passado, provavelmente, por ter sido presencial.

Sobre o ano passado ainda, lembro muito do Matheus, que tem espectro autista. Foram visíveis os progressos que ele teve de socialização e desenvolvimento. A CCC-x também é outro exemplo. Fiquei impressionada, nas primeiras reuniões ela nem falava e mais no final do ano, se tornou a criança que mais dava ideias, muito criativa, foi impressionante ver o progresso que ela fez. Juntos, uma ideia puxa a outra, coisas incríveis aconteceram.

Entrei recentemente para o GT Criança na Cidade, estou entendendo aos poucos como funciona, mas já vejo de grande valia quando as Unidades de Gestão trabalham conjuntamente para pensar a cidade para as crianças. A intersetorialidade é muito importante. Às vezes, por exemplo, a Cultura que realiza algumas ações que seriam impossíveis sem contar com o Trânsito ou a Saúde. Todos conversando coletivamente, acontece de maneira mais objetiva e rápida, de forma mais dentro da realidade, do que é possível na cidade.

Pela minha pouca experiência, vejo que o Comitê das Crianças colabora com o desenvolvimento da cidade. Para além disso, as próprias crianças se desenvolvem como cidadãs e socializam com os outros amigos. Criam uma rede e ganham sentimento de pertencimento.

O que sinto é que as famílias não têm dimensão no início do ano, na primeira reunião acham que é apenas uma brincadeira. Quando eles percebem a dimensão que isso toma, dentro da própria casa e da escola, começam a mudar com a gente, a ver do trabalho com mais seriedade. Sinto-me muito responsável por essas crianças. Quando era presencial, ainda mais. Ano passado, as horas que elas ficavam comigo, tomava todo um cuidado para que elas ficassem com o grupo, para que as necessidades deles fossem atendidas.

Já para as reuniões, sugiro ter algum planejamento das atividades, pode ser bimestral ou trimestral. Assim podemos ter melhores ações junto às crianças. Espero muito poder continuar nesse trabalho no ano que vem.

[illegible]

MCC-03

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 26/09/2020 – 16h

Entrevistado: Ator

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação em relação a questões ligadas à escuta e participação das crianças

A educação na minha época quando eu estudava, eu já percebia, meio que intuitivamente assim que os procedimentos todos estavam um pouco antigos e não estão acompanhando. Imagina hoje, então... eu estudei há muito tempo e já era para ter mudado um monte de coisas. Fico imaginando como as crianças e os alunos têm visto os desafios e dificuldades, pela própria estrutura da educação.

Tem muito a ver com de onde eu venho. Eu estudei minha vida inteira num colégio aqui de São Paulo, o Colégio Sion, desde o maternal até o terceiro do Ensino Médio, na época se chamava colegial. Eu fui me envolvendo com teatro desde cedo, desde que eu tinha oito, nove anos, eu já comecei a fazer aulas de teatro, que era um curso extracurricular que tinha lá no Colégio Sion. E fui fazendo teatro durante toda minha trajetória escolar. Quando chegou no terceiro ano, o professor que me dava aula durante todo esse período, Luca, teve que sair, programou de estudar fora. O curso de teatro iria ficar sem professor e ele me falou: “Por que você não assume pelo menos as aulas dos pequenos?”. Então, eu com 18 anos, eu já assumi uma turminha de crianças e, muito claro, com a tutela dele. Ele me falando quais eram os exercícios, me passando a literatura para aplicar. Fui tomando conhecimento e esta questão de ser professor veio junto com ser ator e ter a coisa do teatro também presente. Então foi essa a minha trajetória. Comecei nessa época, no ano seguinte, já tinha um outro professor junto comigo. Eu já estava num curso de teatro também, me profissionalizando. Dei aula no Sion durante dezesseis anos seguidos. Foi bastante tempo. E a gente começou a pegar as turmas dos mais velhos também. Muitos e muitos alunos, muitos e muitos espetáculos de final de ano... No meio dessa trajetória, o Colégio Sion me convidou para montar um curso lá na grade curricular deles e eu chamei de “Cultura Artística”. Era um curso em que a gente passeava durante o ano, cada bimestre, por várias linguagens artísticas. Tinha música, teatro, tinha dança... cinema e tinha... as artes plásticas. Eu quis fazer um curso que a gente tivesse contato mais profundo com as linguagens do que quando eu tive mais com as artes plásticas. Muitas vezes, eu proponho atividades ou em eventos que eu vou fazer e me vem uma devolutiva: “Mas você vai usar cola quente com a criança?” e eu penso: “Meu Deus, a gente não vai apresentar para ela o que queima? Então como a gente vai fazer isso...”.

O teatro de algum jeito quando você está apresentando algo para alguém, tem essa comunicação entre você e quem está te assistindo. O tempo todo você está muito presente e muito atento nessa comunicação. Se eu vejo que alguém se desliga do que eu estou falando, para mim não é bom. Eu quero comunicar alguma coisa. Essa percepção tem a ver com o teatro com certeza, de querer que aquilo que estou comunicando chegue de alguma maneira. Como eu faço para chegar? Chegar de uma maneira fluida, uma forma natural, orgânica... Que a pessoa esteja realmente ali e eu não esteja só falando, falando, falando... Então vem o outro lado, do professor, se não há interesse, se não está transformando alguma coisa, não tem como... Esses anos que fui professor foi muito enriquecedor, minha formação de vida. É muito real e concreto. Você experimenta uma coisa e não dá certo, não

tem meios termos, você vai negociando os sentidos para que entender e chegar numa transformação. E quando chega nessa transformação não tem... Quando você vê lá alguém com dificuldade, que não estava entendendo e você de algum jeito conduziu uma descoberta... isso aí não tem preço.

Tem um aspecto também nessas coisas do teatro e de ser professor, que foram caminhando juntas... Nesse processo todo, vejo que tem também se colocar numa posição de aprender também. É meio clichê falar isso, mas professor também aprende junto. Não sei muito bem como explicar, mas talvez se colocar não como o dono da verdade. Claro que tem uma autoridade ali, que a gente exerce, é óbvio. Não tem como discutir isso. De um jeito você está construindo junto. E isso, de um modo tem a ver também com o teatro. O jogo teatral era outra coisa que a gente trabalhava nas aulas. Na verdade, quando a gente estabelece a atmosfera do jogo, que está todo mundo sabendo as regras e entendendo que é uma coisa que vai se construindo entre, aí que acontece o coletivo de verdade, aí que as pessoas têm a ideia da potência da construção conjunta. Quando acontece essa percepção..., nas turmas que a gente vinha trabalhando... às vezes, menos, às vezes, mais... Mas quando isso acontecia também era uma transformação individual. A percepção que você fala: “Nossa, quer dizer que eu posso fazer alguma coisa junto com outros...”. Sinceramente, usando meu coração, colocando minha potência, de verdade, para que o coletivo aconteça. Era uma coisa muito transformadora para todo mundo. Engraçado isso, não sei nem muito bem como explicar. Fui muito por um caminho até intuitivo. Não tive formação em pedagogia e fui muito pela via do teatro. Eu vejo muito medo sendo dissipado, muito sentimento de inadequação sendo dissipado por esse coletivo. Muitos e muitos alunos que chegavam e tinham interesse de fazer o teatro, mas que quando viam que era possível isso, nossa! Até me arrepiava de falar. Tantas e tantas pessoas que eu falava: “Não é possível que aquela pessoa que entrou no começo do ano, está fazendo isso no final”.

Quando a gente pensa que não é natural, volto nas estruturas que a gente tem. Na estrutura da educação como ela é. Eu vejo que tem uma estrutura que não ajuda e que muitas vezes até atrapalha. Vejo professores, como alguns que tive, meio furando esse esquema. Por iniciativa própria ou um interesse ou uma história de vida que fazia sair desse esquema. Falo desse esquema industrial. Vamos nos sentar todos na sala, todos olhando para frente, vai tocar um apito... e a gente vai sair para o recreio, depois a gente vai voltar... os conteúdos fechados...

E daí que estamos contando para elas como é o mundo, criando essas visões de mundo. Eu fico pensando isso várias vezes: que na escola o principal seria aprender o que é o amor, aprender de verdade o que é... Quando acontece um conflito, o que eu posso aprender com isso, o que eu posso transformar. Envolve aprender sobre o humano, aprender sobre a gente. Parece ser meio radical, mas eu focaria nisso e dentro disso iria explorando os conhecimentos.

E na verdade é isso. Qual é o seu potencial verdadeiro? E a partir dele é que vamos trabalhar. Uma vez, meu sobrinho que me fez pensar sobre isso. E a conversa com ele foi muito rica. Quando eu percebi que tinha a ver com o jogo de cartas que ele estava brincando, fui colocando meus assuntos também na conversa.

No coletivo parece que a gente não conversa com as crianças, em cercadinhos, coloridinhos, macios, sem ponta... Ao mesmo tempo, as crianças eram antigamente meio que desrespeitadas na sua individualidade. Criança não se sentava nem na mesa com os adultos para comer. Era apartado e era... criança. Hoje em dia, ao mesmo tempo que a gente dá um monte de coisa, pergunta o que ela quer, coloca decisões nas mãos das crianças que elas nem podem tomar, nem tem muita capacidade de tomar e muito focado na individualidade, mas numa

Eu vejo que estamos vivendo um momento meio esquisito no mundo, onde parece que se perde um pouco o valor do coletivo e se pensa só a partir do individual. Isso acaba gerando pessoas com muito medo e com muita desconfiança da vida. Tenho esperança de que a gente consiga perceber que ao mesmo tempo que está difícil, está complicado, ficou muito evidente. Chegamos num ponto, na nossa sociedade que a gente precisa rever um monte de coisas em termos de meio ambiente, de educação, do que é o trabalho, tudo isso precisa ser revisto. Não é possível que a gente não esteja vendo. Não dá mais para gente desmatar e estragar nosso planeta. Não tem mais como as empresas e a economia querer apenas lucro todo ano, todo ano... Estou falando isso, só porque ao mesmo tempo que está difícil é uma oportunidade para rever tudo isso. Na minha opinião, a gente precisa se apoiar nesse coletivo. O individual não está dando muito certo. A gente precisa mesmo achar nossa potência individual e jogá-la para o coletivo.

[illegible]

TÉCNICOS DO GRUPO DE TRABALHO “CRIANÇA NA CIDADE” (TCC)

TCC – 01

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 26/09/2020 – 16h

Entrevistada: Núcleo de Apoio à Aprendizagem e CMDCA, mãe de Mariana (29 anos) e Pedro (23 anos)

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Sou bauruense e estou em Jundiaí há 28 anos. Essa sempre foi minha área de atuação, relacionada à criança, mais a criança do que o adolescente. Sou formada em pedagogia e eu atuei 25 anos na educação infantil. É algo apaixonante pra mim, essa fase, da primeira infância. Em Jundiaí é que eu pude me envolver mais com a rede. Eu tenho dois filhos: a Mariana com 29 anos e o Pedro com 23. Fui trabalhar mais com as entidades e assistências, trabalhei na APAE, no centro de reabilitação, na Ateau e hoje trabalho no Núcleo de Apoio à Aprendizagem, todas experiências voltadas para dificuldades de aprendizagem. Também já atuei como professora em creche. É uma troca de experiência muito importante porque existem diversos olhares para a mesma criança, faz a gente ver o ser integral, enxergar a potência que tem a criança. Então fui me envolvendo, entrei como conselheira no CMDCA e estou na segunda gestão. Nós do Conselho recebemos oficialmente um convite em 2018 para participar do GT Criança na Cidade, que ainda estava começando. Lembro de Jundiaí ter participado daquele evento internacional sobre a Cidade das Crianças. Teve uma apresentação do Instituto Alana e várias formações. O GT é um grupo formado por gestores na sua maioria. Achei importante a participação da sociedade civil pelo CMDCA.

O trabalho do grupo nasceu pensando no trajeto para a escola e a relação da criança com a cidade. Foram chegando pessoas de outras áreas e englobando mais olhares. Então o objetivo desse grupo é pensar na criança, nos lugares, na cidade. É focar primeiro nelas.

Eu estive na inauguração do Comitê das Crianças na Cultura. Foi maravilhosa e eu me encanto em ver a criança como protagonista. Gostaria de estar mais perto, mas atuo aos sábados do Grupo Sementes de Adoção. As crianças terem essa oportunidade de pensar na cidade e poder fazer chegar até administração suas reflexões é excelente. Fazer elas pensarem em seus bairros, no que está perto delas. É um universo de questões a serem levantadas. Também é importante que essas discussões cheguem da maneira mais nativa possível. Que as ideias levadas para o prefeito possam ser antes mais socializadas entre as crianças da cidade. Claro que o Conselho é representativo, mas antes de chegar no executivo, seria bom divulgar para receber o retorno e outras opiniões de crianças da cidade, via escolas, site do Conselho. Para que haja uma troca entre as crianças. E o Comitê selecionaria e discutiria o que chegasse.

Para o GT Criança na Cidade, seria importante que o CMDCA tivesse duas cadeiras de representantes para que fosse possível melhor participação. Na verdade, este grupo vem muito ao encontro das necessidades que vejo, como que suprimindo uma assessoria para atuar junto aos gestores, trabalhando as questões voltadas à infância. O CMDCA tem o foco voltado principalmente para as vulnerabilidades de crianças e adolescentes da cidade. Sou

[illegible][illegible]

TCC-02

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 26/09/2020 – 16h

Entrevistada: Arquiteta da Prefeitura Municipal de Jundiá – Departamento de Projetos Urbanos, mãe de Leonardo (meses)

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Em Jundiá, estou como diretora do Departamento de Projetos Urbanos que cuida de espaços livres públicos (rua, praça e parque). Saber que o departamento está vinculado ao Planejamento é importante, frente aos conflitos que existem, de interesses, de quem faz o quê. Assim, somos responsáveis por um passo antes da implantação, por exemplo, de um corredor de ônibus. Nós do departamento vamos cuidar das diretrizes viárias das ruas, quanto vai ter a calha completa, como será a calçada, se terá ciclovia, onde estarão as faixas de pedestre... É muito importante ter este departamento no Planejamento: para ter ações e planejar melhor a cidade. O Departamento de Projetos Urbanos (DPU) foi criado em 2017 e é composto em sua integralidade por arquitetos, apesar de eu achar interessante contar com outros profissionais, principalmente pelos projetos ligados às crianças. Quando trabalhamos com espaços livres públicos, a rua, a praça e o parque, cada um em seu contexto tem uma presença única, um impacto na sociedade. Quando eu construo uma praça ela até consegue afetar seu entorno, mas ganha-se maior projeção quando se trabalha em sistema. A gente luta que assim seja o trabalho. Por exemplo, o Mundo das Crianças: tentamos conectá-lo com o Parque da Cidade, com o Jardim Botânico, com o Paço, com a ciclovia da Latorre... É com o olhar de sistema de espaços públicos que começamos a pensar com visão sobre as crianças. A Sylvia, lá em 2017, já tinha esse olhar e teve um papel fundamental. Foi protagonista na disseminação. Com as demandas, como reforma de calçadas, eu precisava de uma lógica para os projetos. Nisso, começamos o projeto Entre a Casa e a Escola. A Sylvia tinha proximidade com gestores da EMEB Deodato e foi lá que iniciamos o trabalho, com a visão de sistema. Olhamos o caminho inteiro que a criança fazia, levando em conta as ruas, a arborização, as calçadas, a iluminação..., se nesse caminho encontrava algum espaço de estar, como uma praça; se o ponto de ônibus era seguro, se as travessias eram seguras. Esse projeto veio perfeito para como víamos os espaços públicos, não como pontos isolados, mas dentro de um sistema de cidade.

Num primeiro momento não fiz parte do GT Criança na Cidade. Na primeira configuração, havia um representante apenas por Unidade de Gestão. Após as primeiras formações com o Instituto Alana, foi entendida a importância da participação de alguém da equipe de projetos. No meu trabalho, a intersetorialidade é essencial. Como arquitetos, quando vamos fazer um projeto, precisamos conhecer os atores, as demandas, as dificuldades..., pois dentro de uma lista de necessidades levantadas, fazemos algo para atender. No poder público, é muito difícil na construção de uma praça, consultarmos o Esporte, a Cultura, a Educação, a Saúde ou outras pessoas dentro do Planejamento para depois conciliar tudo isso num projeto. Muitas vezes é difícil saber até quem buscar na prefeitura. Então, é muito válido ter um GT com pessoas muito diversas mas alinhadas numa referência, que é a criança. Ainda enfrentamos dificuldades. Praticamente quase todos os projetos que fizemos foram alterados pelas pessoas que executam as obras e muitas vezes ainda não conhecem as novas perspectivas. Normalmente, estão mais preocupados com menor custo e disponibilidade de material. Um exemplo: a troca da ciclovia de cimento

para uma de asfalto fará com que toda a ambiência, a preocupação com a temperatura do asfalto e outras questões, deixem aquele espaço menos confortável. Penso ser essencial ter algo como o GT que reúna várias pessoas com o propósito voltado para a criança, desde quem está no planejamento até quem estará na outra ponta, na execução, passando por quem viabiliza as finanças, organiza o plano de governo, contrata a empresa que vai realizar o projeto, quem vai fiscalizar a obra. Se o GT for apenas um grupo para ter ideias, ideias, ideias... e não se preocupar em viabilizar as ações, vira somente um GT de boas intenções. Depois que saí de licença maternidade, houve uma ampliação do grupo e está bem heterogêneo e isso é essencial. Eu mesma defendi muitos projetos amparada nas discussões e no apoio do GT. Muitas pessoas ainda enxergam o projeto Cidade das Crianças como uma marca política, que é só fazer algo colorido ou temático, mas é algo maior. Essa é a ficha mais importante para cair. O Mundo das Crianças não é um parque temático, tem que trazer uma nova forma de percepção das relações. Uma das dificuldades que tivemos com as obras é que elas estão diferentes do projeto. Na parte das quadras, algumas pessoas, inclusive do Esporte, vieram reclamar que será um parque para as crianças e não precisaria de quadras. Tivemos que justificar que será um lugar para a família inteira, para os irmãos mais velhos e para as crianças que também podem usufruir delas. Não é algo em miniatura ou temático. A criança na verdade é o ator que mobiliza a sociedade. Olhar uma cidade pela criança é possível chegar em todo mundo.

Os pais sempre agem com as melhores intenções. Agora que eu nasci mãe, vejo muito isso. A questão da segurança, de não deixar as crianças nos espaços públicos... causam preocupações. O Leonardo é a melhor coisa que me aconteceu na vida. Mudou tudo, é muito especial. Antes eu tinha uma questão ética profissional, gosto muito de ser arquiteta e de desenhar o espaço público, trabalho com o que eu acredito. Agora é como se eu tivesse uma pressa em garantir um mundo melhor para meu pequeno, é um comprometimento ainda maior. Os bem pequenos trazem uma pureza, uma confiança, uma questão de esperança.

O Comitê das Crianças surgiu pela adesão de Jundiaí na rede latino-americana do Francesco Tonucci. Foi uma obrigação, um comprometimento, do município em ouvir as crianças e delas terem um papel nas decisões da cidade. Eu fui para Rosário (Argentina) conhecer a experiência de uma cidade que está há 20 anos nisso. Foi emocionante, pois deu para ver o quanto a vida da cidade é outra. Vimos a segunda geração participando. Conhecer esses impactos, que as atividades das crianças têm resultado, que culminam em propostas incríveis... Você já imaginou um guia turístico feito pelas crianças? É maravilhoso imaginar como as crianças chegaram nos pontos principais que uma pessoa de fora deveria conhecer. A hora que elas decidem que a cidade precisa ter mais borboletas e, para isso, escolhem as flores com essa intenção. Algumas pessoas podem banalizar achando que virão propostas como postes de chocolate e não é isso. Saem ideias ligadas a políticas públicas que talvez não imaginaríamos. Aqui também foi uma surpresa na carta das crianças terem surgido uma praça em cada bairro, velocidade controlada na porta das escolas... vemos a força que ações como o Comitê das Crianças tem. É claro que muitas vezes as crianças reproduzem o que ouvem dos pais, mas quando você escuta uma criança falar que os carros passam correndo na escola, isso é vivência dela. No projeto Entre a Casa e a Escola, os desenhos das crianças demonstram que elas são impactadas pelos problemas da cidade e sabem expressar. O que aparece de lixo nas representações é enorme. Se conseguirmos levar a sério, cada vez mais sairão pontos reveladores. Faz muita diferença a forma como se conversa com a criança, a condução faz toda a diferença. Em Rosário, uma coisa que me deixou muito impressionada e que também acontece aqui em Jundiaí, é que quem conversa com as crianças não são os arquitetos, a figura de mediação é uma professora de teatro. Pedagogos, psicólogos, professores de

teatro, artistas plásticos... têm um protagonismo na cidade. Muitas vezes, aqui no Brasil nem são profissões tão valorizadas. E lá quem está discutindo as questões da cidade com as crianças é quem tem a sensibilidade para conversar com elas. Para mim, foi um grande aprendizado como arquiteta.

Desejo para o Leonardo uma cidade em que ele possa viver, não somente habitar. Quero que ele não apenas vá na casa da vó ou ao clube, mas que ele viva a cidade: ir à pracinha, ver o passarinho, ver diferentes árvores, andar na calçada sem pisar na risca... Ele vivendo na cidade é algo cíclico, ele pode ter um olhar sobre o lugar onde ele vive. Quero que ele possa andar de ônibus e dizer se é bom ou não, que ele veja as desigualdades e se incomode com elas. Quero para ele uma cidade que realmente permita. Não é nem que a cidade somente esteja tão ruim, mas as crianças estão fora. É como se estivéssemos criando espaços para adultos e carregássemos as crianças de um lado para o outro, achando que elas não precisam viver tudo isso. Às vezes, ouço comentários das pessoas. É como se eu devesse manter o Leonardo numa bolha, como se ele não precisasse ter contato com o mundo.

[illegible]

TCC-03

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 30/09/2020 – 19h

Entrevistada: Assessor na Prefeitura de Jundiaí - Mobilidade e Transporte, pai de Larissa 15 anos, Beatriz 10 anos e Luiza 5 anos.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Trabalho na Prefeitura de Jundiá desde 2017, mais especificamente assessorando a Unidade de Mobilidade e Transporte. Entre as minhas atribuições, está atender as necessidades dos munícipes, fazendo essa ponte entre a Prefeitura e a população. Dentro disso, participo de vários Conselhos (do idoso, da pessoa com deficiência...). Quando surgiu o GT Criança na Cidade, fui convidado para participar também para fazer a interação, representando a diretoria de transporte público, de mobilidade e de trânsito.

Em Jundiaí, vejo que esta preocupação com as questões das crianças se destacou muito nos últimos anos. Existem coisas que não eram observadas e, hoje, através dessa visão, de ter um olhar específico para as crianças, a gente começa a entender um pouco mais, começa a se preocupar com como a criança fica no ponto de ônibus, dentro do transporte público...

Vejo que assim “entramos no problema”. Isso aconteceu comigo também quando eu comecei a participar do Conselho da Pessoa com Deficiência. Eu não tinha ideia do que era. Não tenho ninguém na minha família ou pessoa próxima. Depois que comecei a participar, comecei a olhar com outros olhos. São pessoas que têm sua individualidade e autonomia. Assim também é minha relação com a criança. Sou pai de três meninas (Larissa 15, Beatriz 10 e Luiza 5 anos). Em casa temos todas as idades: adolescente, criança e criança pequena.

Sobre o Comitê das Crianças, quando eu entrei e conheci, pensei: “eu não sou um pai assim, que tem todo esse cuidado, essa brincadeira...”. Mas o olhar vai mudando e a gente vai começando a entender. A gente é tão preocupada com o trabalho, na correria, que às vezes a gente não consegue olhar e dar atenção para a criança. Vejo que o Comitê veio para Jundiaí para colocar uma “pulguinha atrás da orelha” de cada gestor: olha vai ter criança nessa praça, vai ter criança nessa avenida, vai ter criança nesse ponto de ônibus. Você começa a despertar e a ter uma cidade que olha na altura da criança, com o olhar da criança. Essa “pulguinha” me ajudou com minhas filhas, apesar da correria, estou estudando sobre criação de filhos (várias fases) e olhar diferente.

Quando a gente era mais criança, o poder público não tinha essa abertura, era mais fechado e burocrático. Dá para gente abrir esse leque. Gostamos de Jundiá ser exemplo, do prefeito ouvir o que a criança está dizendo. Quando a gente começa a olhar dessa maneira, não é dizer que elas serão o futuro da nação, elas já são o presente. Eu brinquei na rua e hoje morando em um apartamento, a gente não consegue sair. Jundiá é uma cidade de médio porte. É preciso ter momentos para que as crianças sejam realmente crianças e possam estar na cidade.

Eu nasci em Jundiá e com 7 anos fui para uma cidade menor e mais interiorana. Ainda morei numa fazenda, no Mato Grosso, muito tranquila e só depois, retornei à Jundiá com 16 anos. Minha infância toda foi na rua, não tinha perigo. Minhas filhas nasceram aqui nessa cidade e ainda as coisas estão assim fechadinhas.

[illegible]

TCC-04

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 26/09/2020 – 16h

Entrevistada: Médica da Prefeitura Municipal de Jundiá – Unidade de Gestão de Saúde

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu sou daqui de Jundiaí, fiz faculdade de medicina e residência em pediatria em Taubaté. Em 2009, voltei para Jundiaí. Em 2010, tendo passado no concurso público, ingressei. Continuei também trabalhando em hospital privado. Venho trabalhando na prefeitura como médica em UBS como pediatra geral. Recentemente, fui convidada para participar do GT Criança na Cidade. Ainda estou um pouco perdida, mas estou gostando bastante do projeto, de poder avaliar o que a gente faz pelo desenvolvimento das crianças.

Eu fico pensando na minha infância que foi toda na rua, brincando, subindo em árvores, fazendo pique nique. E hoje as crianças não fazem mais isso. Primeiro porque elas não têm segurança e segundo porque elas não têm espaço. Eu vejo onde eu morava, onde eu cresci... Hoje as crianças de lá não têm como fazer o que eu fazia na minha época. Assim, se tiver uma visão de todas as unidades de gestão da prefeitura tem como unificar e buscar fazer alguma coisa melhor. Vejo que ainda tem muito pela frente. A Saúde é apenas uma pontinha. Todos os setores são essenciais e a Saúde é um colaborador, não vai ser um ponto de partida ou de explosão.

Sobre o GT, tenho visto bastante coisa legal, projetos... São coisas que a gente não consegue imaginar e pensa: “Nossa, como essa pessoa teve essa ideia”. O grupo é bastante empenhado. Está todo mundo lutando por um mesmo objetivo, sem sobressair um mais do que o outro, por um bem comum.

A criança é o começo de tudo. Se não começar certo, há grande chance de dar errado depois. Acho que é o fundamental da vida. A tendência é essa, de fazer a prevenção. Antigamente era muito curativo. Isto é o que a gente tenta fazer. Evoluiu muito. Tenho 15 anos de formada e muita coisa mudou para melhor.

Desejo que as crianças tenham mais liberdade, não ficassem tão presas dentro de casa, que tivessem lugares seguros. Na minha época, não era assim tão seguro... passava carro, a gente saía, mas era mais tranquilo. Hoje, se deixarmos a criança na rua ela pode morrer atropelada, ela não tem muita noção de estar na rua. Espaços para a criança brincar em segurança, não centralizado, mas nos bairros. Lugares com segurança para as crianças, mas também agradáveis para os pais acompanharem.

Sobre o Comitê das Crianças, acho super importante. Na consulta, as mães querem falar pelas crianças, mas as crianças conseguem falar, se expressar... Claro que não vai ser da maneira como a mãe faria, mas o jeito que a criança vê vai dizer muito mais coisas do que a forma como o adulto conta. Eu sempre tento dar a palavra para a criança, muitas vezes, a mãe não deixa a criança falar, por conta da cultura mesmo, de achar que todo mundo tem que falar pela criança. Mesmo assim tento fazer com que a criança se expresse. Ter um Comitê composto por crianças é bem interessante, porque é possível ver o lado delas.

[illegible]

TCC-05

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 12/10/2020 – 13h

Entrevistada: Arquiteta e Urbanista da Prefeitura de Jundiá - UGPUMA/DPU/Divisão de Projeto da Paisagem e Mobilidade Ativa

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu era do Departamento de Obras e fazia um trabalho mais burocrático. Depois trabalhei no Geoprocessamento, onde, em 2017, tentamos consolidar as bases do município. Essa ação tem que ser cotidiano de todas as áreas, não pode ficar centralizado. Nessa trajetória, me aproximei da TCC-02, diretora de Projetos Urbanos, indo trabalhar com ela, colaborando com o projeto Mundo das Crianças, com a parte mais técnica. A parte lúdica é feita por outra equipe. Envolvida com esse projeto, recebi o convite da Sylvia, para fazer o curso do CECIP sobre Políticas Públicas para a Infância. Nele, a Paula e eu, estudamos sobre a escuta e técnicas para ouvir as crianças. Dentro desse curso, fomos pensando no projeto Entre a Casa e a Escola para a EMEB Luiz Bárbaro, com quem fizemos contato com as gestoras e iniciamos um trabalho com crianças e suas famílias. Fizemos uma primeira pesquisa para saber como chegam na escola, elas vêm de muitos lugares da cidade, já que o bairro da escola tem uma população mais idosa. É preciso fazer uma análise de quanto a criança se desloca e otimizar o lugar da criança na escola para atender aquele princípio do “Bairro em 15 minutos” e do Urban95.

Não me vejo fazendo um projeto sem a escuta, seja da população da adulta ou das crianças, ainda mais se eu continuar trabalhando com o projeto Entre a Casa e a Escola. Um dos itens essenciais é a escuta, não tem mais como ficar apenas no escritório. Mudei até o jeito de ver a vida. Eu pegava a rodovia e via que quanto mais rápido melhor. Agora, depois da experiência que estamos tendo, me vejo como uma motorista mais cordial no trânsito. Teve impacto na minha vida e vejo como positivo, presto mais atenção e me comporto muito mais adequadamente com a temática.

No trabalho desenvolvido na EMEB Luiz Bárbaro, eu já percebia algumas dificuldades em conciliar o diálogo com outras Unidades de Gestão. Com a licença maternidade da TCC-02, comecei a participar do GT Criança na Cidade. No Plano Diretor, já havia grupos intersetoriais que foram se desfazendo por diversas razões. Então, entendo que um GT fortalecido é um passo para reativar o que já havia sido começado e reconquistar o espaço para discussão com outras áreas.

Acompanho o Comitê das Crianças pelos e-mails que recebo. Fico pensando em quantas crianças estamos ouvindo em relação ao total, como essas crianças podem multiplicar o que estão aprendendo, tudo isso tem me provocado sobre como ampliar a abrangência no próximo ano.

Escutar as crianças é um privilégio. Se todos entendessem esse trabalho, todos iriam querer fazer. Em Jundiá, essa questão tem evoluído e a gente já conseguiu muitas pessoas que estão alinhadas.

O aprender sobre isso é muito enriquecedor. No CECIP, vimos como olhar para o desenho das crianças e enxergar muitas informações. Ao escutar as crianças e colocar isso nos projetos, a cidade só tem a ganhar.

[illegible]

TCC-06

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 15/10/2020 – 17h

Entrevistada: Turismóloga, Prefeitura de Jundiáí.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Com relação à minha trajetória profissional, sou bacharel em turismo, tenho mestrado na área de comunicação. Trabalhei quatro anos no Ministério do Turismo. Fui consultora do Sebrae e no Senar. Desde 1997, atuo na área de planejamento turístico e projetos. Já trabalhei na Secretaria de Turismo do Estado. Eu morava em São Paulo e me mudei para Jundiáí em 2001. Para continuar o trabalho em São Paulo, abri uma empresa de consultoria para atender os projetos já em andamento. Em Jundiáí, fui me envolvendo na cidade, passei a fazer parte do Conselho de Turismo. Como eu tinha a ligação com a Secretaria Estadual, comecei a fazer muitas pontes, como na questão do Circuito das Frutas. Fui sendo elo entre o governo do Estado e o Município, tanto com a associação de turismo rural quanto com o poder público. Em 2013, minha empresa de consultoria foi contratada para fazer a reformulação da Festa da Uva. Na época, o Secretário de Turismo de Jundiáí, que conhecia meu trabalho, me convidou para trabalhar na diretoria. Dei continuidade até então.

Quando tomei conhecimento do projeto Cidade das Crianças em Jundiáí, já comecei a pensar como isso seria transferido para minha área de atuação. Hoje sabemos que a ideia da criança é importante pelo próprio perfil de público que a gente atende, que é a família. No processo de reformulação da Festa da Uva, uma das coisas que sempre priorizei foram os espaços para as crianças. A minha primeira grande luta foi tirar o parque mecânico, por dois motivos: são caros e acabam não sendo acessível para todas as famílias, e pela questão da segurança. Ter o parque gratuito, mesmo que com infláveis gigantes, e espaço para as crianças menores foi uma conquista. Pensar a criança também nas atrações foi também algo bastante estimulado. A criança é quem segura a família nos eventos, se ela está entretida, a família consegue permanecer e usufruir mais da festa.

Quando veio o projeto Cidade das Crianças, ampliamos nossas reformulações. Fomos incluindo o conceito das Ruas de Brincar, não só com a inclusão de brinquedos, mas com áreas para explorar o brincar. Fomos evoluindo, conforme as discussões sobre o tema foram chegando.

No GT Criança na Cidade, eu cheguei muito recentemente. Junto com esse convite, vi que chegou a hora de ampliação e “o céu é o limite”. Uma das primeiras propostas que fiz foi levar os conceitos para o Conselho de Turismo e a incorporação no plano de governo. Estimular os empresários a implantar atrativos e espaços focados na criança, que vão muito além dos playgrounds e das piscinas de bolinha. Não é isso que queremos mais. Há outras formas de dar oportunidade para as crianças usufruírem dos espaços. A ideia é ter uma marca, tipo “selo amigo da criança”, para diferenciar e ir qualificando os empreendimentos, comunicando que naquele lugar a criança será bem recebida. O empreendimento vai se beneficiar ao divulgar que ele é uma empresa que acolhe a criança e, ao mesmo tempo, para a cidade torna-se um diferencial para ser um destino turístico, atraindo mais famílias para conhecer o município.

Tudo ainda está começando, mas já sinto o interesse em conhecer as propostas. O que tenho visto com os empresários é a preocupação para que não seja necessário grande investimento financeiro e que traga um retorno. Tivemos uma reunião em que representantes do GT Criança na Cidade foram divulgar os conceitos. Na reunião seguinte, tive um feedback positivo, inclusive das agências de viagem. Vejo Jundiá podendo divulgar um conjunto de atrativos diferenciados e nisso ter mais um diferencial turístico.

Tenho achado super interessante participar do GT, pois as discussões me provocam, com relação a possibilidades acessíveis. Tenho pesquisado muito sobre as temáticas, inclusive do Urban95, para ficar informada. Quero muito que cheguemos num projeto para dar assessoria aos empreendimentos que tenham interesse em desenvolver esse tipo atividade.

Participar do GT tem sido uma grande experiência de aprendizado tanto profissional quanto para minha vida pessoal. Sou mãe de uma de 20 anos e da Eloisa (3 anos). Tenho ouvido e ampliado minha visão, o que tem melhorado a relação com minha filha e oferecido uma infância melhor. Trabalhei algum tempo com a área de recreação como coordenadora de uma brinquedoteca, no começo da minha carreira. Fiz vários cursos ligados à brincadeira e para aprender a lidar com a criança. Sempre tive muita preocupação, principalmente com minhas filhas, em o que oferecer em cada fase, como colaborar para que tivessem um bom desenvolvimento.

Agora, conversando tudo isso, muita coisa vem à memória. Sou professora universitária, mas estou afastada para acompanhar a Eloísa. A disciplina que atuava era “Lazer e Entretenimento” para ensinar os alunos como brincarem de maneira profissional e aproveitarem os espaços. Claro que hoje, com as experiências, ampliamos a leitura sobre o brincar de uma maneira muito mais rica. Anteriormente, existia uma relação em que o adulto falava e a criança precisava ficar quieta, mas agora é completamente diferente. Quando penso nos atrativos e nas festas, vejo o quanto as crianças tomam as decisões.

O que estamos fazendo é plantar sementes. Oportunizamos que as crianças estejam melhor formadas para enfrentar os desafios do futuro, sejam resilientes, empáticos etc. Queremos adultos que sejam felizes.

[illegible]

TCC-07

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 07/11/2020 – 8h

Entrevistada: Assistente Administrativo na Prefeitura de Jundiá

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação em relação a questões ligadas à escuta e participação das crianças.

Hoje eu atuo na área de parcerias estratégicas dentro da Unidade de Governo. A gente se relaciona principalmente com a iniciativa privada, realiza projetos focados no bem-comum, para a sociedade. Já estou na prefeitura há 8 anos e há 1 nesta área. Tive a oportunidade de participar do GT Criança na Cidade através de um convite do gestor adjunto de Governo. Para mim, é muito importante. Conforme foi crescendo a política infantil e o prefeito foi assumindo compromissos com as crianças, foi sendo traduzida uma importância muito grande da atuação do GT em realizar os compromissos assumidos em nome da prefeitura. A minha visão sobre a implantação do GT e das políticas públicas voltadas para as crianças é que se a gente conseguir garantir uma boa infância, você forma uma base muito sólida e consistente para que ela se torne um adulto com princípios dentro da dignidade humana.

A princípio acredito que o projeto Cidade das Crianças não influencia minha área de atuação, porque os projetos que a gente atua é em todas as frentes: saúde, educação..., mas ter o GT com esse olhar mais voltado para a criança, ele dá um “plus”, um bônus, para desenvolver um trabalho. Você realiza um objetivo mais alinhado com a perspectiva infantil. Não que ele vá mudar a forma de atuação, mas amplia a forma de se olhar para isso.

A curto prazo não vejo mudanças. Na minha visão, o governo é só o realizador. A longo prazo sim. A partir do momento que as pessoas absorverem essa cultura, essa importância da criança, aí a coisa começa a acontecer, a população que vai fazer acontecer. Enquanto governo, ele toma iniciativa de propor as políticas voltadas para infância. É uma medida a curto prazo, mas não tem tanta força quanto se as pessoas abraçarem a causa. Aí sim você transforma a cidade como um todo.

Vive-se muito o individualismo. Cada pessoa em sua vidinha. Quando vem uma proposta mais ousada, isso mexe com a zona de conforto da pessoa. Para elas abraçarem a causa, é preciso mostrar um propósito ainda maior, mostrar aonde você quer chegar com essa causa. Quando o governo propõe essas iniciativas, isso é uma proposta de governo. Pode ser que com as eleições mudem essa perspectiva apesar de toda a fundamentação para que se mantenha além da gestão pública. Pode ser que mude o papel do GT a depender da perspectiva do governo. Agora quando você consegue transmitir isso de uma forma sólida, as pessoas entendem a importância, há uma transferência de valor, as pessoas passam a construir em conjunto. Com o poder público você tem uma construção do todo. É isso que pode transformar um bairro, uma cidade, um país.

Não tenho muito conhecimento sobre o Comitê, pois ainda não tive contato. Mas entendo como importante sim, porque você está dando voz para quem é o público. Então se meu cliente na ponta é a criança, ela é a primeira que tem que ser ouvida. Nesse aspecto, quando tenho que propor algo para um público específico, preciso entender

TCC-08

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 17h

Entrevistada: Engenheiro Agrônomo e Gestor Adjunto da Prefeitura de Jundiaí – Unidade de Serviços Públicos e Meio Ambiente

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Dentro da prefeitura, comecei a atuar como gestor adjunto de Serviços Públicos nesta gestão. Mas já venho trabalhando em empreiteiras, há aproximadamente 35 anos, ligado a serviços públicos. Já estou a um bom tempo ligado a esta área na cidade de Jundiáí.

Os novos conceitos sobre as crianças impactam no que fazemos, em como tratamos a questão de calçadas, entornos de escolas, muda radicalmente. Antes o Serviços Públicos trabalhava sozinho, agora é junto com Esportes, Educação, Cultura... Dentro do que o prefeito quer, o trabalho tem sido por plataformas, fazemos de uma maneira não isolada.

Esse trabalho intersetorial é diferente, inclusive é preciso rever a questão dos investimentos. É preciso muito mais do que fazer apenas uma limpeza numa praça, por exemplo. Agora vemos muita coisa no entorno. É impactante, não tínhamos essa visão antes. Jundiaí é uma cidade antiga, em muitos pontos, como calçadas e arborização, mal planejada. É preciso rever e isso custa. Cada remodelação precisa de investimento. O novo conceito não é possível de ser feito na cidade inteira de uma vez, mas estamos indo por partes, para inclusive educar o povo para respeitar o bem público. Quando a gente reformula uma praça, por exemplo, passa um tempo a população entra com um pedido para cercar, pois não querem moradores de rua ocupando o espaço. A mudança de cultura leva tempo.

Mesmo assim vale a pena a mudança de perspectiva. Se ninguém começar, como vai acontecer. Alguém precisa dar o pontapé inicial. A nossa Unidade de Gestão é responsável por grande parte da execução estrutural. Não adianta sonhar sem realizar.

Quando se tem filhos, os filhos são sempre nossas crianças. Agora quero que venham meus netos. Quero uma cidade boa para eles também.

[illegible]

TCC-09

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 02/12/2020 – 20h

Entrevistada: Pedagoga e Diretora de Escola da Prefeitura Municipal de Jundiá – Departamento de Educação Infantil.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Minha trajetória na educação? Bom, eu fui fazer magistério por acaso, na verdade. Eu não sabia direito se eu fazia Ensino Médio normal ou se eu fazia o magistério porque tinham algumas amigas indo fazer. Eu arrisquei. Lá fui me apaixonando, durante os estágios, pelas crianças. Até que eu comecei a trabalhar como auxiliar de classe em alguns colégios particulares, no Objetivo e no Divino, trabalhei nos dois e confirmei: “É isso mesmo”. Acabei o magistério e fui para a pedagogia. Comecei minha atuação como professora pela escala rotativa, pois não tinha ainda concurso para efetivar. Depois fui efetivada em Cajamar por três anos. Junto com Cajamar, prestei o concurso e comecei a lecionar pelo Estado. Trabalhei tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, em prefeituras e no Estado. Foi bom para eu ir experimentando e vendo do que gostava mais, qual era mais o meu perfil.

Comecei a dar aulas em 2003 pela escala rotativa; 2004, 2005 e 2006, em Cajamar; 2006, concomitante com o Estado; até que em 2006, teve o concurso na Prefeitura de Jundiá e, no segundo semestre, vim como professora. Fiquei inicialmente no Ensino Fundamental. De 2007 a 2010, fiquei no Luiz Bárbaro, na Educação Infantil. No segundo semestre de 2010, fui convidada para ser coordenadora de uma creche, sendo minha primeira experiência com o segmento. Passei no concurso e assumi a direção de escola, principalmente no segmento de creche, muito tempo no mesmo segmento. Desde 2018, estou como diretora no Departamento de Educação Infantil a convite da gestora. Além disso, em relação aos estudos, do magistério e da pedagogia (pedagogia que fiz na Unicamp), fiz pós-graduação em Gestão Escolar e em Neurociências, e outros cursos complementares de extensão.

Relacionando com o trabalho no GT Criança na Cidade, como diretora do Departamento, comecei a participar do grupo no final de 2018. O grupo tinha surgido há pouco tempo, menos de um ano, e eu participei dos primeiros indícios. Era um grupo que, ao meu ver, tinha muita vontade, mas pouco direcionamento; então quando eu participava das primeiras reuniões, ficava um pouco perdida, sem entender direito qual era a pauta, o que ficava de tarefa para a próxima reunião. Tinha um pouco de dificuldade de entender quais eram os direcionamentos, mas sabia que era pensando nessa política pública para a infância, para a criança, para qualificar a cidade com esse olhar focado na criança e em buscar parceiros, experiências e vivências, que dissessem qual o melhor direcionamento para chegar em tudo isso. Foi quando o gestor da cultura começou a falar um pouco sobre o Tonucci, dos encontros, que o conheceu e as coisas foram surgindo com o Comitê. No início de 2019, eu comecei a perceber que as coisas começaram a acontecer com mais direcionamento e, agora em 2020, muito mais ainda.

Como política pública para a cidade, o GT é extremamente importante. Eu acredito naquela máxima que se a cidade é boa para a criança, é boa para todo mundo. Se a gente pensar em qualificar os espaços, torná-los acessíveis para as crianças, eles serão acessíveis para todo mundo. É lógico que é preciso estar todos envolvidos,

em todas as pastas. Cada um, em sua área de atuação, tem como qualificar seu trabalho para melhorar, seja ambiência, sustentabilidade, trânsito, qualidade da educação, como assistir melhor as crianças..., enfim, todas as pastas têm como contribuir. O que eu vejo como dificuldade: os nossos entraves de comunicação, algumas coisas se perdem, prazos e tempos que se perdem, ou ficamos dependendo de alguma assessoria... Penso que o planejamento precise ser feito melhor, porque, às vezes, a gente patina por ir tomando ações sem ter planejado direito, com ações soltas e que não se complementam, não se conversam. Era para todos estarem juntos integrados, mas um pensou numa coisa, outro noutra e na hora de fazer a gente bate cabeça. O planejamento precisa ser feito melhor.

Quando estamos no GT, essas coisas até se ajeitam, mas temos que saber que mesmo tendo ficado definida a ação para cada um, a gente precisa de parceiros. Por exemplo, hoje estamos pensando nos Indicadores para a Primeira Infância. Não adianta eu definir sozinha, preciso levar para os outros diretores de departamento na própria Educação. Precisa ser uma responsabilidade compartilhada. Então temos que pensar nessa comunicação interna do GT, mas também fora dele e durante as ações. Antes de voltar para a próxima reunião, eu preciso tirar minhas dúvidas com a pessoa que está organizando, para quando nos reunirmos no grupo, com o pessoal do GT, que as coisas estejam mais direcionadas, estejam mais certas, mais concluídas, para que a partir disso possamos tomar os próximos passos. Percebo que estamos com muita boa vontade para terminar estes Indicadores, só que sempre falta alguma informação e a gente não consegue concluir para ir adiante, que é pensar nas reuniões de formação de um Plano de Infância para Jundiá. Só que não conseguimos terminar. Sempre falta uma resposta, um dado, a fonte... Se a gente não se conversa e busca parceiros para isso, vai-se delongando.

Quando começou o GT, estávamos com algumas pastas principais: educação, saúde, assistência social, planejamento urbano e meio ambiente, cultura, esporte e lazer... Começou assim e já foi importante pensando na intersetorialidade. Com o crescimento do grupo e das ações que foram sendo tomadas, houve a necessidade de mais força para colocar em prática o que pensávamos como política pública. Por exemplo, para a gente pensar na qualidade da educação é preciso também ver no entorno das escolas, então, precisamos de outros setores, como o planejamento e meio ambiente. Quais são esses espaços de referência para as crianças neste caminho entre a casa e a escola? Se tem praça, qual o espaço de lazer? O que pode ser oferecido como esporte e lazer para essas crianças? Além disso, tem uma boa sinalização de trânsito? Então, outras pastas foram sendo envolvidas, como Mobilidade e Trânsito que entrou depois. Também veio a Agricultura, Agronegócio, tudo foi entrando. Tem que ter uma ligação... até os comerciantes, as feiras, precisam estar integrados neste planejamento, pensando na cidade para as crianças, para todo mundo. A intersetorialidade se faz fundamental para que de fato, pensando na criança, as coisas aconteçam. Quando eu vejo a criança na escola, preciso saber também se a saúde dela está adequada, como eu posso fazer a promoção de saúde principalmente, não pensar só na prevenção ou na doença, mas em como fazer essa parceria.

Sobre o Comitê das Crianças, no começo, confesso, fui um pouco cética, quando ele ainda estava no papel, que estávamos pensando nas regras que seriam publicadas para sua instituição, em como seria a escolha das crianças, em todo esse planejamento que precisava ser feito, como seria a divulgação. Quando tudo foi acontecendo, eu participei da reunião com as primeiras crianças sorteadas. Foi emocionante. Foi possível ver o quanto elas queriam estar ali, queriam participar. Eu pensei antes: “Talvez os pais queiram e inscrevam as crianças.”, mas eu percebi aos poucos que genuinamente elas queriam fazer parte disso. No começo, não diria que

foi conturbado, mas foi uma adaptação para todo mundo, inclusive para entender de fato como colocar em prática, como aconteceria, pensando que são as crianças que criam as regras, levantam as questões... Foi difícil no começo pensar: “a gente pode interferir, não pode interferir; a gente direciona ou não direciona; onde a gente se coloca, como apoio ou até onde a gente pode ir ou onde tirar o pé”. Se pensarmos nos conceitos de Tonucci para o Comitê, é deixar livre para que as crianças decidam. Mas é difícil. Não porque a gente não acredita na capacidade das crianças, porque elas são muito capazes para fazer isso, mas é uma tendência nossa de adultos, de direcionar, por achar que sabemos mais, que não estão entendendo a proposta, que podemos fazer melhor... o que é um absurdo. O Comitê é um grande aprendizado para todo mundo. Saber que a gente pode tirar do centro de interesse das crianças, lógico que deixando claras as regras e para que o Comitê existe, o que elas conseguem conduzir com excelência. É muito importante pensar que as crianças estão pensando em problemas e soluções para a cidade. Que com os olhos de crianças, nós adultos com políticas públicas e intersectorialidade podemos contribuir para que se concretizem.

Meu trabalho é direcionado o tempo todo pensando nas crianças. Mesmo as questões administrativas precisam incidir diretamente no pedagógico e no quanto as crianças podem crescer, se desenvolver, evoluir, se transformar... serem pessoas de bem, pensando nessa integralidade e humanização. Pensar no Comitê, nessa escuta à criança, validar o que estão falando, fazer essa escuta de verdade, com ouvidos para ouvir. Ouvir e validar o que estão falando diz respeito a qual política pública quero para a cidade e para a educação jundiaense. Quero que sejam pessoas críticas, sejam pessoas boas, pessoas felizes, bem resolvidas, que tenham uma boa oralidade, saibam se posicionar, que saibam ouvir e conviver com outras pessoas... acredito muito no desenvolvimento integral. Transpor isso, o que acontece no Comitê, pensando na Educação, é tentar dar voz para as crianças independentemente de elas não estarem no Comitê, que isso aconteça em todas as nossas escolas, que os professores validem, que coloquem a criança realmente no centro do processo.

Eu não sei se tenho pretensão de indicar o que precisa ser melhorado no Comitê. Se estamos falando que deve partir das crianças e se tem uma rotatividade delas, mesmo que algumas permaneçam, a decisão tem que ser tomada por elas. O princípio fundamental precisa ser mantido que é colaborar com as políticas da cidade e sugerirem o que identificam. É uma linha muito tênue entre o direcionar e o oportunizar. Para avançar, podemos até fazer sugestões e as crianças decidirem se querem ou não.

Eu fui muito feliz na minha infância. Não tive tantas possibilidades, mas nunca me faltou nada do essencial. Isto faz diferença. Eu tinha casa, tinha comida, não esbanjava nada, tinha poucas roupas, mas tinha. Brinquei muito na rua, tive muitos amigos. Minha família é grande, sempre me encontrava com meus primos. Para mim, essa é hoje a maior diferença: as famílias são menores e se encontrem menos. Talvez devido à Pandemia, isto esteja mais exacerbado. A gente aprende muito a conviver, principalmente com outras crianças, de diferentes idades. Eu já fui "café-com-leite", mas também já nomeei alguém “café-com-leite”. Também vejo que atualmente as crianças ficam mais dentro de casa. Não que em casa não possam brincar com os pais, mas é diferente. Em relação à tecnologia, que é uma coisa muito boa, mas precisa ter uso mais adequado, imagino que se na minha infância tivesse, seria muito legal também. Na época tinha videogame, era o havia de mais tecnológico, mas era controlado, não ficava o tempo todo, tinham regras. Talvez tenhamos perdido um pouco a mão. Sou nostálgica com minha infância.

Sobre a escuta, não acho que está cem por cento, mesmo porque ainda é algo novo. Antes a gente mais obedecia do que falava, era tudo muito mandado e decidido pelos adultos, pouco decidido pelas crianças, a não ser

Tem aquela linha tênue das crianças falarem mais, se colocarem mais, serem mais críticas, serem mais empoderadas... Elas foram ganhando isso. Mas tem também a questão relacionada aos limites que damos às crianças, que é uma coisa importante também. Não pode ser na base da violência, mas limite precisa ser dado também. Achar o equilíbrio é difícil, mas muito possível.

[illegible]

TCC-10

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 26/10/2020 – 14h30

Entrevistado: Professor e Gestor da Prefeitura de Jundiá – Unidade de Esporte e Lazer

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Um das maiores que relações de trabalho que tenho com crianças vem da minha própria profissão, uma vez que minha formação é em educação física. Lá atrás quando comecei no Pentágono em São Paulo e fiquei por 25 anos no colégio. Eu comecei em 81 e fui trabalhar com a educação infantil, eram crianças a partir de dois anos. Existiam pouquíssimas referências no assunto, na própria faculdade não tinha a disciplina educação física infantil. Então foi tudo meio buscando mesmo, correndo atrás de outras vivências. Lá foi minha primeira experiência com isso e depois, em termos municipais, 2007, se não me engano, o Secretário de Educação e o Esporte era junto, me fez um convite para trabalhar com a Educação Física. Quando eu cheguei não existia, havia um projeto muito bonito por sinal que se chamava “Educação do Movimento” no qual as próprias educadoras de sala atuavam com as crianças. A gente fazendo uma análise comecei a perceber que era um trabalho legal, vinha ao encontro do que eu acredito, das crianças serem protagonistas, da gente propor questões que elas solucionem os problemas sob diferentes formas que elas entendem. Nunca fui de ficar fazendo filinha para chutar bola no gol, um atrás do outro, acho isso deplorável. Um ponto que foi importante quando a gente implantou a Educação Física, eu acabei propondo e foi aceito que tivéssemos um educador físico para crianças a partir da creche, a partir dos seis meses. Inclusive hoje, graças a deus, penso eu, está implantado. E por que essa ideia de se trabalhar com essa faixa etária? O que se vai fazer de atividade física, o que vai se ensinar de esporte, para uma criança de seis meses, que está naquela fase de começar a sentar e essas coisas...? Foi um processo de criar uma proposta curricular até o atual quinto ano, antiga quarta série, em que a gente fez um trabalho inicial embasado em habilidades motoras. Isso, é obvio, é apenas uma pequena parte de todo o trabalho, mas eu entendia que, nesse sentido, a criança nos últimos anos perdeu seu maior espaço de brincar que era a rua. Hoje você deixaria seu filho, às seis/sete da tarde, às dezenove horas, brincando de pega-pega na rua? Não. Então houve esse olhar nessa questão e um estudo para essa primeiríssima infância das habilidades que eram inerentes à idade para que a gente pudesse estimular e sempre dentro de um processo lúdico. Nada de questões de repetição, aquela coisa, preocupação com gesto técnico.

Feito o concurso, tivemos a primeira turma de Educação Física e começamos a fazer a várias mãos, eu digo, toda essa construção que culminou em 2011/2012 com a produção de uma proposta curricular. Acho que é uma das poucas cidades, diria do país, que tem um documento específico para a Educação Física. A TCC-19 que era minha diretora fez a proposta para as outras disciplinas e não esqueceu da gente. A minha primeira relação em termos municipais foi nessa estruturação da Educação Física escolar. Diria que a gente implantou isso junto com essa equipe.

Tive um professor, aliás vários, mas um especial que me influenciou muito, o Galego. Então eu nunca entendi o esporte como “cinco contra cinco, correndo atrás de uma bola”. Até porque eu entendo não só nas questões de habilidades motoras, como digo que aí há uma relação, mas na própria formação, nos valores, nas

diferentes buscas. Sempre digo que a gente precisa oportunizar as crianças a terem sucesso. A gente lançou um livro que fala um pouco sobre isso: “84 jogos infinitos”. Tentamos uma abordagem importante nas diferentes questões do jogo, em vários níveis, inclusive na Educação Física. O jogo é um termo que mais tem verbetes no dicionário. Uma provocação que tem no livro: quantos filmes você conhece que têm a palavra jogo? Jogos de amor, jogos de guerra, jogos políticos... Eu entendo que o Esporte é extremamente excludente, porque se você é habilidoso, você cabe. Se você é ruim de bola, você não joga. Daí essa questão que eu digo da oportunidade. Quando você fala de oportunidade e de sucesso, às vezes, é uma coisa absolutamente simples. Lembro de e um jogo que a gente usava sempre que era uma queimada invertida e quem definia ali o jogo, o quem ganhava, era um aluno não habilidoso pela própria característica do jogo. E quando a equipe dele vencia, conseguia o resultado, ele era enaltecido... pegavam ele no colo, era jogado para cima, aquele que supostamente fica sempre à margem. Então, só para ilustrar um pouco da minha visão. A Educação Física escolar principalmente é essa da gente incluir, e aqui eu uso a inclusão para todos, não só para o deficiente. Até mesmo de um menino ou menina habilidosa, mas que não se encaixa, por questões sociais.

Eu entendo o brincar é a palavra-chave quando a gente trata sobre Cidade das Crianças. O brincar é o grande elemento, que liga todas as faixas etárias, mesmo nós. Eu sempre coloco que é uma pena que a gente deixou de ser criança porque tem vergonha de brincar. Tanto que eu continuo subindo em árvores, de vez em quando caio, porque isso traz para gente um prazer, a mim uma coisa indescritível. Em relação à Cidade das Crianças, se pensar naquilo que falei lá atrás sobre habilidades, principalmente motoras, o brincar hoje é a grande chave. Eu tenho ido bastante lá no Mundo das Crianças, estava com um grupo, sou mais um palpiteiro lá também, e a gente estava falando um pouco disso. Qual a relação das crianças em geral com o esporte? Eu vejo pouquíssima, digo pela reclusão. A gente acaba ficando mesmo, não por conta da pandemia, mas já historicamente há algum tempo, as crianças pouco se relacionam. A própria escola começo a entender o brincar, algumas não, como um elemento importantíssimo, pedagogicamente falando do processo de aprendizagem. Para o Esporte, essa oportunidade de a criança brincar, se relacionar, dela adquirir diferentes habilidades, dela solucionar problemas... o esporte é isso. O Neymar fez uma coisa ali que não treinou, se ele tem uma inteligência motora, ele consegue fazer uma leitura para aquele problema, em questão de milésimos de segundo, trazer uma resolução não é necessariamente uma questão que ele treinou, são vários momentos pelos quais ele passou, diversas soluções que ele conseguiu, isso tudo traz para ele uma percepção, um tempo, que qualquer situação que surja ele consegue apresentar uma solução. Se ela vai ser ou não positiva é uma outra história. Muitas vezes a gente tem um mesmo problema, mas a solução que cada um dá é diferente.

Trabalhei muito tempo na graduação de Educação Física, minha principal disciplina foi a recreação e o lazer, e eu dizia para meus alunos uma frase que não é minha, eu devo tê-la modificado. Sou um leitor voraz e a gente acaba ouvindo muita coisa. Mas eu dizia que a gente ensina melhor aquilo que a gente mais gosta de aprender. Parece óbvio, mas a gente precisa analisar mais profundamente. Quando eu falo da oportunidade, é você não só propor um problema, mas você dar uma situação de estímulo à criança para que ela também se sinta motivada. Todo mundo fazendo tudo igual seria muito chato.

Inicialmente, a gente precisa pensar na própria história de criança. O que foi ser criança ao longo da história da humanidade. Houve um período que ela tinha toda a liberdade de brincar, no outro ela era marginalizada, no outro, um adulto em miniatura..., depois tivemos todo espaço de brincar. Sou dessa geração que quebrava o braço,

[illegible]

TCC-11

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 14/10/2020 – 15h30

Entrevistada: Assistente Administrativo da Prefeitura de Jundiá - Departamento de Turismo

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu trabalho no Departamento de Turismo, coordenando um Programa chamado “Jundiá feito à mão” ligado aos artesãos e apoio a equipe do departamento nas festas da cidade, no Conselho do Turismo... Como a equipe não é muito grande, costumamos nos envolver em todas as frentes e fazendo de tudo, apesar de cada um ter seu foco. No Programa, eu faço cadastramento, temos mais de 240 artesãos e mais de 80 que participam das feiras, meu trabalho é mais voltado a eles.

Por enquanto, eu sinto poucos impactos do Projeto Cidade das Crianças na minha área de atuação. Escutávamos falar, agora estamos mais envolvidos, é diferente. Agora temos mais informações e estamos dentro do processo. Quando começamos a participar das reuniões do GT Criança na Cidade, começamos a ter outro olhar. Tanto que temos conversado muito a respeito no departamento. Nós conseguimos incluir uma parte voltada para o público infantil no Projeto dos Tótems que serão distribuídos pelas Rotas Turísticas.

Já tínhamos um olhar para as crianças na Festa da Uva, mas agora já pensamos em outras possibilidades.

Em todos os eventos, trabalhamos muito com a Unidade de Cultura. Sempre trouxemos a ideia do resgate das brincadeiras. O grupo Amora que sempre é contratado, faz muitas brincadeiras que fogem dos infláveis ou daqueles típicos dos shoppings. O Parque da Uva é administrado por nós que estamos tendo esse outro olhar. Antigamente a gente pensava que para a mudança era preciso um investimento financeiro muito grande, mas quando a gente vê todo o processo, a gente vê que dá para fazer e ter uma outra visão.

Sobre o GT Criança na Cidade, sei que há pessoas das diversas unidades de gestão, são um grupo com uma vivência e que participou de experiências anteriores que podem ensinar muita a nós que entramos agora.

Vi um vídeo do Comitê das Crianças e vejo a escuta e a visão da criança sobre o que é necessário para a cidade como o mais essencial.

Vivi minha infância brincando muito na rua, tendo muitos amigos, me relacionando na escola e com vizinhos. Tive a sorte de brincar na rua. Nessa experiência, a gente não aprende só a brincar, a gente aprende a valorizar o amigo, que é preciso saber ouvir os outros. Tínhamos acesso a poucos brinquedos. Ganhávamos no Natal um brinquedo novo. Agora já não é mais assim.

Meus filhos, hoje com 29 e 27 anos, também tiveram oportunidade da brincadeira e do contato com a natureza. Eu marido é agricultor e os meninos puderam soltar pipa, jogar futebol, e tantas outras brincadeiras. Pela vivência dos meus filhos, percebo que o brincar faz diferença. Não acho ruins as tecnologias e os videogames, mas descobrir brincadeiras também é importante.

Eu espero que a cidade seja mais tomada pelas pessoas. Que elas possam sair mais, como antigamente. Quero ver as famílias nos parques e nas ruas. Sei que tem a questão da segurança, mas penso que quando se ocupam os espaços públicos, também se inibe algumas ações. Também podemos, assim, ensinar as crianças a participar e a tomar conta.

[illegible]

TCC-12

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 25/09/2020 – 8h30

Entrevistado: Professor da Prefeitura de Jundiá - Unidade de Gestão de Esporte e Lazer, pai de Joaquim (6 anos) e Martina (2 anos)

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Bom, vou falar a partir de 2017. Estou na Unidade de Gestão de Esporte e Lazer. Dentre o objetivo de ampliar o acesso ao esporte, da criança ao idoso, tivemos uma ação forte junto ao legislativo, alterando a redação do Título VII – Das Ações Públicas, especificamente, o Capítulo VIII – Do Esporte e do Lazer – da Lei Orgânica do município. Outro item importante foi a respeito do parque infantil (instalação, ampliação e manutenção na perspectiva do lazer).

A partir do GT Criança na Cidade, fui convidado para participar das discussões, no ponto de vista transversal com vários setores, tendo a criança como causa e fim. Fui indicado pela Unidade de Gestão de Esporte e Lazer como representante no GT e, com isso, nós da Unidade passamos a ter o foco também em crianças de 0 a 6 anos. Vou explicar. O esporte é o jogo com regras mundialmente conhecidas. Os jogos, por exemplo a amarelinha, podem ter regras aqui e outras diferentes na cultura japonesa. Já o esporte traz uma linguagem universal, comum a todos. E o que isso tem a ver com a criança? Basicamente o atendimento em esporte inicia, em geral, a partir dos 7 anos. Com a entrada no GT, o olhar também foi voltado para crianças menores, de forma a pensar políticas públicas e iniciar algumas ações.

Tudo começou com o Projeto Entre a Casa e a Escola, liderado pela Sylvia Angelin, da Unidade de Planejamento e Meio Ambiente. Nesse processo de escuta das crianças para definir o trajeto das crianças, bem como a parceria com o Instituto Alana, foi percebida a necessidade de trazer o olhar múltiplo das pastas. A causa da criança passou a ser transversal e a ultrapassar os limites do projeto. Jundiá aderiu à rede Cidades das Crianças a partir do decreto assinado pelo prefeito Luiz Fernando Machado.

Pelo GT e sob responsabilidade da Unidade de Gestão de Esporte e Lazer, também é lançado o decreto das “Ruas de Brincar”, com a abertura das ruas para as crianças e fechamento para o trânsito de veículos aos domingos e feriados. Pensando que a rua é o espaço público mais perto das casas das pessoas, foi um meio de fortalecer a importância do brincar. Outra questão que chama atenção são as corridas de rua que são muito democráticas do ponto de vista do acesso e que podem ser feitas em grupo. Isso atrai muito o patrocínio das empresas por conta do viés econômico. Vendo esse aumento de interesse pelas corridas na cidade, muitas vezes organizadas por promotores particulares, percebemos que a criança não participava desse movimento. Por que não oferecer à criança essa oportunidade, sabendo que correr é uma habilidade motora básica e que a criança pode participar? Então promovemos a “Corrida das Crianças”. Fomos audaciosos partindo dos 3 anos de idade, ou seja, da primeiríssima infância. Houve inicialmente uma oposição até mesmo dentro da pasta, mas o resultado foi muito positivo. Em 24 horas, todas as vagas foram preenchidas. Sabemos que alguns estudos apontam que a criança tendo experiência positiva com o movimento até os 10 anos junto com sua família, mais que dobra as chances de

desenvolver um estilo de vida ativo na vida adulta. As crianças de até 7 anos podiam correr acompanhadas pelos pais e os mais velhos correram sozinhos. Havia metragens diferentes para cada categoria. Perguntaram se deficiente podia participar. Sendo criança... todos podiam. Não havia barreiras. Uma mãe, inclusive, correu com o filho com deficiência física usando seu corpo como apoio em uma vestimenta com velcro.

Quando penso na escuta das crianças, a primeira palavra que me vem à cabeça é desafio. Somos uma geração que não fomos formados para isso. Chegamos na vida adulta seguindo uma tendência cultural e agora precisamos olhar melhor para as crianças e saber o que elas têm a nos dizer. Rousseau já falava sobre isso: precisamos nos elevar à altura das crianças. Hoje o nosso contato de escuta das crianças é por meio do Comitê, que conta com 24 crianças de todas as regiões da cidade, num processo democrático e transparente. A intenção é a de desenvolver políticas públicas pautadas no processo de escuta infantil. Ainda é um processo em construção nas Unidades de Gestão, primeiro necessita do convencimento das pessoas que fazem parte da administração pública. Segundo, é preciso pensar em ferramentas para isso. A gente vem de um processo de escuta que segue uma linha muito racional: a gente tem um problema, a gente fala do problema, a gente ouve as soluções. Mas essa não é a maneira como criança se expressa, o jeito dela é outro. Há outras formas de se expressar. Quanto à escala de escuta é uma outra dificuldade. O desafio de tomar decisões precisa passar por mais pessoas e as ferramentas ainda não são adequadas. Porém, é um exercício que temos feito e cada vez mais ele vem ganhando força.

No primeiro Comitê das Crianças, a estratégia de disseminação foi uso o envio de e-mail de divulgação para todas as escolas públicas e privadas da cidade. Tivemos, além das EMEBs apenas uma escola privada sem fins lucrativos participando, o Colégio Paulo Freire, que já trabalhava em uma concepção de escuta da criança por meio de assembleias. Para a segunda inscrição, foram intensificados os contatos com as escolas privadas. Foi muito positivo. Algumas solicitaram reunião presencial e isto refletiu em mais inscrições neste ano. As informações chegaram a quem era de direito.

Quanto ao GT Criança na Cidade, é formado no final de 2018, com representantes de várias Unidades de Gestão. Começou como um grupo pequeno e unido. O sucesso se deu porque todos conseguiram colocar a criança como prioridade para as políticas públicas. Esse movimento fez com que o fortalecimento de pessoas tão diferentes e as informações fossem voltadas para a atuação junto à criança e à resolução de problemas. Houve necessidade de comunicação mais próxima do setor público. Esse foi o grande mérito do GT: o fato de reunir diferentes pessoas em torno de uma causa comum. Agora temos um novo desafio e eu não falo apenas como GT, mas como Prefeitura. A criança entrou na pauta da cidade. O desafio agora é como fortalecer com que todas as pessoas da cidade, não só com os 8 mil servidores, tenham este olhar. Tivemos o aviãozinho, e hoje o GT é mais conhecido entre os servidores, mas as políticas públicas precisam ter cada vez mais pessoas envolvidas.

Essa perspectiva da criança na cidade mudou meu olhar sobre o espaço público, como pai. Eu já tinha cultura de andar pelo bairro com eles, de usar a praça do bairro. Em casa sempre tivemos plantas, PANCs, hortaliças..., as crianças podem mexer. Os meus filhos são um grande laboratório, mas a partir do trabalho no GT isso se ampliou, principalmente para a primeira infância.

Acredito que as questões das diferenças, da compreensão, da empatia, da alteridade se dão na interação com o outro. Algo que a gente discute tanto na educação. Eu ainda me sinto professor e tive o prazer de ter

trabalhado na rede pública. A criança tendo acesso à rua encontra o outro e a partir do encontro, faz questionamentos. Viver além dos muros das escolas, das UBS, dos parques, ir além, pensar e viver a cidade.

Eu quero deixar uma coisa registrada. Que a gente não olhe tudo isso como modinha. Que a criança não seja a moda da vez. Quando a gente reconhece a criança como referência, pensamos num desenho universal de cidade para a criança, seus cuidadores, para servir a todos, para a pessoa com deficiência, para o trabalhador. Esse é o ponto: posso ter recursos financeiros ao longo da vida, posso não ter, posso ter ou não acesso a todos os direitos sociais básicos, posso aprender diversas línguas, posso ser de todas as cores..., porém uma coisa que é inerente a todo ser humano, todos invariavelmente passamos pela condição de criança. Enquanto espécie humana, a gente precisa entender a importância disso para o futuro da própria sociedade, da própria espécie humana.

[illegible]

TCC-13

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 16/10/2020 – 17h

Entrevistada: Cirurgiã-dentista da Prefeitura de Jundiaí, mãe da Liz (8 meses) e Clara (2 anos).

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu sou cirurgiã-dentista. Tenho especialização em odontologia hospitalar e pacientes com necessidades especiais. Por conta dessa especialidade, entendo que sou inserida na temática da infância. Muitas pessoas que atendo foram crianças prematuras. Eu mesma tive duas gravidezes prematuras, da Lis e da Clarinha. Então também tem a ver com minha experiência pessoal.

A incorporação de Jundiáí no projeto Cidade das Crianças muda todo um olhar. Em todos espaços que eu entro, vejo se é um ambiente amigável para a criança.

As crianças, principalmente as mais novas, têm maneira bem expressivas de se comunicar. O jeito que a criança vê é diferente dos adultos. É muito importante que percebam que a criança é um ser único, com necessidades, é cidadã. Não dá para pensar só em alimentar, trocar, cuidar... A criança é um ser social.

O trabalho do GT Criança na Cidade e a iniciativa das plataformas são muito importantes. Estou entrando agora, principalmente com empenho de montar os indicadores da Saúde. Essa intersetorialidade é o que norteia as ações. São muitos desafios que temos para trazer as ações da saúde na referência da criança.

Uma cidade boa para a criança é uma cidade segura, com um olhar voltado para a infância, uma cidade amigável para as crianças e com acessibilidade. Não atendo somente crianças com necessidades especiais, mas também outros públicos. Vejo pais muitos preocupados com os cuidados e dedicados.

A acessibilidade da cidade também é fundamental. As crianças têm necessidade de passear e de sair, não somente para realizar as terapias. Geralmente, falo isso para as famílias, que a criança precisa brincar. Mesmo que a criança não seja responsiva, é importante manter a comunicação e as oportunidades.

Vejo muitas diferenças da nossa geração com as crianças atuais. Elas são mais atentas, têm mais percepção do entorno, as atividades motoras são bem desenvolvidas. Algumas até pulam etapas. Conhecem o contexto virtual. A Lis, por exemplo, já faz contato com as avós pela tela e entende que é uma conversa.

Ao conviver com as crianças, a gente aumenta nossa sensibilidade. Participei com a Clara do Baby Fusion (dança de familiares com bebês), fizemos parte de várias apresentações. E agora com a Lis temos participado de maneira remota.

A criança é o investimento mais certo! Muita criação de valor humano!

[illegible]

TCC-14

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 17h

Entrevistada: Gestora Adjunta da Prefeitura de Jundiá – Unidade de Assistência e Desenvolvimento Social

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu vinha de uma experiência no terceiro setor, em fundações empresariais, durante mais de 15 anos. Estava concluindo meu mestrado em Políticas Públicas e minha mãe sempre teve uma casa em Jundiá. Eu estava almejando uma chance na área pública, lugar onde é possível fazer maiores transformações sociais. Então no início de 2017, comecei a trabalhar aqui em Jundiá na política pública. Entrei como diretora de vigilância social, e planejamento e finanças. Após dois anos, estou como gestora adjunta da UGADS.

Temos o programa Criança Feliz, lançado em 2017, no qual um grupo de visitadoras vai até a casa de crianças de 0 a 6 anos, fazer um trabalho de fortalecimento de vínculos e lúdico. Muitas dificuldades que enfrentamos no atendimento de pessoas se deve à falta de oportunidades que tiveram na infância. Dessa forma, para mim faz muito sentido a prevenção começar desde criança.

Junto com a Educação, participamos de várias formações sobre a escuta especializada. Aqui na UGADS, além do programa Criança Feliz, também temos o Família Acolhedora, que tenta dar uma alternativa para que o bebê não vá direto para o abrigo, dando todo o cuidado e afeto necessários até os três anos de idade. Menos institucionalização numa fase em que o contato humano é tão importante. Vi uma pesquisa sobre crianças que saíam de um orfanato que a maioria desenvolvia o autismo por falta desse contato.

Trabalhamos prioritariamente com quem faz parte do Bolsa Família. Temos um bom banco de informações sobre as famílias: qual a composição, como é a casa, se há estrutura. Sei que em Jundiá temos 18 famílias que vivem em casa com piso de terra. Ao saber disso, temos que agir. Temos a informação e a política pública para implementar.

Na questão da escuta especializada, estamos caminhando. Temos outros atores na cidade, como os conselheiros tutelares, que também precisam de formação.

Quando criança, via que as nossas opiniões não importavam. Mas as crianças refletem o que vivem no ambiente e são bons parâmetros para pensarmos questões importantes.

O GT Criança na Cidade também foi lugar para debater como seria a composição para o Comitê das Crianças: a idade e o funcionamento. Tenho acompanhado desde o início, estive no evento em que as crianças representantes entregaram a carta ao prefeito. Tendo as crianças uma diversidade de territórios, de vivências... me preocupa a maneira de abranger tudo isso. Penso talvez em comitês territoriais em que um representante faça parte do comitê central. Essa seria uma forma para a criança ter luz nas questões em seu cotidiano. Uma criança do Novo Horizonte terá uma visão da política pública diferente da moradora do São Camilo, por exemplo.

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 25/09/2020 – 7h

Entrevistada: Nutricionista da Prefeitura de Jundiaí - Unidade de Promoção de Saúde

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação. Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Sou nutricionista de formação, nutricionista clínica, já estou formada há 27 anos e, desde sempre, bastante apaixonada pelas questões ligadas à amamentação e ao desenvolvimento infantil. Estou na prefeitura há 17 anos e, nessa gestão, fui convidada para fazer parte do Programa São Paulo pela Primeiríssima Infância que está em Jundiaí há 11 anos. A cada gestão, há uma articuladora. Depois da primeira dama e da gestora da Assistência Social, faz 1 ano e meio que essa função passou para mim, a de articular com as pastas da prefeitura, para que haja qualificação de atendimento a gestantes e crianças até três anos de idade. No Programa, temos o comitê ampliado, que visa dar formação (temas ligados à primeira infância) para os profissionais da ponta, que são os profissionais da UBS, do CRAS (visitadores do Programa Criança Feliz), fazendo formação e levando temas para discussão.

Nesse tempo que estou, fui conhecendo profissionais como a Sylvia e o MCC-01. A gente teve a ideia de montar um grupo com ampliação do Primeiríssima, que já atuava com três pastas (assistência social, saúde e educação), e agora, com a nova formação do GT, conseguimos agregar mais unidades para pensar as questões sobre a criança. Inclusive tenho conversado com a articuladora estadual que não acho lógica em manter o Comitê da Primeiríssima, pois com o GT fica um pouco repetitiva a pauta. No grupo inicial, a gente começou em cinco pessoas, que iniciaram o trabalho, envolvendo o urbanismo. Depois veio a questão do Comitê das Crianças. Foi uma delícia ver aquilo. Participei da primeira reunião em que as crianças falaram com prefeito. Foi muito emocionante. Vejo que o Projeto Cidade das Crianças ajuda. São mais pessoas falando, de diversas áreas. Não consigo ver de outra forma o trabalho na cidade. Temos pessoas bem proativas com essas questões. Eu vejo que tudo o que envolve a intersetorialidade é importante, mas ainda há muitas dificuldades. Vendo em outros municípios também. Participando do Primeiríssima, percebo um pouco de vaidade, de cada unidade querendo trazer o projeto para si. Isso em vários municípios. Mas é preciso fortalecer. Foi muito interessante quando a gente viu o prefeito falando a mesma língua que a gente, o quanto isso move com os gestores. Eles começaram a dar mais atenção ao que gente estava dizendo. Isso é fundamental, isso fortalece. No dia da reunião do Comitê em que eles entregaram o documento com os pedidos para o prefeito, foi bem interessante que os pais que estavam presentes. Ver o chefe maior também falando sobre a questão da escuta das crianças como representatividade na cidade. Eu vejo que muitos profissionais não entendem que isso é possível. Por exemplo, ainda há profissionais da saúde e até pediatras que acham que as crianças fazem muito barulho nas recepções das UBS. É muito difícil criar espaços lúdicos. O Comitê das Crianças é uma construção, que a cada vez vai se aprofundando. É uma oportunidade. Ainda é um pouco tímida, mas vai melhorando. Na saúde, o mundo não é somente a criança, é preciso ver quem tem afinidade. É diferente da Educação que respira criança o tempo inteiro. A Assistência também tem colocado bastante a criança em pauta com o Programa Criança Feliz. Eu acabei de fazer um curso de especialização multiprofissional na USP (educação, assistência, saúde). Todos falam da importância da intersetorialidade, mas também reconhecem as dificuldades, de fazer o alinhamento. Mas é uma construção.

[illegible]

TCC-16

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 04/11/2020 – 14h

Entrevistado: Gestor Adjunto da Prefeitura de Jundiaí - Unidade de Governo

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu sou o Gestor Adjunto de Governo na Prefeitura de Jundiaí. A área de governo é nova, nasceu com a reforma administrativa no início de 2017. Ela é composta por 20 profissionais, são cargos comissionados, é constituída por uma faixa etária jovem e com profissionais oriundos não só de Jundiaí, mas de todo o país, por meio do convênio com a Vetor Brasil que é uma organização social que busca ingressar jovens trainees na administração pública, visando a transformação. É a unidade que gesta a rede de Jundiaí Cooperação, ela não é um departamento, é um conceito novo para gestar a cidade por meio dos relacionamentos junto às iniciativas privadas e às organizações sociais bem como com a comunidade. Nós na área de governo gerenciamos todos os projetos que são executados pelo município em todas as áreas.

Atualmente monitoramos mais de 450 projetos. É possível uma visão sistêmica, procurando favorecer os relacionamentos entre as plataformas de serviço. Sou defensor de práticas nas quais a construção nasce de maneira coletiva, de maneira plural, trazendo diferentes olhares para os temas e a partir desses diferentes olhares, a construção de propostas. E propostas que não nasçam de julgamentos e disputas, mas de forma consensual.

Então eu entendo o GT como inclusive um modelo para ser replicado pensando em políticas públicas. Ele possibilita a convergência de ações e o rompimento das raízes de serviço. A transversalidade do GT busca romper isso e entender a criança como um valor presente a todos ao mesmo tempo, não só dentro de seus programas e projetos específicos, mas a criança como um todo em sua essência.

O Projeto Cidade das Crianças nasce da convergência dessa pluralidade. Quando se estabelece que as próprias crianças podem opinar por meio de um Comitê, quando esse trabalho abre portas com instituições nacionais e internacionais, quando traz o entendimento das necessidades das crianças dentro do seu território de moradia ou dos ativos que elas se sintam integradas, seja a escola, uma UBS, uma creche... Vejo não como uma possibilidade, mas como uma certeza de mudança de mindset.

Sou oriundo de uma família pobre de Itatiba, sexto filho de dez, onde meu pai era calceteiro e minha mãe era tecelã. Eu tenho 52 anos, as possibilidades e as oportunidades existentes na época em que eu era criança são diferentes das de hoje. O brincar na minha infância é exatamente o que buscamos por meio do GT. Há muito tempo eu já era defensor que precisávamos parar de promover projetos para tirar as crianças da rua. Pelo contrário, nós tínhamos que levar as crianças para as ruas bem como levar para essas ruas toda a sociedade, para que ela passasse a ser também na vivência de espaços públicos a própria segurança do espaço, não necessitando de uma vigilância policial. Hoje as crianças têm uma pluralidade de oportunidades, contudo, eu entendo que elas são vítimas da transformação que os adultos sofreram, onde foi priorizado não a vivência, não o inter-relacionamento familiar, mas outras inovações. Por isso, há um distanciamento e uma cobrança injusta dizendo que os jovens não querem

nada com nada. Eu encontro muitos jovens que querem muito, querem transformar o mundo. Também vejo crianças que são exatamente vítimas do processo pedagógico estabelecido pelos seus pais dando-lhes para ficarem tranquilos as tecnologias: tablets, celulares, computadores..., ou seja, para não brincarem com seus filhos, para fazer outras atividades. Aí encontraram, infelizmente, esse caminho. No entanto, a pandemia, apesar das dificuldades e tristezas geradas, trouxe também essa reaproximação.

Eu sou professor. Costumo perguntar para meus alunos numa atividade no início do curso: por que as crianças choram? Eles descrevem e eu pergunto: como vocês sabem? Aquelas que são mães, são avós, respondem com muita tranquilidade: o choro da fome é diferente do choro de sono, que é diferente do choro da cólica. O choro é diferente. E só é possível observar com uma escuta ativa, observação e estar verdadeiramente integrado nessa relação. Esta é uma dificuldade para os homens, a de entender toda essa diversidade que diz respeito a uma criança. Isso é resultado de um processo educacional e cultural estabelecido.

Quando penso numa cidade boa para a criança penso numa cidade que a tire da invisibilidade. É uma cidade que, independente de onde ela resida, seja entendida como criança. Que ela tenha espaço para brincar, que ela não seja vítima de lugares sem nenhum convite às brincadeiras, que a cidade as permita brincar e mais ainda, que convide os adultos e a quem cuida a brincarem com essas crianças.

Nós somos exatamente o resultado de uma diversidade. Quando fazemos a leitura da nossa família, nós encontramos já ali uma diversidade imensa. Da mesma forma que pessoas foram educadas e fundadas em preconceitos e julgamentos de valores, nós podemos a partir de uma transformação da forma de entender a criança e a colocar como protagonista do processo, contribuir para uma geração futura realmente transformadora. Que ela deseje muitos estar lado a lados dos diferentes. E quando você ainda integra as diferentes gerações em ações conjuntas, num processo muito natural, você está transformando tudo.

Se a política for construída apenas sob a ótica de governo, ela é meramente uma política governamental. Mas quando ela é feita por representantes da sociedade, aí verdadeiramente ela pode ser uma política pública. Eu entendo que um governo mais do que desejar fazer sozinho as coisas, ele é o fomentador dessa grande teia, dessa grande costura, desse grande tecido social.

A maior dificuldade em todo esse trabalho está na falta de humildade em ouvir. Dialogar não é saber falar, é saber ouvir e ouvir verdadeiramente. Nós não fomos educados para dialogar, fomos educados para debater. Eu vejo que no GT o debate precisa ser algo do passado e precisamos estabelecer o diálogo. O diálogo é você se permitir ser influenciado pelo outro. É não fazer prevalecer ali seu ponto de vista, mas entender que esse ponto de vista pode ser resultado de um conjunto das falas existentes.

O GT pode ser exatamente essa voz, ecoada na cidade de Jundiá para todos os seus entes (referindo-se ao poema Tecendo o amanhecer – João Cabral de Melo Neto). Quando você muda a forma de olhar para uma criança, necessariamente você está mudando a forma de olhar para o todo. Se ficar apenas dentro do GT é apenas uma troca de informações, quando nós compartilhamos e colocamos em prática, estamos transformando essas informações em conhecimento. Até algum tempo atrás, deter informação era poder, hoje quanto mais você compartilha mais poderoso é, o processo acontece.

[illegible]

TCC-17

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 01/10/2020 – 11h

Entrevistada: Arquiteta e Urbanista na Prefeitura de Jundiá – Unidade de Gestão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Sou arquiteta urbanista e trabalho na Prefeitura de Jundiá desde 2004, originalmente na Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, onde são elaborados os planos urbanísticos, o plano diretor, os projetos urbanos. Minha atribuição está ligada à criação de instrumentos (planos, programas, leis) para requalificação dos espaços urbanos. Em 2009, fui convidada a integrar a Secretaria da Educação. Fiquei até 2012, com a função de ajudar a olhar para os espaços escolares e propor alternativas para melhorar as condições de aprendizagem.

Foi uma experiência muito importante para mim, porque passei a perceber o papel que a arquitetura escolar tem não só para a aprendizagem das crianças, mas também como um ponto de referência para a comunidade, para o bairro e para a cidade.

Teve um projeto em especial, chamado Mãos no Muro, que foi simbólico de como pequenas ações no espaço escolar podem ser transformadoras. Antes os muros vinham com muitas propagandas ou eram pintados de cinza, alguns com arame farpado em cima. Não pareciam escolas, mais lembravam prisões. O que propusemos foi trazer um pouco do universo das crianças para os muros, para que a comunidade pudesse saber um pouco de quem estava ali, pois os desenhos iam com o nome da criança e a idade. Também era para as crianças, com desenvolverem um sentimento de pertencimento com o lugar em que passam grande parte dos seu dia. Na época, tivemos muitas manifestações de pais emocionados, dizendo que não sabiam do que os filhos eram capazes. Eles deram muito valor, algumas mães até choraram. O projeto não tinha um custo elevado, tendo em vista que o muro seria mesmo, de uma forma ou de outra. Não foi uma questão só estética, mas de valorização da escola como parte de uma rede e de criação de identidade com seu entorno e a população do bairro. Tanto foi positivo, que diminuíram as pichações, e, quando aconteciam, eram feitas não sobre o desenho das crianças, mas nos espaços vazios. Muitas pessoas começaram a reconhecer que o prédio era uma escola pelas pinturas nos muros. Tudo começava com a proposta sendo feita para as crianças pela pergunta: qual é a cara da nossa escola? Usávamos a analogia da capa do livro para demonstrar a ideia. Colocar como queriam ser conhecidos ou vistos na cidade. Como um livro que pode ser convidativo ou não. Ou seja, deviam pensar na melhor capa para que todos quisessem conhecer. Esse trabalho, que realizei junto com a Equipe da Educação, foi minha experiência inicial sobre a escuta da criança. Atingiu 88 muros (de 110 escolas no total), só não foi feito onde o muro era parte do patrimônio histórico ou quando a escola era cercada por vegetação.

Em 2017, voltando para a Unidade de Gestão de Planejamento Urbano, retomei essa experiência ao propor o Programa “Entre a Casa e a Escola”, que visa requalificar os espaços urbanos, considerando a escola como ponto focal das melhorias. No Programa, se definiu uma metodologia de realizar um protótipo na EMEB Deodato Janski. Envolve escuta, visita de técnicos na comunidade, um trabalho conjunto com pais, escola e crianças, gerando uma

série de projetos. Ao fazer essas ações, percebemos que não seria possível fazer um trabalho só de urbanismo. Foi quando sentimos a necessidade de apoio e procuramos o Instituto Alana, que tem como missão honrar a infância. Precisávamos de boas referências para construir uma política pública para a criança.

Depois, realizando pesquisas, fomos conhecendo ações muito parecidas tanto no Brasil quanto no exterior. Mas o programa surgiu muito inspirado naquela experiência “Mãos no Muro” e do nosso olhar sobre as saídas das escolas, daquele grupo de pessoas percorrendo as ruas com suas crianças sem as condições adequadas.

Assim, seguindo a primeira orientação feita pela equipe do Alana, organizei um Grupo de Trabalho interdisciplinar, convidando pessoas que eu conhecia de diversas pastas, que eu sabia que tinham compromisso com o trabalho. A ideia era primeiro sensibilizar os gestores, depois a equipe técnica, para então implementar uma política pública para a criança na cidade.

Agora que virou pauta, parece óbvio, ver cada vez mais pessoas falando sobre a importância das crianças. Mas em 2017, quando fiz uma apresentação pós viagem técnica que fiz com o Alana para o exterior - Alemanha, muitas pessoas ainda tinham aquela visão que funcionava porque era fora do país. Hoje vemos as pessoas falando, o prefeito falando, parece natural, mas no início não estava consolidado que deveria ser uma prioridade.

Fiz essa viagem técnica a convite do Alana, uma semana em setembro de 2017, com recursos próprios, pois sabia que seria uma ótima experiência e que valeria muito a pena. Foi a primeira missão técnica organizada pelo Programa Criança e Natureza, do Alana, com a presença de arquitetos, urbanistas, advogados, jornalistas, artistas, parceiros-chave do Alana.

A viagem ajudou a apresentar Jundiá para o Instituto. Na volta, firmaram parceria com o nosso município, para assessoria e formação dos técnicos, de forma gratuita. Houve uma série de encontros que o Alana fez e reuniões para falar sobre o Plano Diretor também.

Em 2018, por indicação do Alana, fomos (MCC-01, TCC-02 e a arquiteta Alissandra Bernardini) para Rosário, na Argentina, conhecer a rede Cidade das Crianças. Para integrar esta rede, como ação inicial, seria preciso o comprometimento em compor o Comitê das Crianças. Conhecemos mais sobre o Tonucci e as indicações para esse ingresso na rede.

Foram duas importantes ações para estruturar as políticas públicas nessa visão da infância: a criação do GT Criança na Cidade e do Comitê das Crianças.

Sobre o GT, temos um processo muito rico, que surgiu da afinidade das pessoas muito qualificadas e comprometidas. A importância, independente de cargo, era essa identificação com o trabalho a ser realizado. Tanto que tínhamos técnicos junto com gestores. Como foi por convite, aceitaram pessoas com disposição. Estavam o MCC-01, o TCC-12, a TCC-02, o TCC-18, a Rita, a Maria. Eu não conhecia, em princípio, a equipe de transportes, liguei pedindo uma indicação e veio o Diego. Da educação, no começo, a TCC-19 indicou duas pessoas ligadas ao Primeiríssima Infância (a Lisandra Santos e a Marilsa Visnardi) mas depois ela própria quis participar também. E também tinha os representantes do Conselho Municipal de Defesa da Criança e do Adolescente - CMDCA, a Alda e o Marco Antonio. Antes éramos um grupo pequeno, muito próximo, com 13 pessoas. Agora o GT teve uma ampliação. Vejo com muita alegria que mesmo tão recente, um conceito está sendo construído e as ações têm

O Comitê das Crianças, se formos avaliar o resultado em apenas um ano, dá para tomar como base a cerimônia de entrega da Carta ao Prefeito com seus pedidos. Não que sejam muito diferentes do que pensamos, mas o fato de crianças estarem percebendo necessidades da cidade é impressionante. Saber que esses problemas incomodam a ponto delas falarem e quererem escrever para entregar. A fala do prefeito neste dia foi muito emocionante. Ele reconheceu a importância do momento e como seria bom se as crianças tivessem outras preocupações, mas percebemos o quanto questões de segurança, inclusive viária, estão nos pedidos das crianças. O registro dos pedidos delas tem um efeito. É claro que também pelo compromisso do atual prefeito em realizá-los. Talvez um outro, não tão alinhado, guardaria na gaveta e esqueceria. Pelo pouco tempo de criação, considero que foi uma grande conquista. Quando vamos para as ações, lembramos dos pedidos das crianças, como os bancos coloridos em praças e outros espaços.

Essa estrutura a ponto de virar pauta e todos saberem a necessidade de priorizarmos a infância já foi um ganho, mesmo que fiquemos ansiosos por mais realizações práticas, mais praças, mais jardins.

[illegible]

TCC-18

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 13/10/2020 – 17h

Entrevistado: Engenheiro Florestal e Coordenador do Jardim Botânico de Jundiá.

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, o participante foi convidado a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

Eu vim para Jundiá em 2010. Sou servidor público de carreira e entrei na prefeitura em setembro daquele ano. Havia a necessidade de compor uma equipe técnica no Jardim Botânico e, desde então, este tem sido meu trabalho. Temos três frentes de atuação: pesquisa, conservação de plantas e educação ambiental. Como engenheiro florestal encontrei um modo de desenvolver essas três frentes. Atualmente coordeno as atividades e o grupo de servidores do Jardim Botânico. Dentro desses contextos, desenvolvemos várias atividades: coleta de sementes, produção de mudas, criação de espaços educativos para receber crianças e grupos organizados como da terceira idade. Paralelamente, também desenvolvemos algumas pesquisas, voltadas para levantamento de flora da cidade.

Fui chamado para a primeira reunião do GT Criança na Cidade, mas não sabia muito do que se tratava. Na ocasião foram apresentadas as intenções e achei interessante o fato da inclusão das crianças nas políticas públicas. Como no Jardim Botânico recebemos grupos de escolas, temos vivência nesse sentido. Tive algumas dificuldades em representar a UGISP, pois não trabalho internamente no Paço Municipal e não tinha acesso à agenda de obras da Unidade. Recentemente, com a entrada de mais um representante, está sendo mais viável a implementação da política da criança nas obras dos serviços públicos. Hoje vejo minha colaboração muito mais nas questões ligadas à “criança e natureza”, que é mais próximo do trabalho que realizo no Jardim Botânico. Temos pelo GT alcançado algumas conquistas na cidade.

O espaço do Jardim Botânico é bastante controlado. Temos plantas ameaçadas de extinção, é uma área protegida, temos animais silvestres. Temos a prioridade de atendimento às crianças dentre todos os públicos. Desenvolvemos um roteiro que aborda a vivência com a natureza, com elementos de sensibilização. O trabalho do projeto Cidade das Crianças é uma expansão no sentido de valorizar os espaços públicos na utilização das crianças. Temos várias necessidades no Jardim Botânico, como sinalização e melhor acomodação para as crianças. Pedimos, junto à UGISP, a ampliação do núcleo de educação ambiental, inclusive com identidade visual. Ainda temos desafios para superar o básico e levar as prioridades às crianças.

A cidade daqui a 30-40 anos não terá mais alternativa se não ser mais próxima da natureza. Já estamos pensando em arborização urbana e implantação de parques, para melhorar esse meio, que ainda é muito hostil. Temos muitos conflitos: trânsito, mobilidade, arborização, calçadas, segurança pública, sinalização... Passa por uma mudança de tudo isso e pela própria questão do urbanismo da cidade poder ser pensado de maneiras a proporcionar melhores condições para todos.

A tendência do serviço público é a criação de vários grupos de trabalho. Não é possível desenvolvimento sem intersetorialidade. Trabalhar sozinho leva ao risco de não enxergar o todo. Trabalhando em conjunto com outras áreas, temos uma visão mais global.

Eu segui a carreira nas ciências da natureza e isso se deu pelas experiências que tive na infância. Vivo em uma rotina agitada que o tempo passa depressa. Morei em sítio dos 4 aos 17 anos. Meu pai era produtor rural e eu estudava. Eu era meio tímido. Minhas filhas já são mais articuladas, tem mais facilidade de se comunicar, de fazer amizades, além do acesso à tecnologia. Costumo colocar limite no tempo do uso. A mais velha já tem autonomia para assistir as aulas remotas. Elas têm muitos recursos, mas o contato com a natureza é mais limitado. Como pais, temos receio de dar liberdade para as crianças, por causa do trânsito e de outros riscos presentes na cidade.

[illegible]

TCC-19

Local: aplicativo Zoom

Data e horário: 18/11/2020 – 11h30

Entrevistada: Diretora de Escola e Gestora da Prefeitura de Jundiá – Unidade de Educação

A pesquisadora abriu fazendo uma breve apresentação da pesquisa, falando sobre a gravação-transcrição da entrevista para validação.

Feitos os combinados, a participante foi convidada a falar sobre: sua atuação, o Projeto Cidade das Crianças, o GT Criança na Cidade e o Comitê das Crianças.

São quase 37 anos no magistério público. Eu ingressei na faculdade aos 18 anos e quando estava terminando, a Prefeitura de Jundiá estava abrindo concurso para professor, na época, professor de jardim de infância. Naquele tempo, havia umas 20 escolas municipais e cerca de 300 pessoas trabalhando na Secretaria Municipal de Educação. No primeiro seminário de educação de Jundiá, a gente não lotava o Glória Rocha, que era um anfiteatro para 280 pessoas. Então eu iniciei minha carreira no município aos 20 anos, talvez um pouquinho menos, como professora de jardim da infância. Antes disso, enquanto cursava o magistério, fui auxiliar de escola particular. Eu sempre quis ser professora, nunca pensei em outra profissão. Fui criada numa família em que o sonho da minha mãe era ter uma filha professora. As três filhas fizeram magistério. E eu continuei, fazendo pedagogia e prestando concurso, sendo muito bem colocada. Antes disso, fui professora substituta na EMEB José Pedro Raymundo, de uma licença gestante. Em seguida, ingressei como titular na EMEB Vasco Venchiarutti. Eu era muito inexperiente, mas a diretora era formidável, dinâmica, alegre, acolhedora, era a professora Ana Raquel Morini, que me ensinou muito. Aposentou-se há muitos anos.

Quando eu ingressei, recebi uma caixa grande de papelão. Nessa caixa tinha tudo que eu precisava trabalhar com as crianças no ano letivo. Tinha uma apostila de recortes, uma de pré gráficos, uma de alinhavo, uma de canções e brincadeiras, uma de poesia... Ali, naquela caixa, eles me deram o conteúdo que eu deveria trabalhar com os pequenos naquela época. Até eu aprender isso, demorei um pouco. Não tinha tanta formação como a gente tem hoje. As horas de estudo não existiam, o que tinham eram reuniões pedagógicas uma vez por bimestre. Eu nunca vou esquecer: era Dia das Mães e a escola tinha como tradição fazer uma festinha. A diretora na véspera me perguntou o que eu iria fazer. A escola inteira se preparava, mas ninguém falava nada para ninguém. Eu não sabia o que fazer. As crianças gostavam muito de uma música do pintinho amarelinho. E foi isso, eu cantei essa música com as crianças e a diretora deixou. Ainda na noite anterior, fiz os bicos e preparei o que foi possível. E essa foi uma experiência muito importante. Naquela ocasião, caiu minha ficha. Precisava me preparar melhor. Daí para frente, aprendi muito. As professoras fechavam a porta da sala, porque no final do ano a melhor era homenageada e lógico que eu não seria, não sabia nada da escola. Eu gostava das crianças. E sabe o que aconteceu? No final do ano, as mães não queriam trocar de professora, queriam que as crianças ficassem comigo. E de fato, eu fui reafirmando que era aquilo que eu queria fazer. Tive uma diretora muito paciente e tranquila.

Depois de alguns anos, consegui uma remoção para perto de casa, na EMEB Iracy Ferreira Bueno. Ali eu fiz minha carreira, já estava mais madura profissionalmente, os pais escolhiam colocar os filhos na minha classe. Meus alunos lá do Iracy são meus amigos hoje no Facebook, que me acharam. Tenho muito orgulho dessa época em que me reafirmei como professora do jardim da infância.

Mas eu sentia que precisava de mais alguma coisa. Tive bons diretores como referência: a professora Ana Raquel. Teve a Lilian Marciano... o grupo era muito unido, um bom trabalho pela equipe não pela diretora. Também trabalhei com a diretora Rosires Barcelos, que me iniciou no Construtivismo, trouxe os textos e contextos, uma pessoa muito humana. Depois veio a diretora Marinês Milan que também se aposentou.

Foi nessa época que eu prestei concurso para diretora, eram meados de 90. Havia uma política de privilégios. Eles colocaram nesse concurso, prova psicotécnica e psicológica. Eu e mais 32 professoras fomos reprovadas nesse teste. Foi um tempo duro, muito difícil. Algumas foram privilegiadas e ingressaram. E nós ficamos numa luta jurídica durante três anos, quando foi reconhecida a nossa causa. Nesse meio tempo, fui diretora substituta na EMEB Mercedes. Depois fui para EMEB Abigahil, mas não gostei de trabalhar na creche, eram outros tempos, muito assistencialista e a gente não tinha formação.

Então ingressei, como diretora nas CMEIS, que eram classes municipais em nove instituições diferentes. Eu andava o dia inteiro, o porta-malas do carro era o meu escritório. Lá eu deixava minha máquina de escrever. Eu recebi essas classes, porque eu sou especialista em deficientes auditivos, a minha segunda faculdade. Lecionei doze anos em salas para deficientes auditivos.

Fui diretora também na EMEB Maria Lúcia M. Klinke durante sete anos. O bairro inteiro me conhecia. Tinha um trabalho com a comunidade excelente que nos ajudavam o tempo inteiro. Só saí de lá porque queria experimentar o Ensino Fundamental. No Klinke, já tinha feito toda uma experimentação de gestão democrática, de escuta com o bairro muito intensa, ali criamos com as crianças coelhos, tartarugas, fizemos horta, tinham cordas nos barrancos. Queria experimentar isso tudo com os maiores.

Já era 2001, inauguração da EMEB Geraldo Paes. A cerca viva que cerca a escola foi plantada pelas crianças com as mães. A frente da escola foi feita por um artista muralista que trouxe do sul, que usou os desenhos das crianças. A comunidade atendia aos nossos pedidos. Ali entendemos que era possível fazer no Ensino Fundamental o que tínhamos conquistado na Educação Infantil. Quando saí da escola, já não tinham mais carteiras nas salas, as mesas eram hexagonais, as crianças sentavam-se em grupos; na sala dos professores, tinha uma bancada, pia, para experimentos, não tinha mais armários e sim prateleiras para as crianças organizarem os materiais...

Eu saí de lá em 2009, convidada para ser a diretora da Diretoria de Ensino Fundamental. A rede me aceitou muito bem. Eu não tinha amigas diretoras, tinha colegas diretoras. Não era de sair com elas, mas sempre me dei muito bem. Aprendi muitas coisas, inclusive sobre política, das escolhas dos secretários que, às vezes, não eram o que eu esperava. Hoje eu entendo muito bem que temos limitações. Mas foi um tempo muito bom.

Um mês depois que saí da escola e fui visitar, para minha surpresa, as mesas hexagonais foram doadas, as carteiras voltaram a ser enfileiradas, a bancada havia sido demolida para recolocar a mesa dos professores... Isso me trouxe uma visão da realidade: nem sempre o que as pessoas fazem, porque fizemos uma formação, é de verdade. Por isso, a formação precisa ser contínua e permanente, até que aquilo que propomos faça parte das pessoas. Tem também uma questão de vínculo. Às vezes, as pessoas fazem porque gostam de você não do que se propõe. Talvez o que foi proposto na época tenha sido muito mais desafiador do que enfileirar as crianças.

Fiquei quatro anos na diretoria de Ensino Fundamental. Depois pedi minha remoção para EMEB Aparecida Merino e lá eu realizei as grandes parcerias. Muito do que fizemos lá, hoje ainda existe: a criação de coelhos, as

árvores frutíferas, as práticas de desaparedamento, o bosque como espaço de aprendizado, a estufa, a composteira que é gigante. Tudo isso permanece lá.

Fui para a Unidade de Gestão de Cultura no início deste governo em 2017. Comecei o restauro do Complexo Fepasa, sempre na perspectiva da escuta. Conheci os artistas, conheci a cultura sobre outra ótica. Em outubro, foi minha nomeação como gestora da Unidade de Educação. Eu sabia bem dos desafios, dívidas, questões pedagógicas difíceis de tocar... Conseguimos fechar um currículo, trazer boas formações, pessoas para agregar. Permaneci com a Pedagogia Histórico Crítica, implementada pelo governo anterior sob a perspectiva de construção e continuidade das ações da UGE, mas vejo que é preciso ver as concepções sobre a infância, o protagonismo, a escuta. Várias coisas que percebo que podemos inovar e melhorar.

Junto com isso tudo, fiz uma especialização em Geografia pela USP, uma pós graduação de metodologias e didática no Claretiano, eu ia todos os sábados, saindo daqui às 5 da manhã, estudar o dia inteiro lá e voltar. E agora ingressei no Mestrado Profissional. Fora outros cursos e especializações que fui fazendo. Gosto muito de ler, tenho minha biblioteca sempre atualizada.

A Sylvia estava fazendo um curso que tratava sobre os espaços públicos e eu já a conhecia quando ela trabalhava no Planejamento aqui na Educação. Brinco sempre que ela é uma arquiteta pedagoga, porque ela já tinha esse olhar desde lá, ela era progressista e pensava as questões da infância na cidade. Então, ela começou a organizar um projeto Entre a Casa e a Escola, que se firmou na EMEB Deodato, e se formou um desenho com as crianças para pensar o trajeto que elas faziam. Assim, a Sylvia poderia propor no Plano Diretor melhores condições para andar na calçada, o que as crianças viam no caminho, a projeção das praças e dos entornos. O susto foi grande quando o retorno das crianças foi que elas enxergavam as ruas feitas, sujas, sem árvore... Isso mobilizou a Sylvia a entrar em contato comigo e com o MCC-01 da Cultura, e pensar o que fazer a partir daí. Na época, foi feita uma revitalização de uma praça em frente da escola, com wifi, elementos brincantes para as crianças, palquinho, jardim. A ideia era que as crianças saíssem da escola e usassem a praça. Começamos a pensar que não adiantava fazer algo isolado numa escola, num bairro e aquilo ficar ali, sendo só mais uma praça. Seria só mais um projeto. Começamos nos questionar sobre como envolver todas as unidades de gestão e pensar a cidade na perspectiva e sob a ótica da infância. Começamos nós três, depois veio a TCC-02 do urbanismo, achamos importante ter o pessoal da Primeiríssima Infância (da Saúde), trouxemos o TCC-18 do Jardim Botânico. Mas não era um grupo formal para ser considerado um representante da prefeitura do município.

Chegou a hora de não trocar só entre nós e compartilhar. Fizemos o aviãozaço para que o GT fosse conhecido pelos funcionários da prefeitura e a gente incorporar as pessoas pelo desejo. Tiramos dali o que as pessoas queriam para a infância da cidade, as pessoas se engajaram, suamos a camisa para que acontecesse.

Foi com essa ação e com o apoio do prefeito que acredita de fato na infância que fomos mostrando a dimensão que tudo isso ia tomando, não só politicamente, mas estrategicamente. Então fomos nomeados como representantes no GT Criança na Cidade. Nesse mesmo tempo, fui para a Alemanha, conhecer cidades que trabalham essas questões de maneira criteriosa e criativa. Essa viagem foi um divisor de águas, entendendo que a infância precisa ser levada a sério sob a ótica da cidade, não da Unidade de Educação, de Saúde, de Assistência. Voltei com uma intenção de mudar as estruturas pedagógicas e organizar diferentemente a visão para a infância. Junto com isso, estava conversando com a Roberta Borges sobre as estruturas e a vontade de criar um centro de

referência e pesquisa, porque isso ajudaria a colocar Jundiaí num outro patamar. Ela então me incentivou a entrar no mestrado com esse trabalho.

Fui também para a Colômbia, conhecer os espaços cidadãos em Medellin, o que eles fazem para as crianças vulneráveis. O processo de engajamento cidadão daquele lugar me impressionou muito, porque todo mundo tem água, tem luz, tem telefone. As crianças não conseguiam descer os morros, então tem escada rolante, tem teleférico, elevador. Entre os patamares dos morros, têm centros culturais. Aquilo me moveu. Já vinha com uma experiência forte na Alemanha, depois fui para a Colômbia com uma realidade muito diferente, não é possível andar sozinho na rua, mas que tem uma questão de cidadania enorme. Encantou-me o valor que eles dão para a escola para os menos favorecidos. Depois fui para Reggio – Itália – fechar essa ideia: não é a Itália, não é a Alemanha, não é a Colômbia... é Jundiaí com o que ela tem e as possibilidades, acho que temos muita coisa aqui para agregar e oferecer. Fomos amarrando tudo isso lá no GT.

O MCC-01 também foi para Rosário – Argentina – conhecer a rede latino-americana Cidade das Crianças e voltou já com o contrato de adesão para parceria pronto para o prefeito que entendeu como importante. Nossas conversas com o Tonucci foram maravilhosas, a cada uma a gente abre uma caixa e não quer entrar mais nela.

Isso tudo fez com que houvesse uma composição mais efetiva do GT, a gente aprendeu que precisava se firmar como política pública. E veio o Comitê das Crianças trazendo a importância da escuta e da ação, porque escuta sem ação não faz muito sentido no que queremos. Por último, entra o compromisso com a Urban95, com um grupo que pode nos apoiar, inclusive com verba e recurso. Isso fortalece o grupo. Esse é só o começo e é muito maior do que isso. É o start do que vai acontecer nos próximos dez anos.

O GT é uma alavanca, mas é preciso que os gestores se apropriem desses conceitos. O que a gente consegue é na luta. MCC-01 e eu temos portas abertas nos gabinetes, vamos e falamos com as pessoas. Não é porque as pessoas acreditam, ainda pensam que é um projeto político e não um projeto de política pública. Precisamos caminhar muito com os gestores, ter essa política muito bem construída no PPA, ter nas unidades de gestão muito bem desenhados os papéis para que Jundiaí seja de fato a cidade das crianças. O que ilustra bem isso é aquele exemplo da EMEB Aparecido Garcia em que a diretora foi até a casa de uma criança entregar o material, uma criança criada pela avó. Nessa casa não tinha água, o que usavam vinha da doação de dois baldes dados pela vizinha. No mesmo instante que soube, liguei para os responsáveis da DAE e eles reinstalaram o fornecimento da água, cortada por falta de pagamento. Tivemos que fazer um trabalho com a Assistência Social e o DAE: não adiantava eles cobrarem, dividirem em vezes, a avó é sozinha e não conseguiria. Foi preciso uma diretora escrever para mim dizendo que a Cidade das Crianças não era uma realidade para essa criança. Então falta na gente um olhar coletivo. Falar de assistência é bonito, mas quanto disso reverte para as práticas para a cidade. Falar de saúde para todo mundo é legal, mas está revertendo para quem precisa, para as crianças?

Pode parecer um clichê, mas se for aprofundar a questão, o futuro está nas crianças. Que tipo de criança? Quem é a criança cidadã? Quais são as infâncias que nós temos na nossa cidade? Essas infâncias estão sendo cuidadas de que forma? Tudo isso precisa estar incorporado no fazer do prefeito, mas também no fazer dos gestores. É um processo longo, difícil, mas que precisa ser estruturado e estar no plano de governo de cada unidade de gestão para não ser esquecido.

É processo. Tinha que começar. Agora é preciso aprofundar e encontrar técnicas para dar mais relevância a tudo isso. Penso que a escuta à criança deva ser pensada sob outra ótica pelos profissionais, inclusive nós da pedagogia. Podemos sonhar muito, mas o que é real e factível, que de fato inova, precisa vir com um foco. Que medida que o que as crianças discutem no Comitê ecoa nas outras crianças. Elas são representantes. Precisamos caminhar mais nessa direção.

[illegible]